



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Alexander Soares Magalhães

**Amigo de fé: estudo sobre religião e amizade entre jovens
assembleianos na Baixada Fluminense**

Rio de Janeiro

2016

Alexander Soares Magalhães

**Amigo de fé: estudo sobre religião e amizade entre jovens
assembleianos na Baixada Fluminense**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cecília Mariz

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CCS/A

M188 Magalhães, Alexander Soares.
Amigo de fé: estudo sobre religião e amizade entre assembleianos na Baixada Fluminense / Alexander Soares Magalhães – 2016.
203 f.

Orientador: Cecília Mariz.
Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais.
Bibliografia.

1. Assembleia de Deus – São João de Meriti (RJ) - Teses.
2. Amizade - São João de Meriti (RJ) - Teses. 3. Religião - Aspectos sociais – São João de Meriti (RJ) – Teses. I. Mariz, Cecília Loreto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título

CDU 284.57(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Alexander Soares Magalhães

**Amigo de fé: estudo sobre religião e amizade entre jovens assembleianos na
Baixada Fluminense**

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor, ao
Programa de Pós-graduação em Ciências
Sociais, da Universidade do Estado do Rio
de Janeiro.

Aprovada em: 06 de dezembro de 2016.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cecília Loreto Mariz
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Cláudia Barcellos Rezende
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof.^a Dra. Sílvia Regina Alves Fernandes
Universidade Federal do Rural do Rio de Janeiro -

Prof.^a Dra. Wânia Amélia Belchior Mesquita
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, fonte de amor e inspiração.

AGRADECIMENTOS

A seção de agradecimentos, mais que um simples protocolo, é o momento no qual se faz o reconhecimento que todo trabalho, mesmo do tipo monográfico como este, não é fruto do esforço e da realização de um só indivíduo, mas de muitos que o cercam.

Ao CEFET-RJ, instituição que pertenço com muito orgulho e satisfação, que deu o impulso necessário para que eu desse mais este passo em minha carreira. São muitas as pessoas que trabalham nesta instituição que de uma forma ou de outra, contribuíram para que este trabalho fosse realizado. Na impossibilidade de agradecer à todas, cito algumas em particular: meu colega de disciplina, Thiago Esteves; os coordenadores do Ensino Médio da unidade de Nova Iguaçu Bauer Bernardes e Marco Antônio Marinho; à diretora da unidade Nova Iguaçu, Luane Fragoso. Coordenação e direção que me liberaram de minhas atividades docentes durante um ano para que este trabalho pudesse ser concluído. Agradeço também à professora Aline Santos, que substituiu durante este afastamento. Também devo agradecer ao departamento CLEAS/LEANI, na unidade Maracanã, onde atuo como professor colaborador, que também me dispensou das atividades docentes. Agradeço especialmente à coordenadora Adriana Ramos, e a professora Elisângela Santos, que me substituiu em sala de aula. Gostaria de registrar também minha gratidão a todos meus alunos, que seja no ensino médio ou graduação, sempre me fazem um profissional melhor.

Ao PPCIS, que me recebeu e proporcionou a oportunidade de realizar meu doutoramento e propiciou um ambiente acadêmico acolhedor e de excelência. Também na impossibilidade de agradecer a todos, cito alguns em particular: a coordenadora Clara Araújo. Os professores Carlos Eduardo, Lia Rocha, Marcia Contins e Clara Mafra (*in memoriam*). Os funcionários Sônia Costa e Wagner Souza, que exercem com competência e dignidade suas funções, mesmo mediante o contínuo processo de sucateamento das universidades estaduais no Rio de Janeiro. E aos meus colegas de área Clemir Fernandes e Carlos Souza, sempre com dicas, leituras e sugestões valiosas.

À minha orientadora, prof.^a Cecília Loreto Mariz, pela dedicação, amizade, seriedade e serenidade que me guiou neste trabalho. E também pelo apoio em todas as horas e a liberdade que me proporcionou durante a trajetória deste trabalho, que

foram fundamentais para seu êxito. Sua competência e humildade certamente serão fonte de inspiração que levarei comigo por toda a vida.

Às professoras Silvia Fernandes e Cláudia Rezende, pelas considerações que muito ajudaram em minha qualificação e me orientaram na formulação de minhas análises e na trajetória da pesquisa de campo.

À banca examinadora, pela disponibilidade, atenção e competência na avaliação deste trabalho.

Ao longo da pesquisa, muitas pessoas me ajudaram. Seria impossível citar todas nominalmente. Agradeço em especial a Monique, Deivid, Samuel e Alexandre. Meu muito obrigado pela disponibilidade e auxílio. E um agradecimento mais do que especial à Sarah Rodrigues, que se dispôs gentilmente a colaborar de forma mais intensa com este trabalho, que não seria o mesmo sem a sua preciosa ajuda e disponibilidade.

A todos os jovens e membros da igreja que se dispuseram a colaborar, seja concedendo entrevistas, preenchendo questionários ou em conversas informais. Este trabalho não seria feito sem esta colaboração.

A meus pais, Karla e Hélio, pelo apoio incondicional e exemplo de correção. Sem vocês, nada disso seria possível. Que eu possa ser para meus filhos metade do que foram para mim.

À minhas avós Cidinéia e Mary, com muito amor. À minha tia/madrinha, Denise (*in memoriam*) e meu primo Carlos Eduardo. À minha sogra Marilda e a família Rangel que me acolheu. Todos, ao seu modo, sempre me apoiaram.

A meu filho Alexander e minha enteada Ana Clara, pelo amor e pela compreensão com minhas inúmeras faltas e ausências durante o processo de realização deste trabalho.

À minha esposa, companheira e amiga Aline Rangel, parceira de todas as horas. Seu incentivo, amor e carinho foram fundamentais para que isso tudo fosse possível. Além de todo o suporte emocional, ainda foi minha grande colaboradora nesta pesquisa, fazendo de tudo um pouco. Minha eterna gratidão.

Desta forma, muitas pessoas, de um jeito ou de outro, foram de grande importância para que este trabalho pudesse ser feito da melhor forma possível. Contudo, é importante salientar que todos os erros e imprecisões contidas aqui são de minha inteira responsabilidade.

Ninguém escolheria uma existência sem amigos, mesmo que fossem oferecidas todas as outras coisas do mundo.

Aristóteles

Ter muitos amigos é coisa para sua ruína; mas existe amigo que é mais chegado do que um irmão.

Provérbios 18:24

Não vos enganeis: as más companhias corrompem os bons costumes.

I Coríntios 15:33

RESUMO

MAGALHÃES, Alexander S. *Amigo de fé: estudo sobre religião e amizade entre jovens assembleianos na Baixada Fluminense*. 2016. 204 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

A partir de um estudo de caso com membros da uma igreja pentecostal Assembleia de Deus situada em São João de Meriti, cidade da Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro, o presente trabalho tem como objetivo compreender sociologicamente como as relações de amizade de jovens evangélicos pentecostais (com idade entre 14 e 24 anos) são afetadas por sua religiosidade. A opção metodológica usada foi uma triangulação, recorrendo a dados gerados a partir de amostras de base qualitativa e quantitativa, complementando-os com a observação de cultos onde o estudo foi desenvolvido, bem como análise de outras atividades que os jovens realizavam com seus amigos nos seus momentos de lazer. Os resultados da pesquisa concluem que a dinâmica entre religião e amizade, no âmbito desta tese, é explicada prioritariamente a partir de um duplo movimento: a identidade juvenil assembleiana (termo discutido no presente trabalho) incentiva o jovem a estabelecer suas diversas formas de sociabilidade entre aqueles que são separados do “mundo”, mas juntos no “corpo de cristo”. De forma conjunta, a igreja oferece um espaço social sem igual, que acaba por se configurar como um local central da sociabilidade jovem. À vista disso, articuladamente, estes dois fatores tendem a ser centrais no que diz respeito ao papel da igreja nas relações de amizades de sua mocidade.

Palavras chave: Religião. Amizade. Juventude. Igreja Assembleia de Deus. Baixada Fluminense.

ABSTRACT

MAGALHÃES, Alexander S. *Friend of faith: study on religion and friendship among young members of Assembly of God Church in Baixada Fluminense*. 2016. 204 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Based on a case study with members of an Assembly of God located in São João de Meriti, city of Baixada Fluminense at the Metropolitan region of Rio de Janeiro, the present work aims to understand sociologically how young Pentecostal friendship relations are affected by their religiosity. The methodological option used was a triangulation, resorting to data generated by interviews with a qualitative and a quantitative basis samples of young Pentecostals (defined as those between 14 and 25 year old), complemented by observations of church services and of activities by those young people with their friends in their leisure time. The results of the research suggest that the dynamics between religion and friendship, within the scope of the present study, are explained primarily by a double movement: the congregational youth identity (term discussed in the present work) encourages young people to establish their sociability among those who are "separated from the world", but together in the "body of Christ." As a whole, the church offers a unique social space that ends up as a central place for youth sociability. Therefore, jointly and in an articulated way, these two factors tend to be central to the role of the church in the friendships of their youth.

Keywords: Religion. Friendship. Youth. Assembly of God church. Baixada Fluminense.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Região metropolitana do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense.....	59
Figura 2- Distribuição percentual de religiões evangélicas pentecostais na região metropolitana do Rio de Janeiro.....	61
Figura 3- Distribuição populacional Assembleia de Deus em 2010.....	80
Figura 4- Comparação entre o que o “mundo” e Deus oferecem aos jovens	113
Figura 5- A amizade e a proximidade com Deus no contexto das redes sociais	157

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Idade e Sexo dos respondentes do questionário	48
Gráfico 2 - Filiação religiosa Baixada Fluminense idade 15-24 anos	61
Gráfico 3 - Comparativo 2000–2010 idade 15-24 anos.....	62
Gráfico 4- Transformação da filiação religiosa no Brasil (1980-2010).....	78
Gráfico 5- Origem da filiação religiosa dos jovens	92
Gráfico 6 - Opinião sobre ter mais coisas boas ou ruins em ser jovem. Comparativo entre jovens da AD Meritiense e Brasil	95
Gráfico 7- Religião atual dos amigos. Comparativo entre os que conheceram na igreja, os que conheceram fora da igreja (escola e bairro) e a amostra geral	152
Gráfico 8- Amizades em geral podem afastar o jovem da igreja	163
Gráfico 9- Meus amigos aproximam ou afastam da minha fé?.....	164

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Algumas características dos entrevistados	36
Tabela 2- Idade e Sexo dos respondentes do questionário	38
Tabela 3 – Distribuição dos jovens por faixa etária	91
Tabela 4– Distribuição dos jovens por sexo.....	91
Tabela 5- Maior diferença entre a AD e outras igrejas, segundo os jovens	101
Tabela 6 – Local que os jovens conheceram seus melhores amigos	123
Tabela 7- Tempo que os jovens conhecem seus melhores amigos	125
Tabela 8- Tempo que os jovens conhecem seus melhores amigos. Tabulação cruzada com idade.....	125
Tabela 9- Assuntos que os jovens mais gostam de discutir com os amigos	127
Tabela 10- Forma como os jovens costumam se comunicar com os melhores amigos	130
Tabela 11- Locais que os jovens costumam encontrar seus amigos	133
Tabela 12- Programas que os jovens mais gostam de fazer com seus amigos	135
Tabela 13- Religião dos melhores amigos	149
Tabela 14- Religião dos melhores amigos dos jovens entrevistados	153
Tabela 15- Gênero e religião dos melhores amigos. Tabulação cruzada.....	196
Tabela 16- Idade e religião dos melhores amigos. Tabulação cruzada	196
Tabela 17- Religião dos melhores amigos X Amigos aproximam ou afastam da Igreja. Tabulação cruzada	197
Tabela 18- Amigos aproximam ou afastam da Igreja X Idade Tabulação cruzada ..	197

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	– Assembleia de Deus
ADs	– Assembleias de Deus
ADM	– Assembleia de Deus Meritiense
CEADER- RJ	– Convenção Evangélica das Assembleias de Deus no Estado do Rio de Janeiro
CGADB	– Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
CPAD	– Casa Publicadora das Assembleias de Deus
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPDA	– Igreja Pentecostal Deus é Amor
IMPD	– Igreja Mundial do Poder de Deus
IURD	– Igreja Universal do Reino de Deus
ONU	– Organização das Nações Unidas
RCC	– Renovação Carismática Católica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 PERCURSOS METODOLÓGICOS	29
1.1 Escolhas metodológicas	30
1.2 Caminhos, estratégias e procedimentos da pesquisa	32
1.3 Algumas observações sobre os percursos do trabalho de campo	39
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERFACE ENTRE RELIGIÃO E JUVENTUDE	44
2.1 Uma aproximação do conceito de juventude	45
2.2 Alguns dados do perfil religioso da juventude no Brasil	47
2.3 Religião e juventude no contexto internacional	50
2.4 Religião e juventude no contexto brasileiro	52
2.5 Pentecostalismo e juventude	56
2.6 Religião e juventude na Baixada Fluminense	59
3 REVISITANDO A TRAJETÓRIA DA(S) ASSEMBLEIA(S) DE DEUS: DA RUA AZUSA A SÃO JOÃO DE MERITI	65
3.1 Os antecedentes: o movimento pentecostal	66
3.2 A Assembleia de Deus no contexto do campo religioso brasileiro	67
3.3 Um pouco da História da(s) Assembleia(s) de Deus	71
3.4 A AD no contexto da sociedade brasileira contemporânea	77
3.5 A diversidade interna das Assembleias de Deus	81
3.6 A Assembleia de Deus Meritiense: um breve perfil	85
4 A JUVENTUDE ASSEMBLEIANA: UM PERFIL DOS JOVENS PESQUISADOS E UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO IDENTITÁRIA	89
4.1 Algumas características familiares e socioeconômicas dos jovens assembleianos.....	90
4.2 O que é “ser jovem” para a mocidade assembleiana?	93

4.3 Identidade, religião, pentecostalismo e assembleianismos: alguns apontamentos teóricos.....	96
4.4 Algumas características da identidade juvenil assembleiana pensada a partir do caso da mocidade da ADM.....	100
4.4.1 A relevância dos ‘usos e costumes’ como marca identitária.....	103
4.4.2 A “separação do mundo” como marco identitário dos jovens assembleianos.....	107
4.5 Fechando o circuito: os conceitos de religiosidade congregacional e <i>habitus</i> como ferramentas para pensar a identidade jovem assembleiana	115
5 A AMIZADE ASSEMBLEIANA: COMO E ONDE OS JOVENS PESQUISADOS PRATICAM E VIVENCIAM SUAS AMIZADES.....	119
5.1 Amigos e amizades: uma aproximação de seus significados para os jovens assembleianos.....	119
5.2 Estabelecendo afinidades entre os amigos	123
5.3 O papel da internet nas amizades dos jovens assembleianos	129
5.4 Circuitos e programas: o que os amigos fazem juntos?.....	131
5.5 A noção de ‘pedaço’ e a igreja como espaço de sociabilidade básica juvenil	138
5.6 Suporte emocional e pequenos desentendimentos: revisitando alguns sentimentos na amizade dos jovens assembleianos.....	142
6 OS AMIGOS E A IDENTIDADE ASSEMBLEIANA: COMO A RELIGIÃO INFLUENCIA AS RELAÇÕES DE AMIZADE.....	148
6.1 A filiação religiosa dos amigos dos jovens assembleianos.....	149
6.2 O discurso das ADs sobre o papel da amizade entre os jovens e o ideal de “amizade santa”	155
6.3 A importância da religião do amigo para o jovem assembleiano	160
6.4 Pensando o caso do “jugo desigual” aplicado às amizades	168
CONCLUSÃO	173
REFERÊNCIAS.....	181

Anexo A - Roteiro da entrevista em profundidade	192
Anexo B- Questionário aplicado com a mocidade da Assembleia de Deus Meritiense.....	194
Anexo C – Tabelas complementares	196
Anexo D – Fotografias	199
Anexo E – Termos de autorização	202

INTRODUÇÃO

Vários são os caminhos pelos quais os pesquisadores chegam aos seus temas de pesquisa. No meu caso, tal percurso foi motivado a partir de acontecimentos ocorridos em minha experiência. Ao observar trajetórias de amigos e pessoas próximas como colegas de escola e outras esferas de sociabilidades juvenis que em transitava, antes até de me profissionalizar como cientista social, percebi que o fator do pertencimento religioso era muito importante para definir os caminhos que cada um tomava, muitas vezes afastando ou consolidando amizades, inclusive em nosso convívio pessoal. Assim, muitos colegas e amigos que convivi na juventude buscaram casar e constituir família cedo, enquanto outros caminharam para a universidade e procuraram construir trajetórias na qual o projeto de família não vinha antes de uma realização profissional. Na época, pensei que o fator da classe social não se aplicava era um determinante para que estes diferentes caminhos fossem trilhados, pois basicamente todos nós pertencíamos, com poucas variações, à mesma camada social. Assim, entre meus círculos de colegas e amigos fui percebendo que um fator que influenciou estas trajetórias de amizades foi a adesão individual de alguns ao protestantismo, em particular ao pentecostalismo. A partir desta percepção inicial, puramente intuitiva e desprovida de métodos, decidi mais tarde retomar o tema que me tinha instigado na juventude e investigar mais de perto como o fenômeno do pentecostalismo, que cada vez ganha mais destaque na discussão pública brasileira, pode influenciar trajetórias e projetos individuais e, em maior escala, promover mudanças sociais nas camadas populares das metrópoles urbanas do Brasil e da América Latina, escolhendo o recorte da amizade, rememorando assim uma questão de minha experiência que trouxe de minha juventude.

Como em vários campos das Ciências Humanas, na esfera dos estudos da religião, há uma grande controvérsia sobre a relação entre as preferências e convicções do pesquisador e seu objeto. Alguns pesquisadores que trabalham com a temática de religião a alcançam através de suas próprias experiências individuais e sua relação com a religiosidade. Bourdieu (1983), sobre a questão do pertencimento do pesquisador a um determinado campo religioso, questiona se tal inserção pode vir a influenciar a “objetivação”, que seria própria da Sociologia, visto que ao pertencer a um determinado campo, todo ator social possui interesses. Por sua vez Pierucci

(1999), falando especificamente do modo o estudo da religião se constituiu nas Ciências Sociais brasileiras, polemiza, argumentando que muitos cientistas sociais têm em suas motivações para se “fazer ciência” de ordem “confessional” ou “pastoral”, o que para o autor implicaria sérios problemas, pois o imbricamento dos interesses científicos e religiosos se “não encarados com a devida abertura e determinação autocrítica” poderia acarretar “diversos mal-entendidos” (PIERUCCI, 1999, p. 246).

Em minha opinião, tal discussão é relevante, mas deve ser feita de modo a que se não construa nenhum tipo de constrangimento ou preconceito com pesquisadores que tenham trajetórias pessoais ligadas a um determinado campo religioso, na medida em que seus trabalhos devem ser questionados metodologicamente como quaisquer outras produções acadêmicas, obedecendo os rigores próprios do campo científico. Entretanto, considero importante a explicitação do lugar de fala do pesquisador, justamente para que fique claro como tal pesquisador efetuou a “objetivação” citada por Bourdieu. Afinal de contas, o pesquisador na área de religião que não possui ligação pessoal com o campo religioso também está suscetível a outro “pecado”, igualmente perigoso no âmbito da ciência: o de produzir uma análise enviesada por conta de sua antipatia para com seu objeto. Todos nós somos “pecadores” em potencial. Assim, explicito desde já meu lugar de fala no tocante à experiência pessoal religiosa: apesar de criado em família religiosa, de filiação à Umbanda, desde jovem, quando comecei a desenvolver minha autonomia intelectual, não tenho filiação religiosa tampouco desenvolvo nenhum tipo de crença em alguma forma de divindade, me identificando no campo do agnosticismo/ateísmo.

Sem embargo, estudar o fenômeno da religião mostrou-se um grande desafio. Definir *religião* em termos sociológicos nunca foi uma tarefa fácil e sempre representou um grande desafio para todos que buscam pensar sociologicamente o fenômeno religioso. Como salienta Berger (1985), nem mesmo Max Weber nos legou uma definição do termo, uma vez que ele assume a posição que, somente ao final da reflexão, é que se poderia chegar a um termo, fim que não fora alcançado pelo clássico sociólogo alemão. Possivelmente, a definição mais influente de religião no campo da Sociologia seja a elaborada por Durkheim, que direta ou indiretamente é utilizada pelos cientistas sociais até os dias de hoje, especialmente aqueles tributários à tradição estrutural funcionalista. Eis a definição de Durkheim: “uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade

moral, chamada igreja, todos aqueles que a ela aderem (DURKHEIM, 1996: 32) ”. Talvez excluindo a tradição marxista, não é exagero afirmar que a maior parte da tradição sociológica que tem a religião como objeto de estudo parte dos problemas que Weber e Durkheim desenvolveram, ou até mesmo a partir de uma síntese das contribuições destes dois clássicos. Entretanto, a concepção de religião elaborada pelos sociólogos clássicos europeus tem sido alvo de crítica, especialmente por autores de tradição pós-colonial. Para Talal Asad (2003), por exemplo, a noção da religião como sendo própria da esfera separada da vida seria uma invenção ocidental. Segundo Montero (2010), Asad argumenta que “a teoria antropológica naturalizou a ideia de religião como um fenômeno trans-histórico e transcultural a ponto de supor que sua essência própria e sua autonomia poderiam ser analiticamente identificáveis em qualquer circunstância”.

Recentemente, talvez a mais influente reflexão acerca do fenômeno religioso seja a noção de *campo religioso* de Bourdieu (2011), que surge de uma preocupação, em demarcar o espaço da análise sociológica acerca do fenômeno religioso. Segundo Oliveira (2011), Bourdieu

Trata a religião como linguagem: sistema simbólico de comunicação e pensamento. (...) a religião interessa à sociologia, uma vez que ela opera para uma dada sociedade a ordenação lógica de seu mundo natural e social, integrando-a num cosmos. (OLIVEIRA, 2011, p.178)

Assim enquanto *campo*, ele está constituído como um espaço simbólico dotado de relativa autonomia interna, onde os diferentes agentes lutam pela posse dos diversos capitais simbólicos, e uma vez constituído “será movido pela busca de completo domínio do trabalho religioso por um conjunto de agentes especializados (Ibidem, 185) ”. Podemos dizer que a noção de campo religioso, mesmo sendo alvo de crítica¹, virou uma expressão de quase “domínio público” na esfera dos estudos da religião na esfera das Ciências Sociais no Brasil, tal sua utilidade e funcionalidade.

Tal como a fenômeno da religião, o estudo da amizade constituiu-se como um tema desafiador. Embora muito frequente na Filosofia, os estudos sobre a amizade são escassos na literatura das Ciências Sociais contemporâneas (Rezende, 2002a).

¹ Hervieu-Léger (2008) argumenta que a noção de campo religioso talvez não tenha grande eficácia caso aplicada a outras religiosidades, como o judaísmo e o islamismo, pois tais formações apresentam outro tipo de relação entre leigo e sacerdote. Por sua vez Oliveira (2011), na mesma direção, critica a concepção etnocêntrica de religião que lastreia a teoria de Bourdieu, que se basearia no modelo da “decadente cristandade europeia”.

No que diz respeito à temática da amizade, desconhecemos estudos que relacionem esta questão com os temas da juventude e pentecostalismo, tema deste trabalho. O estudo coordenado por Fernandes et al. (1998) aborda os evangélicos no que diz respeito a vários temas, tais como nível de instrução e renda, política, controle de natalidade, valores, entre outros, mas não há dados sobre amizade. O estudo organizado por Bell & Coleman (1999) aborda várias nuances da amizade enquanto uma questão da Antropologia, mas nenhum de seus capítulos contempla propriamente a relação do tema com a religião. A obra busca compreender como a amizade é pensada e vivida em vários contextos, desde os tradicionais laços de amizade baseados no parentesco e na proximidade até os relacionamentos moldados na flexibilidade das redes e movimentos globais. Através de estudos de casos em várias sociedades, “ocidentais” ou não, essa coletânea busca entender as particularidades que envolvem a noção de amizade e os mecanismos nos quais ela está inserida. O estudo propõe uma agenda de pesquisa da amizade a partir da abordagem etnográfica, utilizando microanálises para o melhor entendimento de contextos sociais particulares, assim como defende a relevância dos estudos do tema no campo da Antropologia.

O clássico estudo de Allan (1989), embora não seja o primeiro a abordar o tema, traz uma série de reflexões originais e úteis para se pensar a amizade a partir da reflexão sociológica, ao mesmo tempo que organiza alguns conceitos e contribuições de outros autores acerca da amizade enquanto fenômeno social. Sua perspectiva parte do princípio que o estudo sociológico da amizade deve considerar o papel da mesma na estrutura social, salientando que ela é influenciada por questões como gênero, classe social, situação geográfica, mobilidade social e família. Coloca também que a amizade geralmente ocorre entre iguais do ponto de vista da estratificação social, assim como, em geral, os amigos compartilham das mesmas circunstâncias domésticas, do mesmo gênero, e possuem a mesma origem étnica, e por consequência, seguem a mesma religião. E ainda a amizade teria um papel importante na construção do senso de identidade, oferecendo suporte para que se reforce ou se mude essa identidade, na medida em que os amigos seriam importantes para a construção do self individual. A abordagem de Alan é útil pois nos ajuda a pensar a amizade como uma relação que, apesar de em última instância partir de uma decisão individual, está circunscrita a vários condicionantes da estrutura social, que de certo modo, acaba por restringir as opções de amizade a um circuito restrito no

qual, em geral, os indivíduos tendem a colocar. Evidentemente, também é importante evitar pensar a amizade enquanto um mero reflexo da estrutura social, como se fosse uma relação estabelecida mecanicamente pelos condicionantes intrínsecos da sociedade.

Recentemente, o tema da amizade nas sociedades contemporâneas foi abordado por Bauman (2009), um dos teóricos mais conhecidos da chamada “pós-modernidade”. A grosso modo, para o autor, vivemos em tempos marcados pelas incertezas oriundas das recentes transformações que tem reconfigurado várias características da vida social, no qual as relações sociais tenderiam a reproduzir a fluidez típica das relações comerciais do mercado financeiro e do mundo do trabalho, onde contratos longos são substituídos por experiências mais curtas. Neste *mundo líquido*, onde nada é feito para durar, a amizade teria uma função importante: ser um lugar onde o indivíduo tem segurança na esfera de suas relações societárias. Ela seria uma “escolta” para enfrentar as “águas turbulentas” representadas pelas dificuldades da vida neste mundo de incertezas. A amizade seria o que “o que ilhas oferecem a naufragos potenciais ou oásis a pessoas perdidas no deserto (BAUMAN, 2009, p. 219).

No âmbito das Ciências Sociais brasileiras, a contribuição mais significativa nos estudos da amizade está contida nos estudos da antropóloga Cláudia Rezende. Ela afirma que o estudo da amizade na perspectiva da Antropologia causava alguns questionamentos enquanto sua validade como objeto de estudo, na medida em que outros problemas sociais, como desigualdade e violência, mostravam-se latentes na sociedade brasileira. A autora problematiza a reflexão sobre sociabilidade e amizade no contexto urbano, ressaltando que por meio da noção de amizade pode-se visualizar a construção de vínculos que fornecem aos indivíduos um sentido de pertencimento e localização no mapa social da cidade. Desta forma, é colocado que a vida na metrópole é um componente importante da constituição dos próprios significados e práticas de amizade. São ressaltadas pela autora duas questões centrais para o estudo da amizade: o conceito de pessoa que orienta a relação com o outro e os diversos contextos sociais que colocam certas injunções para esta noção (REZENDE, 2002a). Rezende também salienta que a amizade esta articulada com outras dinâmicas sociais, tais como namoro, parentesco e trabalho, uma vez que ela pode ser vista como um contexto relacional específico, estando localizada por vezes no domínio estritamente privado, ou, passeando por ambos os espaços, público e privado

(REZENDE, 2002b). Esta observação é importante pois nos ajuda a pensar como a amizade enquanto uma relação social dinâmica e que não é um mero reflexo da estrutura social em que o indivíduo está inserido, uma vez que é também fruto de estratégias e escolhas individuais, mesmo que mediadas pelo contexto sociocultural. A amizade é também fruto de uma inserção individual mais ampla neste contexto, e “deve ser tratada como uma via de acesso privilegiado para pensar a pessoa em sociedade. (REZENDE, 2002b) ”.

Feitas estas considerações teóricas iniciais, é importante salientar alguns aspectos que acredito serem relevantes no presente trabalho, justificando sua pertinência enquanto uma tese que venha a trazer novos elementos que possam contribuir com as Ciências Sociais no Brasil, particularmente no campo dos estudos que refletem sobre a interface da religião com a juventude, assim como nos estudos sobre o fenômeno do pentecostalismo no país, bem como nos estudos sobre amizade.

A expansão do pentecostalismo é um dos fenômenos marcantes no cenário religioso do Brasil e a da América Latina (VALLE; SARTI, 1994; CARREIRO, 2007; MARIZ; GRACINO JR, 2013 entre outros). Dotados de crescente importância no cenário político e na indústria cultural brasileira, os evangélicos pentecostais formam um grupo social munido de uma identidade original e marcante, que cada vez mais é influente nas grandes cidades, especialmente em suas periferias. Entretanto, o fenômeno do pentecostalismo ainda é relativamente pouco estudado face sua importância no contexto da sociedade brasileira, embora, reconheça-se, tenha ganhado um maior impulso nos últimos anos, especialmente com uma nova geração de pesquisadores de origem evangélica que tem trazido hodiernas e instigantes questões acerca do fenômeno Magali Cunha (2007); Gedeon Alencar (2005; 2013), Maxwell Fajardo (2015), André Mariano, (2015), entre outros. Penso que compreender sociologicamente esse grupo é um fator fundamental para que se possa entender um pouco dos processos sociais estão envolvidos no desenvolvimento de construção de sociabilidades, especialmente no âmbito de nossa periferia urbana, que é um dos locais onde mais o pentecostalismo cresce atualmente (FERNANDES et al., 1998; JACOB et al., 2006; ALMEIDA; MAFRA, 2009). Desta forma, a presença evangélica, especialmente sua matriz pentecostal hoje é marcante nas grandes metrópoles brasileiras.

Também, como já assinalado acima, considero relevante estudar a temática da amizade, que é pouco explorado dentro da tradição das Ciências Sociais brasileiras

(REZENDE, 2002a,.) mas que deveria ter um espaço maior, já que é um componente importante das motivações e significados que orientam a ação humana. Tal temática deve ser tratada como uma via de acesso privilegiado para pensar a pessoa em sociedade (Ibidem). Dentro da temática da amizade, escolhi analisar especificamente a juventude, pois é uma categoria ainda pouco estudada tanto nos estudos de amizade quanto pelos pesquisadores que tem como objeto o pentecostalismo. Entretanto, deve-se salientar que, diferentemente dos trabalhos de Rezende (2002a; 2002b) que abordam a temática da amizade pela ótica da Antropologia das emoções, enfatizando as relações de amizade em si, associada a uma visão das emoções como produtos de relações sociais e privilegiando o olhar sobre a construção do *self* e da noção de pessoa, a presente tese toma o estudo da amizade a partir do olhar da religião, pensando como esta afeta as amizades em um contexto específico, no âmbito da juventude assembleiana de uma igreja da Assembleia de Deus (doravante AD) na região da Baixada Fluminense.

Da mesma forma, os estudos a que tematizam a interface entre religião e juventude, embora contem com uma produção de boa qualidade, ainda são de baixo número, se comparados ao já consolidado campo de pesquisa sobre o fenômeno juvenil na sociedade brasileira, que tem como temas marcantes os estudos sobre educação, trabalho e lazer. A discussão sobre religião e juventude será aprofundada adiante.

A presente pesquisa contempla a Baixada Fluminense como *lócus* da pesquisa. Essa é uma região que possui um grande contingente populacional e vem ganhando nos últimos anos destaque entre a economia do estado do Rio de Janeiro, mas que em contrapartida continua marginalizada tanto pelas elites políticas que dirigem a região há anos, quanto pelo imaginário pretensamente “cosmopolita” do Rio de Janeiro que algumas vezes olha para região com olhar do estigma da pobreza e violência. Embora existam alguns bons trabalhos no âmbito das Ciências Sociais que tenham o local como objeto de estudo (ENNE, 2002; ALVES, 2003; BARRETO, 2006; ASSIS, 2008) consideramos que ainda há muito a aprender com esta singular região da metrópole fluminense, fonte de ricas formas de sociabilidades. Especificamente estudos que abordem a questão da religião e juventude também são de número reduzido, com destaque para os trabalhos de Sílvia Fernandes (2009; 2011). A Baixada Fluminense também se destaca como umas das regiões do país com elevado número de jovens evangélicos. Como será visto no capítulo 2, em algumas das

idades da região, entre a juventude, bem como na população em geral, o número de evangélicos (e neste segmento com larga maioria pentecostal) já ultrapassou o de católicos.

Desta forma, uma vez que nos parágrafos anteriores procurei justificar a importância do tema e objeto dessa pesquisa, passemos agora a explicitar as questões e objetivos dessa pesquisa. Esses, como em muitos outros estudos, partiram de uma pergunta que pode ser formulada simplesmente como: de que maneira uma religiosidade específica produzida no âmbito de uma igreja símbolo do pentecostalismo brasileiro – a Assembleia de Deus – impactaria nas relações de amizade de seus membros jovens? A partir dessa questão, que seria meu objetivo geral, fui construindo e reelaborando outras questões a serem respondidas ao longo do trabalho, tais como:

- Em que medida as relações de amizade construídas pelos jovens assembleianos se diferenciam dos padrões de amizade em geral, apresentados pela literatura?
- Face às transformações do campo religioso brasileiro, ainda existe algum tipo de forma específica de distinção identitária que justificaria tal especificidade no âmbito do estudo das relações de amizade?
- Em caso de confirmação da hipótese anterior, em que medida a identidade encontrada, especificamente no âmbito dos jovens assembleianos, se diferencia de outros padrões de identidades relatados pela literatura?
- A partir de seu campo de possibilidades, quais são as estratégias tomadas pelos jovens para estabelecer e praticar suas amizades e como o pertencimento à AD interfere nas mesmas?
- Partindo da premissa de Max Weber que religiosidades de orientação soteriológicas individuais (como a encontrada nas ADs) tendem a atuar como um mecanismo de dissolução das relações sociais precedentes, como tal dispositivo atuaria no campo das amizades?

A escolha do local onde foi feita a pesquisa que subsidia o presente trabalho deu-se por algumas razões específicas. Optei por realizar o estudo na Baixada Fluminense, por, além dos motivos supracitados nas justificativas anteriores, a região

concentrar um grande número de igrejas pentecostais e sua presença na esfera pública da região, tal como em outras habitadas por maioria de pessoas das camadas populares, é notadamente marcante: caminhando-se nas ruas embarra-se quase sempre em objetos, locais e espaços identificados com tal religiosidade. As canções ambientes em lojas, transporte público, etc. são em geral do estilo gospel. Dificilmente um prefeito da região consegue se eleger se não tiver um bom diálogo com o segmento. Em suma: a Baixada Fluminense “transpira” (e inspira) religiosidade evangélica/pentecostal, especialmente nos bairros mais periféricos das cidades da região. Arrisco-me a dizer que não se pode compreender a região em profundidade atualmente desconsiderando a hegemônica presença evangélica.

Neste contexto, optei pela igreja Assembleia de Deus Meritiense (nome fictício, doravante ADM), que tem sua igreja matriz e a maioria de suas congregações em bairros distantes do centro de São João de Meriti e cidades vizinhas (especialmente Duque de Caxias e Belford Roxo). A ADM é uma das mais antigas e tradicionais de sua localidade – sua congregação mais antiga comemora 60 anos de fundação em 2016 – e representa dentro daquilo que Alencar (2013) denomina *assembleianismos*,² uma AD tradicional, ainda com grande observância às chamadas doutrinas bem como os “usos e costumes” que marcaram a AD no momento de sua expansão no Brasil em meados do século passado (FAJARDO, 2015). Esta discussão será aprofundada no capítulo 3.

Outra opção feita ao longo do trabalho foi, ao apresentar os dados colhidos em nossa base qualitativa, privilegiar a fala de nossos interlocutores, preferindo sempre que possível citar suas palavras de forma direta, tais como foram proferidas e transcritas, fazendo o mínimo de adaptações visando unicamente tornar tais relatos mais claros e inteligíveis para o leitor. Assim como o nome Assembleia de Deus Meritiense é fictício, todos os nomes dos entrevistados e interlocutores são ficcionais. Tal atitude foi tomada visando proteger a identidade das fontes, que muitas vezes revelaram informações íntimas confiando na preservação de seus nomes.

Feitas estas ponderações acerca da escolha de onde se daria a pesquisa, os objetivos e questões a serem investigadas, resta ainda apresentar como este trabalho foi estruturado em seis capítulos. O capítulo 1 tem como objetivo apresentar os procedimentos metodológicos da construção desta tese, discorrendo sobre os passos

² Ver detalhes no capítulo 3.

da pesquisa, desde sua concepção até as etapas de sua execução. Partindo do princípio de que não é possível a construção de um trabalho sociológico que postule neutralidade, mas que também não se pode abrir mão da tentativa de apresentar padrões de objetividade, argumento pela necessidade de buscar o rigor metodológico e o máximo de controle dos possíveis vieses que possam surgir. Assim, serão explicitadas e justificadas as principais escolhas metodológicas deste trabalho. Depois serão apresentados os procedimentos que foram realizados na pesquisa para a coleta de dados que subsidia este trabalho, a partir de sua concepção enquanto projeto. E finalizando, serão apresentados alguns episódios que nos levam a pensar a dinâmica da atividade de pesquisa, tomando por base a noção de estranhamento do mundo social a ser investigado.

O capítulo 2 apresenta reflexões sobre a interface de duas áreas de estudo que são muito caras ao pensamento contemporâneo: a religião e juventude. Iniciarei a discussão apresentando uma breve análise de como o conceito de juventude é desenvolvido na literatura contemporânea. Também fiz uma breve revisão sobre os estudos que articulam a juventude com a religiosidade pentecostal, bem como uma breve análise da questão da juventude religiosa na Baixada Fluminense.

Já no capítulo 3, busco realizar um breve exercício de compreensão sociológica da igreja pentecostal Assembleia de Deus (AD), a partir de sua contextualização no campo religioso brasileiro, sua história e as particularidades de seu desenvolvimento no último século. Serão apresentados alguns dados recentes acerca de sua inserção no Brasil, bem como problematizada sua grande diversidade interna, que como veremos, é uma das principais características da denominação. Encerro o capítulo como uma pequena discussão sobre a igreja pesquisada, a Assembleia de Deus Meritiense (doravante ADM), relatando alguns dados históricos e apresentando suas principais características, situando-a no âmbito geral das ADs no Brasil.

Por sua vez o capítulo 4 se divide em duas partes e tem como objetivo apresentar as principais características dos jovens assembleianos da ADM, prosseguido de uma proposta de pensar como se configura uma identidade jovem assembleiana, pensando especificamente no grupo pesquisado. Para tal, defende-se a tese que existem dois elementos centrais que vão caracterizar tal marco identitário: os usos e costumes e a relação do jovem com o chamado “mundo”, dialogando com vários autores clássicos e contemporâneos do campo religioso.

O capítulo 5 tem como objetivo realizar uma “descrição densa” da amizade entre os jovens assembleianos, a partir de dados qualitativos e quantitativos gerados pela pesquisa. Inicialmente serão apresentadas algumas concepções dos significados das amizades. Depois brevemente veremos como a internet e as novas formas de comunicação influenciam nas práticas e vivências das amizades do grupo estudado. Também será mostrado como os jovens assembleianos da ADM vivenciam suas amizades, onde e como eles conhecem seus amigos, suas afinidades, estratégias de interação e programas preferidos. Em face a esta discussão, será apresentada a hipótese que a igreja funciona com um espaço relevante para que as amizades destes jovens sejam constituídas e vivenciadas, apoiando-se no conceito de “pedaço” de Magnani (2005)³. Finalizando, também será apresentado como as amizades configuram-se como um importante meio de suporte para dificuldades enfrentadas pelos jovens bem como possíveis fontes de conflitos.

No capítulo 6 veremos como a identidade religiosa assembleiana atua na formação e prática de amizades dos jovens pesquisados, com base nas amostras qualitativas e quantitativas. Será apresentada e problematizada a filiação religiosa dos amigos dos jovens pesquisados. Posteriormente, veremos como as ADs constroem um discurso acerca do fenômeno da amizade entre os jovens. Em seguida, a partir desta discussão, apresentarei uma formulação daquilo que denominamos como ideal de “amizade santa”. No tópico subsequente examinaremos como os jovens assembleianos pensam a importância da religião de seus amigos para suas próprias relações de amizade, a partir de critérios específicos. Também observaremos como o conceito de “jugo desigual”, pode ser aplicado à questão da amizade. E finalmente, na conclusão, apresentarei as considerações finais deste trabalho, buscando responder as perguntas que formulamos ao longo de seu percurso.

³ A discussão sobre esta questão será feita no capítulo 5.

1 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo serão apresentados os pressupostos teóricos do presente trabalho, visando explicitar ao leitor o caminho percorrido para a construção de toda a argumentação aqui realizada. Por entender que a atividade de pesquisa é constituída por um diálogo entre as teorias empregadas, as metodologias utilizadas e a própria dinâmica inerente a atividade humana, seja ela do pesquisador ou dos interlocutores, defendo a relevância deste passo. Assim, escolhi para o título desse capítulo o termo percurso, designando os passos da caminhada que resultou neste trabalho, que foi concebido a partir do diálogo da Sociologia com a Antropologia, partindo do princípio que é possível estabelecê-lo respeitando suas fronteiras, mas apostando na riqueza desta conversa interdisciplinar.

Desta forma, o objetivo deste capítulo é apresentar ao leitor como este trabalho foi construído, explicitando o máximo possível todos os passos da pesquisa, desde sua concepção até as etapas de sua execução. Este trabalho parte do princípio de que não é possível a construção de um trabalho sociológico que postule neutralidade, mas que também não se pode abrir mão da tentativa de apresentar padrões de objetividade típicas do campo científico, assim como a busca pelo rigor metodológico e o máximo de controle dos possíveis vieses que aqui se encontrem. Deste modo, busca-se aqui, nos termos pensados por Mills (1975), “a maior objetividade possível”. Assim, defende-se aqui que tal grau de objetividade só pode ser alcançado através da explicitação dos métodos utilizados, assim como dos pressupostos teóricos e dos valores do pesquisador. Por isso, esta apresentação é de suma importância, pois permite que se tenha mais clareza sobre como foi pensada, construída e elaborada a pesquisa em curso, afim de que a mesma possa ser reproduzida ou contestada, condição primeira de um trabalho científico. Assim serão explicitadas e justificadas as principais escolhas metodológicas deste trabalho. Em seguida serão apresentados os procedimentos que foram realizados na pesquisa para a coleta de dados que subsidia este trabalho, a partir de sua concepção enquanto projeto. E finalmente serão narrados alguns episódios que nos levam a pensar a quão dinâmica é a atividade de pesquisa em Ciências Sociais, tomando por base a noção de estranhamento do mundo social a ser investigado.

1.1 Escolhas metodológicas

Tomando como ponto de partida o pressuposto no qual o ser humano deve ser compreendido como um mosaico de marcas sócias historicamente construídas, faz-se necessária a adoção de um paradigma de pesquisa condizente com tais prerrogativas. Para tanto, as linhas metodológicas do presente trabalho são construídas amparando-se na abordagem da Antropologia interpretativa, desenvolvida por Geertz (1978). Em certa medida, ela segue os passos da tradição sociológica compreensiva de Max Weber, que, como visto, é a linha mestra inspiradora do presente trabalho.

Por conseguinte, a cultura é estudada através da interpretação dos significados apresentados pelos sujeitos em suas práticas sociais. Geertz (1978) afirma que a explicação interpretativa “concentra-se no significado que ações, imagens, elocuições, eventos, costumes – ou seja, todos os objetos que normalmente interessam aos cientistas sociais – têm para seus proprietários (GEERTZ, 1978, p. 37)”. Do mesmo modo, “o estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las (Ibidem, p. 29)”. Assumindo a exemplaridade dos indivíduos a serem pesquisados, devemos ter como preocupação primordial apresentar claramente suas características, de tal forma que fique claro o porquê da escolha, assim como possibilitar a todos os que têm acesso à pesquisa tirar suas próprias conclusões, assim como sua possível aplicação em casos similares (GOLDENBERG, 2007, p. 58). Ciente que a presença do pesquisador pode interferir nas respostas obtidas pelas fontes de pesquisa, reconheço que a melhor forma de combater este problema é incorporá-lo à pesquisa, realizando, na medida do possível, o detalhamento dos procedimentos e a explicitação do local de fala, como forma de minimizar o problema do *bias*⁴ (BECKER, 1994; GOLDENBERG, 2007).

Outro fato que demandou minha atenção e cuidado foi a questão da confiabilidade das informações obtidas, principalmente através das narrativas

⁴ Expressão comum entre os cientistas sociais anglófonos, que em português pode ser traduzido como viés, parcialidade. (GOLDENBERG, 2007: 44).

produzidas por meio das entrevistas. Goffman (2008) nos alerta que o indivíduo no exercício de seu papel social produzido no “palco interacional” espera ser reconhecido por suas qualidades socialmente valorizadas, empenhando-se na tarefa de transmitir ao seu interlocutor a impressão sobre si almejada. No caso específico deste trabalho, tal problema era materializado principalmente na questão do nítido esforço dos jovens em transmitir ao pesquisador uma imagem de “crente exemplar”, que basearia toda sua vida de acordo com a doutrina e os usos e costumes típicos de sua igreja. Reconhecemos que esse tipo de imagem que se quer transmitir seja em si um dado, seguimos a orientação de Becker (1994), que salienta que, mesmo tal informação possa comprovadamente estar errada, ela não deve ser descartada, pois ela poder ser utilizada como um indício de um acontecimento ou fornecer evidências úteis para um outro tipo de conclusão. À vista disso, nosso procedimento em casos como este foi, ao encontrar algum sinal de que o relato poderia não ser “verdadeiro” foi tentar verificar tal veracidade por outras fontes, dentro das limitações existentes, e caso não fosse possível, tomá-lo como “verdade”.

Por conseguinte, os percursos trilhados ao longo deste trabalho nos aproximaram daquilo que Mills (1975) classificou como “artesanato intelectual”: busquei minhas próprias soluções para os problemas e questões que se apresentaram ao longo da pesquisa, também seguindo o caminho apontado por Becker (1994), que defende a ideia que o cientista social pode e deve inventar e improvisar soluções que sejam capazes de responder às questões colocadas. Por exemplo, a presente tese foi pensada inicialmente como um empreendimento qualitativo, baseado nas premissas acima apresentadas, na medida em que toda sua lógica inicial de construção foi nele baseado. Mas durante o trabalho de campo apareceu uma oportunidade de ampliar um pouco o foco do olhar, e acabou-se por seguir o sábio conselho de Goldenberg, que nos lembra que “o importante é ser criativo e flexível para explorar todos os caminhos e não reificar a ideia positivista de que os dados qualitativos comprometem a objetividade, e neutralidade e o rigor científico” (GOLDENBERG, 2007, p. 62-63). Desta forma, tendo como objetivo abranger com o máximo de amplitude a descrição, explicação e compreensão do objeto (Ibidem), optou-se por realizar a chamada triangulação⁵. Para tal, como será

⁵ Segundo Goldenberg (2007), triangulação é “a combinação de metodologias diversas no estudo do mesmo fenômeno”. Tal nomenclatura remete a “uma metáfora tomada emprestada da estratégia

detalhado mais à frente, foi elaborado e aplicado um questionário fechado para cem jovens, com o objetivo de ampliar a base de dados, assim como confrontar esses dados com os produzidos nas entrevistas em profundidade. Mas, em nosso ponto de vista, o importante aqui não foi se prender a uma única estratégia metodológica tradicionalmente associada a uma escola ou estilo sociológica ou antropológica, mas combinar os diferentes dados com um olhar que fosse capaz de não perder a sensibilidade necessária à complexa tarefa de interpretar, descrever e compreender as várias nuances da ação social, circunscritas a um também complexo sistema sociocultural. Em vez de pensarmos em estratégias qualitativas e quantitativas como incompatíveis, devemos vê-las como complementares para melhorar o nosso entendimento desse mundo social (GOLDENBERG, 2007).

Ainda do ponto de vista das escolhas metodológicas, é importante explicitar que, assim como Rezende (2002a), não parti de um conceito fixo de amizade ou amigo, tomando as definições das pessoas estudadas como ponto de partida, ao entender que existem diferentes concepções acerca da amizade, sendo todas válidas para o estudo em questão. Desta forma, tais concepções foram tomadas como objeto de representações culturalmente elaboradas. Julguei que uma noção pré-definida de amizade ou amigo seria empobrecedora e não traria nenhum ganho efetivo para o desenvolvimento da pesquisa, assim como seria contrária aos princípios teórico-metodológicos deste trabalho.

1.2 Caminhos, estratégias e procedimentos da pesquisa

Esta seção irá descrever os passos da pesquisa, a partir da formulação do projeto que originou a mesma. Também serão explicitados as estratégias e procedimentos utilizados no trabalho de campo que geraram os dados primários que subsidiam esta tese. Da mesma forma, será feita uma breve caracterização dos interlocutores, especialmente aqueles que foram entrevistados nas pesquisas em profundidade.

militar e de navegação, que se utilizam de múltiplos pontos de referência para localizar a posição exata de um objeto

Inicialmente, o projeto que deu origem a este trabalho pensava em estudar as relações de amizade entre os membros de várias igrejas da Assembleia de Deus inseridas na Baixada Fluminense, buscando comparar as amizades entre jovens e adultos. A partir da inserção no campo e com as interlocuções e sugestões da orientadora desta tese, o foco do trabalho foi ficando cada vez mais específico, seguindo a famosa lógica proposta por Eco (1995): limitar ao máximo o olhar da pesquisa, evitando-se uma tese panorâmica. Assim, primeiro escolheu-se limitar à pesquisa aos jovens, uma vez que o tema da amizade é pouco estudado focando especificamente esta faixa etária, além de, aparentemente, ser mais fácil conseguir entrevistá-los pelo fato de, a priori, eles serem mais informais e abertos a novas formas de interação, bem como ter mais tempo disponível. Também optei por restringir o estudo a um Ministério ou Campo⁶ específico, dado a diversidade a grande interna da AD e também por motivos de facilidade operacional. Inicialmente também foi planejado analisar o papel das redes sociais nas relações de amizade, imaginando que alguns dos jovens tivessem amizades virtuais. Contudo, foi verificado que o papel destas redes nas relações de amizade dos jovens pesquisados era apenas de um facilitador na comunicação com os amigos do “mundo real”, a análise deste tipo de interação foi colocada para segundo plano.

Uma vez definidos estes limites, de um modo geral, foram adotados três estratégias principais de coleta de dados: observação participante, questionário estruturado fechado e entrevista qualitativa em profundidade. Minhas estratégias partiram da convicção de que as pessoas não são simples portadoras de estruturas sociais, mas também produtoras deste social através de suas ações. E também depositários de um saber importante que deve ser interpretado e compreendido (KAUFMANN, 2013). Inicialmente a coleta de dados via questionário fechado não estava prevista, mas durante o processo mostrou-se oportuna e viável, e então foi adotada.

A observação participante foi a etapa da pesquisa que durou mais tempo. Ela tem início no começo da pesquisa (2012) e consistiu basicamente de acompanhamento de cultos *in loco*, e produção de um pequeno diário com as informações coletadas nestes cultos. Desta forma, foram assistidos cerca de cinquenta cultos, todos públicos, entre cultos de mocidade, de consagração, de

⁶ A expressão “Campo” aqui designa a expressão êmica para designar um conjunto de igrejas que formam o Ministério. Mais detalhes serão vistos no capítulo 3.

missões, cultos em “Congressos” dos departamentos de adolescentes e mocidade, além de outros cultos sem nomenclatura específica. Também foram acompanhados alguns ensaios da mocidade, sendo alguns rotineiros, do tipo que acontecem toda semana em um determinado dia e horário pré-determinados; e outros específicos para Congressos e celebrações pontuais. Ainda tive a oportunidade de acompanhar algumas Escolas bíblicas dominicais, conhecidas como EBDs. Nestas escolas, que são encontros que acontecem no domingo pela manhã na igreja, os membros se reúnem em pequenos grupos e escolhem alguns trechos bíblicos para leitura e debate. Em geral, esses grupos reproduzem as divisões estabelecidas na própria dinâmica interna de organização da igreja sob seus “departamentos” (crianças, mocidade, irmãs, varões). Nas vezes em que foi feito o registro desta atividade, verificou-se um baixo interesse por parte dos jovens do corpo da igreja, sendo que a maioria dos participantes era composto por senhoras e senhores de idade superior a cinquenta anos.

Com o avançar da observação participante, muitas informações começaram se repetir, configurando o que a literatura classifica como saturação teórica⁷. Contudo, o contínuo acompanhamento dos cultos foi importante, pois além de fornecer muitos dados coletados via diário de campo e outras anotações, permitiu uma constante e crescente aproximação do objeto de estudo, possibilitando uma imersão mais aprofundada nas ricas dinâmicas culturais dos assembleianos, além de um contato mais frequente com algumas pessoas que depois viriam a se tornar interlocutores da pesquisa. Uma outra estratégia metodológica adotada para a coleta de dados foi a entrevista em profundidade. Seu objetivo principal era conhecer um pouco das histórias das amigas dos interlocutores, assim como suas concepções acerca do os mesmos pensam sobre o significado da amizade enquanto uma relação interpessoal e compreende-las dentro de suas trajetórias de vida e em seus contextos de convicções e práticas religiosas. Para tal, lançou-se mão da entrevista compreensiva (KAUFMANN, 2013), na qual os interlocutores eram convidados a contar um pouco de suas vidas, a partir de um esforço do pesquisador em quebrar quaisquer tipos de barreiras hierárquicas que pudessem estar presentes durante o processo.

O perfil da amostra foi pensada inicialmente nos seguintes termos: o jovem deveria ter entre 15 e 24 anos, ser solteiro(a) e participar frequentemente das

⁷ A discussão acerca do conceito de saturação teórica será retomada adiante, quando for abordada a questão da entrevista em profundidade.

atividades de sua igreja. A escolha desta faixa etária foi baseada em critérios internacionais de definição de juventude, que apesar de não serem uniformes, tendem em boa parte a adotar o termo juventude para designar pessoas entre 15 e 24 anos. Contudo, com o desenvolvimento da pesquisa, achamos por bem alargar um pouco a faixa etária a ser tomada como objeto de estudo, incluindo os jovens de 14 anos de idade, por dois motivos: primeiramente, porque é com 14 anos que tradicionalmente as moças e rapazes se “batizam nas águas”, um evento que simboliza a formalização da adesão individual com a religião, reforçando o pertencimento à AD; e em segundo lugar porque tive um considerável número de voluntários desta idade que se dispuseram a colaborar com a pesquisa, ampliando o escopo de nossa análise, sem representar significativas perdas a mesma. No capítulo 2 essa questão dos critérios definidores, assim como outros problemas acerca da definição da categoria juventude serão analisados com mais propriedade.

A princípio, planejei conseguir voluntários para a entrevista através do processo conhecido como *bola de neve*, pelo qual os entrevistados iriam indicando outros jovens para ser entrevistados, mas esse plano que não funcionou. Os jovens mostraram-se tímidos e receosos em participar e conceder entrevistas, mesmo com a autorização plena dos líderes da igreja. Portanto, a forma de recrutamento dos entrevistados teve que ser repensada.

Assim, a interpretação de alguns códigos culturais teve que ser feita antes mesmo da análise dos dados, visando conseguir vencer esse insucesso inicial no recrutamento dos jovens. Eles não se sentiam à vontade em colaborar com um desconhecido, uma pessoa que era vista por eles nos cultos, mas que não tinha nenhuma proximidade. A abordagem inicial era feita a partir da argumentação de que era importante que a versão deles fosse ouvida, afim de que a pesquisa pudesse mostrar os jovens livres dos estereótipos construídos do jovem evangélico na imprensa e na esfera pública em geral. Esse argumento de fato era uma opinião sincera nossa e fazia todo sentido – só que dentro dos códigos culturais do pesquisador, não dos pesquisados. Desta forma, percebi que era necessária uma interlocução interna, alguém que pudesse fazer esta mediação entre o pesquisador e os pesquisados, navegando entre estes dois códigos culturais que se mostraram divergentes. Assim, após algumas tentativas frustradas, consegui que uma jovem, Kelly (nome fictício), que estava no posto de liderança em um departamento de mocidade, conversasse com os jovens afim de eles pudessem colaborar concedendo

entrevistas mais longas. Esta jovem, além de ser uma das interlocutoras, conseguiu conversar com jovens de algumas das congregações da ADM e partir daí é que foi conseguido o número adequado de entrevistas em profundidade. Desta forma, é importante salientar como a amostra foi conseguida: das treze entrevistas, seis foram conseguidas por intermédio desta jovem. Contudo, depois da análise dos dados, percebeu-se que não foi produzido um viés significativo, uma vez que as informações dos entrevistados cujas participações foram intermediadas por Kelly (Dinorá, Inês, Maria, Paulo, Judite e Vera) não diferiam significativamente das informações dos outros jovens entrevistados, tampouco dos dados obtidos por meio do questionário fechado.

Sem embargo, as entrevistas seguiam um roteiro prévio (vide anexo A), mas eram conduzidas de forma que o interlocutor pudesse falar à vontade, afim de que fosse uma experiência agradável e construtiva. Desde o começo do planejamento, não foi estipulado um número preliminar de entrevistados. Tal quantitativo seria definido pelo critério de saturação teórica, entendida como uma ferramenta conceitual frequentemente empregada nas investigações qualitativas. Ela é utilizada para estabelecer o tamanho final de uma amostra em estudo, interrompendo a captação de novos componentes, quando as informações colhidas se repetem, e desta forma não tendo ganhos com o acréscimo de novos dados, mediante os seguintes critérios: os limites empíricos dos dados, a integração dos mesmos com a teoria utilizada e a sensibilidade teórica do pesquisador (DENZIN; LINCOLN, 1994. GLASER; STRAUSS, 2006).

As entrevistas tiveram em média quarenta minutos, realizadas entre agosto de 2015 e julho de 2016. Todas foram gravadas com prévia autorização e posteriormente transcritas. Foram realizadas basicamente em três locais: na igreja, no intervalo de alguma atividade; assim como na residência do interlocutor ou do pesquisador. Para auxiliar a análise destes dados, foi utilizado o *software* de análise qualitativa *NVivo 11*. No quadro a seguir tem-se uma breve caracterização dos entrevistados.

Tabela 1- Algumas características dos entrevistados

Nome Fictício	Sexo	Idade	Escolaridade	Ocupação	Religião dos pais

Cristiano	M	17	Médio Incompleto	Estudante	Pai e mãe evangélicos
Dinorá	F	17	Médio Incompleto	Estudante	Pai e mãe “desviados”
Inês	F	17	Médio Incompleto	Estudante	Pai e mãe evangélicos
Kelly	F	20	Médio Completo	Auxiliar de Esteticista	Pai e mãe “desviados”
Jorge	M	24	Superior Incompleto	Estudante/soldador	Pai e mãe evangélicos
Mara	F	19	Médio Completo	Estudante/babá	Pai e mãe evangélicos
Maria	F	15	Médio Incompleto	Estudante	Pai e mãe evangélicos
Paulo	M	21	Médio Completo	Militar	Pai e Mãe evangélicos
Viviane	F	18	Superior Incompleto	Estudante	Pai falecido; Mãe Evangélica
Judite	F	14	Médio Incompleto	Estudante	Pai “desviado”; Mãe evangélica
Fábio	M	20	Superior Incompleto	Estudante/autônomo	Pai e Mãe evangélicos
Vera	F	22	Médio Completo	Comerciária	Pai e Mãe evangélicos
Walter	M	19	Médio Completo	Desempregado	Pai e mãe “desviados”

De um modo geral, se pode classificar a situação socioeconômica dos jovens entrevistados como pertencentes à camada popular.

Nossa terceira estratégia para coleta de dados foi a aplicação de um questionário fechado⁸ com 13 perguntas, simples e objetivas, para um conjunto maior de jovens membros da ADM. O questionário foi inicialmente pré-testado com 10 jovens, afim de saber se todas as perguntas estavam formuladas de forma clara e de fácil entendimento pelo público alvo. Depois de feitos os ajustes, foram aplicados 127 questionários, dos quais 100 foram considerados válidos⁹. A maioria deles foi aplicada em um único dia, em um ensaio de um “Congresso” da mocidade, onde estavam

⁸ O referido questionário está no Anexo 2 deste trabalho.

⁹ Os critérios de seleção foram: estar dentro da idade estabelecida anteriormente (14-24 anos) e preenchimento adequado do questionário.

presentes jovens de boa parte das congregações que formam o campo da ADM. Neste dia foram aplicados 84 questionários, sendo 72 validados. Depois, em outros eventos e encontros menores, foram aplicados o restante, até se chegar ao número de 100 questionários respondidos válidos.

Desta forma, a amostra colhida foi do tipo não-probabilística, uma amostra por conveniência, pois houve um critério de seleção não aleatório: responderam o questionário aqueles que se dispuseram para tal. Como não tinha um marco amostral da população pesquisada, ficou inviabilizada uma amostra que fosse probabilística, fato que não nos permite generalizar os resultados com precisão estatística. Em decorrência deste fato, não foi possível usar ferramentas estatísticas mais elaboradas, como a margem de erro e o nível de confiança para medir a precisão dos resultados. Contudo, a partir deste passo, não ocorreu mais nenhum tipo de interferência na amostra, e desta forma, tenho boas razões para acreditar que a amostra colhida não irá introduzir viés significativo em relação à população total, uma vez que estimei junto as lideranças um número de 300 a 400 jovens atuantes nos grupos de mocidade da igreja. Desta forma, creio que os resultados obtidos são uma boa imagem do universo estudado. Depois de colhidos, os dados foram tabulados com o auxílio do *software IBM SPSS Statistics 22* e analisados por mim. No que diz respeito ao sexo e a idade dos respondentes, estes foram os resultados:

Tabela 2- Idade e Sexo dos respondentes do questionário

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Idade	14-17 anos	14	33	47
	18-21 anos	12	20	32
	22-24 anos	9	12	21
Total		35	65	100

Desta forma, acredito que partindo de uma perspectiva que possa combinar as técnicas qualitativas e quantitativas para uma melhor e mais rica coleta de dados, podemos ter mais profundidade e qualidade na análise e interpretação dos mesmos. Como já foi dito anteriormente, creio que estratégias qualitativas e quantitativas são

plenamente compatíveis e complementares, uma vez combinadas podem melhorar o nosso entendimento acerca do complexo mundo social.

1.3 Algumas observações sobre os percursos do trabalho de campo

Para finalizar a apresentação dos percursos metodológicos deste trabalho, é oportuno narrar brevemente algumas situações de campo onde fomos levados a realizar de forma mais intensa o exercício de estranhamento (VELHO, 1997), tão importante para o ofício do cientista social, que torna mais dinâmica tal atividade, tornando mais viva e explícita a relação entre pesquisador e pesquisado.

Como já foi dito, anteriormente eu não tinha vivência próxima anterior com o universo pentecostal e no início deste trabalho, ainda quando era um pré-projeto, foram iniciadas as idas às igrejas para assistir os cultos. Em geral, busquei usar uma vestimenta discreta, sempre de calça comprida e uma camisa, levando um exemplar da Bíblia. Acostumado à pontualidade típica dos ritos católicos, especialmente a missa, que em geral começa na hora marcada e termina também em um horário previsível, sempre procurei chegar na hora marcada dos cultos ou com uma antecedência mínima – cerca de cinco minutos. Em geral, os cultos assembleianos que ocorrem à noite tem seu horário marcado inicial às 18:30 ou 19:00. Quando lá chegava, a igreja estava aberta, mas com poucas pessoas presentes. Isso ocorreu algumas vezes, e na medida em que o fato começou a se repetir, foi inicialmente interpretado como uma coincidência, e depois talvez um hábito localizado talvez entre alguns assembleianos da região. Todavia, depois de visitar outras ADs em outros lugares, o fato do atraso nas atividades também foi verificado e, assim, começou a ser também, embora sem grande relevância, um dado da pesquisa. Com o andamento da pesquisa e o início de algum grau de proximidade com determinados interlocutores, comecei a manifestar este estranhamento, e alguns destes interlocutores demonstraram certa insatisfação com este hábito, mas ao mesmo tempo resignação. Com o avançar da pesquisa, foi percebido uma questão interessante, que talvez mereça uma maior atenção e estudos futuros: a maioria das pessoas se atrasavam deliberadamente, pois a própria noção de temporalidade do culto pentecostal é distinta da, por exemplo, já citada tradição católica. E esta distinção temporal pode ser

interpretada como de fundo teológico: o culto é um dos momentos em que se manifesta a ação do espírito santo, que não é regida pelos padrões de temporalidade usuais. As pregações e testemunhos são narrativas emocionais, e algumas vezes podem se estender por mais tempo que o inicialmente planejado. Por esta dinâmica ritual, de cultos longos (em média mais de duas horas) e sem uma expectativa de um final em um horário pré-determinado, a maioria das pessoas acabam não chegando na hora em que estava previamente marcada o seu início, em geral, porque sabem que o culto vai ser demorado. Segundo um relato, “muitos irmãos preferem chegar depois para assistir (preferencialmente) as partes mais ‘quentes’ do culto (que ficam para o final)”. Evidentemente, não cabe em um trabalho acadêmico qualquer construção de um estereótipo e não está se afirmando aqui que a impontualidade é uma característica assembleiana. Mas no que diz respeito à dinâmica da pesquisa de campo, a partir de uma noção específica de temporalidade de um ritual como o culto, a impontualidade de parte significativa dos membros, neste contexto específico, virou um dado de pesquisa relevante a ponto de ser explicitado.

Ainda no campo do estranhamento, outro fato que é de destaque na trajetória da pesquisa foram as tentativas de conversão do pesquisador por parte de pessoas na igreja. Vale salientar que nenhuma destas tentativas foram por parte dos entrevistados, ou qualquer dos jovens com que conversamos durante o percurso da pesquisa. Primeiramente, é válido observar uma dinâmica específica que ocorre nos cultos assembleianos. Quando alguma pessoa que não é membro da igreja chega no culto, uma pessoa responsável pela recepção nos cumprimenta e pergunta o nome do visitante e se é de alguma igreja. Em nosso caso, todas as vezes respondi que não pertencia a qualquer igreja. Posteriormente, no desenrolar do culto, há um momento em que estes visitantes são apresentados, conforme sua denominação. E em seguida a igreja saúda os visitantes com uma música. Depois, já na parte final do culto, em geral no fim da pregação, há um convite para que aqueles “não-crentes” possam “aceitar Jesus”. Em alguns casos, neste momento – que é um dos mais emocionais do culto – por vezes algum obreiro ou auxiliar nos perguntaram se eu gostaria de “aceitar”, e minha resposta, tentando não ser indelicado, foi sempre negativa. Estas podem ser classificadas como tentativas “protocolares” de conversão, pois não eram investidas de nenhuma estratégia específica, limitando-se à uma prática comum a ser feita com qualquer visitante.

Contudo, houve ainda ao longo do percurso duas tentativas de conversão de forma mais direta, quando o interlocutor se dispunha a ter uma conversa mais longa, visando dar nos argumentos para subsidiar nossa possível conversão. Essas duas abordagens se deram na mesma igreja, uma congregação (ou filial) da ADM. A primeira delas ocorreu na ocasião de um acompanhamento de um dos chamados “Congressos” da juventude, quando por três dias seguidos se realizaram cultos jovens, em razão do aniversário do departamento da mocidade da congregação em questão. Como a igreja em questão era de tamanho menor, a invisibilidade do pesquisador, que as vezes é possível em uma igreja maior, não ocorre. Tal visibilidade é maior quando são cultos em dias seguidos, quando as pessoas da igreja já ganham maior familiaridade com nossa figura. Desta forma, uma senhora, de aproximadamente 45 anos, começou a tentar buscar uma proximidade maior conosco. Ao fim do segundo dia da festividade, já houve uma tentativa de aproximação, com algumas perguntas sobre a pessoa do pesquisador, embora não tenha revelado o real motivo de nossa visita à igreja: a pesquisa de campo. No último dia, a senhora foi mais direta:

Irmão, notei que você veio todos os dias da festividade. Não sei o que se passa na sua cabeça, mas se você precisar desabafar, pode procurar a mim e meu marido (apontando-o) para uma palavra amiga, um conselho. Sei que a vida não é fácil, mas ela é feita de escolhas. Não demore para tomar sua decisão, pois Jesus está voltando e ele voltará em breve! Pode não haver muito tempo... (SENHORA MEMBRO DA ADM)

Essa abordagem foi certamente surpreendente, pois embora eu já conhecesse os códigos culturais em questão e a importância do “ide”¹⁰, essa experiência não deixou de ser inesperada. Tomado por este sentimento de surpresa, simplesmente busquei agradecer a atenção e refletir com calma sobre o assunto.

A outra tentativa de conversão ocorreu na mesma igreja, mas em contexto diferente. Após assistir a um culto, as pessoas foram saindo da igreja e daí então me aproximei para conversar com o pastor responsável por aquela congregação, com o qual já tinha dialogado anteriormente, e o mesmo já estava ciente de nossa condição de pesquisador e já havia autorizado nossa pesquisa naquele local. O pastor me cumprimentou e começou a falar sobre a importância da escolha e da fé enquanto

¹⁰ O “ide” é uma expressão êmica oriunda de Marcos 16:15: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”, na qual o cristão é exortado a pregar a palavra bíblica e evangelizar a todos, buscando mais “almas” a serem salvas.

uma fonte de sabedoria para o conhecimento do mundo. Prosseguiu, elaborando uma fala que, talvez, ele julgara ser adequado para argumentar comigo, na condição de cientista e pesquisador, sobre a criação divina e a teoria do *big-bang*, discorrendo sobre a dificuldade de aceitar as teorias científicas que explicam a criação, “pois para acreditar que nasce alguma coisa da explosão tem que crer mesmo! ”. Ele não perguntou sobre minha religiosidade, mas terminou sua fala me convidando para voltar a igreja, e se o meu “coração mandasse”, “aceitar Jesus”. O episódio é bastante significativo, pois foi a única vez em que fui levado, na pesquisa de campo, a refletir sobre os conflitos das práticas discursivas da igreja cristã pentecostal com a científica, conflito esse que parece estar bastante presente no âmbito de algumas falas de pastores e lideranças da AD.

Para finalizar esse relato de campo, narrarei brevemente um episódio no qual o entrevistador foi “entrevistado” por um dos jovens interlocutores. O jovem Cristiano certa vez, em uma conversa informal, me perguntou sobre a minha atividade docente, de professor de Sociologia, que foi confirmada. Ele prosseguiu sua fala perguntando minha opinião sobre algumas manifestações típicas pentecostais, como a glossolalia. Respondi que era uma prática importante dentro do contexto do culto e que representava uma conexão do fiel com o “espírito santo”. Cristiano então mostrou-se aliviado e revelou o motivo de sua pergunta: seu professor na escola, ao abordar o tema da religião, teria demonstrado despreço e segundo ele, desrespeito para com os evangélicos, pois dissera para a turma que falar em línguas estranhas era uma manifestação “mentirosa” por parte dos crentes. Esse questionamento mostrou-se interessante pois nosso interlocutor poderia estar nos “testando”, no tocante ao respeito e entendimento de sua fé e, ao mesmo tempo, expressando aprovação mediante nossa resposta.

Estes episódios nos lembram que a presença do pesquisador sempre tem influência no campo de pesquisa, onde vários atores sociais estão interagindo a partir de seus repertórios socioculturais e suas escolhas individuais. Também são importantes na medida em que nos recorda que a ação do pesquisador está sempre submetida ao crivo e a avaliação dos interlocutores, conferindo um caráter singular a atividade fascinante do cientista social.

Desta forma, nos próximos dois capítulos serão apresentadas algumas questões sobre a interface entre religião e juventude, recorte no qual esta tese

trabalha. Também será feita uma breve análise da igreja sobre a qual se debruça estudo deste trabalho: a Assembleia de Deus.

2- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERFACE ENTRE RELIGIÃO E JUVENTUDE

Alegre-se, jovem, na sua mocidade, e dá prazer ao teu coração nos dias da sua juventude, e segue pelos caminhos do seu coração, e pela vista dos teus olhos; e saiba que por todas essas coisas Deus o trará a julgamento.

Eclesiastes 11:9

Este capítulo pretende refletir sobre a interface de duas áreas de estudo que são muito caras ao pensamento contemporâneo: a religião e juventude. Procuramos no capítulo fazer apanhado das pesquisas que focam religião e juventude no contexto internacional e no Brasil, locais onde os jovens são um recorrente objeto de estudo de pesquisadores de vários e distintos campos de conhecimento. Particularmente nas Ciências Sociais, a literatura sobre os jovens é bem vasta, e cobre distintas áreas de atuação desse grupo: política, educação, gênero, violência, afetividades e religiosidade. Como será visto mais adiante, também é vasta a forma como se define juventude, que se revela como uma categoria social abrangente e com diversas formas de abordagens. Para dar conta desta questão, faremos uma breve análise de como o conceito de juventude é desenvolvido na literatura contemporânea. Também será feita uma breve revisão sobre os estudos que articulam a juventude com a religiosidade pentecostal, tema deste trabalho. E por fim, realizaremos uma breve análise da questão da juventude religiosa na Baixada Fluminense, na região metropolitana do Rio de Janeiro, *lôcus* no qual a pesquisa desta tese foi produzida.

As diferentes religiosidades presentes no Brasil contam com a participação dos jovens em seu núcleo, algumas vezes como protagonista. Desta forma, o diálogo entre os campos de estudo da religião e da juventude é relevante na medida em que nos ajuda a pensar como os jovens influenciam e são influenciados pelas instituições religiosas, assim como nas formas de transformação e reprodução das práticas religiosas contando com a dinâmica típica da condição juvenil, fato que é acentuado na sociedade contemporânea caracterizada pela incerteza e desconfiança por parte dos indivíduos dos antigos referenciais de segurança e estabilidade, que são substituídos por outros mais fluídos e passageiros. Muitas vezes também os jovens

são vistos como sendo o “futuro” das diferentes religiões, demandando atenção e investimento especial por parte das lideranças e cúpulas religiosas. É nesse contexto que os estudos que abordam a interface entre religião e juventude ganham mais relevância e responsabilidade.

2.1 Uma aproximação do conceito de juventude

Não existe uma definição que possa dar conta das diversas dimensões do termo juventude, devido à complexidade que essa categoria possui e a densidade que a mesma vem ganhando com os estudos específicos realizados no âmbito de várias áreas do conhecimento. Nem mesmo há um consenso acerca de qual termo é o mais adequado para se referir a esse universo, que tem sido compreendido sobre os mais diversos ângulos. Do ponto de vista histórico, a categoria juventude ganha relevância e autonomia analítica a partir do romantismo do fim do século XIX na Europa, quando ela começa a ser vista como um grupo que efetivamente pode produzir transformações sociais (ARIÈS, 1981). Embora o conceito de *teenager* ganhe uma ultravalorização no contexto pós 1945, enquanto um grupo que demanda mais demanda de consumo de bens materiais e culturais, o processo tem início no fim do século XIX e início do XX na Europa e Estados Unidos (SAVAGE, 2009). Do ponto de vista sociológico, os jovens constituem-se como uma considerável força a ser acionada para a transformação social, embora possuam valores sociais ambivalentes, não tendo necessariamente uma natureza reacionária ou conservadora (MANNHEIM, 1980). Já no contexto da chamada “pós-modernidade”, onde vive-se uma era de risco e as instituições como o Estado e a Igreja não oferecem mais respostas plenamente satisfatórias às demandas e anseios dos indivíduos, o futuro é o campo das incertezas. Mas o jovem teria a capacidade de resignificar esta incerteza e não tomá-la como algo simplesmente ruim, uma vez que ele já foi socializado neste contexto de maior volatilidade e instabilidade (LECCARDI, 2005).

Uma aproximação possível do conceito de juventude como uma categoria analítica para que se possa começar a pensá-la de forma mais aprofundada, ainda que apenas como ponto de partida seria: uma fase da vida de transição entre a infância e a vida adulta que conta com variáveis biológicas, emocionais e culturais e

também por isso possui muitas peculiaridades. Contudo, para começar a reflexão, é preciso evitar idealizações e generalizações acerca deste grupo social, que pode agrupar sobre o mesmo nome pessoas de faixa etária semelhante que nada têm em comum, ou nas palavras de Bourdieu:

A idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente (BOURDIEU, 1983a, p.43).

A juventude como categoria sociológica também é concebida como um tempo a mais de preparação para as tarefas e desafios que a modernidade ocidental acaba por impor aos indivíduos, assim como a sofisticação das relações sociais (LEVI e SCHMITT, 1995). Isso produziria um adiamento dos deveres e direitos de produção, para que a formação especializada pudesse ser feita, auxiliando um maior amadurecimento dos jovens, configurando uma moratória, na medida em que há uma dilatação dos prazos em que tal participação produtiva é socialmente obrigatória (ERIKSON, 1986; CALLIGARIS, 2000).

Um conceito bastante útil para que se possa dar conta das múltiplas formas que se apresenta experiência juvenil na sociedade é a clássica noção de geração (MANNHEIM, 1982). Sua utilidade baseia-se no sentido que a geração, especialmente as noções sociológicas de “situação de geração”, que se dá quando há um compartilhamento de situações temporais, históricas e regionais; e “geração enquanto unidade”, que além das características anteriores, requer também compartilhamento de experiências comuns, através de diferentes modos específicos de vivência (Ibidem). Essa conceituação é especialmente útil, pois dá conta da questão das experiências vividas e compartilhadas pelo grupo (no caso a geração juvenil) e das questões que dão alguma unicidade cultural ao grupo em questão, uma vez que as relações entre juventude e geração estão atravessadas por identidades juvenis elaboradas em contextos culturais particulares (MARTINS, 2015: 86), que nos termos desta tese podem ser explicados a partir da noção de identidade juvenil assembleiana¹¹.

Sem embargo, parte da literatura tem preferido utilizar a noção de “juventudes” para dar conta da diversidade interna da categoria e mesmo produções

¹¹ Tal termo será desenvolvido no capítulo 4.

institucionais de organismos nacionais e internacionais tem adotado o conceito no plural (ABRAMOVAY & CASTRO, 2006; ABRAMOVAY et al. 2007) visto que um dos poucos consensos na área é o reconhecimento da multiplicidade de experiências que envolvem os sujeitos que são percebidos e rotulados como jovens. Esta formulação no plural tem como objetivo o reconhecimento tanto das diferenças quanto das desigualdades que são experimentadas pelos jovens do ponto de vista social, espacial, de gênero e orientação sexual, escolarização, condição familiar, inserção econômica e laboral, multiplicidades de gostos estilos e projetos e, também, adesão religiosa. Questiona-se menos sobre a possibilidade ou impossibilidade de viver a juventude e mais sobre os diferentes modos como se vive tal condição (ABRAMO, 2005:44). Outra forma eficiente de dar conta da diversidade jovem mencionada é distinção entre condição e situação juvenil, sendo a primeira entendida como o “modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento ciclo da vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórico-geracional (Ibidem) ”, ou seja, trata-se de como os diferentes agentes sociais percebem e articulam a experiência sociocultural dos jovens de uma forma mais abrangente, observando a partir de um olhar mais macroscópico. Já a noção de situação juvenil, “diz respeito à maneira como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. (Ibidem) ”, possibilita dar maior densidade analítica às “juventudes”, na medida em que permite explorar as peculiaridades de cada segmento juvenil, mas sem perder de vista suas conexões a sua condição de jovem.

Assim, continua a questão de não existir uma conceituação fechada que dê conta da noção de juventude. Mas isso em si não configura um entrave para os estudos deste campo, mas ao contrário, estimula novas formas de compreensão que visem apreender as possibilidades, particularidades e protagonismos das diferentes formas de se viver a juventude.

2.2 Alguns dados do perfil religioso da juventude no Brasil

Um dos critérios objetivos internacionais que é utilizado usualmente para se definir a categoria juventude é a faixa etária, mas esta também é variável e engloba

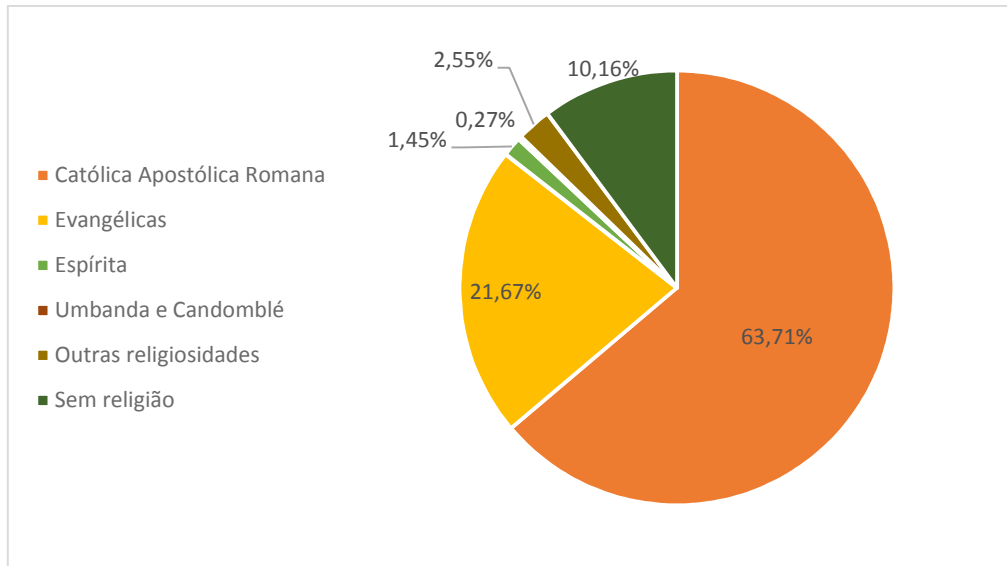
várias subcategorias tais como adolescentes, jovens adultos, mocidade, entre outras. Assim, a definição de jovem enquanto grupo de idade apresenta-se como bastante instrumental, mas como já foi discutido, sabe-se que esse conceito é bem mais amplo. As categorias adolescência e juventude em alguns casos são usadas como sinônimas, mas também como duas fases distintas, que se sobrepõem. O termo adolescente é comumente também é muitas vezes associada a expressão anglófona *teenager*. Há ainda a expressão “jovens adultos”, que também é variável enquanto faixa etária, podendo variar entre 18 e 29 anos, dependendo de seu emprego¹².

O critério utilizado pela ONU para designar “adolescente” é ter entre 10 e 19 anos e “jovem” é ter entre 15 e 24 anos. Seguindo este critério, o Brasil possui, segundo o Censo do IBGE de 2010 34.227.651 pessoas entre 15 e 24 anos, o que percentualmente resulta em torno de 18% da população brasileira. Há mais homens que mulheres nesta faixa etária (diferença percentual de aproximadamente 0,83%), distintamente da população total, onde tem-se mais mulheres que homens (diferença de aproximadamente 4,22%). Este é critério, como todos os outros apresentados, arbitrário, mas que orienta boa parte das políticas para este segmento.

A pesquisa da UNESCO *Juventude, juventudes, o que une e o que separa* (UNESCO, 2006), mostra, entre os jovens brasileiros, a proporção de 66,2% de católicos, enquanto protestantes/evangélicos perfazem 18,8%, sendo que entre os municípios urbanos metropolitanos, este percentual é de 54,3% para os católicos e 23,3% para os protestantes/evangélicos. Também há dados disponíveis que afirmam que nos maiores municípios existe maior pluralidade religiosa entre os jovens (FONSECA & NOVAES, 2007). Já o estudo realizado pela FGV em cima dos microdados da pesquisa de orçamentos familiares (POF) feita em 2009 pelo IBGE, mostra que dentre as pessoas entre 15 e 19 anos, 67,49% se declaram católicas e 20,13% evangélicas. O próprio do Censo do IBGE, em 2010 mostra que dentre os jovens com idades entre 15 e 24 anos, cerca de 63% se declaram católicos e 21 % evangélicos. Detalhes no gráfico a seguir:

Gráfico 1- Idade e Sexo dos respondentes do questionário

¹² Christian Smith, por exemplo, utiliza a categoria *emerging adults*, cuja faixa etária vai dos 18 aos 23 anos (SMITH et al, 2011).



Fonte: Censo IBGE 2010, a partir da plataforma SIDRA. Elaboração do autor.

Outra pesquisa realizada em 2013 pelo Instituto Data Popular, realizada com jovens nas áreas urbanas de 100 cidades de todas as regiões do país, 44,2% dos jovens entrevistados se declararam católicos, 37,6% protestantes/evangélicos, 6,7% de outras religiões e 11,5% afirmaram não possuir religião¹³. Todos esses dados confirmam a hipótese que há uma maior presença evangélica entre os jovens em comparação com a população em geral. O tema da juventude mostra-se fértil para questionar modelos pré-construídos e modelos generalizados (NOVAES, 2005). Explicar e compreender este fenômeno é uma tarefa que se faz cada vez mais importante na agenda dos estudos que pretendem pensar a interface entre religião e juventude no Brasil contemporâneo. Contudo, não é uma tarefa simples, e este trabalho pretende ser uma pequena contribuição para que esta questão seja melhor compreendida.

Tal como vários grupos, é importante mencionar que no caso específico do grupo estudado nesta pesquisa, as igrejas da Assembleia de Deus trabalham com uma noção de jovem particular e realizam trabalhos e atividades específicas. De uma forma geral, é considerado jovem a moça ou o rapaz a partir dos 14 anos de idade, que permanece solteiro. Alguns podem permanecer no grupo com idade superior a 20 anos, desde que ainda não tenham se casado, desta forma utilizando-se uma noção de papel social destes indivíduos no contexto. Por conseguinte, em geral, os membros

¹³ <http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/442-dos-jovens-entre-16-e-24-anos-sao-catolicos-diz-data-popular.html>. Acesso em 19 de junho de 2016.

da Assembleia de Deus são estimulados a casar cedo, para evitar “tentações”, ou seja, manter relações sexuais antes do matrimônio. Este fato já era observado há mais de duas décadas (MARIZ, 1994). Desta forma, tentando dar conta dos critérios objetivos e subjetivos, assim como a categoria “nativa” de juventude, optamos por focar nesta pesquisa especificamente jovens solteiros entre 14 e 24 anos que participem cotidianamente das atividades da igreja, uma vez que existem muitos critérios para se definir a noção de juventude e jovem, optou-se por esse recorte, uma vez que ele está próximo das referências internacionais, mas dialoga com a realidade específica da igreja estudada.

2.3 Religião e juventude no contexto internacional

Os estudos que refletem sobre a interface entre religião e juventude têm tido um significativo desenvolvimento nos últimos anos. Collins-Mayo (2012) salienta que os sociólogos que estudavam a juventude tinham por preferência temas como desvio e problemas juvenis. Contudo, segundo a autora, a partir da década de 1990 tal campo de estudo começa a crescer, principalmente a partir da temática do engajamento (ou não) religioso dos jovens, frente a três questões principais: em primeiro lugar, as mudanças do perfil religioso no ocidente, marcado pelo declínio das tradicionais expressões do cristianismo na região, onde a diversidade religiosa tem crescido particularmente entre os jovens; em segundo lugar, o crescimento do extremismo religioso entre os jovens, na esteira do aumento dos ataques terroristas no ocidente; e em terceiro lugar, o crescimento no número de pessoas, especialmente jovens, que não se identificam com as tradicionais religiões (Ibidem).

Na Europa ocidental, particularmente na França, vem ocorrendo uma tendência que apresenta um duplo movimento: um declínio da influência religiosa entre os jovens; e um novo fluxo na direção de uma ressignificação das práticas e da adesão religiosa, onde as formas tradicionais e institucionalizadas de se vivenciar e realizar a fé estão sendo substituídas por modos nos quais há mais ênfase na espiritualidade e na desinstitucionalização da religiosidade. (LAMBERT; MICHELAT, 1992; GALLAND, 1997; BÉRAUD; WILLAIME, 2010). Especificamente sobre o segundo movimento citado, Hervieu-Léger salienta que os tradicionais mecanismos de transmissão

religiosa, como a familiar, vem perdendo força e sendo parcialmente substituídos por uma individualização e liberdade na construção dos sistemas de fé, caracterizando uma “bricolagem de crenças”. Uma das causas deste processo seria a diminuição da memória nas sociedades modernas, que teria como consequência no âmbito religioso um crescimento na tendência dos indivíduos para elaborar seus sistemas de crenças e práticas a partir de sua experiência singular, sobrepondo os esforços reguladores das tradicionais instituições religiosas (HERVIEU-LÉGER, 2008). Fruto deste processo, também tem ocorrido na Europa um movimento de crescimento do “pertencer sem crer” e do “crer sem pertencer” (COLLINS-MAYO, 2012).

Nos EUA o cenário da prática religiosa na juventude mostra-se com algumas distinções em relação ao panorama europeu. Smith (2010) sugere que a religião dominante entre os adolescentes norte-americanos se caracteriza pelo que ele chama de “deísmo terapêutico moralista” (*Moralistic Therapeutic Deism*). Segundo o autor, este credo, na versão codificada que surgiu de sua pesquisa teria cinco características principais: 1- A existência de Deus que criou e ordena o mundo e cuida de vida humana na terra; 2- Deus quer que as pessoas sejam agradáveis e justas para o outro, como ensinado na Bíblia e pela maioria das religiões do mundo. 3- O objetivo central da vida é ser feliz e se sentir consigo mesmo. 4- Deus não precisa de ser particularmente envolvido na vida de alguém, exceto quando ele é necessário para resolver um problema. 5- As pessoas boas vão para o céu quando morrem. Smith salienta que este tipo de credo está particularmente presente entre os jovens católicos e protestantes da linha dominante, mas é um pouco visível entre negros e conservadores protestantes, adolescentes judeus, assim como em outros tipos religiosos de adolescentes, inclusive nos classificados como não religiosos. O autor também coloca que esta prática é vivida no nível funcional, prático, e tácito - não conformando uma religiosidade formal ou reconhecido como uma religião distinta.

Por sua vez, Flory e Miller (2010) refletem sobre a religiosidade entre os chamados *post-boomers* (nascidos a partir de da década de 1980), que se caracterizam pela familiaridade com a tecnologia e novas formas de configuração da sociedade. Tal religiosidade seria marcada por algumas características: a religião é percebida com escolha e não uma obrigação; os rótulos religiosos são relativamente desimportantes; a experiência religiosa é mais valorizada que um conjunto codificado de crenças; quando a fé é praticada em grupo, as pessoas estão mais interessadas na autenticidade do que em uma apresentação autoritária da verdade; não há

problemas com religiosidades com identidades híbridas e bricoladas; e a religião deveria estar em consonância com senso de justiça e igualdade. Desta forma, as distintas representações da religiosidade entre os jovens norte-americanos apresentadas por Smith, Flory e Miller, mas do que opostas, mostram a grande diversidade presente neste cenário, tal como no caso brasileiro, como será visto adiante.

Para encerrar esta breve apresentação da questão da religião e juventude no contexto internacional, vale a pena discorrer algumas palavras sobre a questão no país mais populoso do planeta: a China. Segundo Yang (2010), desde o início do século XX, jovens chineses foram os pioneiros nas transformações religiosas no país, desde as campanhas radicais antirreligiosas lideradas por Mao Tsé Tung, no contexto da revolução cultural, até na vanguarda do grande despertar espiritual que parece estar varrendo o vasto território da China. Desta forma, em um século, segundo o autor, os jovens chineses deram uma volta de 180 graus em relação ao panorama religioso no país, partindo de uma secularização total a ser a força motriz para o despertar religioso.

Ainda de acordo com Yang, o despertar espiritual gradual na década de 1980 e 1990, tornou-se grande a partir da virada do século. Muitos estudantes universitários foram atraídos para os estudos bíblicos cristãos, assim como para grupos de estudos ou acampamentos de verão do budismo Chan. Apesar da repressão do governo, algumas igrejas domésticas têm atraído centenas de pessoas semanalmente, especialmente em metrópoles como Pequim e Xangai. Tal crescimento tem sido surpreendente para o Partido Comunista Chinês, que tem se esforçado para conter e controlar. No entanto, o reavivamento religioso continua a se espalhar por toda a China. Para o autor, em pouco tempo a religião se tornará uma força social significativa a influenciar o processo político de democratização da China. E os jovens chineses desempenharão papéis importantes neste processo.

2.4 Religião e juventude no contexto brasileiro

Como já foi dito, o campo religioso brasileiro tem apresentado nas últimas décadas grande dinâmica, sendo que as três principais mudanças a saber são: a

diminuição percentual de católicos, o crescimento dos evangélicos e o aumento dos sem pertencimento religioso (NOVAES, 2004). Especificamente entre os jovens, Novaes aponta que são encontradas algumas tendências no contexto de suas práticas religiosas no início do século XXI: primeiramente, uma forte disposição para o trânsito religioso e novas combinações sincréticas, onde a prática da fé não obedece completamente aos preceitos e dogmas que determinada religião defende/impõe e elementos de religiosidades distintas são recombinações a partir de uma demanda ou prática específica. Em segundo lugar, registra-se o aumento de escolhas e sínteses individuais, no qual os vínculos formais perdem um pouco de importância. Desta forma, uma parte mais significativa dos jovens brasileiros vem dando mais valor a fé por si só do que às igrejas e instituições religiosas. Em terceiro lugar, a transferência religiosa intergeracional ocorre de forma menos regular quando comparada com outras gerações, uma vez que é mais comum a escolha da profissão de uma determinada religião ou forma de religiosidade por iniciativa própria, não por orientação familiar ou costume. Esse fato também é observado no contexto francês contemporâneo (HERVIEU-LÉGER, 2008). E em quarto lugar, a relação de intimidade com Deus é ressignificada, sem o temor e a distância tão presentes nas gerações anteriores (NOVAES, 2001; 2005 2006).

Segundo Tavares e Camurça (2004), desde a década de 1980, o enfoque clássico geracional vai perdendo a hegemonia no campo dos estudos da juventude no Brasil, ocorrendo a partir deste marco um alargamento dos enfoques dos trabalhos sobre a juventude, que passam a ter maior diversidade e priorizar a experiência juvenil e de alguma forma, ampliar a voz deste segmento. E a partir da década de 1990 esse movimento é ampliado quando “a produção das ciências sociais sobre a juventude tem se debruçado de forma sistemática sobre novas dimensões da experiência juvenil” (TAVARES e CAMURÇA, 2004). Os trabalhos que formam o campo da confluência entre juventude e religião tendem a reproduzir as clivagens teóricas dos estudos de juventude, que salientam a noção da pluralidade da juventude (Ibidem). Também é neste contexto do alargamento das reflexões que os primeiros trabalhos no campo da religião e juventude pela abordagem das Ciências Sociais, quando o objeto de estudo foram os jovens universitários e suas preferências religiosas. (Ibidem). Trata-se do artigo “Religião e Política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais” (NOVAES, 1994). A antropóloga Regina Novaes é a pioneira no empreendimento de se estudar juventudes e religião nas Ciências Sociais do Brasil e

permanece até hoje como a grande referência no campo. Seus enfoques principais tem sido a questão do sincretismo dentro dos marcos geracionais, e mais recentemente os jovens sem pertença religiosa e o papel da juventude na sociedade brasileira contemporânea (TAVARES e CAMURÇA, 2004).

Dados obtidos em *survey* realizado em Minas Gerais (TAVARES e CAMURÇA, 2006) mostram que a juventude local¹⁴ assimila e conjuga os valores morais de sua família e de seu grupo religioso, sendo que 61,1% dos jovens devem sua escolha religiosa à influência dos pais. Contudo, uma parte significativa (31,5%) que responderam “motivos pessoais”. Mas um fato interessante ocorre com o grupo evangélico/pentecostal: cerca de 44 % alegam motivos pessoais para a sua escolha religiosa, face cerca de 37% por influência da família e cerca de 8% por influência de amigos, enquanto entre os católicos esse mesmo índice é de cerca de 2% (Ibidem). Desta forma, embora a influência da família na vida religiosa neste universo é marcante, ela se faz mais presente na religião hegemônica mineira – o catolicismo – do que no contexto dos jovens protestantes/pentecostais.

Ao construir uma abordagem acerca da juventude religiosa em pesquisa sobre jovens carismáticos católicos vivendo em comunidade, Mariz argumenta que, a juventude é caracterizada por ser um período de liminaridade e, portanto, socialmente instável e frágil. Assim, este estágio da vida torna-se cada vez mais prolongado e, mais do que em outros períodos, parece fomentar a necessidade de sentimento de pertencimento e comunhão. (MARIZ, 2005). Assim, no contexto da subjetividade juvenil, existe uma propensão a atitudes heroicas e radicais assim como virtuosismos religiosos devido a uma menor prática da análise racional e pouco conhecimento empírico do mundo. No caso da adesão religiosa, esse fato teria como consequência que o jovem tende a ter uma forte adesão religiosa – ou o seu reverso, a negação da religiosidade (Ibidem). Desta forma, a experiência religiosa na juventude também ganha uma outra característica analítica: a compreensão de que como nesta subjetividade juvenil as crenças e práticas de sua religiosidade são lidos e assimilados a partir de seus mecanismos de mediação cultural. No caso analisado por Mariz, a experiência juvenil carismática (católica) tem como diferenciais: o sacrifício (físico e psicológico); a experiência da ruptura e do desvio em comparação com os outros de

¹⁴ Os autores salientam que a amostra é realizada entre estudantes do Ensino Médio, com predomínio da faixa etária de 17-19 anos.

sua geração e experimentação da efervescência coletiva, experimentada principalmente através da música (MARIZ, 2005).

Também analisando a juventude carismática católica Sofiati (2011) analisa as dificuldades enfrentadas pelo movimento "Por hoje não vou mais pecar" – uma comunidade leiga ligada à Canção Nova, para manter o jovem obediente à proposta de castidade e os percursos que alguns desses indivíduos de entrada nesta comunidade, através da busca por uma “nova vida” através de uma mudança radical de hábitos e rupturas com o cotidiano.

Ainda no campo do catolicismo, focando os vocacionados para entrar em seminários e noviciados a partir de pesquisa de campo no Rio de Janeiro, Fernandes (2010) analisa as representações dos jovens vocacionados a partir de uma diferenciação de gênero: as moças elaboram suas vocações orientadas pela noção de “servir” e os rapazes pela de “ser santo”, construções que são, neste contexto, primordiais na identidade de freira e padre, respectivamente. São apresentadas as dificuldades e desafios impostos a esses jovens para prosseguir com suas vocações, circunscritos na complexa conjuntura do catolicismo brasileiro, marcado por sua diversidade interna, conjugada com seu declínio em numérico de adesões e as próprias dificuldades inerentes ao ato de abdicar de boa parte da vida ainda em início em nome de um chamado. A autora neste estudo também busca identificar como as várias correntes presentes no interior do universo católico brasileiro – notadamente a Renovação Carismática – influenciam a formação e as concepções destes jovens vocacionados.

Já no campo dos jovens sem religião – que são pessoas sem pertencimento religioso, mas não necessariamente sem crença em Deus (todavia também inclui os ateus e agnósticos) – Rodrigues (2009) realizou pesquisa com homens jovens que estavam realizando seu alistamento militar obrigatório, na faixa de 17 a 21 anos, no estado do Rio de Janeiro. De um universo de quase 500 entrevistados, cerca de 31% se declararam sem religião. É destacada a pluralidade interna e transitoriedade desse grupo. Esta pluralidade está circunscrita tanto nos ateus e agnósticos, que apontam para uma direção de secularização, quanto aqueles que tem uma religiosidade particular, não se sentindo representado pelas religiosidades tradicionais presentes no contexto brasileiro. Segundo Rodrigues, a transitoriedade está presente na perspectiva da situação juvenil em que escolhas e pertencimentos ainda não consolidados podem sofrer mudanças e reelaborações particulares.

Tendências semelhantes são apontadas por Novaes (2006, 2013), que indica algumas características dos jovens sem pertença: alguns são ateus e agnósticos, outros estão envolvidos em ambientes plurirreligiosos sem vínculo formal, onde é valorizado o diálogo inter-religioso e ainda há aqueles que estão em trânsito e, portanto, não vinculados a nenhuma instituição. Novaes (2013) salienta que “ hoje o desafio, teórico e prático, é compreender a presença dos jovens sem religião sem desembocar obrigatoriamente na lógica dos pertencimentos/rompimentos institucionais”, um alerta para os estudiosos da área, que implica um esforço explicativo que saiba captar e analisar corretamente como são elaboradas as formas contemporâneas de não filiação religiosa, que podem passar ou não pela ótica da secularização e crise das tradicionais instituições religiosas, que parecem estar perdendo alguma capacidade de atender as demandas juvenis.

Especificamente sobre o crescimento institucional dos estudos da interface entre religião e juventude, segundo Tavares e Camurça (2006), o tema passa a ganhar visibilidade nas reuniões científicas das Ciências Sociais brasileiras a partir da IV Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) realizada em 2001 em Curitiba-PR, onde ocorre o Simpósio ‘*Juventud, Ciencias Sociales y Religión*’. Outros eventos passam a contar com fórum de debates de pesquisas no campo específico como na 23ª Reunião Brasileira de Antropologia em Gramado-RS, em 2002, e nas XIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina onde há o GT “Juventude e religião: modulações e articulações com a cultura, sociabilidade e política”. Mais recentemente ocorreu também no 39º Encontro anual da ANPOCS, em Caxambu-MG no ano de 2015 o Simpósio de Pesquisas Pós-Graduadas “Religiões e Juventudes: interfaces, complexidades e interseções de um campo em expansão”.

2.5 Pentecostalismo e juventude

A agenda de estudos no campo das Ciências Sociais que opera na interface entre pentecostalismo e juventude é relativamente recente no Brasil. A partir de

pesquisa realizada na plataforma *Scielo*¹⁵, foram encontrados nove trabalhos com as palavras “Religião” e “Juventude”, mas nenhum deles tinha como tema principal o Pentecostalismo. Já na biblioteca digital brasileira de teses e dissertações (BDTD)¹⁶, foram encontradas duas teses de doutorado, ambas sobre jovens assembleianos: a primeira, de Antropologia, sobre juventude, igreja e mundo na perspectiva de jovens assembleianos no Recife (ALVES, 2009); e o segundo trabalho, na área de Educação, sobre culturas juvenis assembleianas em Novo Hamburgo (PRATES, 2014).

A partir da pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, que tem como objeto jovens de todo o país com idade variando entre 15 e 24 anos, Novaes (2005) pontua algumas características dos jovens pentecostais. Como regra, eles reproduzem as características socioeconômicas que a literatura aponta neste segmento: moradores de regiões periféricas das metrópoles e espaços com forte presença migratória recente, com forte presença de negros e pardos, renda familiar baixa e pouca presença nas universidades. Todos os pentecostais entrevistados na pesquisa afirmaram frequentar atos religiosos de sua própria crença e são os mais participantes nas atividades no interior da igreja. Quando perguntados sobre quais os valores mais importantes em uma sociedade ideal, suas respostas mais frequentes foram “temor a Deus” e “religiosidade”. Também são o segmento juvenil que mais reprovam o aborto e a legalização da união de pessoas do mesmo sexo (Ibidem). Essas características, lidas em comparação com outras religiosidades juvenis, sugerem que o pentecostalismo enquanto atua como um diferencial no campo das escolhas e opiniões sobre o mundo.

Uma das características mais significativas acerca dos jovens evangélicos que é apontada pela literatura é a tensão entre escolhas e práticas consideradas “mundanas” pelo discurso produzido pelas igrejas evangélicas e a efetiva experiência dos jovens, que nem sempre interpretam as mesmas práticas como problemáticas ou mesmo as considerando com tal não deixam de realiza-las (SANTOS, 2008; ALVES, 2009; MAGALHÃES, 2013; MESQUITA e BERTOLI, 2014). Uma das principais características do discurso pastoral das igrejas pentecostais para o seu público jovem é a prevenção contra práticas que possam ser consideradas como “pecado” ou que

¹⁵ A plataforma *Scielo* pretende reunir as revistas consideradas mais conceituadas do Brasil, mas deixa de fora parte significativas das revistas que tratam da temática religiosa enquanto objeto de pesquisa.

¹⁶ Órgão vinculado ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, IBICT.

possam “não agradar a Deus”, como sexo antes do matrimônio, uso de bebidas alcoólicas e drogas, andar com “más companhias” entre outras práticas. Em maior ou menor grau, alguns dos jovens que se afiliam às igrejas pentecostais vivenciam conflitos internos – assim como quaisquer outros indivíduos situados em condição juvenil – mas o diferencial neste caso é que esses conflitos são em parte oriundos da tensão entre o impulso de romper com a ordem familiar vem acompanhado pela restrição de comportamentos destas instituições que tem como uma de suas marcas identitárias a defesa dos valores “da família tradicional”. Como será visto nos capítulos subsequentes, a recusa e o tensão entres os valores do mundo e da igreja é um tema central na formação da identidade juvenil assembleiana.

Um exemplo efetivo de como as igrejas pentecostais influenciam o comportamento dos jovens em relação as “coisas do mundo” é o estudo de Verona e Regnerus (2014), que salienta que essa religiosidade, a partir da promoção de normas conservadoras e sanções punitivas relacionadas ao comportamento sexual de seus jovens fiéis a iniciação sexual pré-marital dos mesmos é fortemente postergada, em comparação com jovens de outras religiosidades. Também é salientado que estas igrejas têm criado um espaço único para os seus seguidores participarem ativamente de um ambiente religioso. Desta forma, é sugerido que, no contexto socioeconômico específico onde é marcante a atuação deste tipo de pentecostalismo tradicional, a igreja possa estar substituindo o lugar da família e da escola na comunicação sobre o comportamento sexual de adolescentes no Brasil (Ibidem). Na mesma linha de compreender como as instituições evangélicas atuam na influência da vida sexual de seus jovens membros, Santos (2008) argumenta que, apesar de existir uma autonomia em relação a autoridade religiosa, os jovens evangélicos solteiros permanecem ligados aos valores sexuais evangélicos, a fato possivelmente explicado pela promessa de segurança afetiva e familiar oferecida pelos princípios ético-morais religiosos em um contexto de uma sociedade percebida como sem controle social e moral (Ibidem).

A partir de um estudo de caso de jovens assembleianos no Recife, Alves (2009) pontua que a sexualidade e o seu controle são um ponto central na construção do *ethos* do jovem assembleiano a partir de um tipo de moral rigorista, na qual – principalmente as moças – são incentivadas a ir na contramão dos vícios do “mundo”. Contudo, é salientado que tais valores não são introjetados automaticamente pelos

jovens, que negociam e criam estratégias de relativização de algumas das regras e restrições colocadas pela instituição (ibidem).

2.6 Religião e juventude na Baixada Fluminense

A Baixada Fluminense está localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, englobando várias sub-regiões, mas ironicamente nenhuma nomeada oficialmente como Baixada Fluminense.

Figura 1- Região metropolitana do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense



Fonte: CEPERJ

Trata-se de uma região singular, que tem seus limites geográficos aumentados e diminuídos conforme o contexto e a conveniência (ALVES, 2003). Enquanto uma região urbana com alta taxa populacional e baixos indicadores sociais, a região carrega consigo marcas estigmatizantes¹⁷ relacionadas à violência e pobreza, que embora sejam componentes sociais constitutivos, estão longe de explicar as dinâmicas sociais predominantes da região, que nos últimos anos, experimenta

¹⁷ O Jornal do Brasil, no seu editorial intitulado: "Câncer Vizinho", de 11 de agosto de 1977, é um bom exemplo deste estigma. (Apud ALVES, 2003:16).

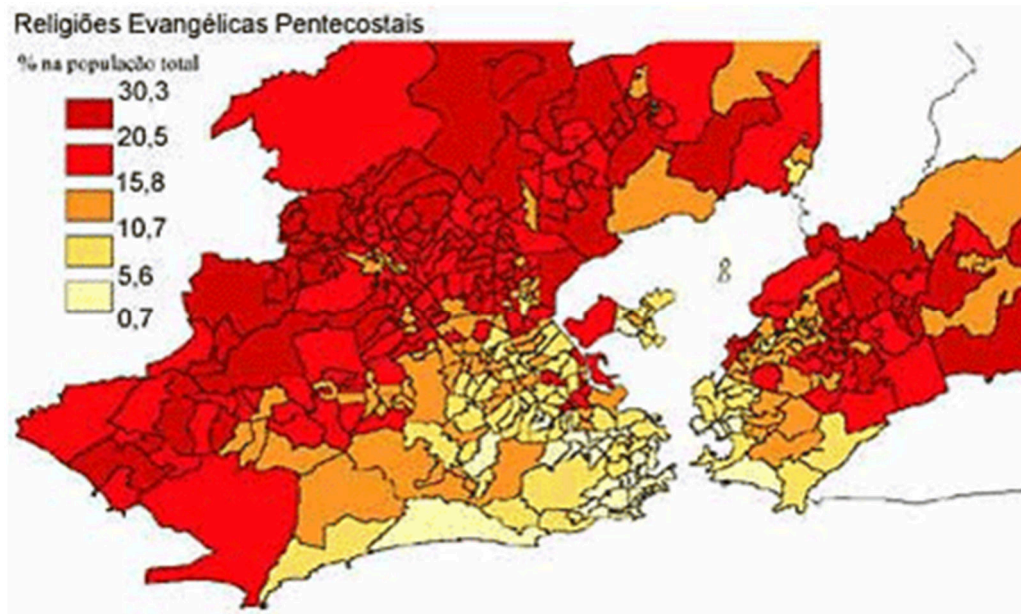
algumas transformações, nem todas negativas. O município de Duque de Caxias, por exemplo, em 2007 possuía o 8º PIB dentre os municípios brasileiros¹⁸. A região vem recebendo continuamente investimentos industriais e incremento no setor de serviços, fatos que, por si só não são responsáveis por mudanças sociais significativas, mas indicam possibilidades concretas de que possam ocorrer mudanças neste panorama. Desta forma, enquanto um espaço vivido e continuamente transformado e ressignificado, a Baixada Fluminense está sujeita à múltiplas descrições. Constitui-se como um conjunto diversificado de práticas, visões e interpretações que variam conforme a posição espacial, momento histórico e interesses do observador (ASSIS, 2008).

Uma das interpretações recorrentes da região, que foi um dos motivadores do aguçamento da curiosidade sociológica do autor deste trabalho, é aparente pujança da vida religiosa, disposta em uma formidável presença de inúmeras igrejas na região – é fato raro percorrer um curto caminho na Baixada e não avistar ao menos uma igreja. A presença também é verificada em vários espaços comuns da região: lojas com produtos evangélicos são comuns nos centros comerciais da região (e também várias lojas são nomeadas como temas que remetem a tradição evangélica). A música gospel pode ser ouvida em toda a parte: supermercados, ônibus, lanchonetes, entre outros.

Observando a dinâmica religiosa da região, tem-se um dos maiores índices de adesão aos cultos evangélicos no Brasil (JACOB et al., 2006), e no contexto da região metropolitana do Rio de Janeiro, é que tem maior presença de evangélicos, notadamente os de matriz pentecostal. Há um padrão espacial na distribuição da presença religiosa na metrópole fluminense: quanto maior a proximidade das regiões mais ricas e desenvolvidas socioeconomicamente maior é a presença católica e menor a pentecostal, especialmente da igreja Assembleia de Deus, reproduzindo um modelo centro-periferia, onde há mais presença católica no centro, evangélicos de missão na periferia imediata e pentecostais na periferia distante (Ibidem). Na figura a seguir, que representa toda a região metropolitana do Rio de Janeiro, temos uma caracterização deste fenômeno, que embora demonstre dados obtidos na década passada, ainda são úteis e representativos.

¹⁸ Segundo dados do IBGE. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2003_2007/tab01.pdf

Figura 2- Distribuição percentual de religiões evangélicas pentecostais na região metropolitana do Rio de Janeiro

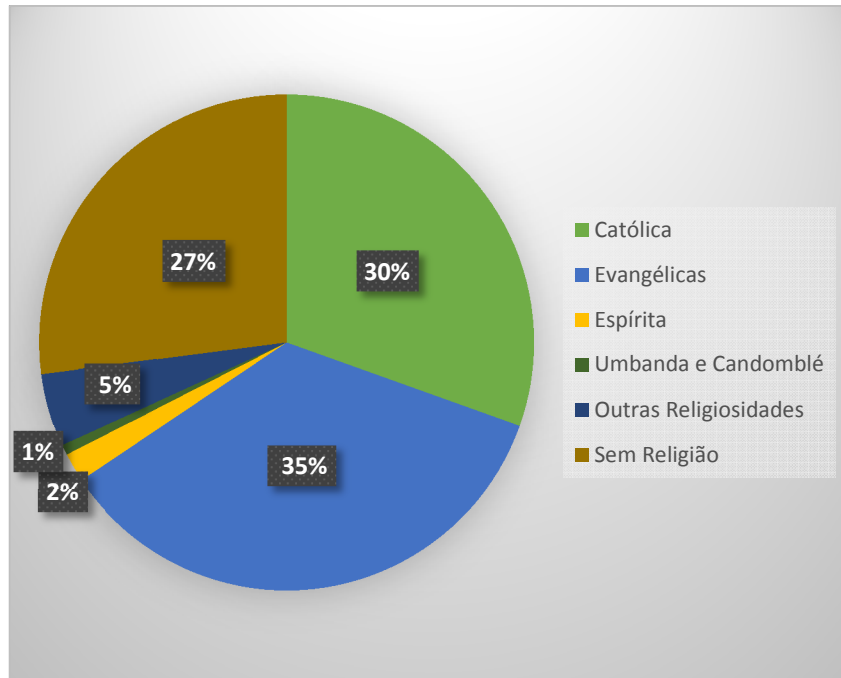


Fonte: (JACOB et al., 2006, p. 47)

Observando especificamente o grupo dos jovens de 15 a 24 de idade habitantes da região, os evangélicos são maioria, embora o número de jovens católicos e sem religião também seja bastante expressivo. A seguir têm-se a representação da distribuição percentual da filiação religiosa na região, e um quadro comparativo da afiliação religiosa no país (catolicismo, denominações evangélicas e sem religião) entre o Brasil, a região metropolitana do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense¹⁹ em situação juvenil (15-24 anos).

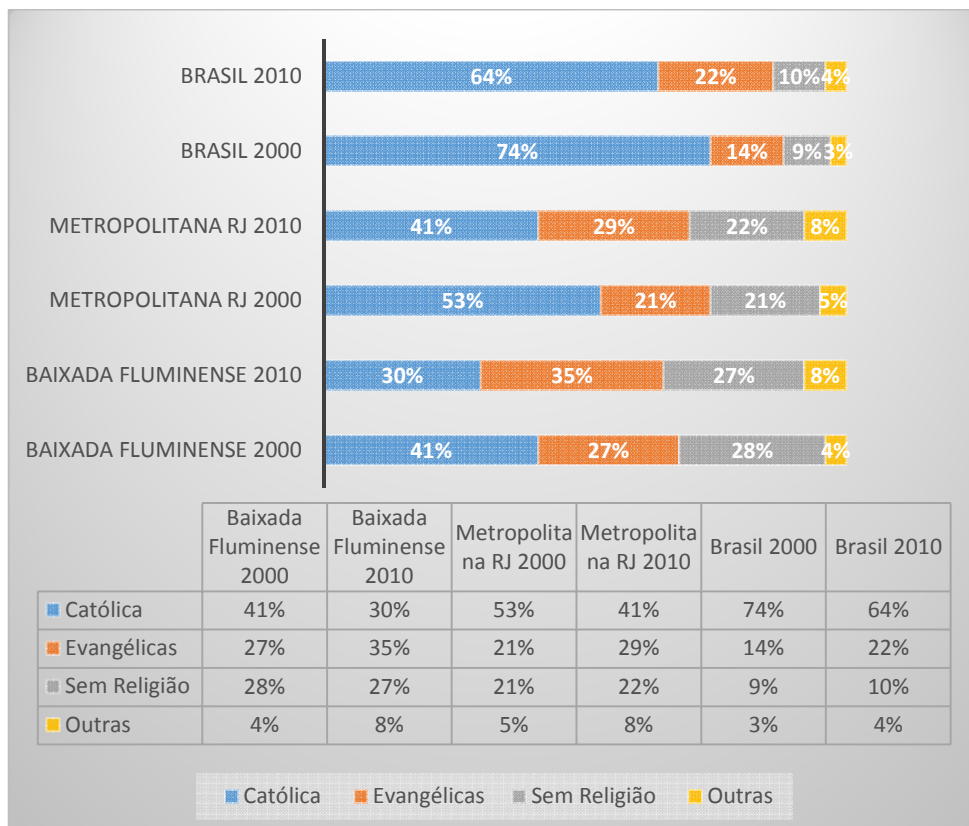
Gráfico 2 - Filiação religiosa Baixada Fluminense idade 15-24 anos

¹⁹ Uma vez que não há consenso sobre os limites geográficos da Baixada Fluminense, considerou-se neste capítulo os dados referentes aos quatro maiores municípios da região: Belford Roxo, Duque de Caxias, São João de Meriti e Nova Iguaçu.



Fonte: Censo IBGE 2010, plataforma SIDRA. Elaboração do autor.

Gráfico 3 - Comparativo 2000–2010 idade 15-24 anos



Fonte: IBGE, plataforma SIDRA. Elaboração do autor.

Os dados acima trazem elementos interessantes para a reflexão. Ao estabelecer comparação espacial entre o Brasil, a região metropolitana do Rio de Janeiro (na qual a Baixada Fluminense está inserida) e a própria baixada, a particularidade da filiação religiosa juvenil no local fica mais clara: trata-se de uma região com baixa adesão ao catolicismo, se comparada ao resto do Brasil e mesmo à sua microrregião, onde o contraste é menor, mas ainda assim significativo. Desta forma, consolida-se na área como traço distintivo a pluralidade religiosa frente ao declínio católico: as religiosidades evangélicas ganham terreno, sendo a de maior adesão neste contexto. Também há significativa adesão à outras religiosidades e expressiva presença dos jovens sem religião, com mais de um quarto das declarações. Embora não seja objetivo deste trabalho investigar a causa da adesão evangélica entre os jovens, uma das causas possíveis do crescimento evangélico na região é a correlação entre pobreza e a religiosidade protestante, particularmente a de matriz pentecostal, fartamente documentada pela literatura. Considerando os dados obtidos na pesquisa qualitativa que foi realizada para este trabalho, quase todos os jovens assembleianos tinham o mesmo perfil socioeconômico: famílias em situação de vulnerabilidade econômica e tentativa de conciliar os estudos com o trabalho, sendo que os estudos são prioridade até o Ensino Médio (mas há também a busca por atividade remunerada) e a partir da conclusão deste segmento escolar, o trabalho passa a ter a primazia do tempo dos jovens, que tentam então conciliar tal atividade com estudos em níveis superior ou técnico.

Dados apresentados por Fernandes (2011), em pesquisa que contempla a interface entre religião e juventude na Baixada Fluminense, demonstram que os pentecostais, em comparação com jovens católicos, são mais pobres e tem maior preocupação de inserção no mercado de trabalho, e também tem presença maior no ensino superior. Na mesma pesquisa, são apresentados outros dados que são muito úteis para auxiliar a compreensão da correlação entre filiação religiosa e identidade juvenil. No centro das preocupações juvenis estão estudo, trabalho e futuro, sendo que os pentecostais têm um pouco mais de preocupação com o futuro e menos interesse em curtir as noites, ter liberdade ou aproveitar o tempo com os amigos, se comparados com jovens católicos (Ibidem). Ainda segundo Fernandes, no campo do namoro, casamento e sexualidade, os pentecostais valorizam mais o compromisso e são mais contrários ao sexo fora do casamento. Tanto católicos quanto pentecostais têm forte rejeição ao aborto (Ibidem). Ademais, católicos e pentecostais consideram a

religião muito importante para uma dada sociedade, demonstrando grande valorização da mesma. Para os jovens pentecostais, o fortalecimento da crença em Deus é um importante fator a ser incluído no rol de mudanças sociais (Ibidem). Em outro trabalho focalizando mais a questão política dos jovens religiosos da Baixada Fluminense, Fernandes (2009) observa que “formas menos rígidas de pertencimento religioso e político tem se estabelecido entre a juventude, não havendo necessária apolitização, mas antes ausência de oportunidades para atuação sociopolítica”. Comparando-se com os dados colhidos para esta tese, os jovens entrevistados não demonstram ter apreço com a política institucional, pouco acompanhando o noticiário político nacional. Quando perguntados sobre figuras públicas que admiravam, alguns dos nomes mais lembrados foram o de duas figuras conservadoras e polêmicas do debate público brasileiro: o pastor Silas Malafaia (líder da AD Vitória em Cristo) e o deputado federal Jair Bolsonaro (filiação desde março de 2016 ao PSC).

Desta forma, pode-se destacar que o campo de estudos da religião e juventude tem ganhado cada vez mais impulso nos últimos anos, tanto no contexto brasileiro como no internacional. Também tem ganhado uma maior diversidade no escopo de seus objetos de estudos e de suas abordagens metodológicas, face a atuação cada vez mais variada da juventude na sociedade contemporânea, na qual ela tem tido progressivamente um maior protagonismo. Assim, este trabalho espera ser uma pequena contribuição no desenvolvimento deste campo de estudo.

3 REVISITANDO A TRAJETÓRIA DA(S) ASSEMBLEIA(S) DE DEUS: DA RUA AZUSA A SÃO JOÃO DE MERITI

A Assembleia de Deus no Brasil é brasileira? Brasileiríssima. Ela pode não ser “a cara” do Brasil, mas é um retrato fiel. É um dos principais. É uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira.
Gedeon Freire de Alencar

Neste capítulo será feita um breve exercício de compreensão sociológica da igreja pentecostal Assembleia de Deus (AD), a partir de sua contextualização no campo religioso brasileiro, sua história e as particularidades de seu desenvolvimento no último século, assim como uma pequena narrativa histórica da igreja pesquisada, a Assembleia de Deus Meritiense (ADM). Este passo se faz necessário no plano do presente trabalho uma vez, que, como será visto, só é possível entender o *assembleianismo* específico da ADM a partir da análise da trajetória da AD no Brasil, que percorreu um caminho singular no contexto do campo religioso brasileiro, resultando em uma formidável expansão ao longo do último século que colocou a igreja na posição de segunda maior do país em número de membros, sendo superada apenas pela Igreja Católica romana, mas que ocasionou também em quadro de grande fragmentação interna. Desta forma, com base em literatura recente, argumenta-se neste trabalho que a AD só pode ser pensada no singular na atualidade enquanto um tipo ideal. A unidade é útil somente enquanto uma estratégia didática de exposição e compreensão para situá-la dentro do um determinado contexto, como o que foi feito na seção 3.5. Ressalta-se que, mesmo com tal diversidade, em contrapartida, ainda é possível vislumbrar alguma unidade que torna possível situar as diferentes igrejas na circunscrição da AD, a partir da noção de *assembleianismo mínimo* (FAJARDO, 2015).

Os estudos históricos acadêmicos sobre as igrejas pentecostais no Brasil eram escassos no Brasil até a década de 1990, o que dificultava a produção de uma sociologia do fenômeno (FRESTON, 1994). No âmbito da AD, felizmente, o panorama começou a mudar nos últimos anos, quando novos estudos de mais fôlego começaram a ser elaborados na esfera da academia (SILVA, 2003; DELGADO, 2008; ALENCAR, 2013; CORREA, 2013; GANDRA, 2013; FAJARDO, 2015), com a

particularidade que, em sua maioria, foram realizados por pesquisadores que tinham em sua trajetória pessoal tem ligação com a igreja. Somando-se a estes estudos, a própria AD também tem produzido obras significativas sobre sua história e seus fundadores, no âmbito de sua editora oficial (VINGREN, 1973; BERG, 1995; DANIEL, 2004; CONDE, 2008; ARAÚJO, 2007; 2014).

Sem embargo, o presente capítulo começa com uma breve apresentação dos antecedentes da fundação da AD, que estão relacionados com o movimento pentecostal e o lendário episódio do reavivamento da rua Azusa. Depois será feita uma contextualização da AD no campo religioso brasileiro, a partir de alguns dados históricos e considerações sociológicas a respeito do fenômeno do desenvolvimento do pentecostalismo no país. Em seguida apresentaremos um pouco da história da AD com base em fontes acadêmicas e da igreja, visando demonstrar algumas particularidades de seu desenvolvimento e de sua disseminação no território nacional, que será reforçada com a apresentação de alguns dados da inserção da igreja na sociedade brasileira contemporânea. E o capítulo encerra-se com a apresentação de um breve perfil da Assembleia de Deus Meritiense, igreja na qual foi realizado o presente estudo.

3.1 Os antecedentes: o movimento pentecostal

Evidentemente, não é possível falar da AD sem situá-la no campo do pentecostalismo. O movimento pentecostal foi influenciado pela ruptura promovida por John Wesley na Inglaterra do século XVIII, no chamado reavivamento evangélico, que se propunha a espantar a indiferença e estagnação vivida pela Igreja Anglicana, levando para o povo uma nova vida espiritual (CORREA, 2013). A igreja oficial inglesa expulsou o ministro Wesley, que começara a pregar nas ruas e fundar as bases do metodismo. Segundo a literatura, alguns protestantes norte-americanos inseridos nesta tradição começam a desenvolver um novo estilo litúrgico e teológico que ficaria conhecido como movimento pentecostal, cujas características centrais foram “o estilo evangélico de conversão, santificação, cura divina, pré-milenarismo e o retorno escatológico ao espírito santo” (ARAÚJO, 2007). Seu núcleo inicial, centrado na figura de Charles Fox Parham, era a Escola Bíblica de Topeka, local onde se defendia que

o falar em línguas era um sinal que acompanhava o Batismo do Espírito Santo (WULFHORST, 1995). Um aluno de Pahrman, o pregador William. J. Seymour, foi expulso da Igreja dos Nazarenos, em Los Angeles ao pregar que, “além da justificação e santificação, Deus teria uma terceira bênção, ou seja, o Batismo do Espírito Santo” (Ibidem). Seymour começa então a pregar na rua *Azusa* e a atrair mais adeptos. Na maioria das narrativas, o marco fundante do movimento pentecostal é o dia 6 de abril de 1906, quando um menino começa a falar em línguas durante uma pregação de Seymour na rua *Azusa* (CONDE, 2008; WULFHORST, 1995; CORREA, 2013). A partir desse fato, muitas pessoas começaram a ser atraídas para o local e congregação ganha dimensão formidável, passando a irradiar missionários para todo o mundo.

O movimento pentecostal dali disseminado, diferencia-se do protestantismo “clássico” ou “histórico” uma vez que por, baseado em *Atos 2*, pregar a contemporaneidade dos dons do Espírito santo, dos quais destacam-se os dons de línguas (glossolalia), a cura e o discernimento dos espíritos (MARIANO, 2014). Desta forma, a ênfase da prática pentecostal está na presença divina na vida cotidiana do fiel, percebida, por exemplo, em sua capacidade de operar milagres e curas, distribuição de bênçãos e graças, e pelo enfrentamento do demônio, também presente no cotidiano do pentecostal.

3.2 A Assembleia de Deus no contexto do campo religioso brasileiro

Como é sabido, o Brasil formou-se enquanto sociedade a partir da experiência de dominação colonial pelos portugueses e a religiosidade aqui implantada foi o cristianismo católico. O primeiro censo realizado no Brasil, em 1872, mesmo que se duvide de sua eficiência e veracidade, aponta uma tendência iria durar muito tempo em nossa História: a absoluta hegemonia do catolicismo no país, uma vez que a fé católica era praticada, segundo esses dados, por nada menos que 99,7% da população. Alguns países europeus, notadamente a França com os huguenotes, tentaram invadir o Brasil no período colonial trazendo consigo significativa presença protestante. Todavia, os portugueses conseguiram expulsar seus rivais colonialistas europeus e tal presença no país fora postergada até o século XIX, quando foi inserida

no contexto da abertura dos portos ao comércio inglês promovida pelo monarca D. João VI e posteriormente, a partir da regulação de prática de cultos estabelecida pela Constituição de 1824, quando começaram a ser instalados no Brasil anglicanos, episcopais e luteranos. Contudo, a presença protestante só começou a ser significativa a partir da década de 1850, quando ocorre o primeiro impulso missionário – com a finalidade explícita de propagação desta religiosidade, quando no Brasil são instaladas a Igreja Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, a Batista e a Episcopal (MENDONÇA e VELASQUES FILHO, 1990:12).

Sobre a natureza do protestantismo brasileiro, não há consenso sobre uma questão importante: existe algo que se possa nomear como “protestantismo brasileiro”? Segundo Mendonça (2005), embora as religiões protestantes sempre assimilem ou mantenham traços das culturas locais, - como o catolicismo brasileiro, por exemplo – o protestantismo que chegou ao Brasil jamais se identificou com a cultura local, uma vez que continuou sendo um protestantismo norte-americano com suas matrizes denominacionais e dependência teológica. Adotando linha de raciocínio semelhante ao pensar a relação do pentecostalismo com a “cultura católico-brasileira”, Sanchis (1994) argumenta que esta expressão protestante demarca uma identidade a partir de uma forma de adesão exclusiva, impermeável à natureza sincrética típica que teria se estabelecido como marca da religiosidade brasileira. Neste sentido, o pentecostalismo seria uma novidade devido a este exclusivismo no que se refere à filiação e implicaria em um desafio à tradição cultural que teria se estabelecido no país. Seguindo linha distinta, Alencar (2005) argumenta que, à sua maneira, tanto o protestantismo pentecostal quanto o protestantismo contemporâneo (neopentecostal) foram capazes de influenciar e serem influenciados pela cultura brasileira, participando ativamente de sua indústria cultural. Desta forma, o assim caracterizado “protestantismo tupiniquim” não seria uma reprodução adaptada do protestantismo anglo-saxão ou tampouco uma expressão híbrida do protestantismo, mas “ambíguo, pluralista, intermediário, carnavalesco, sincrético. Enfim, nem branco nem preto. *Protestantismo tupiniquim mulato*. Nada mais brasileiro (Ibidem)”. Esta argumentação parece mais adequada para caracterizar a forma como o fenômeno protestante está inserido naquilo que se convencionou chamar de “cultura brasileira” pois dá conta de como se configuram as disputas – sejam elas simbólicas ou práticas (vide a política, por exemplo) – na quais os segmentos protestantes se colocam nas várias esferas da vida pública brasileira. E para tal parece que é inegável que houve uma adaptação às

normas socioculturais vigentes no Brasil e várias das pautas públicas são pautadas pelas lideranças protestantes, inclusive em agendas que inicialmente não tem relação direta com a prática religiosa.

A literatura especializada construiu uma tipologia classificatória do pentecostalismo brasileiro, conjugando características geracionais e teológicas do mesmo. O primeiro corte geracional divide as igrejas pentecostais fundadas na década de 1910 (AD e Congregação Cristã), e as fundadas a partir da década de 1950 (principalmente a Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor). Bittencourt e Mendonça, especialistas no protestantismo brasileiro, e que possuem trajetórias pessoais ligadas às chamadas denominações históricas, elaboram tipologias que nomeiam a primeira geração como “pentecostalismo clássico”. A segunda geração, é designada como “pentecostalismo autônomo” por Bittencourt, cujas características principais seriam a fundação a partir de dissidências do pentecostalismo clássico e/ou formadas em torno de lideranças fortes, e que cuja proposição religiosa é alicerçada na tríade cura, exorcismo e prosperidade (1994). Por sua vez Mendonça (1997) refere-se à segunda geração pentecostal como sendo agências de “cura divina”, cujo início é marcado pela “Cruzada Nacional de Evangelização”, movimento de igrejas dispostas em tendas, que dá origem à Igreja do Evangelho Quadrangular. O autor utiliza-se também da expressão “neopentecostalismo”, hoje consagrada na literatura, para classificar esta segunda geração, que também nomeia como “pentecostalismo autônomo”. Em uma leitura funcionalista e extremamente crítica deste fenômeno, o autor classifica-o como um “ajuste entre religião e magia”, fruto de um sistema social brasileiro desorganizado, no qual as religiões tradicionais têm dificuldades de ajustar as pessoas e desta forma, encontrando um contexto mais suscetível às experiências mágicas organizadas em torno de uma liderança carismática (Ibidem). Em trabalho anterior (MENDONÇA, 1992), põe em dúvida até mesmo a identidade cristã das igrejas neopentecostais, cujos frequentadores poderiam ser equiparados a clientes de uma empresa.

Segundo Mariano (2014), nos EUA é comum o uso da classificação em “ondas” para classificar distintos movimentos de renovação no campo protestante/pentecostal. Desta forma, “referindo-se à história mundial do protestantismo, David Martin (1990) distingue três grandes ondas: a puritana, a metodista e a pentecostal”. Ainda conforme

Mariano (Ibidem), Burgess e McGee²⁰ (1989) classificam o pentecostalismo em três ondas: o pentecostalismo clássico, criadas no início do século XX, o movimento de renovação carismática, a partir do fim dos anos de 1950 até 1970, e a terceira onda como o *mainstream church renewal*, iniciada nos anos de 1980. Freston (1994), por sua vez, consagra a caracterização de três ondas da expansão pentecostal no Brasil. Resumindo o argumento, segundo Freston as igrejas pentecostais tiveram sua expansão no Brasil a partir de três momentos históricos distintos e específicos. A primeira onda ocorreu na década de 1910, quando é criada a Congregação Cristã, em São Paulo, no ano de 1910, pelo imigrante italiano Luigi Francescon, e ano seguinte é fundada ao Pará a Assembleia de Deus, fundada por dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren. A segunda onda pentecostal ocorre na década de 1950 e no início da década seguinte, particularmente em São Paulo, marcada pelo surgimento das Igrejas do *Evangelho Quadrangular*, *Brasil para Cristo* e *Deus é Amor*. A terceira onda pentecostal ocorre na segunda metade da década de 1970, e tem como palco principal o Rio de Janeiro, sendo suas principais igrejas a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Macedo em 1977, e a Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada por Romildo Ribeiro Soares (cunhado de Macedo, mais conhecido por R.R. Soares) em 1980. Neste sentido, as denominações guardam diferenças marcantes no que diz respeito às suas características teológicas e rituais, cada uma típica de sua onda pentecostal. Segundo Freston (1994), a vantagem dessa maneira de colocar ordem no campo pentecostal é ressaltar, de um lado, a sua versatilidade e evolução ao longo dos anos, ao mesmo tempo reconhecer as marcas que cada igreja carrega da época que nasceu (Ibidem). Mariano (2014) segue a caracterização das ondas proposta por Freston, mas classifica as mesmas respectivamente como 'pentecostalismo clássico', 'deuteropentecostalismo' e 'neopentecostalismo'.

Contudo, esta tipologia sociológica das igrejas pentecostais proposta por Freston e Mariano, já consagrada no campo de estudos do pentecostalismo no Brasil, vem sendo objeto de crítica na literatura recente. Sousa (2015) salienta que ela foi importante no contexto que foi formulada (década 1990), mas na medida em que as igrejas foram crescendo e suas práticas teológicas e foram se complexificando, tal classificação não dá mais conta da nova realidade dos pentecostalismos brasileiros.

²⁰ BURGESS, Stanley e MCGEE, Gary. *Dictionary of pentecostal and charismatic movements*. Zondervan: Grand Rapids, 1989. Apud MARIANO, 2014.

Desta forma, o autor propõe uma periodização dualista: o período de 1910 – 1960 é caracterizado como “pentecostalismo salvacionista”, cujas características eram a ênfase na conversão para a salvação, a importância do batismo com o Espírito Santo e a santidade como virtude pessoal. Além da AD e Congregação Cristã, “a Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo e Deus é Amor representaram mais continuidades do que rupturas, acrescentando a um movimento pentecostal que assumia características mais urbanas (SOUSA, 2015)”. Já a partir da década de 1970, novas igrejas pentecostais são criadas, como a IURD e a Internacional da Graça, com uma ênfase teológica “voltada para o bem-estar físico e material”. Este movimento é nomeado por Sousa como “pentecostalismo da prosperidade”, que é caracterizado por estratégias de difusão empresariais e pela “a negatização semântica da pobreza como um mal a ser evitado e uma mudança de postura com relação à cultura secular (Ibidem) ”.

3.3 Um pouco da História da(s) Assembleia(s) de Deus

A igreja Assembleia de Deus foi fundada em 1911 em Belém do Pará pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, sob o nome de “Missão de Fé apostólica”. Vingren e Berg se conhecerem na cidade norte-americana de Chicago e lá frequentavam a Igreja Batista. Após receberem um “chamado” vieram para o Pará (o chamado falava especificamente em Pará), e chegando em Belém, não conheciam ninguém e no hotel onde se hospedaram os missionários encontraram um jornal que tinha um endereço do redator, que era também um pastor metodista (MAFRA, 2001; CONDE 2008). Eles foram recebidos pelo pastor redator e abrigados em sua Igreja. Um tempo depois, começam a frequentar a Igreja Batista em Belém, que atraía as camadas mais populares de Belém, apresentando-se como membros, mas logo suas práticas litúrgicas e convicções teológicas já influenciadas pelo movimento pentecostal tornaram-se fonte de atrito com os pastores batistas e os missionários suecos são expulsos da Congregação, juntamente com alguns outros membros (MAFRA, 2001). A partir desta cisão nasce o que viria a ser a igreja Assembleia de Deus.

A liturgia mais simples adotada pela AD em conformidade com o padrão pentecostal sueco, que valorizava mais prática inspirada no “espírito santo” e nem tanto uma educação teológica formal (mais presente na tradição norte-americana), assim como a origem social de pessoas excluídas foi muito importante para demarcar a identidade inicial da igreja e fundamental para que ela atingisse as camadas mais populares (FREESTON, 1994). Desde seu nascedouro, a igreja assustou as burguesias católicas e protestantes, reunindo gente humilde, cujos homens vestiam terno e as mulheres usavam vestidos e cabelos compridos. As orações estridentes, as línguas estranhas e a ênfase na presença do espírito santo completavam o estranhamento (MAFRA, 2001). A expansão inicial foi moderada e no começo restringiu-se basicamente às regiões Norte e Nordeste, seguindo uma lógica de crescimento sem um planejamento prévio, cujos protagonistas eram os migrantes, mediante a criação informal de novos núcleos onde as pessoas começam a se reunir, e daí nascia uma nova congregação (FAJARDO, 2015). Neste contexto, um fator relevante foi decadência da cultura da borracha na Amazônia, que inicialmente atraía migrantes, sobretudo nordestinos, que conheciam a mensagem da AD e, uma vez sem emprego por causa da drástica diminuição da atividade nos seringais, voltavam a sua terra natal levando consigo “as boas novas”, divulgando-a entre parentes e pessoas próximas, sendo que somente posteriormente chegava um obreiro que seria responsável pela nova igreja lá surgida (ALENCAR, 2010).

Em 1930, ao contrário, a expansão geográfica já é muito mais significativa, atingindo 20 estados. A sede da denominação é transferida de Belém para a então capital federal, o Rio de Janeiro (FREESTON, 1994). Inicialmente, a AD foi organizada administrativamente sob a supervisão das igrejas centradas na liderança sueca, que gerava descontentamento entre os pastores e missionários brasileiros, baseado no modelo congregacional, próximo do padrão Batista (CORREA, 2013). A partir da década de 1940, visando fortalecer a unidade das igrejas locais, a AD adota o sistema de Ministérios, um corpo composto por pastores, evangelistas e presbíteros (FREESTON, 1994; CORREA, 2013). Tal fortalecimento se daria na lógica das Igrejas-sedes, onde cada cidade ou bairro (no caso de grandes cidades) teria um Ministério único. Contudo, o resultado prático foi o fortalecimento da autonomia dos Ministérios

locais²¹, que passam a ser comandados por um pastor-presidente, que na prática passa a acumular a maior parte do poder, guardando semelhança ao bispo na Igreja Católica. Freston (1994) salienta que o sistema de governo das ADs é oligárquico e caudilhesco, centrado na figura do pastor-presidente. Foi organizado pelos missionários suecos como forma de manutenção do controle da igreja e depois continuado pela segunda geração de pastores, em geral de origem nordestina.

Fajardo (2015) salienta que, no período de 1911-1946, a AD se consolida e desenvolve sua estrutura institucional, criando seu jornal de circulação Nacional, O “Mensageiro da Paz”, que circula até hoje; funda a CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) e a CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus); assim como edita um hinário próprio, a Harpa Cristã; cria um instrumento de formatação doutrinária, as Lições Bíblicas; Além disso a AD estabelece metas para implantação nos estados do país onde ainda não aparecia com destaque e transfere seu o centro de poder para o Rio de Janeiro, então capital do país (Ibidem).

Os missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg são os personagens centrais do processo de construção de uma narrativa mítica assembleiana que vem sendo produzida ao longo dos anos, fato que foi fomentado pela produção de biografias “oficiais” (VINGREN, 1973; BERG, 1995). Mais recentemente, tem sido lembrada e resgatada também a figura da esposa de Vingren, Frida, cuja vida tem sido recentemente revisitada tanto por biografias de órgãos oficiais da AD (DANIEL, 2004; ARAÚJO, 2014) como por pesquisadores independentes (ALENCAR, 2005; 2009; 2010; GANDRA, 2015). E, ainda dentro de um contexto mais específico, pastores presidentes e dirigentes contemporâneos da igreja também têm sido retratados em relatos biográficos laudatórios (ALENCAR, 2013). Por sua vez, Correa (2013) aponta alguns elementos para a construção do “mito fundante da AD”, que foram elaborados a partir dos diários dos pioneiros suecos editados pelos seus filhos citados acima. Ambos foram publicados pela CPAD, que é a editora oficial da CGADB. Tais elementos são a própria vivência dos missionários pioneiros, elaborados a partir de narrativas permeadas de revelações espirituais, feitos heroicos que os direcionavam como ‘condutores’ de um povo distante. Tal história corrobora a própria

²¹ Ministério neste sentido “é um grupo de igrejas lideradas por uma igreja-sede e dirigida por um pastor-presidente. Esse grupo pode ser de âmbito local, estadual, nacional ou internacional; portanto a palavra tem uma conotação institucional, jurídica e geográfica (ALENCAR, 2013, p.37) ”.

teologia da igreja, com o uso de dons carismáticos como a profecia, glossolalia e orações de cura (Ibidem). Alencar (2013) usa a expressão “hagiografias assembleianas” para explicar o processo de construção do mito assembleiano, pois tratam-se de narrativas épicas, a-históricas e excessivamente perfeitas (Ibidem). Os diários dos missionários suecos são publicados muitos anos após a morte de seus protagonistas, sendo considerados construções que visam até mesmo “santificar” os mesmos. Ainda segundo Alencar, também há uma construção do “mito historiográfico sueco” por conta do historiador oficial da AD, Emílio Conde²², que idealiza uma Suécia próspera natal dos pioneiros, que deixam sua terra para cumprir o chamado em terras distantes e desconhecidas: o Pará.

Daniel Berg foi visitar o pastor Vingren em South Bend. Durante aquela visita, quando participavam de uma reunião de oração, o Senhor lhes falou, através de uma mensagem profética, que eles deveriam partir para pregar o Evangelho e as bênçãos do Avivamento Pentecostal. O lugar tinha sido mencionado na profecia: Pará. Nenhum dos presentes conhecia aquela localidade. Após a oração, os dois jovens foram a biblioteca à procura de um mapa que lhes indicasse onde o Pará estava localizado. Foi quando descobriram que se tratava de um estado do norte do Brasil. Aqueles dois jovens missionários suecos sentiam arder em seus corações o entusiasmo e o zelo pela causa de Cristo. Eram tochas daquela mesma fogueira que começara a arder em Chicago (CONDE, 2008, p.23-24).

Contudo, existem indícios que já havia algum fluxo de missionários e religiosos suecos no Pará. Quando Vingren e Berg chegam no Pará em 1910, já estavam estabelecidos na cidade de Belém o pastor metodista, Justus Nelson, que é o norte-americano, mas de origem sueca, e o pastor Batista Eurico Alfredo Nelson, nome “abrasileirado” de Erik Alfred Nilsson, também sueco (FAJARDO, 2015). Todavia, tanto o chamado para o Brasil como os diversos feitos narrados em diários são parte do processo de construção da narrativa mítica assembleiana supracitada, que como mito, não tem compromisso com a realidade factual dos acontecimentos, mas de substanciar uma narrativa que explique, organize e compense²³ a estrutura de plausibilidade da cosmologia assembleiana. Correa (2013), ao analisar a narrativa mítica em questão, salienta que a trajetória dos fundadores se torna referência para a

²² Segundo a apresentação do autor na edição da “História das Assembleias de Deus no Brasil” (CONDE, 2008), ele é considerado o “apóstolo da imprensa evangélica pentecostal no Brasil”. Também foi redator do jornal “Mensageiro da paz” e compôs 32 hinos da “Harpa Cristã”.

²³ As características do mito citadas são desenvolvidas por Chauí, 2000.

aceitação da ‘profecia de Deus’, cujo carisma ao longo do tempo, após sucessivas depurações, torna-se tradição, o que conseqüentemente o legitima como mito.

Outrossim, como forma de compreensão sistemática da história da AD em conexão com o desenvolvimento da sociedade brasileira no século XX e início do XXI, Alencar (2013) propõe uma análise sociohistórica da trajetória da AD a partir de três categorizações periódicas, nomeadas como: o movimento pentecostal (1911-1946), a instituição pentecostal (1946-1988) e a corporação pentecostal (1988-2011). Esta análise é útil e merece ser mais detalhada nesta tese na medida em que oferece uma compreensão sistemática da trajetória da AD e permite observar o seu desenvolvimento para além de uma narrativa factual, aliando um refinado olhar sociológico com profunda pesquisa historiográfica.

Desta forma, o período de 1911 até 1946 é caracterizado pelo desenvolvimento e o crescimento das ADs em um país ainda rural, mas em vias de urbanização, com grandes fluxos imigratórios – o que vai ser fundamental para a expansão da igreja. Segundo Alencar, não há neste momento sequer uma figura jurídica que responda ou represente as ADs. A ênfase aqui é na caracterização do fenômeno como um movimento pentecostal. A partir do instrumental weberiano dos tipos de dominação, é salientado o papel do carisma como fundamental para se compreender a igreja, na medida em que, nesse contexto inicial, não há distinção entre clero e membros, e a “promessa” é para todos. Nesse momento, as ADs se caracterizam por serem formadas por pequenos templos, darem pouca importância para a educação teológica e desenvolverem uma teologia voltada para o sofrimento, de grande negação do mundo (Ibidem).

O segundo período proposto por Alencar (Ibidem), vai de 1946 até 1988 e tem como marco fundante a realização da primeira Convenção da igreja no Recife, onde há um estabelecimento de uma personalidade jurídica. Desta forma é fundada a CGADB, Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil²⁴. A chave da compreensão deste período é a afirmação da tradição, simbolizada pelo longo pastorado dos principais líderes assembleianos do período. Segundo o autor, esta tradição é inventada a partir da construção mítica das primeiras lideranças suecas, que vai ser respeitada e ressignificada pelas lideranças brasileiras que se impõem no período. Ainda aqui há uma rejeição à educação teológica formal, que começa a ser

²⁴ Segundo dados da própria, a mesma foi fundada em 1930 e registrada em 1946. Cf. <http://www.cgadb.com.br/>

rediscutida e torna-se objeto de tensões. Sua base é a disciplina, perante os “perigos do mundo” e a fragmentação do pentecostalismo brasileiro. Sua disputa interna mais destacada no período é a entre a “Missão”, sob a liderança de Cícero Canuto; e “Madureira”, pastoreada por Paulo Macalão. Sob a disputa simbólica da tradição, Alencar salienta que a disputa entre os dois é sobre quem é mais conservador (Ibidem). Neste sentido, as disputas entre os ministérios ajudam a fragmentar as ADs, ao mesmo tempo em que as lideranças paroquiais se fortalecem.

Em 1988, com a expulsão do Ministério de Madureira da CGADB, inicia-se o terceiro período problematizado por Alencar, nomeado como “A Corporação Pentecostal: a (ir) racionalidade dos poderes”. Nesta fase, segundo o autor, há um recrudescimento das disputas internas e do próprio formato corporativo que a igreja assume. As ADs, cuja força e fraqueza vêm de sua estrutura “grande, mas fracionada; organizada, mas desarticulada; presente, mas invisível” (Ibidem, encontram-se em disputa dentro de sua fragmentação interna, ao mesmo tempo que tem de conviver e se adaptar ao crescimento das igrejas neopentecostais, notadamente a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que se expande no mesmo território socioespacial das ADs. Nesse contexto, segundo Alencar a elite dirigente da igreja prospera, adquirindo formas de corporação, com interesses políticos e econômicos cada vez mais crescentes. O padrão administrativo agora passa por uma racionalidade administrativa eclesiástica, mas que assume como política interna um formato “patrimonialista familista” (ALENCAR, 2103). O autor pontua que se configuram muitas disputas internas entre as lideranças, destacadamente o confronto entre os pastores José Wellington Bezerra da Costa, presidente da CGADB, e Samuel Câmara, pastor presidente da AD mãe de Belém do Pará. Paralelamente, cresce a figura daquele que vai se tornar o pastor assembleiano mais conhecido do Brasil: Samuel Malafaia, que faz de sua AD (Vitória em Cristo) o maior exemplo de corporação pentecostal no seio das Assembleias de Deus (Ibidem).

Além da proposta de periodização de Alencar, a literatura recente sobre a AD produziu algumas outras formas de se pensar historicamente a trajetória da igreja. Dentre elas destaca-se a proposta de Fajardo (2015), que divide a história assembleiana em quatro períodos: a era Vingren (1911-1932), a era Nyström (1932-1946), a era Canuto/Macalão (1946-1980) e a era Wellington (1980 até o presente). Fajardo salienta que as eras propostas não se restringem aos projetos pessoais dos personagens, mas “mostrar como seus comportamentos, inseridos na trama de

contingências históricas de cada período, servem para simbolizar cada uma de tais eras. Cada um deles representa um diferente projeto de poder e estilo de liderança reproduzido em outros líderes do mesmo período (Ibidem: 107)”. Tal proposta é interessante do ponto de vista sociológico pois alia a atuação das lideranças carismáticas (algumas mais que outras) com períodos da própria História do Brasil, que mostra como o desenvolvimento da trajetória da igreja não está descolada das nuances da História do país.

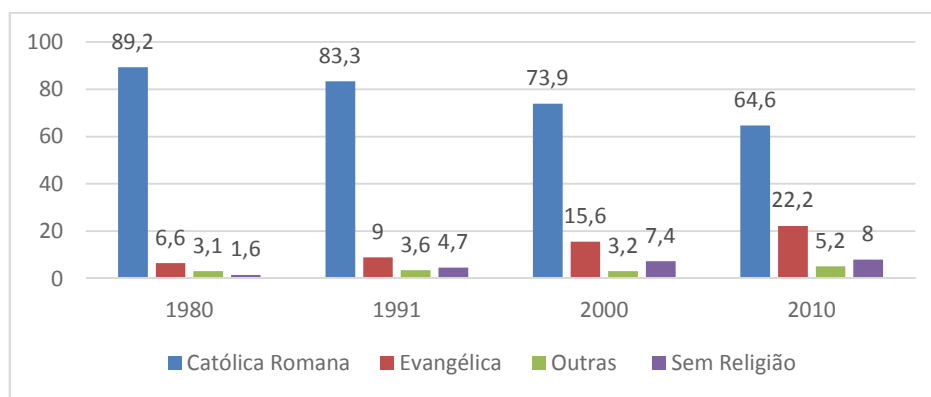
Desde a consolidação da AD no Brasil na década de 1940, a AD faz grandes investimentos com o que se costuma chamar de “mocidade” que seria uma importante fonte de preocupação das lideranças assembleianas em suas igrejas. É partir deste período que começa a se formar na igreja uma geração de jovens que nasceram em lar evangélico e conhecem as estruturas organizacionais da igreja (FAJARDO, 2015). Mas esta consolidação dos espaços da juventude na igreja não ocorreu sem objeções por parte dos representantes da estrutura hierárquica tradicional da igreja, na medida em que os jovens e seu “barulho” eram vistos com reservas e resistências (Ibidem). Contudo, com o crescimento e o desenvolvimento da igreja, a mocidade deixa de ser um “perigo” para o corpo da congregação, passando a ser visto como um dos mais destacados componentes de seu corpo.

3.4 A AD no contexto da sociedade brasileira contemporânea

Observando-se um pouco mais detidamente os dados “objetivos” acerca do fenômeno religioso no Brasil, de acordo com os censos do IBGE, a religiosidade evangélica é a que mais cresceu nos últimos anos, e dentro do campo evangélico, as igrejas pentecostais são a maioria, tanto no número de membros como da visibilidade pública. Sobre sua composição socioeconômica, há consenso na literatura que o pentecostalismo atinge prioritariamente as camadas mais pobres da população (ROLIM, 1985; FERNANDES et al, 1998; PIERUCCI e PRANDI, 1996; MARIZ e GRACINO JR., 2013). Segundo a pesquisa “Novo Nascimento”, realizada pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) na região metropolitana do Rio de Janeiro em 1994, a maioria das pessoas que professam a fé pentecostal ganhava até 2 salários mínimos. (FERNANDES et al, 1998:23). Já a partir de pesquisa realizada pelo Instituto

Datafolha em 1994, Pierucci e Prandi (1996) verificaram que os pentecostais tinham, na amostra, o maior contingente de analfabetos e menor escolaridade, assim como de menor renda, com alta concentração no extrato de trabalhadores que recebiam até 2 salários mínimos. Segundo o Censo de 2010 do IBGE, cerca de 78% dos pentecostais com mais de 10 anos de idade estão na faixa salarial de até 2 salários mínimos ou sem rendimento, enquanto cerca de 72% do total da população brasileira está situada na mesma faixa de rendimento nominal. A seguir tem-se uma representação do movimento de transformação da filiação religiosa que vem ocorrendo nas últimas décadas no país.

Gráfico 4- Transformação da filiação religiosa no Brasil (1980-2010)



Fonte: IBGE. Elaboração do autor.

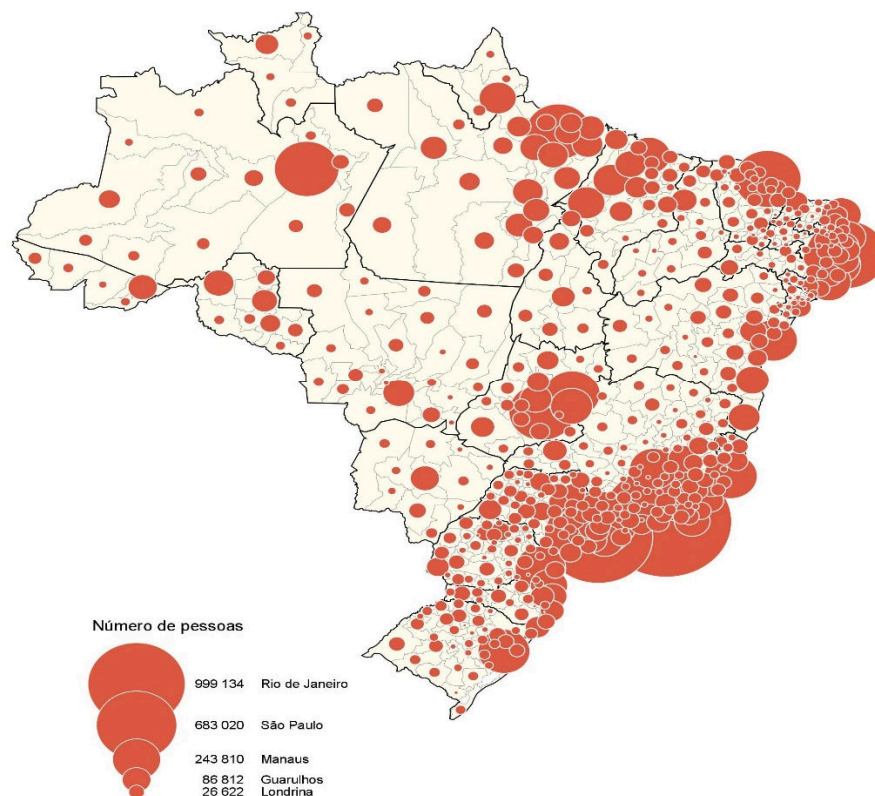
A partir de uma análise inicial dos números, verifica-se que os pentecostais tiveram uma queda de 68% para 60% dos evangélicos entre 2000 e 2010, e com exceção da Assembleia de Deus, quase todas as igrejas evangélicas caíram em termos percentuais (MARIZ e GRACINO JR, 2013). Em 2010 uma nova categoria analítica foi adicionada ao Censo do IBGE: “religião evangélica não-determinada”, que contou com mais de 9,21 milhões de pessoas. Tal categoria surge da não capacidade de classificação pelo IBGE mediante a pergunta “qual a sua religião ou culto? ”, que não pode ser pormenorizada ou detalhada pelo recenseador. Se respondente somente diz “evangélica”, não há como classificá-lo dentro de uma determinada denominação, mesmo que este indivíduo pertença a uma (Ibidem). Segundo Mariz e Gracino Jr., tal fenômeno inspira algumas hipóteses sobre a transformação do campo evangélico: a de uma possível ampliação da valorização de uma identidade evangélica para além das denominações, que não são

necessariamente negadas. A identidade “evangélica”, sem especificação da denominação, pode indicar uma busca por ocultar ou superar cisões dando ênfase à união do campo evangélico. Outra hipótese levantada pelos autores é o da “privatização religiosa”, no qual temos indivíduos que se reconhecem como evangélicos, mas não se inserem em nenhuma denominação específica. Tal movimento vai de encontro com tendências encontradas na literatura sobre a reconfiguração do pertencimento religioso, no qual o vínculo com a instituição perde relevância. Tal fenômeno já vinha sendo encontrado no interior do catolicismo e de outras religiosidades, e parece que também ganha corpo dentro do segmento evangélico. Almeida (2006) já alertara que uma das características marcantes nos últimos anos no campo pentecostal é conjugação de ideias e práticas religiosas para além das fronteiras congregacionais e flexibilidade no vínculo institucional.

Neste contexto complexo de crescimento, fragmentação e reconfiguração do pertencimento religioso entre os evangélicos, temos a AD, que, dentro de seu contexto próprio de diversidade interna, que será explorada adiante, experimenta contínuo crescimento no número de membros e mantém seu padrão de maior adesão nas periferias urbanas mais pobres (sobretudo na região sudeste) e nas áreas de intensa migração (regiões norte e centro-oeste do país). Atualmente as ADs se consolidam como a maior igreja evangélica do Brasil, e no âmbito geral só perde em número de fiéis para a Igreja Católica. Possuía 2,4 milhões em 1991 e experimentou grande crescimento ao passar de para 8,4 milhões em 2000. Já segundo o Censo de 2010 do IBGE são mais 12,3 milhões de assembleianos no país (cerca de 6,4% do total da população), o seu crescimento continuou significativo, mas foi menor. Se analisada dentro do universo evangélico e pentecostal, seus números são ainda mais vigorosos: são cerca de 48% dos pentecostais e 29 % dos evangélicos. Está presente em praticamente todo o território nacional, mas sua distribuição não é homogênea do ponto de vista socioeconômico e geográfico. Os assembleianos tendem a se concentrar nas camadas mais populares. Sua presença mais expressiva é nas grandes cidades, a exemplo do Rio de Janeiro, com quase 1 milhão de adeptos, e de São Paulo, com mais de 680 mil seguidores (JACOB et al., 2013). Em termos percentuais, as ADs são mais concentradas nas regiões Norte, onde estão 15,6% de seus membros e ela possui 12,1% da população local, no Nordeste com 27,3% de seus membros e 6,3% da população local e no Sudeste, com respectivamente 37,4% e 5,7%. Em relação ao conjunto dos fiéis pentecostais, a Assembleia de Deus domina

toda a metade-norte do país, onde na maioria do Norte e Nordeste, de modo geral, mais da metade dos pentecostais são assembleianos. Isto revela o quanto as ADs são bem implantadas atualmente nessas regiões, onde conseguiu se afirmar ao longo da última década (Ibidem).

Figura 3- Distribuição populacional Assembleia de Deus em 2010



Fonte: JACOB et al., 2013, p. 44, com base nos dados do Censo de 2010 do IBGE.

Em suma, a Igreja simples que surge em uma capital afastada dos grandes centros econômicos do país fundada por missionários suecos sem grandes recursos hoje é uma das principais instituições religiosas do Brasil, mesmo que de forma diversa e fragmentada, como será visto adiante. Ela conta com um canal de TV (por assinatura) e várias estações de rádio. Também possui significativa presença editorial, especialmente no segmento Gospel, onde três das maiores editoras (CPAD, Betel e Central Gospel) são ligadas às ADs. No campo da política, nas eleições de 2014 foram eleitos 24 deputados federais (cerca de 4% das cadeiras da Câmara dos Deputados)

e 23 estaduais²⁵. Além disso, 2 candidatos à presidência (Marina Silva e Pastor Everaldo) eram membros da igreja e juntos conquistaram cerca de 22% dos votos válidos. Contudo, convém uma ressalva: a AD não é uma igreja unificada, muito pelo contrário, é extremamente diversa e fragmentada internamente, como será visto mais à frente. Apesar de ser uma igreja majoritariamente dos pobres, sua elite eclesiástica está presente de modo significativo no *establishment* brasileiro e imersa nas contradições do país.

3.5 A diversidade interna das Assembleias de Deus

Até o momento a narrativa deste capítulo tem se desenvolvido a partir da análise da trajetória da igreja Assembleia de Deus enquanto uma unidade. Porém, uma questão fundamental que se coloca para aqueles que estudam esta igreja é: é possível falar em uma AD? Ou é mais próximo da realidade tratá-las e compreendê-las no plural, como ADs? Como já foi dito anteriormente, argumenta-se neste trabalho que a AD só pode ser pensada no singular na atualidade enquanto um tipo ideal. A unidade é útil somente enquanto uma estratégia didática de exposição e compreensão para situá-la dentro de um determinado contexto, como o que foi feito na seção anterior deste capítulo. Contudo, tal unidade não dá conta da real configuração que a igreja no cenário do campo religioso brasileiro contemporâneo, marcado pela crescente diversidade interna. Desta forma, é mais preciso referir-se a centenário igreja no plural: Assembleias de Deus (ADs), tal qual a literatura mais recente defende (ALENCAR, 2013; CORREA, 2013; GANDRA, 2013; FAJARDO, 2015). O uso no plural é adequado pois desde a década de 1930 a igreja tem se desenvolvendo e expandindo no Brasil a partir de modelo de fracionamento institucional, no qual as igrejas crescem e se multiplicam sem controle de qualquer órgão de controle externo. Desta forma são criados inúmeros ministérios, que ostentam o nome Assembleia de Deus, guardam algumas de suas tradições doutrinárias e práticas, mas diferem-se em inúmeras outras.

²⁵ <http://www.cpadnews.com.br/universo-cristao/24595/assembleia-de-deus-elege-23-deputados-federais-.html>. Acesso em 20/07/2016

Para dar conta desta grande diversidade interna assembleiana, Alencar (2013) propõe um modelo de compreensão, nomeado “Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira” (MPAB), no qual a AD não é entendida como única, mas plural (ADs), enquadrada no que Alencar nomeia “assembleianismos”, que por sua vez seriam tipos ideais criados para dar inteligibilidade a diversidade das ADs, que vão se disseminando e desenvolvendo de forma conjunta com a própria dinâmica de desenvolvimento da sociedade brasileira. Desta forma, Alencar apresenta quatro tipos de assembleianismos: rural, urbano, autônomo e difuso. O assembleianismo rural é um tipo dominante nas primeiras décadas de existência das ADs e até hoje ainda se faz muito presente no ethos assembleiano. Têm quatro características fundamentais: a mentalidade rural, a estrutura patriarcal e estamental da liderança, o abismo comportamental entre Sedes e Congregações e a densidade assembleiana nas pequenas igrejas e cidades. Já o assembleianismo urbano é marcado pela sua diversidade e multiplicidade, não assumindo automaticamente valores típicos dos centros urbanos. A ênfase no controle moral, tão importante e marcante no assembleianismo rural, é no contexto urbano mais deficiente. Por sua vez, o assembleianismo autônomo seria intrínseco ao próprio modelo pelo qual as ADs foram estabelecidas no Brasil, onde a ligação entre as igrejas é espiritual e não institucional. Sua prática eclesial é de muita heterogeneidade e seu pertencimento à AD dá-se mais na manutenção de características típicas, como hinários, estilo de lideranças e usos e costumes. Lira (2008) estuda um caso de uma AD “renovada” em Nova Iguaçu, onde a mesma, apesar de utilizar o “nome” da AD, não se filia a nenhuma das convenções, e se organiza em torno da figura carismática de seu pastor. Para Lira, tal igreja pode ser classificada como neopentecostal, pois já havia abandonado muitas características tradicionais da AD. Já o último tipo ideal proposto por Alencar (2013), o assembleianismo difuso, tem seu pertencimento às ADs mais nas expressões básicas, como o consagrado “- Paz do senhor, irmão!”, hinários, entre outras. Controle de moralidades e características teológicas neste são relativizadas, de acordo com o contexto e público-alvo que a igreja atinge.

A partir de apurada análise sobre a formação e prática dos Ministérios ao longo da trajetória assembleiana, Correa (2013) argumenta que a “ ideia de unidade é bem anacrônica e distorcida no discurso assembleiano (p. 268) ”. Os chamados “Ministérios” foram criados a partir da década de 1940, que teriam como função atuar como um polo unificado em cada cidade visando facilitar a atuação das igrejas locais

e evitando concorrências dentro de um determinado território (Ibidem). Estes Ministérios também são conhecidos como “Igrejas mãe” e junto com suas congregações e pontos de pregação formam um “campo”²⁶. Contudo, esses Ministérios passaram a ter cada vez mais autonomia, e a figura do pastor-presidente adquire similaridade com a de um Bispo Católico (Ibidem), criando-se um sistema de governo eclesial que mistura congregacionalismo e episcopalismo. A medida que estes “campos” vão se desenvolvendo e expandindo sem qualquer controle externo, e lidando com realidades e públicos distintos, eles vão se diferenciando entre si. A primeira grande cisão ocorre ainda na década de 1940, quando o pastor Paulo Leivas Macalão, que nunca aceitou plenamente submissão aos pastores suecos e sempre teve um estilo pastoral diferenciado, rompe com a igreja mãe de São Cristóvão/RJ e organiza sua obra nos subúrbios cariocas, onde posteriormente é criada a Igreja Assembleia de Deus em Madureira, que depois viria a ser o “Ministério de Madureira”. Este é o exemplo mais claro de como as ADs vão crescendo autonomamente, moldadas pelos seus pastores-presidentes, expressão também criada por Paulo Macalão (CORREA, 2013).

Desta forma, vários Ministérios são criados e à medida que vão crescendo, acabam “invadindo” o espaço de outro ministério. Os grandes “campos” têm congregações espalhadas em várias cidades e estados brasileiros, alguns até no exterior. As identificações territoriais como “AD em São Cristóvão”, “AD Belém”, etc. perdem seu sentido original e não raro, muitas ADs não possuem mais nomenclatura vinculada a um bairro ou cidade. As convenções estaduais e nacionais, que na prática são convenções de pastores e não de igrejas (Ibidem), não tem qualquer ferramenta de controle sobre os Ministérios. Correa (Ibidem) ainda afirma que com o crescimento, a expansão e a modernização dos mesmos, eles já podem ser comparados a um sistema de franquias que competem no mercado religioso por fiéis, recursos e poder. Fajardo (2015) também salienta que a AD não é “um bloco monolítico e uniforme”. A igreja está “fragmentada em uma série de grupos independentes que podem ou não guardar semelhanças entre si (Ibidem)”. O autor também argumenta que o próprio crescimento da igreja é fruto de sua dinâmica interna fragmentada, configurando um “esgarçamento institucional”, que não representou desestruturação ou esfacelamento

²⁶ No contexto da pesquisa, os informantes quase sempre usavam a expressão “campo” para se referir a ADM como um conjunto de igrejas formadas pela Matriz, as congregações (filiais) e pontos de pregação.

da denominação, mas “permitiram às ADs desenvolverem uma forma *sui generis* de agregar suas diferentes cisões internas em torno de uma mesma plataforma denominacional (Ibidem)”. Assim, cada contexto distinto de “demanda espiritual” poderá ser suprido por uma AD diferente, seja em situações que requeiram mais curas ou menos escatologias, mais ou menos fervor, mais ou menos ênfase em bens materiais, terá uma AD distinta que será capaz de suprir essa “demanda”.

Contudo, agora uma questão se coloca: em meio a essa grande diversidade, ainda resta algo que dê unidade à AD? Fajardo responde positivamente, argumentando que há uma espécie de “assembleianismo mínimo”, que fora construído historicamente e se expressa em atividades litúrgicas e comportamentais que distinguem as ADs de outras igrejas pentecostais, que é expresso em práticas e representações sociais que se manifestam em maior ou menor medida nas atividades cotidianas das ADs espalhadas pelo país, bem como no comportamento típico dos assembleianos. “É na diferente dosagem entre rupturas e continuidades de diferentes aspectos destas práticas que cada Ministério desenvolve sua identidade particular no campo religioso assembleiano (Ibidem).” Os dados obtidos por nossa observação na Baixada Fluminense confirmam a tese de Fajardo, uma vez que mesmo frente ao grande número de ADs na região – condizente com seu desenvolvimento fracionado típico observado por todo o país – as igrejas mantêm um esforço de permanecer com sua imagem e identidade ligadas, mesmo que estabelecendo diferentes estratégias para tal.

Desta forma, a partir destes argumentos expostos, pode-se dizer que a fragmentação é uma característica marcante na trajetória da AD e não se trata de um fenômeno novo. Porém, esse movimento vai se aprofundando conforme o campo religioso e a própria sociedade brasileira vão se complexificando. Também se trata de um fenômeno sem paralelo no contexto do campo pentecostal no Brasil (a Igreja Batista também possui grande diversidade interna, mas neste caso específico é uma característica sua que se apresenta mundialmente), e talvez por isso não seja tão percebido e bem compreendido pela imprensa como pela academia, que tende a representar a igreja como um bloco monolítico. Contudo, essa aparente confusão também é utilizada por algumas lideranças da igreja, que acabam disputando o “controle” das narrativas assembleianas no debate público, o que foi exemplificado nos eventos comemorativos que marcaram o centenário da igreja no Brasil, em 2011, quando vários líderes buscavam capturar o sentido da festividade de acordo com seus

próprios interesses. No campo da política esta dubiedade também se faz presente, quando alguns candidatos se apresentam como representantes de uma igreja em específico, mas não sem dialogar com as outras correntes assembleianas e evangélicas em geral. E também acontece de outros candidatos se apresentarem como representantes da denominação como um todo. Tudo sempre se adaptando de acordo com a complexa dinâmica da própria sociedade brasileira.

3.6 A Assembleia de Deus Meritiense: um breve perfil

As ADs começam a ser organizadas no Rio de Janeiro na primeira metade da década de 1920, com a chegada de alguns membros vindos do Pará em 1923. Contudo, a primeira igreja é fundada em 30 de abril de 1924, no bairro de São Cristóvão, zona norte da então capital federal (CONDE, 2008). Esta mesma igreja vai ser pastoreada por um dos fundadores suecos, o missionário Gunnar Vingren. E é justamente a partir desta igreja que a AD se expande no Rio de Janeiro. Já na região da Baixada Fluminense, a partir deste impulso missionário, as primeiras igrejas são fundadas em Belford Roxo (1925) e Duque de Caxias (1930), que então eram distritos do município de Nova Iguaçu.

A AD de Duque de Caxias foi crescendo gradativamente, sendo que as reuniões iniciais aconteciam nas casas dos membros, até que foram transferidas para um salão e posteriormente, em 1942, é inaugurado seu templo (Ibidem). O município de Duque de Caxias é emancipado de Nova Iguaçu em 1943 e experimenta notável crescimento populacional (ALVES, 2003). A AD da cidade também cresce nas décadas seguintes, e em 1966, quando este “Ministério” possuía cerca de 11 mil membros, seu pastor presidente decide emancipar 10 congregações de seu campo²⁷, entre elas a ADM (nome fictício), que havia sido construída em 1963, e inaugurada no ano seguinte, no município de São João de Meriti, vizinho de Duque de Caxias.

Desta forma, esse novo “campo” já nasce com uma subcongregação, com a peculiaridade de que esta é a igreja mais antiga do campo, uma vez que foi fundada

²⁷ Mensageiro da Paz, Ano 36, nº 22. Segunda quinzena de novembro de 1966.

em 1956, provavelmente²⁸ a partir de um ponto de pregação na casa de um membro da AD de Duque de Caxias que viera a estabelecer sua moradia na região. Segundo apuramos, a sede do “campo” foi escolhida não pelo critério da antiguidade, mas pelo tamanho e de quem as liderava – a futura matriz era maior e liderada por um pastor, enquanto a congregação mais antiga era menor e tinha como líder um presbítero. Desde então, o “campo” da ADM experimentou significativo crescimento, e atualmente conta com 16 igrejas filiadas, além da matriz. Durante sua trajetória, a ADM teve apenas 3 pastores-presidentes, sendo que o primeiro a presidiu de sua fundação até 1980, quando o segundo pastor-presidente assume o cargo e permanece até a sua morte em 2011, ano é eleito o atual mandatário. Do ponto de vista institucional, a ADM é ligada a Convenção Evangélica das Assembleias de Deus no Estado do Rio de Janeiro – CEADER-RJ e a CGADB²⁹.

Sobre a preservação de sua história e memória, há um esforço incipiente e recente de seu resgate. Segundo relatos, em 2011, a igreja comemorou a celebração do centenário da AD no Brasil, enviando alguns para as festividades em Belém do Pará. Já em 2014 foi a vez de comemorar o jubileu de ouro da igreja ADM. Todas as congregações se reuniram na sede para uma grande confraternização muito parecida com o formato do congresso de jovens, com um culto com louvores, presença de um grande coral e a manifestação dos dons espirituais. Num dos dias do evento de celebração na ADM, segundo relatos por nós colhidos, houve uma homenagem aos pioneiros da igreja e crianças caracterizadas representando irmãos e irmãs que marcaram a história da AD no Brasil. Mas foram ainda, segundo o que se apurou, somente esses acontecimentos de resgate da história local. Contudo, há um projeto em andamento, ainda em início, de se produzir uma história da igreja, utilizando fontes orais e documentais. Este projeto é liderado por um dos pastores da igreja matriz e uma historiadora membro da igreja.

Também é importante salientar que a ADM realiza trabalhos de assistência. Um destes trabalhos, por exemplo, é um serviço de coleta de alimentos, que são destinados as pessoas mais pobres das congregações, como senhoras solitárias sem

²⁸ O episódio de fundação da primeira congregação do campo da ADM carece de documentos, o que dificulta reconstruir de forma mais precisa sua trajetória.

²⁹ É válido ressaltar que as Convenções citadas são associações de pastores e não de igrejas, de tal modo que a ligação da ADM com estas instituições é estabelecida através da filiação institucional de seus pastores.

renda ou chefes de família que se encontram desempregados momentaneamente. Também são realizados trabalhos pontuais recolhimento de mantimentos e roupas para vítimas de enchente, que são comuns na região, sobretudo no verão. É importante ressaltar que o referido trabalho, que é significativo no contexto do local, não ganha qualquer tipo de publicidade na própria igreja. Estas informações foram obtidas em conversas informais com alguns membros da ADM. O grupo da mocidade é um dos mais engajados nestas atividades.

Utilizando a tipologia dos assembleianismos proposta por Alencar (2013) para situar a ADM, pode-se afirmar que esta igreja tem características dominantes de um assembleianismo rural, uma vez que há significativa ênfase nos usos e costumes tradicionais (principalmente para com os jovens), estrutura tradicional da liderança, identidade confessional coesa, cultos com estrutura também tradicional, ênfase nos dons do espírito santo e escatologia ainda bastante presente. As lideranças da igreja também rejeitam vinculações e apoio financeiro com políticos profissionais, mesmo que sejam membros do campo. Seus dirigentes esforçam-se em evitar que seus púlpitos virem palanques políticos. A teologia da prosperidade, já presente em algumas ADs, é rejeitada e criticada na ADM, tanto nas palavras de seus pastores e líderes como suas práticas litúrgicas cotidianas. A igreja, no que diz respeito a relação com suas congregações filiais, mantém um padrão tanto do ponto de vista arquitetônico quanto na liturgia e demais práticas. Embora situada numa zona urbana (periférica) e lidando com a concorrência de várias outras igrejas pentecostais, inclusive de outras ADs, a ADM tem preferido demarcar sua identidade no mercado religioso local com a simbologia da tradição. Um dos líderes da igreja, reforçando o discurso de valorização da tradição enquanto marca da ADM no contexto dos assembleianismos locais, nos afirmou que “observando as igrejas que, no passado optaram por serem mais liberais em matéria de doutrina e usos e costumes, podemos dizer que em sua maioria estas igrejas fecharam, pois não conseguiram manter seus membros”. Contudo, a igreja matriz não abre mão de algumas facilidades tecnológicas: conta com cadeiras padronizadas, ao invés dos bancos de madeira. A igreja também conta com ar-condicionado, projetores do tipo *Data show*, sistema de som e instrumentos musicais como guitarra elétrica, bateria e violino. Algumas de suas congregações também contam com estas facilidades, outras não. Nos cultos são cantados tanto louvores da Harpa Cristã como músicas *gospel* de sucesso,

características que já remetem ao assembleianismo urbano caracterizado por Alencar (2013).

Observando um pouco da visão da ADM sobre a juventude, de um modo geral, a mocidade assembleiana é vista como o “futuro da igreja” (junto com as crianças) e desta forma merecedora de muita atenção e também preocupação por parte dos pastores e lideranças. Todos os líderes da AD ouvidos ressaltaram que os maiores desafios que a igreja se coloca frente aos jovens é estabelecer formas e estratégias que os encaminhem para um caminho condizente com a chamada “palavra”, ou seja, a moralidade cristã. Isto porque os jovens são tidos como sendo o grupo mais vulnerável às tentações do mundo, sendo que ainda segundo o relato dos líderes, é justamente nesta faixa etária que ocorrem a maioria dos “desvios”. Outro desafio relatado, ainda dentro deste contexto, é o estabelecimento de estratégias eficientes por parte dos líderes visando capacitar a juventude da igreja a saber se posicionar a respeito de sua fé. Mas este posicionamento é cobrado a partir de atitudes e comportamentos previamente esperados, condizentes com os códigos de conduta estabelecidos. Também foi mencionado como uma questão relevante é manutenção da postura coerente dos jovens em relação aos seus comportamentos dentro e fora da igreja, que deve ser a mesma. Desta forma, é salientado que mesmo que esteja convivendo em um grupo distinto da realidade na igreja, a manutenção do mesmo estilo de comportamento, assim como os usos e costumes tradicionais da AD. Aos serem questionados como conseguir êxito nestas estratégias, os líderes mencionaram que os principais caminhos seriam: a cautela, sem a qual se pode perder o canal de comunicação com a juventude; observação, importante para que se possa detectar os problema e dificuldades enfrentadas pela mocidade, assim como a escolha de sua abordagem; e o exemplo, pelo qual é possível realizar a cobrança – até porque alguns dos líderes dos departamentos de mocidade também são jovens.

Uma vez revisitada a trajetória das ADs desde seus primórdios em Belém do Pará até a apresentação do caso da ADM em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, veremos no próximo capítulo um pouco mais das características dos jovens membros desta última igreja, seguido de uma proposta de caracterização identitária dos mesmos.

4 A JUVENTUDE ASSEMBLEIANA: UM PERFIL DOS JOVENS PESQUISADOS E UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO IDENTITÁRIA

Foge também das paixões da mocidade, e segue a justiça, a fé, o amor, a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor.

2 Timóteo 2:22

Como foi visto no capítulo 2, a discussão acerca do conceito de juventude é complexa e fonte de controvérsia. Já a problemática sobre a relação da religião com a juventude tem ganhando mais corpo nos últimos anos no Brasil. Desta forma, a partir de tais discussões, tomaremos como objetivo deste capítulo apresentar as principais características dos jovens assembleianos da ADM, assim como apresentar algumas questões relevantes de como eles pensam sobre si próprios. A partir destas informações, será feita uma proposta de pensar como se configura uma identidade jovem assembleiana, pensando especificamente no grupo pesquisado. Tal exercício mostra-se necessário, pois, como será visto no desenvolvimento deste trabalho, esta identidade é um fator que vai se tornar relevante na construção vivência e práticas das amigadas do grupo. Para tal, defende-se a tese que existem dois elementos centrais que vão caracterizar tal marco identitário: os usos e costumes e a relação do jovem com o chamado “mundo”. Desta forma, o presente capítulo se divide em duas partes. Na primeira, iniciaremos a discussão apresentando algumas das características dos jovens pesquisados, apresentando alguns dados que não estavam presentes no capítulo 1, enfatizando a condição familiar, faixa etária, distribuição por sexo e origem do pertencimento religioso. Depois discorreremos sobre a questão do significado de ser jovem para o grupo pesquisado, com base nas amostras de cunho quantitativo e qualitativo. Na segunda parte do capítulo, vamos desenvolver uma proposta de caracterização de uma identidade juvenil assembleiana, dialogando com a literatura sobre identidades no campo das Humanidades, bem como se utilizando dos dados colhidos ao longo da pesquisa. Para dar maior densidade a nossa proposta, nos socorreremos de algumas das contribuições de Weber, especialmente sua formulação ideal típica de religiosidade congregacional; e de Bourdieu, tomando emprestado seu conceito de *habitus*.

4.1 Algumas características familiares e socioeconômicas dos jovens assembleianos

Como já foi dito no capítulo 1, podemos situar a condição socioeconômica dos jovens entrevistados como pertencentes à camada popular, seguindo a tendência de predomínio do pentecostalismo apontada pela literatura, como visto no capítulo anterior³⁰. Observando a história familiar dos entrevistados, foi constatado que algumas poderiam ser classificadas como de formação familiar nuclear, onde coabitam apenas os pais e seus filhos, mas também foi verificado um significativo número de famílias recombinadas, uma vez que os pais dos jovens se divorciaram, tendo se casado novamente ou não.

É importante mencionar estas informações pois um dos valores mais presentes nos discursos dos jovens estudados é a valorização da família enquanto instituição, do mesmo modo que reconhecemos que relação entre família e religião é dotada de significativa importância no contexto das novas configurações que ambas têm se desenvolvido na sociedade brasileira contemporânea (DUARTE et. al., 2006). Deste modo, alguns dados acerca dos jovens entrevistados são úteis para que se possa ter uma compreensão mais detalhada das suas vidas e trajetórias. Daqueles que estudam no ensino médio, apenas Cristiano o faz em escola privada e dos que cursam o ensino superior, apenas Viviane não trabalha para custeá-lo. Ela também é a única entrevistada maior de idade que não trabalha, tendo tempo integral para seus estudos. Walter é o único que não trabalha ou estuda, mas estava procurando emprego à época de sua entrevista. Do ponto de vista do trânsito religioso, somente Jorge converteu-se após a infância, levado à igreja por um amigo. Todos os demais têm pai ou mãe evangélicos, alguns praticantes, outros “desviados”³¹. Todos foram batizados nas águas, indo de acordo com a tradição da ADM de batizar os seus membros jovens aos 14 anos de idade. Ainda na questão familiar, os pais de Kelly, Jorge, Walter e Mara são divorciados, e o pai de Viviane faleceu. Somente Vera não mora com os

³⁰ Como optamos em elaborar um questionário mais curto e direto, com o objetivo de ser respondido em pouco tempo e por um número maior de jovens, as informações familiares e socioeconômicas foram obtidas apenas através das entrevistas em profundidade.

³¹ “Desviado” é expressão êmica que designa a pessoa que já teve trajetória na igreja evangélica, mas no momento não a frequenta mais.

pais, residindo com um irmão mais velho, divorciado. Nas tabelas seguintes temos a distribuição dos respondentes do questionário, por faixa etária e sexo, que julgamos refletir com proximidade o perfil da mocidade da ADM.

Tabela 3 – Distribuição dos jovens por faixa etária

Faixa etária	Frequência
14-17 anos	47
18-21 anos	32
22-24 anos	21
Total	100

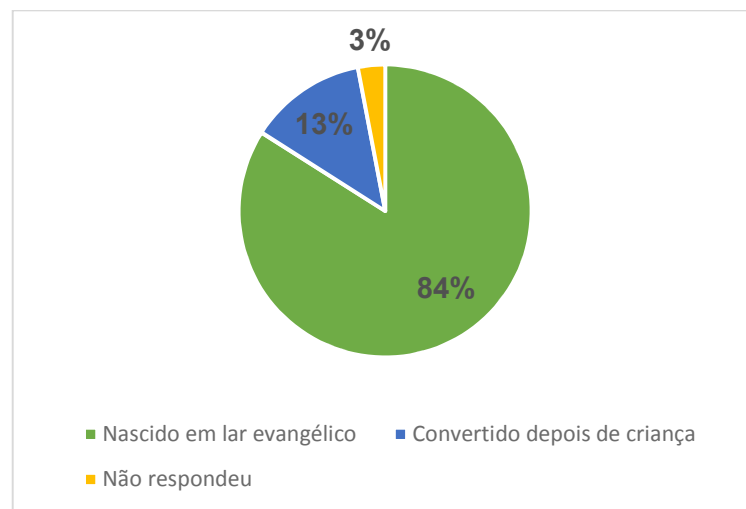
Tabela 4– Distribuição dos jovens por sexo

Faixa etária	Frequência
Feminino	65
Masculino	35
Total	100

Conforme pode ser verificado, há uma tendência de um número maior de mulheres frequentando e participando das atividades regulares da igreja, confirmando tal predominância verificada pela literatura (MARIZ 1994a, MACHADO; MARIZ; 1997, MACHADO, 1996, entre outros). Segundo foi apurado, esta distribuição por sexo também se faz presente nos membros adultos e idosos da igreja, assim como ela já vem sendo observada nas gerações anteriores da membresia da ADM. Sobre a distribuição etária, foi verificada a tendência de um número maior de membros da juventude nas faixas etárias mais jovens. Possivelmente este fato pode ser explicado pela própria dinâmica de ocupação do tempo, onde os mais velhos têm menos tempo para assumir um maior comprometimento com as atividades da igreja, assim como o fator do casamento, uma vez que quando o membro da AD casa, ele sai da mocidade e passa a integrar os grupos de varões (homens) e irmãs (mulheres).

Sobre a questão da origem da filiação religiosa dos jovens, temos duas opções possíveis: ser “criado no evangelho”, que significa que o jovem já nasceu em uma família evangélica; ou ter se convertido depois de criança, marcando uma opção clara e individual de aderir à esta religiosidade. Assim, foi observado que a grande maioria dos jovens da ADM nasceram em lar evangélico, conforme pode ser visto no gráfico 5:

Gráfico 5- Origem da filiação religiosa dos jovens



Alves (2009) salienta que tal diferenciação é relevante no processo de vivência e experiência da religiosidade entre os jovens assembleianos de Recife, onde foi desenvolvida sua análise. Para a autora, os jovens convertidos tendem a ser mais dedicados e obedientes às normas, pois eles escolheram ser parte da igreja e persistiram mediante as dificuldades surgidas a partir de sua conversão, enquanto os jovens que “nasceram” na igreja tendem a ser um pouco mais “relaxados”, pois seu processo de socialização religiosa deu-se de forma “natural”. Contudo, é salientado que tal dicotomia não pode ser isolada de outras marcações, como escolaridade, gênero e localização centro/periferia.

4.2 O que é “ser jovem” para a mocidade assembleiana?

Tal como foi discutido em capítulo anterior, definir o que é ser “jovem” em termos teóricos não é uma tarefa fácil, uma vez que a categoria “juventude” pode ser construída a partir de vários recortes e questões analíticas. Assim, quando perguntados “o que ser jovem para você? ”, alguns dos entrevistados começam a elaborar suas respostas demonstrando dificuldades em responder, enquanto outros relataram que nunca tinham pensado nesta questão. Em geral, foi salientado que é a juventude seria uma fase de a vida em que começam as responsabilidades, o que dentro do contexto socioeconômico destes jovens implica muitas vezes em ajudar nas despesas do lar, e também de escolhas que vão perdurar por toda a vida. E dentro da tradição assembleiana, tais escolhas que são feitas na vida e no cotidiano, tem impacto em sua existência para além da vida na terra. Por isso as escolhas são tão importantes e geram tantas dificuldades. Vejamos alguns relatos sobre esta questão:

Ser jovem... é difícil essa pergunta, ah eu acho que é fazer escolhas, eu acho que como estamos na juventude eu acho que estamos na época de fazer escolhas. Tanto no pessoal, profissional, na igreja, por isso que, tipo assim, na juventude é a época que mais saem pessoas da igreja, e também é quando mais entram na igreja, juventude é isso, fazer escolhas. Existem vários desafios em ser jovem, como a inexperiência, o conflito diário, ser jovem é difícil, em relação ao primeiro emprego, relacionamento amorosos, amizades... é muito complicado (VIVIANE).

(Ser) jovem hoje é apenas uma parte no qual temos aprendido e vamos descobrir o verdadeiro sentido da vida. Nos tornamos pessoas mediante a tudo aquilo que vamos aprendendo nesse ciclo dos 12 aos 19 anos, 12 até 18, 19 anos, a gente aprende a ser uma pessoa, a gente aprende mais sobre a vida (CRISTIANO).

Eu acho que o jovem está no estágio em que ele está começando. Mas ele também tem muitos e muitos pensamentos, ele já está no estágio da sua vida que você tem o que? Você tem maturidade *pra* saber o que você quer fazer. Aí já vai muito na área profissional. Ou seja, eu acredito que os jovens eles têm um pouco de desafios, na questão do emprego na questão do estudo e também importante que você tem que estudar *pra* o que você quer fazer. . . Eu também acredito que em (na esfera dos) relacionamentos também tem que ter tem algumas dificuldades. Mas mesmo assim é como temos dificuldades em várias e várias áreas talvez seria isso mesmo (FÁBIO).

Ser jovem é aquela alegria né? Tem a alegria do jovem, ter aquela coisa eufórica, tem muita coisa *pra* aprender, mas a gente fala que só sabe de muita coisa. E na verdade, a gente não sabe, a gente não, então tu ainda não sabe. A gente pensa que sabe muita coisa, mas ainda não sabe, a gente tem muita coisa *pra* aprender ainda mas também é muita alegria, muita diversão e aprender coisas novas. Também temos muitos problemas (DINORÁ).

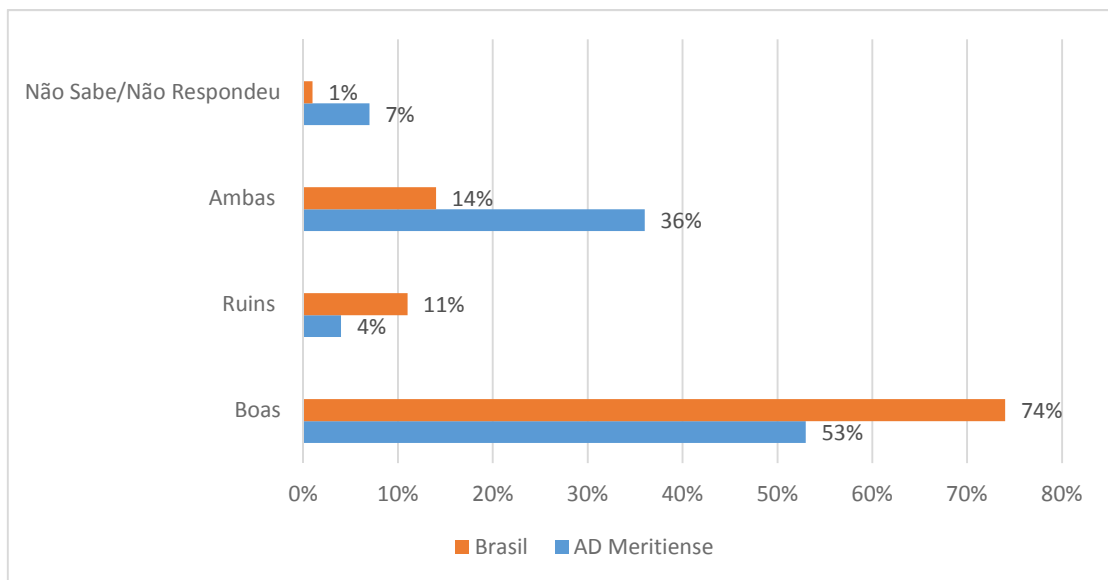
Ser jovem eu acho que é assim. O jovem brinca mais, ele se diverte, ele zoa. Mas na verdade vamos supor, quando vamos conversar com uma pessoa mais velha, que não seja um jovem, a gente não consegue porque, tipo assim, porque a gente fala várias gírias assim e ele já não entendi muito que a gente conversa (JUDITE).

Ainda sobre a questão das escolhas, foi muito presente a idealização de um futuro mediante as decisões que vierem a ser tomadas. Também foi relatada a dificuldade de fazer as escolhas certas, devido à imaturidade e não conhecimento de certas questões que se apresentam nas várias esferas da vida dos jovens. Outra questão relevante que aparece na análise dos relatos é a importância do aprendizado, assim com considerar a juventude um tempo onde se faz muitos aprendizados. É o tempo, segundo os jovens assembleianos, em que se conhecem novas faces da vida e outros círculos sociais são conhecidos. Eles reconhecem o valor do aprendizado e da educação para a vida profissional, um tema que também é uma de suas grandes fontes de preocupação. Também foi ressaltada a importância do aprendizado na esfera religiosa, quando os jovens começam a ter mais maturidade e compreensão de mais coisas na vida espiritual. Uma juventude proveitosa seria aquela que os jovens tiram boas lições de seus aprendizados e experiências. E com este aprendizado vem a questão das responsabilidades, outro tema que aparece com destaque nos relatos sobre o que ser jovem. Elas tendem a crescer, segundo os jovens, pois novos desafios são impostos pela vida na sociedade, como emprego e vida amorosa. Alegou-se também que muitos jovens, embora precisem ter responsabilidade, não querem tê-la, e isso gera dificuldades e conflitos na própria vivência juvenil.

As dificuldades da vida na juventude também são um tema que aparece com muita frequência nas narrativas sobre o significado de “ser jovem”. Para Jorge, “o desafio para os jovens é receber a aceitação da sociedade. (Pois) no fim das contas, é muito difícil para o jovem conseguir aceitação, por isso o jovem é muito inconsequente, a sociedade cobra muito dele”. Ressalta-se nesta fala a associação da “inconsequência” juvenil com questão da aceitação. Para Paulo, uma grande dificuldade é conseguir aceitação social mediante as dificuldades materiais que surgem na trajetória dos jovens, que além de serem um problema em si, ainda existiria uma pressão pelo sucesso, pois “a sociedade impõe que antes dos 30 anos você tem que ter a vida estabilizada, ter uma casa e às vezes não é isso que acontece”.

Apesar das dificuldades, os jovens assembleianos demonstram otimismo na sua condição juvenil. Quando perguntados se achavam que havia mais coisas boas ou ruins em ser jovem, a maioria respondeu positivamente, embora um número significativo respondeu que podem tanto ter coisas boas como ruins. Em comparação com a mesma pergunta feita para jovens brasileiros em um contexto nacional, verificou-se que os jovens assembleianos são um pouco menos otimistas, conforme podemos verificar no gráfico adiante:

Gráfico 6 - Opinião sobre ter mais coisas boas ou ruins em ser jovem. Comparativo entre jovens da AD Meritiense e Brasil



Fonte da pesquisa nacional: Perfil da juventude brasileira. In: FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2003.

Um das possíveis causas que podem vir a explicar um otimismo menor com a condição juvenil entre os jovens assembleianos, desconsiderando possíveis variações de ordem socioeconômicas e demográficas, são as dificuldades impostas pelas pressões oriundas da própria identidade assembleiana, que como será visto adiante, tornam as escolhas de vida mais restritas e complexas. Outro fator a ser considerado é a questão da classe social, uma vez que a pesquisa nacional abordou jovens de todas as camadas socioeconômicas, enquanto que o público alvo da ADM está em sua maioria situado na camada popular.

Desta forma, podemos dizer que a experiência da condição juvenil entre os jovens assembleianos da ADM mostra uma grande diversidade de possibilidades e riqueza de dados a serem exploradas com mais profundidade. As moças e rapazes

compartilham das mesmas angústias, dúvidas, problemas e alegrias dos jovens brasileiros, embora diferenciando-se também da média, principalmente na questão de valores pessoais, onde mais se faz sentir a influência de sua adesão religiosa, como será visto a seguir.

4.3 Identidade, religião, pentecostalismo e assembleianismos: alguns apontamentos teóricos

Provavelmente, o conceito de identidade é um dos mais estudados e utilizados nas reflexões das Ciências Humanas na atualidade e muito tem se debatido sobre sua abrangência e seus limites na modernidade tardia ou pós-modernidade, sendo alguns dos trabalhos mais notórios as reflexões de Bauman (2005), Castells (1999), Giddens (2002) e Hall (2011). De acordo com a concepção clássica do conceito no âmbito da Sociologia, a identidade é um elemento chave da realidade subjetiva, derivada da dialética entre indivíduo e sociedade (BERGER e LUCKMANN, 1976), sendo elaborada pelos sujeitos de forma relacional e pelo contraste no exercício de seus papéis sociais (GOFFMAN, 1988). Mais recentemente se têm enfatizado a estreita relação entre identidade e diferença (WOODWARD, 2009) e com a produção dos discursos (MOITA LOPES, 2003). Todavia, esta tese não tem a intenção de promover uma reflexão sistemática sobre o conceito e suas implicações teóricas, mas apenas compreender como um tipo muito específico de identidade – no caso a assembleiana – se relaciona com as relações de amizade.

Contudo, é oportuno resgatar por um momento a reflexão de Hall sobre a identidade no contexto contemporâneo. Segundo o autor, a identidade cultural na modernidade tardia está sendo modificada devido a um processo de fragmentação do sujeito moderno. Assim, poderíamos pensar em identidades atreladas a três “sujeitos”: o “iluminista”, que, grosso modo, estaria centrada no indivíduo moderno racional, cujo centro da ação consistia no núcleo interior da pessoa; o sujeito “sociológico”, tributário da tradição da sociologia interacionista, no qual a identidade é formada a partir da interação do “eu” com a sociedade (HALL, 2001), preenchendo o espaço entre o mundo pessoal e público, a identidade se dá através da alteridade, costurando o sujeito à estrutura. Já a identidade do “sujeito pós-moderno” guarda a característica

supracitada de ser constituída na interação individual com a sociedade, mas torna-se móvel, provisória e politizada. O indivíduo pode ter várias identificações, algumas delas até contraditórias. Por isso,

À medida em que sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2001, p.13).

Esta síntese que Hall nos oferece sobre como as identidades vividas, elaboradas e reelaboradas pelos sujeitos na sociedade contemporânea nos parece fundamental para uma compreensão mais adequada acerca do fenômeno da identidade jovem assembleiana, uma vez que permite interpretar os distintos discursos e práticas produzidas não apenas em termos de contradições, mas de reconstruções socioculturais.

Pensando a questão da identidade na sua interface com a religião, para Berger (1985) a identidade social “como um todo pode então ser apreendida pelo indivíduo como algo sagrado, assentado na ‘natureza das coisas’, criado ou querido pelos deuses. Como tal, perde seu caráter de produto de atividade humana” (BERGER, 1985, p.107). Essa correlação entre a religiosidade e a identidade é útil para pensar como se dá o complexo processo de incorporação dos valores do pentecostalismo assembleiano na formação da identidade dos jovens em meio aos mecanismos de ressignificação das instituições, como a igreja, no contexto da sociedade contemporânea. É importante salientar também a noção de “perda de sentido” vivenciada pelo indivíduo na modernidade a partir do “relativismo dos sistemas de valores e interpretações” (BERGER e LUCKMANN, 1976). De certa forma, a teorização de Berger (com a contribuição de Luckmann) acerca da chamada “crise de identidade” contemporânea já antecipava questões que seriam problematizadas distintamente mais tarde no âmbito da Sociologia e das Ciências Sociais em geral.

Já refletindo mais especificamente sobre questão da identidade pentecostal, parte significativa da literatura elabora e desenvolve a tese que a conversão ao pentecostalismo marca uma adesão exclusiva e individual, caracterizado pela desvalorização da continuidade entre a vida cotidiana e social progressa do “crente” e as suas práticas religiosas, defendendo-se a ideia de rompimento, simbolizado pela

expressão “novo nascimento”, no qual a pessoa que se identifica enquanto pentecostal o faz a partir do seu comprometimento com novas práticas de vida e de fé (SANCHIS, 1994; MARIZ, 1994b, MAFRA, 2001; BIRMAN, 2009)”. Neste sentido, reforçando a ideia que a conversão pentecostal exerceria o papel de “livrar” o crente da fluidez característica da identidade pós-moderna, Sanchis coloca que:

A identidade pentecostal demarca os campos e define uma adesão exclusiva. A opção é de um sujeito, que assume uma identidade única, que repercute na totalidade de uma orientação existencial, que ela organiza. O fenômeno do ‘Batismo no Espírito Santo’ estabelece um corte, o fim da dispersão identitária, uma reorientação centralizada e centrípeta. Não se é mais ‘isto’ e ‘aquilo’ ao mesmo tempo (SANCHIS, 1994: 47).

Agora tratando especificamente sobre a identidade assembleiana, Delgado (2008) coloca que a AD mantinha tais marcas de identidade definidas, sendo facilmente perceptível “cimentada nas bases da identidade batista congregacional, modelo de governo eclesial sueco, na ênfase na autoridade bíblica, na ética comportamental dos puritanos, e na mística pietista do metodismo (DELGADO, 2008, p.151)”. Contudo, a partir da concorrência das igrejas neopentecostais, a AD passou por a ter sua identidade transformada, pois tem adotado práticas que tendem a “um sincretismo cultural”, atualmente utilizando “linguagens mágicas, que são supersticiosas e pertencentes a outras religiões”. Contudo, para o autor, “esse sincretismo cultural e religioso modificou a identidade assembleiana, mas não a ameaça, ao contrário é uma estratégia de convertimento” (DELGADO, 2008, p.155).

Por sua vez, Alencar (2013), argumenta que as ADs vêm continuamente transformando sua identidade ao longo de sua trajetória. Como visto no capítulo 4, o autor elabora sua análise apoiado em uma tipologia por ele construída onde a história da igreja pode ser pensada em três fases, cada qual com uma identidade marcante. Desta forma, para o autor, “ a identidade será construída a partir de seis elementos: Ministérios, Convenções, Educação Teológica, Relações de Gênero e Templos (ALENCAR, 2013:36) ”. Tais elementos vão se transformando conforme a igreja vai se consolidando, expandindo pelo Brasil. Assim, as ADs partiriam de uma identidade inicialmente marcada “pela teologia do sofrimento dentro de um contexto de exacerbada escatologia (...) em que as primeiras lideranças vivem na tensão entre a revelação carismática e a oficialização da denominação (ALENCAR, 2013: 145) ”; passariam pelo seu momento historicamente intermediário diante da expansão de

outras igrejas pentecostais no campo religioso brasileiro afirmando sua identificação neste meio a partir de uma “teologia da disciplina”; e finalmente estabelece uma “teologia da competência” que “ agora o habilita a viver no mundo e ganhar a luta”, no contexto da explosão da fragmentação assembleiana expressa nos múltiplos “assembleianismos”, onde a igreja caminha para a consolidação como a maior denominação evangélica brasileira e se constituindo naquilo que o autor vai designar como uma “corporação pentecostal” (ALENCAR, 2013). Segundo a análise de Fajardo (2015), alguns Ministérios se apresentam como guarda da fiel tradição assembleiana, forjando sua identidade a partir desta particularidade conservadora, enquanto outros se legitimam no campo assembleiano justamente pela adesão à um “novo jeito de ser assembleiano, mais adequado ao sujeito moderno”. Por sua vez, Gandra (2013), pensando sobre a relação entre as disputas identitárias no interior do campo pentecostal brasileiro, salienta que é relevante “se falar em identidade no universo complexo dos evangélicos, pois ao mesmo tempo em que se acessa uma identidade ampla, busca-se o reconhecimento de uma identificação local”.

Institucionalmente, a AD, ou pelo menos os órgãos que reivindicam representar a igreja no contexto do campo religioso brasileiro, tem se esforçado para manter uma identidade baseada na sua tradição já centenária, assim como em suas tradições, doutrinas e usos e costumes. Um caso exemplar de tal esforço pode ser constatado na Resolução do 5º Encontro de Líderes da Assembleia de Deus – ELAD, em 1999:

Não é necessário copiar. **Nós somos pentecostais clássicos. Isso significa que somos modelos para os outros.** São eles, portanto, que devem aprender com as Assembleias de Deus e não nós com eles, em matéria de doutrina pentecostal. É muita falta de bom senso e de respeito para com nossa denominação copiar de grupos neopentecostais, que sequer sabemos quem são, nem de onde vêm e nem para onde vão. Com a avalanche de igrejas neopentecostais, liturgias e crenças para todos os gostos têm levado alguns de nossos líderes a se fascinarem por esses movimentos, imitando e copiando seu sistema litúrgico. **Ora, quem pertence a nossa igreja não está enganado, são crentes que sabem o que querem, que conhecem nossa doutrina, tradição, usos e costumes e com a nossa forma de adoração.** É também correto afirmar que a maioria se sente bem em nossos cultos de adoração a Deus. As tentativas de mudanças são sempre um fiasco, porque quem não gosta de nossa maneira de cultuar a Deus já saiu, já foi embora para outras denominações. Por que imitar e copiar outros movimentos? **Se eles inventaram suas inovações, certamente as conhece muito melhor que nós.** Quem procura imitar esses movimentos não se identifica com a nossa denominação e nem com a deles. Imitação é sempre imitação. Não conquista os pecadores para Cristo, pois não tem público alvo definido. Não conquista outro público, porque essas pessoas já conhecem a Assembleia de Deus. **Por mais que se queira provar que são**

outros costumes, que as coisas mudaram, não persuade as pessoas, porque as marcas das Assembleias de Deus são muito fortes (Apud DANIEL, 2004: 583-584). Grifos nosso.

O documento traz alguns elementos bons para pensar. Ele começa com uma afirmação de autoridade via antiguidade (caracterizando um reforço daquilo que Weber chamou de dominação tradicional)³² para justificar a relevância e, talvez, a superioridade de sua doutrina face ao crescimento das igrejas neopentecostais. O elemento da tradição é repetidamente acionado como recurso de afirmação para a manutenção das doutrinas, pois, segundo a leitura das lideranças que produziram o documento, “quem está ainda na AD se identifica com tais características”.

Desta forma, pensando no conceito de mercado de bens simbólicos no campo religioso de Bourdieu (2011), o capital religioso oferecido pela AD os “leigos” frente a competição com as outras denominações é justamente a tradição e a resistência às mudanças, que por sua vez são vistas como a entrada “do mundo” no âmbito da igreja. A “imitação” das mudanças pode ser uma tentação, mas não é eficiente, por que as outras denominações, pôr as terem inventadas, sabem fazer melhor que a AD. Como veremos, o uso da tradição, visível mais pelos usos e costumes do que pela trajetória histórica da igreja, será um importante capital simbólico que a ADM, igreja que estudamos a fundo neste trabalho, virá a oferecer aos jovens, e que será por eles reelaborado como uma característica central na construção de sua própria identidade.

4.4 Algumas características da identidade juvenil assembleiana pensada a partir do caso da mocidade da ADM

Apresentados estes apontamentos presentes na literatura, se faz necessário salientar que não é o objetivo deste trabalho reconstruir ou elaborar uma nova teoria ou tipologia que dê conta da(s) identidade(s) assembleiana(s). Nosso intento é pensar como, a partir da vivência na igreja, os jovens se reconhecem enquanto

³² Segundo Weber, o tipo ideal de dominação tradicional se dá quando “a crença cotidiana na santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade” (WEBER, 2000, p. 141).

assembleianos e daí elaboram uma identidade própria. Como será visto, argumentaremos que tal processo de identificação possui dois marcos centrais: os “usos e costumes” e o ideal de separação com o “mundo”. Como visto acima, tais características não representam uma novidade no âmbito da trajetória e do investimento realizado pela AD no Brasil. Todavia, elas revelam como todo o esforço e discurso das lideranças da ADM – uma igreja que se coloca com tradicional no contexto dos assembleianismos – é internalizado e reelaborado pelos jovens.

É relevante apresentar a forma como os jovens pesquisados elaboram sua identidade como assembleianos no âmbito deste trabalho pois, como será visto posteriormente, tal identidade é um fator muito relevante para que se possa compreender os mecanismos de construção e vivência dos jovens – que é a preocupação central desta tese. Feitos estes apontamentos iniciais, passemos a alguns detalhamentos. Uma das perguntas realizadas no questionário aplicado entre os jovens da ADM foi: “Na sua opinião, qual é a maior diferença da Assembleia de Deus em relação a outras igrejas evangélicas? ”. As respostas foram:

Tabela 5- Maior diferença entre a AD e outras igrejas, segundo os jovens

Respostas	Porcentagem
Usos e costumes	62
Tradição Centenária	13
Fervor Religioso	22
Não respondeu	03

De um modo geral, apesar dos investimentos da AD, em especial da CPAD, em valorizar a história da igreja enquanto elemento identitário, parece que tal característica não tem sido reconhecida como fundamental pelos jovens. Se observadas as menções desta opção a partir do recorte de gênero, houve uma tendência maior das mulheres em optar por esta resposta, sendo que 76,9% dos assinalaram tal opção eram do sexo feminino. Já sob o recorte de idade, houve uma concentração nos grupos mais velhos (de 18 a 24 anos), sendo que apenas 6,4% dos jovens entre 14-17 anos (a faixa etária mais numerosa da amostra) a assinalaram. Por sua vez, analisando os dados qualitativos, apenas um interlocutor (Fábio) fez menção

a história da igreja como um ponto relevante para sua identificação enquanto assembleiano, afirmando, uma vez que, quando perguntado “o que é ser assembleiano para você”, respondeu:

(Ser assembleiano é ser da) a minha denominação, é a igreja que eu escolhi, a Assembleia de Deus no campo da Assembleia de Deus Meritiense. Nós vivemos sob a palavra de Deus, sobre os ensinamentos de Jesus, mas muitas pessoas têm seu próprio tipo de pensamento, por isso é que são criados vários outros tipos de denominação, e seguimos também o pensamento dos fundadores da Assembleia de Deus, Gunnar Vingren e Daniel Berg, que fundaram a Assembleia de Deus e tudo aquilo que eles fizeram. Claro, é subir a ordem do Espírito, sob a ordem de Deus e também seguir os ensinamentos de Cristo (FÁBIO).

Também é importante salientar que mesmo em conversas informais e formais com pastores e outras lideranças da ADM, não foi feita nenhuma menção à tradição e a história centenária da igreja, e mesmo quando nós estimulávamos algo do tipo, não foi obtida nenhuma menção significativa para que se pudesse fazer tal associação.

Por sua vez, a questão do fervor religioso tende a ser escolhida entre os jovens da menor faixa etária da amostra, sendo que 54,4% daqueles que assinalaram esta alternativa no questionário se encontram na faixa entre 14 e 17 anos. Já quando analisada sob a perspectiva do gênero, tal aspecto parece ser mais marcante entre as moças, uma vez que 72.5% dos jovens que a escolheram eram do sexo feminino. Esta característica assembleiana também aparece de forma bem mais consistente nos relatos, se comparada à tradição centenária da igreja. Seguem alguns relatos:

Eu costumo ir na igreja na minha irmã, que é a Batista dali do outro bairro, porque às vezes tem festa ou alguma programação pra jovem aí eu vou. É muita diferença, até na hora de orar, tipo, a maioria das coisas a gente faz em pés lá eles fazem sentados. Aqui a coisa é mais quente. Fogo. Fogo pentecostal (DINORÁ).

(Ser assembleiano) é ser fervoroso, quando adoramos e louvamos a Deus não ficamos pra nós mesmos, cantamos alto, adoramos mesmo, festejamos. Os outros falam pra mim, nossa vocês são bem animados, eu falo é isso mesmo, nosso congresso de jovens é o melhor que tem. (VIVIANE).

Eu visitei uma igreja e ninguém dava glória a Deus, ninguém dava Aleluia, eu achei muito estranho porque essa igreja, eu achei estranho não tinha Grupo da Mocidade, não tem grupo das irmãs não tem varões achei estranho aí eu pensei Ah não dá não, eu não conseguiria ficar nessa igreja não já tô com sono dentro dessa igreja. Achei bem diferente da nossa eu habito (MARIA).

(Ser assembleiano é ser) do fogo, Pentecostal. Tem várias denominações e outras igrejas com manifestação do Espírito Santo e outras não têm. E o assembleiano, característico da Assembleia a manifestação do espírito (PAULO).

Como já foi dito, uma das principais formas de identificação é via alteridade. Desta forma, nos relatos podemos identificar que o fervor religioso é considerado como uma característica tipicamente assembleiana a partir da comparação com outras igrejas evangélicas que os jovens conhecem a partir de visitas, relatos de conhecidos ou mesmo experiências familiares. Este “fervor” também é identificado a partir das chamadas “manifestações do espírito”, ocasiões onde alguns dos chamados dons, “que são parte fundamental da teologia assembleiana (FAJARDO, 2015)”, se manifestam. Os principais dons a serem manifestados nestes momentos de fervor, também conhecido como “reteté³³”, são a glossolalia e as profecias.

4.4.1 A relevância dos ‘usos e costumes’ como marca identitária

O esforço para afirmar as diferentes identidades frequentemente tem causas e consequências materiais, uma vez que é comum a associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela usa (WOODWARD, 2009). Fruto de uma interpretação particular de textos bíblicos para estabelecer formas de vestimenta, comportamento e posturas, mas diferenciados de questões estritamente doutrinárias, os usos e costumes são considerados como uma das principais marcas de identificação assembleiana, de acordo com a literatura (SILVA, 2003; ALENCAR, 2003; GANDRA, 2013). Segundo Fajardo (2015):

“Usos e costumes” é uma expressão nativa do campo **que diz respeito principalmente à forma típica de vestimenta e de conduta exigida do assembleiano**: para as mulheres, por exemplo, a proibição do uso de brincos e outros adereços, além da obrigatoriedade do uso de saias ou vestidos. Aos homens o veto ao uso de barba, de bermudas e shorts. Para ambos a proibição de práticas esportivas, de visitas ao cinema e à praia, por exemplo. Os costumes também têm uma dimensão litúrgica, referindo-se à forma como

³³ *Reteté* uma expressão êmica que designa um tipo de movimento ou dança sem controle quando alguém está fora de si envolvido pelo Espírito Santo, em geral durante um culto. Em alguns contextos, também é utilizada como uma categoria pejorativa, associada a um “modismo” e a religiosidades estranhas à tradição pentecostal.

o culto assembleiano se desenvolve. Nas últimas décadas tais costumes têm sido gradualmente abolidos, embora muitos Ministérios ainda se apeguem a diversos de seus aspectos, enquanto outros os rejeitem (FAJARDO, 2015: 105). Grifo nosso.

Os usos e costumes também se constituem como uma grande fonte de preocupação da AD enquanto forma de controle “de autenticidade” da igreja. Como salienta Alencar (2013), embora a AD tradicionalmente não se pronuncie formalmente sobre questões teológicas, os usos e costumes já foram alvo de três importantes documentos “normativos” sobre o tema. No mais recente deles, de 1999, o objetivo geral foi uma atualização das regras, mas sem abrir mão de suas principais características. Neste documento lê-se:

Quando afirmamos que temos nossas tradições, não estamos com isso dizendo que os nossos usos e costumes tenham a mesma autoridade da Palavra de Deus, **mas que são bons costumes que devem ser respeitados por questão de identidade de nossa igreja**. Temos quase 90 anos, somos um povo que tem história, identidade definida e, acima de tudo, nossos costumes são saudáveis (...). Quanto aos oito princípios da resolução (de Santo André, 1975), uma maneira de colocar numa linguagem atualizada é:

- 1- Ter os homens cabelos crescidos (I Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes;
- 2- As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas;
- 3- O uso de pinturas e maquiagem – unhas, tatuagens e cabelos (Lv 19.28 e 2Rs 9.30);
- 4- Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (I Co 11.6, 15);
- 5- Mal uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone (I Co 6.12 e Fp 4.8);
- 6- Uso de bebidas alcólicas e embriagantes (Pv. 20.1; 26.31; I Co 6.10 e Ef 5.18).

5º ELAD 2000 apud ALENCAR, 2013: 369-371. Grifo nosso.

A aprovação do documento supracitado “representou algo inédito na condução de uma das principais marcas identitárias do cristão assembleiano: as normas de usos e costumes (FONSECA, 1999:16)”. Segundo Alencar, o tema dos usos e costumes também subjaz questões importantes no contexto interno da esfera política da igreja, uma vez que traz no bojo de sua discussão a questão de “de qual igreja pode e deve definir a conduta de outra” (Alencar, 2013: 286). Neste sentido, de acordo com Gandra, “quando houve uma tentativa, ainda que pequena, de mudar as concepções dos usos e costumes, a Convenção Geral da Assembleia de Deus - CGADB normatizou sua prática por ato convencional em 1975 em Santo André, Estado de São

Paulo.” (GANDRA, 2013:100). Mariz (1994c) chama a atenção para o fato de que os pentecostais têm grande empenho em construir sua identidade evocando a noção de “gente de bem”, a partir do zelo com sua aparência, forma de vestir e comportar em público, o que reforça como os usos e costumes são um importante demarcador identitário.

Assim, observadas estas questões mais gerais acerca dos “usos e costumes” no âmbito mais geral da AD no Brasil, vejamos então alguns dados relevantes sobre o tema no âmbito dos jovens assembleianos da ADM. Ressalta-se que a expressão “usos e costumes” é de domínio geral entre eles. Como já foi visto na tabela 5, segundo os 62% dos jovens, esta é a maior diferença entre a AD e outras as igrejas. Analisando estes dados a partir do recorte da idade, a opção por “usos e costumes” não variou significativamente, apresentando percentuais semelhantes nas três faixas etárias presentes na amostra, com o mesmo ocorrendo analisando os mesmos dados a partir do recorte de gênero. A seguir alguns relatos:

Ser assembleiana para mim é buscar nos costumes da nossa igreja, da nossa denominação, buscar da continuidade aos nossos costumes e assim prosseguir fazendo a vontade de Deus. (VERA)

Existem umas doutrinas no meio evangélico, a nossa liberdade é um pouco diferenciada das pessoas que não estão dentro desse meio por exemplo eu estive uma doutrina como a me permite usar camisetas e bermudas para poder sair rua. (Para) algumas pessoas, alguns amigos acham isso um absurdo, eu não poder usar uma bermuda e uma camisa para sair na rua, mas não é uma questão de ser um absurdo é uma doutrina. E se eu não seguir essa doutrina estarei desobedecendo e desobedecer é uma coisa errada, ou seja, uma coisa leva outra eu fazer uma coisa que não está dentro da minha doutrina é uma coisa errada é desobedecer, é pecado é isso acaba me prejudicando na minha vida espiritual. (CRISTIANO)

(Os nossos costumes) mudaram. Se você entrar numa igreja nova tu vai ver um pouco diferente. Na minha igreja eu já vejo um pouco isso, o mundo já tá dentro da igreja. (Eu vejo isso) pelas vestes das meninas, pelos homens... tem alguns lá que... usam terno e tal (...). E as meninas são mesmo as vestes, isso assim de cima palavra do púlpito eu não vejo, mas as vestes curtas. Não vejo mais aquela referência na palavra de Deus dentro da igreja, por isso que eu falo o mundo tá dentro da igreja. (MARA)

Presta atenção, a diferença que eu vejo (das outras igrejas) são apenas costumes, no caso a Assembleia é uma igreja que os pioneiros delas usavam terno e isso que foi passando, foi passando, foi passando, de geração em geração, e a gente usa até hoje, calça, e quem tem cargo, terno. Isso é só uma questão de costumes, mas não muda muita coisa não. (WALTER)

Às vezes a gente quer usam batom, a gente quer pintar uma unha de uma cor e não pode. Mas nós temos que respeitar. Mas isso é porque o pastor da nossa Assembleia não é liberal, outros também não são. Tem muita gente que critica a gente por ser assembleiano. Falam que nós somos do saião do roupão, mas (não é) nada disso. Eu penso que é diferente. Nós vamos ser

diferentes da Batista nós vamos ser diferente da ADVEC. Lá na ADVEC ela é liberal, tudo liberado, pode maquiagem aqui no nosso campo não pode. (JUDITE)

De uma forma geral, a partir dos relatos, podemos observar que é reproduzida a ideia que os usos e costumes são um dos principais diferenciais do “ser assembleiano” no contexto do campo religioso brasileiro. Também pode-se inferir que os usos e costumes fornecem os jovens uma noção concreta (pois é facilmente visível) de pertencimento ao tipo específico de assembleianismo construído pela ADM, na medida em que associa suas práticas às doutrinas defendidas pelos pastores e lideranças deste Ministério. Podemos observar também uma ideia de que a tradição exerce um papel central na legitimação de tais características, no caso típico daquilo que Weber (2000) classificou como “dominação tradicional”, uma vez que os hábitos do presente, mesmo que considerados arcaicos, são justificados por uma tradição passada. Sobre a relação entre este tipo ideal weberiano e a AD, Alencar (2013) salienta que “é o modelo mais condizente com o estilo das ADs em todos os períodos. Mesmo quando carismática ou racional, ela é majoritariamente tradicional (ALENCAR, 2013, p.77)”. Também está presente (no caso de Cristiano) uma associação entre o cumprimento das regras enquanto virtude religiosa, mesmo que tal regra possa parecer, para alguns, despropositada, ela é importante para que o fiel se mantenha nos caminhos considerados virtuosos.

Evidentemente, foi verificado que nem sempre esses usos e costumes são observados na vida cotidiana destes jovens, o que pode ser interpretado, principalmente no contexto de defesa do tradicionalismo ADM, uma falta grave, pois representa um sinal de que o “mundo está entrando na igreja”, que como será visto, representa um grave problema a própria *teodicéia* assembleiana. Neste sentido, foi constatada a presença de um fenômeno, nomeado pela interlocutora Clarice, como uma “resistência silenciosa” por parte dos jovens aos usos e costumes. Desta forma, tal resistência se dá de forma discreta e velada, sem configurar um desafio aos pastores e líderes de jovens. A reação ao tradicional ocorre, ainda segundo esta jovem, num nível que não cause mal-estar e desrespeito ao pastor. Essa renitência pode ser observada, segundo Clarice, uma vez que:

Na igreja, as moças adotam a indumentária assembleiana com poucas assimilações aos usos do mundo; fora dela, usam calça, joias e não seriam reconhecidas na rua como pertencentes à nossa denominação pela forma de

vestir. A verdade é que a maioria esmagadora dos jovens quer ser parecido com os demais para não parecer "quadrado" e também acham que roupa não leva para o céu, mas encontram um dilema quando vão à igreja. A saída encontrada por muitos é essa "resistência silenciosa" de que falei (CLARICE).

Desta forma, percebe-se que a tensão entre a observância das regras colocadas pelos usos e costumes é um reflexo da própria dinâmica interna presente na AD entre se “modernizar sem modernidade” (ALENCAR, 2013) e aderir as práticas e regras consideradas mais “contemporâneas”, expressando as próprias contradições internas típica do conflito entre os assembleianismos. Mas, como marca identitária e expressão de uma variação tradicional desta tipificação, mesmo as resistências são veladas, silenciosas, assim como os não cumprimentos das tradicionais regras são transformadas em categorias acusatórias: é sempre o outro jovem que não o faz, e por isso ele “não é tão assembleiano como eu”. Mais à frente será retomada a questão de como a internalização das regras é um fator relevante para a construção das identidades.

4.4.2 A “separação do mundo” como marco identitário dos jovens assembleianos

Assim que foi iniciado o processo do trabalho de campo, com a ida regular aos cultos assembleianos, uma das primeiras narrativas que chamaram a nossa atenção pela sua frequente ocorrência foi a menção aos cuidados constantes que o fiel deveria ter sobre os “perigos do mundo”, o que ocorria ainda mais repetidamente nas palavras dirigidas aos jovens da igreja. Sem embargo, a “questão” do mundo como uma categoria analítica torna-se bastante complexa, na medida em que ela é, ao mesmo tempo, uma construção teológica, sociológica e êmica.

Enquanto uma elaboração teológica, não nos alongaremos nesta discussão, mas ela está presente em várias passagens bíblicas de forma direta, como em: Isaías 13:11; Mateus 18:7; João 17:16; Tiago 4:4; 1 João 2:15-16; 1 João 5:19, entre outras.

O mundo, dentre muitos sentidos, pode ser “o ambiente cultural e social criado pela humanidade pecaminosa. O diabo é descrito nas Escrituras como o ‘príncipe’ ou ‘governador deste mundo’, condenado e derrotado pelo poder e obra de Cristo (FERGUSON; WRIGHT, 2009: 710)”.

Por sua vez enquanto construção sociológica, o conceito de mundo foi elaborado de forma clássica (e magistral) por Weber, enquanto tipo ideal. Assim o sociólogo alemão formula tal construção:

As relações sociais, o “mundo”, no sentido religioso, representam, portanto, a tentação, por serem o lugar não apenas dos prazeres sensuais eticamente irracionais, que afastam as pessoas do divino, mas muito mais de uma frugalidade que é própria do cumprimento dos deveres cotidianos por parte do indivíduo religioso médio a custo à custa da concentração exclusiva das ações no empenho ativo pela salvação. Essa concentração pode fazer parecer necessária uma explícita retirada do “mundo”, dos laços sociais e anímicos da família, da propriedade, dos interesses políticos, econômicos, artísticos, eróticos e, em geral, de todos os interesses da criatura, e toda atividade neles parecer uma aceitação do mundo alheadora de Deus: *ascetismo de rejeição do mundo*. Ou, ao contrário, pode exigir a atividade da própria espiritualidade sagrada específica, da qualidade de instrumento eleito por Deus, precisamente dentro da ordem do mundo e diante dela: *o ascetismo intramundano*. Neste último caso, o mundo torna-se um “dever” imposto ao virtuoso religioso. Isto pode significar que a tarefa consiste em transformá-lo de acordo com os ideais ascéticos (WEBER, 2000, p.365)

O tipo ideal weberiano de “mundo” no contexto religioso dialoga com a elaboração teológica supracitada do mesmo. Ele é útil pois, define, em termos sociológicos, os limites entre o “mundo” enquanto relações sociais que afastam as pessoas do “divino”, que é colocado a partir do momento em que as mesmas relações afastam o religioso do empenho de sua salvação individual. Isso vai de encontro com a ênfase encontrada no discurso assembleiano e nos relatos colhidos na questão das escolhas individuais, que são entendidas como fundamentais no processo de “salvação”, mas também como marcos definidores da identidade juvenil assembleiana: o jovem assembleiano é “separado” (do mundo).

Existem alguns exemplos na literatura que demonstraram de formas diversas como o pentecostalismo assembleiano, a partir de uma atitude de separação do mundo, se estabelece enquanto uma identidade relevante. Birman (2009), em estudo realizado em uma comunidade ribeirinha, descreve como todo um sentido de comunidade foi construído a partir do estabelecimento e crescimento de uma igreja da AD no local, a partir da oposição entre os “crentes” locais e os demais moradores e turistas “do mundo” que visitavam a localidade. Foi estabelecida uma comunidade

que “ as relações de família, de trabalho, e de poder são atravessadas por uma orientação evangélica que busca ocupar a totalidade do espaço da vila (BIRMAN, 2009: 170) ”. Alves (2009), em estudo sobre jovens assembleianos no Recife, analisa como moças e rapazes incorporam um *ethos assembleiano* a partir da resistência ao “mundo” e permanente vigilância da fé e valores cristãos, dando ênfase no modo como as distintas formas de convivência, conflitos e ambivalências vividas por estes jovens nos diferentes espaços sociais influenciam tal identificação. Assim, Alves conclui que a expressão que melhor caracterizaria tal condição é a de jovem “separado no mundo”³⁴, dando conta da forma dinâmica e diversificada dos contextos juvenis e da importância da adesão religiosa como uma escolha em tal contexto”. Ainda na questão da identificação assembleiana a partir da oposição ao “mundo”, Delgado (2008) coloca que:

A identidade pentecostal assembleiana é resultado de um processo de criação e apropriação de uma identidade em oposição não somente as outras identidades, como a católica, mas no contraste entre identidades de outras igrejas do pentecostalismo. Mas essencial ainda, é uma identidade que tem de ser formada do “enfrentamento ao mundo”, “contra as hostes de satanás” (DELGADO, 2008: 66-67)

Alencar (2010) salienta que, no início da trajetória da AD, a negação do mundo, além de ser fundamentada teologicamente, também possui um sentido social: ela nasceria como uma “resposta” ao desprezo anterior experimentado pelos fieis assembleianos por causa de sua pobreza e falta de status. Desta forma, salienta Alencar “na impossibilidade de se alcançar o mesmo status - posição social, financeira e cultural - menospreza-se o status e opta-se por uma identificação mais ‘nobre’, porque é bíblica e espiritual. (ALENCAR, 2010, p.129).

Agora olhando especificamente para como dá-se a elaboração da noção de mundo no contexto onde estão inseridos os jovens assembleianos, é relevante destacar algumas narrativas representativas de como a AD trabalha tal questão para os jovens. Neste sentido, foram presenciados muitos cultos onde a mensagem central era a importância da separação do “mundo” como fundamental para a salvação. Vejamos alguns dos casos representativos.

Uma pregação em outubro de 2012 um culto de um congresso de jovens da ADM que acompanhamos tinha como tema “dar alegria aos pais”. O argumento central

³⁴ Grifo nosso.

do pregador era que o jovem assembleiano deveria dar alegria aos pais obedecendo uma fórmula que consiste em combinar esforço individual em tarefas cotidianas tais como estudos e auxílio nos afazeres domésticos³⁵, com a manutenção de uma postura condizente com a figura do “crente”, que por sua vez seria caracterizada pelas escolhas “separadas” do mundo, como rejeição ao pecado e o sexo fora do casamento, uma vez que no “nosso corpo habita o espírito santo” assim como a observância dos usos e costumes. Para ele, por exemplo, “crente (rapaz) não usa cabelo manga espada³⁶” e o jovem “não deve ir para lugares que os pais fiquem preocupados com o que pode estar acontecendo”. Um outro culto público também inserido no contexto de uma festividade jovem em outubro de 2015 começa com um clamor e pedido de oração em favor dos jovens “que tem o privilégio de estar na igreja, mas estão perdidos no mundo, nos bares e bailes. ” Isso se daria pois estes “não reconhecem que o caminho do senhor é o único da salvação, e por isso o ‘adversário’ tem mais poder para se manifestar”. O clamor é reforçado pelo “testemunho” de uma senhora de 85 anos, considerada por muitos como um dos grandes “pilares” da congregação, que afirmou “satanás não descansa nem brinca em serviço e seu principal alvo é a mocidade, por ela ser mais frágil às tentações do mundo”. Em um outro culto, em agosto de 2016, o preletor inicia sua pregação com a leitura de Mt 25, sobre “a parábola das virgens”. Ele destaca que 10 virgens saíram para encontrar o “noivo”, mas cinco eram insensatas e cinco prudentes. As virgens prudentes levaram consigo o óleo para que a suas lâmpadas permanecessem acesas, enquanto as insensatas tiveram que sair para comprar. E quando o noivo chegou onde elas estavam, apenas as prudentes foram arrebatadas. O raciocínio do preletor continua enfatizando a questão do óleo enquanto símbolo de unção e precaução. Se o jovem é prudente – e renega os prazeres do mundo – ele carrega consigo a propriedade do óleo de não se misturar com a água, na medida em que “quem tem o óleo” pode estar no mundo, mas não se mistura. Quando o “jovem crente” chega em um lugar, a “bagunça” cessa, porque ele tem a “santidade”, uma vez que é separado.

³⁵ Este aspecto mais enfatizado entre as moças, que deveriam, desta forma, ser vocacionadas para as atividades domésticas e familiares.

³⁶ O jogador de futebol Neymar, que é considerado atualmente o principal futebolista do Brasil e maior astro do mercado publicitário nacional, é conhecido por seus penteados irreverentes. Muitas crianças e jovens imitam o seu corte de cabelo com formato de “*manga espada*”, caracterizado por ser bem curto nas laterais da cabeça e com topete mais visível na frente.

Os relatos acima, embora tenham suas respectivas particularidades, demonstram algo em comum: reforçam a necessidade e a importância de que os jovens se mantenham separados do “mundo” visando sua salvação individual, mantendo uma atitude condizente com os princípios de conduta que são esperados e cobrados por parte da igreja, na figura de líderes, pastores e membros destacadamente tidos como exemplos de virtude e retidão. Com isso, a ênfase da igreja não é na manutenção das virtudes como mecanismo de reforço da identidade assembleiana, mas para que os jovens consigam se manter “nos caminhos do senhor” e desta forma, conquistarem sua salvação. O nosso argumento aqui é a rejeição do mundo e a busca por tal salvação tem como consequência, talvez não intencional, de forjar um marco definidor da identidade juvenil, mediante o contraste com o “jovem do mundo”. É relevante também destacar o papel estratégico que a figura do “demônio”³⁷ tem nas narrativas produzidas pelos pregadores assembleianos no contexto pesquisado. Neste sentido, na medida em que tal figura é descrita nas narrativas bíblicas como o “príncipe do mundo”, ele se presta a reforçar a dimensão simbólica do “mundo” como um espaço oposto àquele que deve ser ocupado pelo “crente”.

Ainda segundo este raciocínio, as pessoas que estão no “mundo” seriam mais suscetíveis à “má influência” exercida pelo “inimigo”, pois seriam espiritualmente mais vulneráveis. Vejamos alguns relatos de nossos interlocutores sobre como eles compreendem a questão do “mundo” e qual deve ser sua atitude mediante a ele.

No mundo são muitos pratos oferecidos né? Os jovens têm a mente distorcida em relação a relacionamento. Hoje eles só querem saber de ficar, terem relacionamento fora do casamento, curtir, beber, o jovem cristão não já sabe que aquilo dali não é lícito para ele, não lhe convém (ou seja) isso pra mim é lícito né? Mas não me convém. Eu sei que é que aquilo ali vai gerar uma coisa ruim lá na frente então aquilo ali vai empatar minha vida. (VERA)

Existe na Bíblia algumas passagens que falam do mundo sobre bebidas alcoólicas, pecado, matar, roubar se prostituir são pecados mentira é pecado. Então as pessoas do mundo que não conseguem entender a Bíblia, o que que é pecado. Pecado para nós é aquilo que a Bíblia relata. É o que eu disse, são aprendizados do jovem cristão. Nós cristãos aprendemos assim o que é pecado, o que é certo e o errado. Então o mundo são aquelas pessoas, não de uma forma geral, porque existem pessoas que não estão dentro da igreja que não fazem coisas erradas, e não é considerado apenas que faz coisas certas no mundo é que está fora da igreja (CRISTIANO).

Ser jovem da igreja já é diferente é um pouco diferente do mundo porquê do mundo eles fazem o que quiserem a gente já não a gente sabe que é certo o

³⁷ Para uma análise sociológica do “demônio” no contexto do pentecostalismo brasileiro ver MARIZ, 1997.

que é errado e eles por não ser da igreja. Eles não sabem ainda o que é certo o que é errado é só um pouco da diferença (JUDITE)

Fomos chamados para ser separados, de ser o exemplo. Assim... as coisas do mundo, são boas? São. Só que nós buscamos algo muito melhor, então o que a gente encontrar aqui, o que a gente tiver não se compara a glória que nós vamos receber a tudo o que vamos ter se nós formos corretos, se formos fiéis àquilo tudo o que nos colocamos no nosso coração aquele propósito que nós temos, então eu acho que não vale a pena, se sujar com as coisas do mundo (KELLY).

Quando a gente fala do mundo, tem três coisas que a gente pode interpretar, basicamente, a gente fala do mundo como terra, como globo, a gente fala de mundo toda a população, ou a gente fala de mundo como toda a corrupção do gênero humano, sistema corrompido(...), como lugar de muitas coisas erradas, pessoas assaltando, se viciando em drogas, muita gente assim andando fora do contexto bíblico (...). Acho que a gente fala do mundo a gente fala dos conceitos e dos padrões bíblicos a gente entende que Deus tem uma vida para nos dar uma vida eterna e se a gente está aqui está só de passagem e a gente tem que renunciar a isso para ir viver no céu, viver com cristo (WALTER).

(Sobre o mundo) bem, através de dois versículos primeiramente na carta do apóstolo Paulo para João ele falava “não ameis o mundo nem no que o mundo”. Quando ele está falando desse mundo ele fala de que? Ele fala de um sistema. Está falando de um ambiente espiritual onde jaz o maligno. Hoje nós fazemos a vontade do inimigo, a vontade do diabo. Agora nós também temos que entender esse mundo do lado negativo onde nós também temos que entender... João 3:16 onde fala assim “Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho primogênito para que todo aquele que nele crer não pereça mas tenha a vida eterna”. Isso significa o quê? Aí já estão falando desse mundo físico onde as pessoas da terra, onde Deus criou todas as coisas pensamento colocar essas diferenças no sentido de nós também estamos no mundo na parte interna, mas nos afastamos da parte espiritual do mal para não fazermos a vontade do inimigo (FÁBIO).

As falas em geral são bastante significativas, pois representam bem como os jovens internalizam e reelaboram a tensão com o mundo tal como citado nas falas da igreja. O mundo é percebido como algo que suja a pessoa, e mesmo sendo visto como um espaço que oferece coisas boas, deve ser rejeitado. Elas também resumem bem a visão do “mundo” como um local onde há corrupção, pois nele não há a presença de comportamentos que se baseiam nos ‘padrões bíblicos’. Como já foi salientado, a renúncia aos prazeres que ‘mundo oferece’ às pessoas, principalmente aos jovens, é uma das condições para a salvação. E por isso, indispensável para aqueles que criam laços de pertencimento e reconhecimento deste grupo identitário. Elas também demonstram que alguns dos jovens tem um bom conhecimento de algumas passagens bíblicas que trazem a questão do mundo como um local de onde o jovem deve ser manter “separado”, embora tenham que conviver nele.

Ainda sobre a questão de como a separação do mundo é algo que está presente nas mais variadas narrativas êmicas, também foram verificados vários relatos e mensagens que a reforçam, no contexto da internet e das redes sociais, que por sua vez são um “espaço do mundo”. Mas deve-se lembrar que mesmo quando o jovem está nestes espaços, ele “deve” levar consigo marcas e símbolos de tal separação, de tal forma que esta característica também acaba por demarcar a identificação juvenil assembleiana nestes locais. Desta forma, a figura a seguir é um bom exemplo de como os espaços tidos como “mundanos” estão sendo ressignificados e reapropriados pelos pentecostais/assembleianos, ainda que mantendo as linguagens típicas destes locais “onde a luta se trava”³⁸.

Figura 4- Comparação entre o que o “mundo” e Deus oferecem aos jovens



Fonte: www.facebook.com/vastomundo. Acesso em 14 de julho de 2012.

³⁸ Referência ao hino 212 da Harpa Cristã (hinário oficial da AD) – “Os guerreiros se preparam” – que compara os membros da igreja à soldados na luta contra o mal (FAJARDO, 2015).

Este exemplo de uso da linguagem religiosa adaptada à estética da internet e das redes sociais – que são um espaço “mundano” por excelência de acordo com as narrativas presentes no contexto de nossa pesquisa – reforça a ideia do “mundo” como espaço que deve ser palco da “luta” e ser convertido e trazido para os “caminhos de Deus”, em conformidade com a noção já citada do *ide*. Tal situação, feitas as devidas ressalvas circunstanciais, cabe na elaboração ideal-típica de Weber (2000) do *asceta intramundano*, que tem como objetivo a transformação do mundo de acordo com seus ideais religiosos a partir de ações eticamente voltadas para tal fim.

Outrossim, nos parece útil retomar a questão das dificuldades apontadas pelos jovens assembleianos de sua condição juvenil, observando especificamente como a questão da separação do mundo aparece em algumas das narrativas, reforçando a ideia que ela é um dos principais marcos definidores de sua identidade juvenil. Desta forma, obtivemos tais palavras quando perguntamos aos jovens quais eram, na sua opinião, as maiores dificuldades de ser um jovem evangélico/assembleiano.

Ser jovem cristão, assim... Temos desafios, porque muitas das vezes a gente têm que renunciar a muitas coisas, inclusive nas amizades, namoro, a gente também tem que renunciar. São muitas coisas que são difíceis quando você é jovem. (DINORÁ)

Ser jovem pra mim, jovem evangélico, é estar buscando Deus, fazendo a vontade dele. É você estar voltado a ser separado do mundo. Sendo que é bem complicado no mundo em que vivemos (VERA)

Acho que é mais difícil (ser jovem cristão), a gente tem que renunciar muita coisa. Porque a gente recebe proposta de muita coisa. Lugares para ir. Às vezes você tem vontade estar em um lugar, mas você sabe que aquele lugar não é bom para você estar ali, às vezes, você não vai fazer nada demais, mas só você estar ali, você já vai ser mal visto. (KELLY)

O jovem cristão tem que ter a força de vontade habilidades maior do que o jovem do mundo. Aquele peso que tem o jovem do mundo, o jovem cristão tem dobrado em cima dele. Tem muitas pessoas observando. As vezes até te tirando como espelho e um passo em falso que você der, aquilo vai repercutir de forma ruim sobre a sua imagem. Então ser jovem cristão hoje em dia é uma missão muito desafiadora (JORGE).

De uma forma geral, foi observado que a maior dificuldade apontada pelos nossos interlocutores é a questão de ter que renunciar aos prazeres e tentações do mundo, o que implica ter maiores dificuldades e mais desafios face ao “jovem do mundo”. Destaca-se também a noção de propósito como chave para o entendimento do esforço do jovem: o propósito é uma espécie de compromisso assumido no qual

ele se coloca como sendo ‘separado’ do mundo para ‘estar junto com Deus’, e para tal esforça-se no sentido de seguir uma vida guiada neste compromisso e nas regras estabelecidas para tal. Como sabemos, as principais regras são: não fazer sexo antes do casamento; não consumir álcool, cigarro e drogas ilícitas; ter comportamento considerado ‘digno’ em todos os espaços sociais. Também há algumas formas de propósitos mais específicos, que se assemelham como ‘votos’, como fazer uma promessa para uma finalidade específica, também algo comum na prática espiritual dos jovens. Desta forma, a noção de ‘propósito’ materializa e dá sentido concreto na questão da tensão com o mundo, uma vez que ceder às suas tentações representariam uma falha neste compromisso.

4.5 Fechando o circuito: os conceitos de religiosidade congregacional e *habitus* como ferramentas para pensar a identidade jovem assembleiana

Uma vez apresentados os dados que subsidiam nossos argumentos acerca de como é formada a identidade juvenil assembleiana no contexto da presente pesquisa, nos resta pensar como tal construção pode ser pensada em termos conceituais.

Como forma de associação de indivíduos para finalidade de realizar práticas de fundo religioso, defendemos a ideia que forma mais adequada de caracterizar analiticamente a atividade que foi presenciada no campo da pesquisa, no âmbito da ADM é a noção de congregação em Weber, entendida como uma comunidade de fiéis associados de forma permanente, com objetivos de missão e salvação (WEBER, 2000). Circunscrita a esta formulação, sua tipologia de religiosidade congregacional³⁹ é particularmente útil, pois nos permite perceber a existência de um dualismo da moral do “nosso grupo” e do grupo exterior, fundada na moral interna baseada na reciprocidade. Esta ideia de salvação é muito importante e se coaduna diretamente na condução da vida dos membros e sua atitude para com o mundo, e ao mesmo

³⁹ Para Weber, somente pode se falar em ‘religiosidade congregacional’ quando os leigos encontram-se associados em uma “ação comunitária permanente e influem de alguma maneira sobre a mesma”. (WEBER, 2000: 312)

tempo uma tensão de levar a igreja ao mundo e não permitir que o mesmo não dite as normas e as condutas internas da igreja e da vida de seus fiéis. Tal conflito entre a “pureza” da igreja frente ao “mundo” é bastante presente no contexto da ADM, sendo percebido em diferentes esferas do cotidiano da igreja, em geral sob a forma da dicotomia tradição *versus* modernidade, na medida em que mudanças são muitas vezes interpretadas como a uma forma de entrada do “mundo” na igreja. Este desacordo correntemente aparece associado ao conflito de gerações no seio das lideranças da igreja, onde os líderes de gerações mais antigas são mais resistentes a mudanças, mas por vezes acabam por ceder em alguns pontos, mas com a preocupação de não perder a marca do tradicionalismo, que como visto, também é um dos atributos de identificação que marcam a ADM no campo dos assembleianismos locais.

Isto posto, voltemos por mais um momento a questão da reflexão weberiana da religião congregacional, uma vez que a mesma pode vir a agir como um “solvente”, ao pensar como esta forma de religiosidade tem a capacidade de dissolver antigas pertencas e linhagens religiosas estabelecidas. Enquanto religião universal de salvação individual, ela funciona como um dispositivo que desliga as pessoas do contexto cultural de origem (PIERUCCI, 2006). Eis “o momento weberiano magnífico, insólito (para não dizer insolente) por sua crueza sociológica de “especialista sem coração” (Ibidem):

Quando a profecia de salvação criou comunidades de fundamento puramente religioso, a primeira força com a qual entrou em conflito foi a comunidade naturalmente dada, o clã, o qual temia sua desvalorização por aquela. Quem não pode hostilizar os membros da casa, o pai e a mãe, não pode ser discípulo de Jesus: “Não vim trazer a paz, mas a espada” (Mt 10,34) está dito nesse contexto (e, notar bem: apenas nesse). É certo que a maioria esmagadora de todas as religiões regulamentou também os laços de piedade filial intramundana. Mas, quanto mais abrangente e internalizadamente se concebeu o escopo da salvação, tanto mais evidente se considerou que o crente deve estar mais próximo, antes de tudo, do salvador, do profeta, do sacerdote, do confessor e do irmão na fé do que da parentela natural e da comunidade matrimonial enquanto puramente tais. Com a desvalorização, ao menos relativa, dessas relações e o rompimento da vinculação mágica e exclusiva ao clã, a profecia, sobretudo onde se transformou numa religiosidade soteriológicas congregacional, criou uma comunidade social nova (WEBER apud PIERUCCI, 2006)

Desta forma, o que se defende no presente trabalho, com base nos dados apresentados, é que a forma específica de religiosidade congregacional encontrada na AD, e em particular na ADM pesquisada, é uma das forças sociais motivadoras de

construção da identidade juvenil desta igreja, uma vez que é estimulada e muito enfatizada nas narrativas cujo público-alvo é a mocidade. Como visto, uma “separação” do mundo a partir de motivações éticas, que por sua vez são apoiadas nas “doutrinas” e nos “usos e costumes”, que também reforçam tal distinção enquanto a forma mais visível e reconhecida pelas moças e rapazes assembleianos de demarcação da diferenciação perante os outros jovens, sejam eles do “mundo” ou de outras igrejas evangélicas.

Complementarmente, para pensar de forma mais detalhada como são incorporadas tais características a ponte de conformar uma identidade específica, é útil lançar mão do conceito de *habitus* em Bourdieu, mesmo correndo o risco de incorrer no que Catani (2001) chama de “apropriações conceituais tópicas” de sua obra. Como salienta Setton (2002), o conceito de *habitus* foi continuamente lapidado por Bourdieu ao longo de seus escritos. É definido como

Um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações (...) O *Habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (BOURDIEU, 1983b).

De um modo geral, tal ferramenta teórica é muito utilizada para se compreender o mecanismo pelo qual a sociedade se interioriza nos indivíduos através dos modos de pensar, agir e sentir. Essa ferramenta também é útil ao auxiliar a interpretar as respostas dos agentes sociais às demandas socioculturalmente estabelecidas. No nosso caso específico, sua utilização é proveitosa, pois nos ajuda a perceber que os valores e crenças apresentadas na narrativa assembleiana, que acabarão por conformar suas identidades não são incorporadas mecanicamente pelos jovens. Estas formas de ação, como visto, são parcialmente questionadas e reelaboradas, tal como o exemplo citado da “resistência silenciosa” aos usos e costumes, conferindo a tal tipo de identificação a dinâmica típica da incorporação de um *habitus*, pois representa um caso de relação dialética entre uma exterioridade (dada, por exemplo, pela *teodicéia*⁴⁰ assembleiana em confronto com os valores por ela combatidos) e uma interioridade

⁴⁰ Teodicéia é empregada aqui no sentido elaborado por Berger (1985), que pode ser resumida como a explicação dos fenômenos anômicos em termos de legitimações religiosas (BERGER, 1985, p.65).

(dada por, exemplo pelo conjunto de suas próprias concepções e convicções acerca do ser assembleiano). Isto acaba por ser conformar uma disposição, que é, por sua vez, estruturada e estruturante. Enquanto um *habitus*, a identidade juvenil assembleiana, nos limites do assembleianismo específico abordado pelo presente trabalho, é elaborada de modo a costurar estrutura e indivíduo, respeitando as particularidades e limitações existentes no campo religioso. A conformação do *habitus* no contexto analisado dá uma maior inteligibilidade as características identitárias na medida em que comportamentos e práticas específicas são internalizadas de tal maneira, que muitas das vezes são consideradas como naturais ou de domínio público, tendo como consequência um reforço de tal identificação.

Desta forma, feitos estes apontamentos de ordem teórica, nos resta concluir o presente capítulo apontando para uma definição instrumental de nossa formulação de identidade juvenil assembleiana. Assim, ela pode ser definida como uma forma peculiar de identidade, elaborada a partir da diferenciação dada na interação com outras identidades e conjunturas percebidas ou vivenciadas, e reivindicando características marcantes dos assembleianismos, especialmente o ideal de separação com o “mundo” e a prática reapropriada dos “usos e costumes” assembleianos, apoiadas em um senso de comunidade gerado a partir do sentimento de pertencimento a uma forma singular de religiosidade congregacional, conformando um *habitus* específico. Contudo, é preciso salientar que tal definição só pode ser considerada mais profícua no contexto do assembleianismo específico estudado.

Finalmente, apresentadas de um modo geral e sistemático algumas das características principais dos jovens assembleianos e estabelecido como se dá a construção de uma identidade específica, veremos nos capítulos subsequentes como são estabelecidas e praticadas as relações de amizades destas moças e rapazes, assim como a religiosidade em geral e a identidade juvenil assembleiana em particular se articulam com estas práticas amistosas.

5 A AMIZADE ASSEMBLEIANA: COMO E ONDE OS JOVENS PESQUISADOS PRATICAM E VIVENCIAM SUAS AMIZADES

O idioma emotivo veiculado pela amizade fala (...) da relação entre amigos e, ao mesmo tempo, de sua inserção mais ampla em um determinado contexto sociocultural. Assim, longe de ser inefável ou idiossincrática, a amizade deve ser tratada como uma via de acesso privilegiado para pensar a pessoa em sociedade.

Cláudia Barcellos Rezende

Este capítulo tem como objetivo realizar uma “descrição densa” da amizade entre os jovens assembleianos, a partir de dados qualitativos e quantitativos gerados pela pesquisa. Inicialmente serão apresentadas algumas concepções do significado de “amizade” e “amigo”, assim como suas variações “colega” e “melhor amigo”. Da mesma forma, será visto com a internet e as novas formas de comunicação influenciam nas práticas e vivências das amizades do grupo estudado. Também será mostrado como os jovens assembleianos da ADM vivenciam suas amizades, onde e como eles conhecem seus amigos, quais são suas afinidades, suas estratégias de interagir com seus amigos e seus programas preferidos. A luz desta discussão, será apresentada a hipótese que a igreja funciona com um espaço relevante para que as amizades destes jovens sejam constituídas e vivenciadas. E finalmente, a partir dos relatos colhidos, também será apresentado como as amizades são um importante meio de suporte para dificuldades enfrentadas pelos jovens em diversas situações de sua trajetória de vida, assim como possíveis fontes de conflitos, que podem ser resolvidos com diálogo ou afastar os amigos. É relevante ressaltar que, neste aspecto, as narrativas femininas são bem mais ricas em relação as histórias dos rapazes, que por sua vez mais, em geral, são mais econômicos nos relatos sobre seus sentimentos.

5.1 Amigos e amizades: uma aproximação de seus significados para os jovens assembleianos

A diferenciação entre *colega*, *amigo* e *melhor amigo*, ou as formas como são concebidas e elaboradas gradativamente as relações de amizade, é problematizada na literatura (ALLAN, 1989; REZENDE 2002a) e também comumente relatada no cotidiano. Tal diferenciação pode servir para reforçar o quanto a noção de amizade é um tanto fluída e submetida a contextos específicos. Também é importante para pensar que essas classificações são dinâmicas e alguém que era “colega” pode vir a ser “melhor amigo” e vice-versa. Contudo, esta distinção pode vir a ter significativo impacto nas estratégias metodológicas pensadas para o estudo da amizade, uma vez que cada forma de se pensar estas categorias está inserida em um contexto sociocultural distinto, tendo o pesquisador o desafio de elaborar uma estratégia que dê conta destas distinções, ou optar por explorar apenas uma delas enquanto objeto de estudo.

Quando os entrevistados eram questionados se tinham amigos, a resposta inicial, em geral, foi positiva: “tenho muitos amigos”. Outros respondiam que tinham “amigos, amigos mesmo, pouco”. Contudo, mesmo aqueles que preliminarmente afirmavam ter muitos amigos invariavelmente ponderavam adiante que “amigos chegados” “amigos de verdade” eram poucos, de quantidade bem restrita. Desta forma, optou-se por focar a maior parte deste estudo nos chamados “melhores amigos”, embora reconheça-se que outras formas de amizade distintas desta também são relevantes para o estudo sociológico. A opção pelo estudo dos “melhores amigos” vem antes de tudo de uma escolha metodológica: no decorrer do trabalho de campo ela mostrou-se mais fácil de ser estudada, pois era a mais citada pelas fontes e também de onde vinham as narrativas mais elaboradas. Assim, desde que a etapa preliminar desta pesquisa começou, mostrou-se que este caminho era o mais rico a ser explorado, e mesmo face o risco de restringir o alcance deste estudo, foi a opção adotada.

Desta forma, sobre a diferenciação entre *colega*, *amigo* e *melhor amigo*, a maioria dos relatos confirmaram as caracterizações presentes na literatura supracitada. De um modo geral, o(a) “colega” foi descrito como aquela pessoa que você convive nos espaços sociais como escola, trabalho e igreja, e mantém um diálogo geralmente com cumprimentos, amenidades e assuntos mais corriqueiros. Por sua vez, a diferenciação entre “amigo” e “melhor amigo” é mais elaborada pelos jovens assembleianos ouvidos.

Colega, é aquela pessoa conhecida, na escola, igreja ou faculdade que fala “oi tudo bem”, que você conversa sobre todos os assuntos sem muita intimidade. O amigo já é aquela pessoa que eu sei que posso contar para uma certa coisa e ele sempre vai estar quando eu chamar quando eu precisar e o melhor amigo é aquele que tudo o que acontece a gente tá sempre contando para essa pessoa, contando nossas histórias, nosso arrependimento, tudo (VIVIANE).

Colega aquela pessoa que você não ver com grande frequência, não tem liberdade *pra* conversar certos assuntos com ela. Amigo você fica mais à vontade, até mesmo em certas brincadeiras. Agora melhor amigo é aquele que você confia coisas, até mesmo da sua família e da dele dessa forma (JORGE).

Assim, segundo nossos interlocutores, de uma forma geral, tal diferenciação estaria no grau de intimidade e confiança que se tem com o outro, assim como a proximidade existente. Os melhores amigos seriam aqueles que há troca de confidencias, intimidades, problemas. É aquele que está sempre presente, dando suporte emocional quando se faz necessário. Também a questão da quantidade parece ser significativa na conformação da categoria “melhor amigo”, uma vez que poucos seriam aqueles que são considerados “merecedores” de tal rótulo. Ainda temos a temporalidade como marca relevante, na medida em que os “melhores amigos” desenvolvem sua relação com tempo, a partir de eventos e situações marcantes, podem vir a serem considerados como tal.

Já a comparação entre melhor amigo e irmão é citada por duas interlocutoras (Kelly e Dinorá). Tal comparação tem amparo bíblico: “O homem de muitos amigos deve mostrar-se amigável, mas há um amigo mais chegado do que um irmão (Provérbios 18:24)”. Ela pode ser interpretada também na questão da confiança e da proximidade, que seriam características inerentes ao “irmão”, que por sua vez pode ser o irmão de parentesco ou de fé. Rezende (2002a) salienta que, no universo das camadas médias urbanas, o ideal de amizade varia de acordo com a idade. Entre os mais velhos, a ideia de confiança e apoio estaria vinculada à família, e este parâmetro não seria igualado pelos amigos. No entanto, para os jovens, a noção de confiança estaria imbricada a ideia de abertura, que por sua vez não necessariamente seria uma característica da família. No caso dos jovens assembleianos, não foi possível fazer uma comparação entre os níveis de confiança que os jovens atribuem a sua família, comparada com seus amigos. Contudo, temos o caso de Inês, que citou seu irmão e seus pais como seus melhores amigos, e teve alguma dificuldade de pensar em alguns exemplos de amizades que seriam tão importantes para ela quanto a de seus

familiares. Ela chegou mesmo a ficar emocionada ao falar de seu pai, que para ela seria seu “melhor amigo”.

No caso de Fábio, ele citou como sendo um de seus melhores amigos um primo (que vale ressaltar, congrega na mesma igreja), que conviveu com ele desde criança, brincando em casa e na rua, estudando na mesma escola, progressivamente criando laços de proximidade e confiança. Ele relata que o exemplo de seu primo/amigo é a maior contribuição para sua amizade, pois seria “um espelho” de como se guiar. Contudo, no fim de sua entrevista, ele nos afirma:

No *Facebook* nós temos vários amigos, mais de 500, mais de mil amigos e independente de seus amigos, eles são colegas, amigos, melhores amigos. Mas não há nada errado em ter isso, é até bom para gente tem preguiça de “socializar”, podermos conversar um com os outros é muito bom fazer isso. Mas imagine um amigo que é o seu melhor amigo, que conheci até o futuro, que brigou com você, mas é o que seu bem nós podemos ter vários amigos. Mas sem esquecer do melhor amigo, que é Jesus Cristo, que está cuidando dos nossos corações (FÁBIO).

Fábio então acrescenta mais um elemento na “hierarquia da amizade”, no qual a figura de Jesus Cristo estaria acima de todos os outros amigos, justamente por reunir de forma “perfeita” todas as características do modelo ideal de amigo: confiança, proximidade e poder “sempre contar”. É válido mencionar que nenhum outro jovem fez tal associação.

Já ao serem perguntados como poderiam definir a “amizade”, os sentimentos mais associados a ela são o de confiança e companheirismo. Em geral os jovens relatam que se espera de uma amizade é que se possa confiar no amigo, dividindo problemas e segredos, ao mesmo tempo que a pessoa amiga esteja com você, de modo sincero, em todos os momentos. Também foi bastante presente nos relatos a comparação do amigo com um “irmão”, o que pode ser interpretado de forma dupla: o irmão de fé, aquele que está junto na sua expressão e prática religiosa congregacional; e também o irmão como aquele que está mais próximo de você, tal como na relação de parentesco. Para Cristiano, a amizade é descrita como uma situação na qual

Se você está passando por um certo momento da sua vida feliz ou triste e a pessoa que se diz o amigo está com você independente do que seja, independente do que aconteça, ele ela vai estar contigo para poder te apoiar, para te ceder um ombro, *pra* você poder sentar e conversar e falar sobre acontece, compartilhar o que aconteceu na sua vida em momentos felizes

aquela pessoa está o teu lado pra compartilhar da felicidade com você (CRISTIANO).

Tal como os melhores amigos, a amizade também é muito associada pelos jovens entrevistados, além da já citada questão de confiança, a noção de “verdade”, assim como “estar presente” ou “estar sempre ao seu lado”. Desta forma, tal como as narrativas apresentadas por Rezende (2002a), pode-se afirmar que há nos relatos dos jovens assembleianos uma construção de um ideal de amizade, no qual são enumeradas certas características como sendo as consideradas mais “importantes” em uma amizade. Ressalta-se que, mesmo lidando com jovens de distintas classes sociais⁴¹, as qualidades idealizadas da amizade são similares: sinceridade, companheirismo, confiança e afinidade. Uma das explicações possíveis para este fato é que o modo pelo qual construímos o nosso ideal de amizade (pelo menos nas sociedades ocidentais contemporâneas) perpassa o recorte de classe, sendo igualmente importantes nos dois contextos socioeconômicos, uma vez que a mesma é estabelecida dentro de, aparentemente, códigos culturais semelhantes, onde se requer dos amigos ações semelhantes, tal como foi descrito acima. Contudo, tal hipótese só poderia ser comprovada mediante um estudo comparativo maior.

5.2 Estabelecendo afinidades entre os amigos

O estabelecimento de uma amizade pode ter vários caminhos distintos, mas em geral segue uma lógica menos arbitrária do que se poderia inicialmente imaginar. Como já foi dito, tende-se a se fazer amigos nos lugares mais comumente frequentados e, em geral, elege-se um amigo como o perfil identitário e socioeconômico semelhante ao seu.

Os jovens pesquisados, ao serem questionados onde conheceram seus melhores amigos, responderam da seguinte forma:

Tabela 6 – Local que os jovens conheceram seus melhores amigos

⁴¹ Rezende (2002a) trabalha com jovens e adultos de camadas médias urbanas, enquanto este estudo lida com jovens de camada popular.

Respostas	Frequência
Escola	25
Igreja	60
Bairro	15
Outro	00

A primeira questão a ser considerada é a pouca variedade dos locais. A explicação mais lógica para este fato é que, de fato, os jovens circulam de modo significativo apenas nos três lugares citados: escola, igreja e bairro. Não foi verificado, por exemplo, menção ao trabalho como local de fazer amigos, tampouco amizades surgidas no ambiente virtual das redes sociais e demais sites de relacionamento. O trabalho parece ser o espaço social onde predomina a relação com colegas, sem que um vínculo de proximidade seja construído. Um caso interessante é o de Paulo, que é soldado no Exército. Ele relatou que tinha dificuldade em se aproximar de seus colegas no quartel. Segundo ele, por não terem os mesmos assuntos e afinidades. Ele relatou que há uma brincadeira que comumente lhe é feita: quando ele chega no local onde estão os demais, os colegas dizem “vamos parar de conversar, porque o *crente* chegou”. Segundo Paulo, essa “é uma brincadeira com fundo de verdade”. Paulo relatou ainda que tem três melhores amigos: conheceu um no seu bairro, na infância; outro na igreja que ele congrega; e ainda uma amiga que é vizinha de sua antiga igreja (mas ela não é da referida igreja, é ateia) ele frequentava esta igreja e a viu ali, sentada nas proximidades. Começaram a conversar e ficaram amigos.

Quanto a presença da escola como local de estabelecimento de amizades, não houve surpresa. A literatura aponta tal espaço como um palco tradicional no qual os jovens, em geral, estabelecem sociabilidades e constroem relações de amizades (SPOSITO, 2005; MÜLLER, 2008). Entre a mocidade assembleiana, os jovens na faixa etária de 14 a 17, na qual todos (em tese) estão frequentando diariamente a escola básica, 40,4% afirmaram ter conhecido seus melhores amigos na escola. Em nossa amostra qualitativa, Judite (14 anos) e Maria (15) declararam ter conhecido algumas de suas melhores amigas na escola.

Outra questão a ser considerada é a predominância da igreja como o local onde os jovens informam ter conhecido seus melhores amigos. Um dos fatos que explica tal ocorrência é a dinâmica de sua organização interna, na qual os assembleianos são

incentivados a passar boa parte de seu tempo fora da escola e trabalho nas dependências da igreja ou em atividades realizadas com as pessoas de sua congregação. Quase a totalidade dos jovens entrevistados relataram que costumam frequentar sua igreja pelo menos três vezes na semana, ou mais em alguns casos. Walter, que na ocasião da entrevista não estava estudando ou exercendo ocupação remunerada, afirmou que vai em cultos de sua igreja quatro vezes por semana: segunda-feira, quarta-feira, sexta-feira e domingo. Segunda ocorre o culto de “doutrina”, fechado apenas para membros, quarta e domingo são os cultos públicos, e sexta-feira ocorre o culto “da vitória” ou “causas impossíveis”. No domingo, além do culto público noturno – em geral o evento mais cheio da igreja – também ocorre a EBD e o ensaio do departamento da mocidade. Estas são as atividades cotidianas, que podem aumentar nas vésperas de um evento especial, como o os “Congressos” de jovens e demais atividades festivas da igreja. Como será visto adiante, o espaço da igreja desenvolve um papel central na formação e vivência das amizades.

De outra forma, as relações de amizades entre os jovens assembleianos podem ser consideradas relativamente antigas no contexto de suas trajetórias de vida, uma vez que a maioria dos melhores amigos são conhecidos a pelo menos 4 anos, como pode ser visto na tabela a seguir.

Tabela 7- Tempo que os jovens conhecem seus melhores amigos

Respostas	Porcentagem
Menos de 1 ano	05%
Entre 1 e 3 anos	19%
4 anos ou mais	61%
Não me lembro	15%

Contudo, há uma diferença significativa no tempo de amizade se o mesmo for separado pela idade dos respondentes, como pode ser visto na tabela 8:

Tabela 8- Tempo que os jovens conhecem seus melhores amigos. Tabulação cruzada com idade

			Há quanto tempo você conhece seus melhores amigos?				Total
			Menos de 1 ano	Entre 1 e 3 anos	4 anos ou mais	Não em lembro	
Idade 14-17 anos	Contagem		4	16	22	5	47
	% em Idade		8,5%	34,0%	46,8%	10,6%	100,0%
18-21 anos	Contagem		1	2	23	6	32
	% em Idade		3,1%	6,3%	71,9%	18,8%	100,0%
22-24 anos	Contagem		0	1	16	4	21
	% em Idade		0,0%	4,8%	76,2%	19,0%	100,0%
Total	Contagem		5	19	61	15	100
	% em Idade		5,0%	19,0%	61,0%	15,0%	100,0%

Desta forma, observa-se que há uma tendência em quanto mais velho, mais antiga é a relação com seus melhores amigos. Uma das hipóteses que podem explicar este fato é que uma parte significativa das amizades são feitas justamente no período da adolescência, quando alguns dos gostos, opiniões e valores são solidificados. Em vários dos relatos ouvidos acerca das histórias das amizades dos jovens assembleianos, parte significativa delas começa justamente no início da juventude, por volta dos 14, 15 e 16 anos. Desta forma, ao comparar os resultados apresentados na tabela acima com os dados dos jovens entrevistados, observamos a mesma tendência. Maria de 15 anos, relatou que conheceu sua melhor amiga há dois anos, quando elas estudavam juntas em uma escola, e mantiveram a amizade, mesmo depois de passarem a estudar em escolas diferentes. Viviane, de 18 anos disse que uma de suas amigas mais próximas já é de seu círculo há mais de dez anos, enquanto duas de suas amizades, que segundo ela “levará para a vida toda”, tem cerca de dois anos (se conheceram no ensino médio). Já se observado o padrão das amizades de Vera, 22 anos, todas suas amizades têm pelo menos 5 anos, sendo algumas trazidas de sua infância, e algumas de suas amigas que já se casaram e começaram a constituir família, fato que não foi verificado entre os entrevistados mais novos.

Já quando perguntados sobre os assuntos que você mais gosta de discutir com seus amigos, foram obtidas as seguintes respostas:

Tabela 9- Assuntos que os jovens mais gostam de discutir com os amigos ⁴²

Respostas	Porcentagens
Namoro	34 %
Futuro profissional	73%
Violência	10%
Igreja	39%
Música/Livros	28%
Esportes	09%

Estes dados mostram que uma das principais preocupações que os amigos compartilham entre si é a questão do futuro profissional, com uma frequência bastante elevada de respostas. De fato, uma das grandes dúvidas e inquietações dos jovens brasileiros é sobre o mercado de trabalho (GUIMARÃES, 2005. RAITZ; PETERS, 2008). Entre os jovens evangélicos brasileiros, o desemprego é considerado um dos principais problemas do Brasil (NOVAES, 2005). Desta forma, o grupo pesquisado reproduz estas preocupações. O futuro profissional é um assunto citado por 68,6 % dos rapazes entrevistados e 75,4% das moças. Cristiano é um dos jovens que destaca a importância de planejar o futuro profissional, almejando uma carreira na Marinha, visando estabilidade financeira para poder constituir sua família. Ao ser questionado se ele estaria disposto a adiar seu casamento em virtude de sua vida profissional, ele nos afirmou que

Sim, adiaría porque, como é dito hoje em dia, quem casa quer casa. Eu adiaría para que não fosse mais para frente um problema, porque eu quero casar com tudo dentro de casa uma casa toda feita casar sem deixar dívidas e assim seria bom porque aí mais para frente daria tudo certo, não (me) preocuparia ia tanto (CRISTIANO).

Desta forma, nota-se que a preocupação com a vida profissional, neste caso, está integrada a um projeto de constituição de família e de futuro, que é uma preocupação muito presente na identidade jovem assembleiana. E ainda é importante ressaltar que este assunto é citado por 90,5% dos jovens entre 22 e 24 anos, face a

⁴² Como a pergunta que originou os dados da tabela admitia mais de uma resposta, sua soma percentual é superior a 100.

70,2% dos que tem 14 a 17 anos e 65,6% dos respondentes entre 18 e 21 anos, o que demonstra que aqueles que podem ser caracterizados como “adultos jovens” tem uma quase que unânime preocupação com tema, de modo que é um tema relevante a ser dividido com seus amigos, mas não deixa de ser também central nas demais faixas etárias pesquisadas.

De acordo com a pesquisa “ Perfil da juventude brasileira” (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2003), a religião é mencionada por 24% como um dos assuntos que os jovens brasileiros gostariam de discutir com seus amigos. Conforme os relatos ouvidos na pesquisa, o tema “igreja” refere-se tanto a assuntos de ordem espiritual, como doutrinas, usos e costumes, questões bíblicas e da liturgia; ou diz respeito ao dia a dia da congregação, como as diversas atividades que são feitas pelos jovens na igreja ou fora de seus espaços, mas que se relacionam a com a atividade eclesial. Inês, que tem seus amigos mais próximos companheiros de congregação, por exemplo, afirmou que “acho que o assunto que a gente mais fala é sobre religião mesmo”.

O tema “esportes” é predominantemente masculino: todos os que citaram esta opção no questionário eram rapazes e refere-se primordialmente ao futebol, um tema que, em geral, é um dos preferidos das rodas de amigos entre os homens no Brasil. Paulo comentou que um dos programas que mais gosta de fazer com seus amigos é ir ao estádio de futebol, hábito que se tornou mais raro por falta de tempo. Por sua vez, embora o tema “violência” seja um dos problemas dos jovens brasileiros das grandes cidades (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2003) e a região tem experimentado um significativo aumento da criminalidade nos últimos anos⁴³, esta temática não foi citada nas entrevistas em profundidade e tampouco apresentou diferenciações significativas se comparado por sexo ou por faixas etárias.

Já o tema “namoro” é uma preocupação de ambos os sexos, apresentando quase uma total simetria: 34,3 % dos rapazes o citaram como assunto preferido, frente a 33,8% das moças. Se for analisado entre as faixas etárias, o namoro aparece com um tema mais frequente entre os respondentes de 14 a 17 e 18 a 21, com respectivamente 36,2% e 37,5% de menções, frente a 23,8% dos jovens de 22 a 24 anos de idade. Contudo, como será visto adiante, os amigos têm um papel relevante quando é necessário um suporte emocional no campo dos relacionamentos. Judite,

⁴³ <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2016-02-27/populacao-de-municipios-da-baixada-sofre-com-aumento-de-crimes.html>. Acesso em 02 de outubro de 2016.

quando perguntada sobre quais os temas que mais conversava com seus amigos (no caso dela amigas), nos afirmou: “geralmente... é sobre namoro, mas a gente fala sobre a igreja, mas a gente não vive somente pegado a igreja, só na igreja”. Para efeito de comparação com um quadro mais geral da juventude brasileira, o tema “relacionamentos amorosos” foi citado por 51% como um dos assuntos que eles mais gostariam de discutir com os amigos ((FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2003).

O tema “música/livros” não teve diferenciação significativa se comparadas as respostas das moças e rapazes, mas apresentou uma leve tendência de mobilizar os jovens mais novos da amostra: foi citado por 29,8% dentre as idades de 14 a 17, 28,1% de 18 a 21 anos e 23,8% na faixa etária de 22 a 24 anos. Jorge afirmou que um de seus temas preferidos de conversa com um de seus amigos é sobre livros, especialmente do gênero ficção científica. Viviane também foi outra que enfatizou seu gosto pelo assunto dos livros com seus amigos, sendo que com uma amiga em especial, seu tema preferido foi descrito como “livros, músicas, o que predomina muito é livro, livros que ela lê que leio também”. Faz-se importante ressaltar que ambos são estudantes universitários.

Assim sendo, observados em conjunto, os temas de conversa que causam uma maior mobilização e foram os mais citados pelos jovens pesquisados reproduzem parte significativa de suas preocupações, anseios e vivências, uma vez que, como já foi dito, os amigos são aqueles em que se pode confiar, contar sempre e “dividir a vida”. Tais temáticas vão se modificando com o avanço da idade dos jovens, na medida que suas preocupações e anseios se transformam, ganhando novos contornos, com a proximidade da vida adulta e suas responsabilidades, que são por sua vez também uma parte importante das questões que são divididas com os amigos.

5.3 O papel da internet nas amizades dos jovens assembleianos

A maioria dos jovens brasileiros tem com uma de suas principais atividades cotidianas o uso da internet, especialmente nas redes sociais (BARBOSA, 2013). Desta forma, mediante o rápido crescimento das novas formas de comunicação virtuais, especialmente entre os jovens, uma outra questão examinada no âmbito da

presente pesquisa foi o papel das ferramentas de comunicabilidade nas relações de amizade, principalmente através da internet por meio de *smartphones* e computadores pessoais.

De acordo com a literatura, a maior parte da interação via internet é justamente com as pessoas com as quais tem-se relações interpessoais em bases regulares (McKENNA, et al., 2002). De um modo geral, foi verificado que comunicação virtual é uma ferramenta bastante utilizada pelos jovens assembleianos pesquisados para manter contato com seus amigos. Mas em contrapartida, as redes sociais e demais formas de interação virtual não se configuram como um local onde os jovens assembleianos estabelecem suas amizades, fato que também já foi observado em outros contextos do universo juvenil brasileiro (BARRETO, 2013). Desta maneira, nenhum dos entrevistados relatou que fez novos amigos de forma virtual. Quando perguntados via questionário como costumam falar com seus melhores amigos, os jovens pesquisados responderam da seguinte forma:

Tabela 10- Forma como os jovens costumam se comunicar com os melhores amigos

Respostas	Frequência
Pessoalmente	43
<i>Facebook/WhatsApp</i>	23
Ambos	34

Não foram verificadas grandes variações entre diferentes faixas etárias examinadas. Se examinado sob a distinção de gênero, temos uma resistência relativa maior dos rapazes assembleianos às novas ferramentas de comunicação, com apenas 8,6% de ocorrência de “*Facebook/WhatsApp*” como meio mais costumeiro de comunicação, frente a 54,3% do contato com os amigos pessoalmente. Já entre as moças, as frequências foram de respectivamente de 36,9, 30,8 e 32,3.

De uma forma geral, todos os jovens assembleianos entrevistados relataram utilizar formas de comunicação virtuais, principalmente através dos seus *smartphones*. Tal uso não é recriminado pelas lideranças da igreja, que ao contrário, também utiliza de tal expediente para melhor se comunicar com a mocidade, embora muitas vezes seja salientado para os jovens os “possíveis malefícios” que as mesmas

podem ter sobre a vida espiritual deles. Particularmente acerca desta questão, presenciamos pregações cujo tema era justamente o “perigo da internet e como o inimigo a usa para afastar o jovem da igreja”. O argumento central desenvolvido pelo palestrante era de que o uso da internet não deveria ser descartado, mas que o jovem deveria ser diligente para que esta ferramenta não o afastasse dos caminhos de Deus. Sobre a natureza destas formas de comunicação com os amigos, Inês, por exemplo, salientou que prefere conversar sobre as coisas que considera mais importantes pessoalmente, “pois tem mais calma e pode ver como suas amigas reagem”. Ela também ponderou que “minha mãe sempre fala, é melhor pessoalmente do que pela internet”. Por sua vez, Kelly relatou que não gosta de desenvolver seus assuntos por meios virtuais, utilizando apenas para comunicações mais rápidas e curtas. Contudo, tais ferramentas foram importantes para sua vida afetiva, uma vez que ela relatou que conheceu seu atual namorado em virtude de sua participação em um “grupo de Whatsapp” dos jovens da igreja. Segundo ela, o grupo foi criado para que os jovens de igrejas diferentes de seu campo pudessem se comunicar. Ao fim do ano, alguns membros deste grupo realizaram uma brincadeira de amigo oculto, e neste evento ela acabou conhecendo o rapaz que viria a ser seu namorado. Já Vera desenvolve um argumento, que, em certa medida, reproduz o discurso da igreja sobre a internet para jovens. Ela nos afirmou, que na sua opinião,

A internet muitas vezes prende as pessoas, que podem ser levadas a visionar outras coisas, mas é um meio comunicativo muito bom. Então depende muito do lado que você leva. Você pode ser levado para coisas boas e coisas ruins (VERA).

Contudo, mesmo mediante as ressalvas colocadas pelos líderes religiosos, é seguro afirmar que o uso das novas formas de comunicação está assimilado pelos jovens assembleianos e que elas são uma ferramenta relevante no contato com seus amigos, acompanhando a tendência geral na sociedade brasileira contemporânea.

5.4 Circuitos e programas: o que os amigos fazem juntos?

Nos estudos empíricos sobre juventude nas Ciências Sociais, é comum a observação sistemática dos circuitos que os jovens frequentam e os seus programas

mais frequentes, visando um entendimento mais rico acerca do fenômeno da juventude. (MAGNANI; SOUZA, 2007; VELHO; DUARTE, 2010). A investigação da dinâmica de ocupação de tempo livre pelos jovens é importante para a compreensão dos sentidos do próprio tempo da juventude, pois ela reflete a realidade efetiva de aspectos fundamentais que organizam a vida dos jovens (BRENNER; DAYREL; CARRANO, 2005). Pensando especificamente a importância da observação do lazer dos jovens, é relevante verificar como a vivência desta esfera pode intensamente reveladora, elucidando elementos que a análise em outros campos, como o do trabalho ou da família, poderia não demonstrar (UVINHA, 2007). Também é importante salientar que uma das principais atividades que os jovens brasileiros costumam fazer no fim de semana, quando geralmente tem mais tempo livre é “encontrar os amigos” (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2003). Por estes motivos, no caso deste trabalho, consideramos que seria enriquecedor para a compreensão da amizade analisar os circuitos e programas que os jovens assembleianos da Baixada Fluminense fazem com seus amigos.

Em geral, eles costumam frequentar os mesmos locais e fazerem as mesmas atividades recreativas com seus amigos, frente à baixa oferta de opções de lazer para os jovens na região, configurando um padrão de baixa variação. Poucos foram os relatos de programas entre amigos que eram realizados em ambientes ao ar livre. Não existem parques, por exemplo, na região. As poucas praças existentes muitas vezes são vistas como inseguras ou mesmo consideradas “inadequadas” como um espaço para se frequentar. No que diz respeito a idas as praias, um programa comum entre os jovens cariocas, as mais conhecidas e frequentadas da cidade do Rio de Janeiro ficam a pelo menos 40 km de distância da cidade de São João de Meriti, onde foi realizada a pesquisa, o que na prática significaria um percurso médio de 60 minutos de automóvel ou 120 minutos utilizando-se o transporte público. Desta forma, foi encontrado um circuito restrito de atividades que os jovens assembleianos realizam com seus amigos, que segundo os relatos, é limitado, além da citada falta de opções, pela pouca disponibilidade de tempo e a carência de recursos financeiros para custear programas e atividades mais custosas. Desta forma, na maioria dos casos, segundo os relatos colhidos, os momentos de lazer entre amigos dos jovens assembleianos são feitos em locais como suas casas, lanchonetes e no *shopping center* da cidade, salvo algumas exceções. Passemos a alguns detalhamentos.

Quando questionados sobre o local onde costumam encontrar seus amigos, os jovens assembleianos responderam da seguinte forma:

Tabela 11- Locais que os jovens costumam encontrar seus amigos

Respostas	Frequência
Escola	23
Igreja	55
Casa	17
Na rua/praçã	3
Trabalho	0
Não respondeu	2

A predominância da igreja como o local de encontro com os amigos reforça a ideia que a mesma é um dos principais espaços da amizade jovem assembleiana, mesmo que os assuntos mais discutidos por eles não sejam necessariamente de ordem espiritual/religiosa. Segundo boa parte dos relatos colhidos, como já foi dito, a frequência na igreja é bastante numerosa, com média de 3 idas por semana. Aqueles que vão menos dias o fazem por não terem mais tempo, em geral por obrigações escolares e profissionais. Neste sentido, podemos pensar a igreja como um espaço de congregação, não somente de fé e práticas religiosas, mas também como o ambiente em que os jovens encontram seus iguais, estabelecendo vínculos e laços como a amizade. Desta forma, a igreja oferece um espaço privilegiado para tal, talvez somente comparável à escola. Mas, de acordo os dados colhidos, dentre os espaços frequentados pelos jovens configura-se como o mais atrativo. Na seção seguinte deste capítulo esta discussão será mais detalhada.

Ao analisarmos estas respostas mediante o recorte de gênero, a maior discrepância está na variável “casa”. Apenas 8,6% dos rapazes citaram este local como sendo um ponto de encontro comum, frente a 21,5% das moças. Possivelmente podemos associar este dado ao tradicional “papel de gênero”, no qual se costuma atribuir às mulheres os espaços domésticos, enquanto aos homens há uma maior valorização de sua presença nos espaços públicos (DAMATTA, 1997). Tais papéis são reforçados pela igreja em seus discursos doutrinários, conforme pudemos verificar

empiricamente durante o trabalho de campo nos cultos e demais atividades no âmbito da Assembleia de Deus, e que é confirmado pela literatura (MACHADO, 1996; FERNANDES et al., 1998, entre outros).

Por sua vez se observarmos a variação dos locais onde os jovens assembleianos encontram seus amigos sob o recorte da idade, a predominância da escola é na faixa de 14 a 17 anos, com 87% de respostas. Certamente, uma das causas para tal é a centralidade da escola como espaço de convivência e sociabilidade deste grupo, uma vez que a mesma é frequentada diariamente. E a partir dos 18 anos, a escola já não possui a mesma relevância como espaço de encontro dos amigos, espaço este que vai ser substituído pela igreja. Já os espaços públicos como praças, parques e ruas não são muito populares entre os jovens assembleianos no que diz respeito ao local de encontro com seus amigos. Possivelmente tal fato se dá, além da precariedade já citada dos locais públicos de lazer na Baixada Fluminense, que são pouco atrativos, pela associação destes locais com a questão do “mundo”, uma vez que a rua é vista como o local da “bagunça”, onde os jovens têm condutas consideráveis reprováveis, como o uso de bebidas e drogas.

Contudo, tal rejeição deve ser relativizada. Em alguns momentos havia tal uso dos espaços em atividades lúdicas de amizade. Alguns rapazes entrevistados têm o hábito de combinar entre si e jogar bola na praça próxima da igreja, mas em geral apenas entre o seu grupo ou no máximo daqueles “conhecidos” do bairro, e em horários distintos daqueles de maior frequência da quadra poliesportiva localizada em uma praça, a cerca de cem metros da igreja. Também presenciamos uma outra atividade de lazer que era feita com regularidade após os cultos entre alguns os jovens da mesma congregação: a brincadeira da “queimada⁴⁴”. Desta atividade participavam tanto moças como rapazes, todos da igreja, em rua também próxima da congregação, em frente à casa de um dos pastores líderes do campo e também do grupo de

⁴⁴ A queimada é um jogo esportivo muito usado como brincadeira infantil. O material utilizado é uma bola de vôlei ou de borracha, de tamanho médio. Geralmente é praticado em um terreno plano, de forma retangular, demarcado por linhas e sendo dividido em dois campos iguais, por uma linha reta e bem visível traçada no solo. O tamanho do terreno pode variar conforme o número de jogadores. O objetivo do jogo é fazer o maior número possível de prisioneiros em cada campo. O grupo vencedor será aquele que fizer o maior número de prisioneiros dentro de um tempo pré-estabelecido, ou então, aquele que aprisionar todos os jogadores adversários. Nesta brincadeira não existe um número estabelecido de participantes e as regras não são muito rígidas, porém o objetivo é o mesmo: eliminar a equipe oposta. Fonte: <http://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/jogo-queimada.htm>. Acesso em 14/09/2016. Adaptado.

mocidade, sendo frequentada ocasionalmente por seu filho. Segundo relatos, a atividade foi interrompida depois de alguns meses, pois começou a incomodar alguns vizinhos por causa do barulho dos jovens na rua, através do intermédio do já citado pastor, que alegou que a brincadeira não estava mais “edificando”. Este caso é um bom exemplo, pois simboliza uma forma de apropriação do espaço público para uma atividade de lazer dos jovens assembleianos realizada entre amigos, apropriação esta mediada pelos códigos culturais deste grupo. Ela deixou de ser considerada “edificante” no momento em que, de certa forma, interpretada como similar àquelas atividades dos jovens “do mundo”, quando começou a causar distúrbios e reclamações por causa justamente da “bagunça” causada por ela, que, por sua vez, é vista como uma das características do “mundo” e por isso devem ser evitadas, por que não mais são algo que pode ser visto como “separado”.

Continuando no intuito de compreender como são realizados os programas, atividades de lazer e quais os circuitos que os jovens assembleianos frequentam com seus amigos, perguntamos quais os programas que eles mais gostam de fazer com seus amigos. As respostas aferidas foram as seguintes:

Tabela 12- Programas que os jovens mais gostam de fazer com seus amigos ⁴⁵

Respostas	Frequência
Shopping/Cinema	41
Lanchar	51
Casa de alguém	35
Ir para a igreja	10
Ir a locais públicos (praça, parques, praia, etc)	02
Praticar esportes	02

O primeiro dado que nos chama a atenção é o programa preferido dos jovens com seus amigos: sair para lanchar. Na literatura existem registros desta opção como

⁴⁵ Como a pergunta que originou os dados da tabela admitia mais de uma resposta, sua soma percentual é superior a 100.

forma de lazer, embora não seja uma das mais populares entre os jovens brasileiros (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2003). Por isso, tal fato merece um mais de atenção no contexto estudado por este trabalho. De fato, há muitas lanchonetes na região pesquisada, que, em geral, funcionam no período noturno, entre 18 e 23 horas, costumando servir lanches rápidos, tais como variados tipos de hambúrguer, batata-frita, pizza, cachorro-quente, entre outros. Geralmente, estas refeições apresentam um preço de baixo custo, quase sempre inferior aos cobrados pelas grandes redes de *fast-food*. A maior parte desses locais é composta por pequenos comércios, alguns familiares. Esta opção foi escolhida mais entre os jovens da faixa de 18-21 e 22-24, provavelmente porque nesta idade os jovens já têm um pouco mais de autonomia e condições materiais de sair e lanchar com seus amigos, se comparado com os jovens da faixa de 14 a 17 anos. Sobre a questão de lanchar com os amigos, alguns dos jovens fizeram alguns relatos:

(Lanchar) é uma coisa de cristão. Por exemplo, meus amigos que não são da igreja, o final de semana deles é mais beber, sempre ouço eles falando, que vão beber, que não sei o que... eu conversando com outros amigos, até ontem mesmo, que eles foram beber, que fizeram a festa e tal, então os evangélicos, eu, por exemplo, não vejo graça nisso. Eu não vou dizer que não experimentei, porque eu já experimentei, mas eu não vejo graça nisso. Eu mesmo com o pessoal aqui da igreja, depois do culto vamos fazer o que? Ah vamos comer um peixe! Vamos comer um *cheese-burger*, vamos no *Subway*, vamos! Vamos! A gente ama comer. É uma coisa que é fato, evangélico come muito (VIVIANE).

A gente costuma tomar um açaí, sempre lanchar. Geralmente dia de domingo é sagrado, a gente ir lanchar em algum lugar *pra* poder comer (JUDITE).

Depois do culto a gente costuma ir lanchar... A gente prefere comer hambúrguer, *bauru*. Aí a gente reúne o pessoal e junta as mesas e faz aquela bagunça. Eu gosto muito, é coisa de jovem, sabe como é jovem... (WALTER).

Assim, muitos foram outros relatos, alguns em tom de brincadeira, que “crente adora comer”. O lanche é visto como um programa que pode ser feito pelos jovens assembleianos porque não contraria as “regras” da identidade assembleiana de não ingerir bebidas alcoólicas, nem ir a ambientes considerados impróprios, como os *bailes funk*. Como já foi visto, tais normas são colocadas no âmbito do discurso da igreja e reforçadas pelas práticas de sociabilidade presentes no grupo estudado. Desta forma, a preferência pelo programa “lanche” pode ser explicada, primeiramente, por ser uma atividade que não rompe com as regras de conduta esperada de um

jovem assembleiano. Essa preferência também pode ser explicada pelo fato dessa atividade ser compatível com nas possibilidades financeiras dos jovens. Quando realizada em grupo torna-se ainda mais atrativa neste quesito, devido a possibilidade de divisão dos custos. Há mais uma possível razão para essa preferência: são atividades de mais fácil acesso aos jovens da região, frente a pouca oferta de opções viáveis – tanto do ponto de vista econômico como do moral/religioso.

A segunda opção de lazer entre amigos dos jovens assembleianos mais citada no questionário foi “Shopping/Cinema”, opções que também são das preferidas entre os jovens brasileiros observados em um contexto mais geral (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2003). Este hábito ao ser analisado por faixa etária, apresenta maior índice de respostas positivas entre aqueles que estão com idade de 18 a 21 anos, com 53,1%. Provavelmente tal fato dá-se, pois, os mais jovens muitas vezes não tem dinheiro ou autorização para tal atividade, enquanto os mais velhos não têm muito tempo disponível. Nos relatos apresentados pelos jovens pesquisados, em geral é manifestada que tal programa é um dos preferidos de ser feitos entre seus amigos, mas trata-se de uma prática mais esporádica, principalmente devido os motivos acima mencionados. Maria citou que um de seus programas preferidos com seus amigos é ir ao “boliche do Shopping”. Mara afirmou que “quando tenho tempo... gosto mais de ir ao cinema (...). Shopping o tempo todo, quando tenho tempo... sair com uns amigos para distrair um pouco a mente”. Segundo Vera, para ir ao shopping e cinema faltam “ ânimo e dinheiro, porque a gente tem que sair cedo para o trabalho. Mas (também) é mais a questão do dinheiro mesmo. E as pessoas e (falta de) companhia também”. Fábio, por sua vez, quando perguntado se tinha o hábito de ir ao cinema, respondeu:

Geralmente (vou com) meus amigos, também com o pessoal da minha família, meus primos. Mas até que agora geralmente eu não tenho ido muito, por causa do tempo. Quando sai um filme novo geralmente tô até baixando no computador e é por isso também que eu às vezes não tô indo (FÁBIO).

Também teve uma significativa taxa de resposta “ir à casa de alguém”. Esta opção tendeu a ser mais escolhida pelos jovens com maior idade: 27,7%, 40,6% e 42,9% respectivamente pelos jovens entre 14-17, 18-21 e 22-24. Não ocorreu variação significativa se analisada a opção por gênero: 33,3% dos rapazes e 35,4% das moças assinalaram esta resposta no questionário. Nos relatos quase todos os jovens afirmaram que seus amigos eram bem recebidos em suas casas pela família.

Viviane relatou com uma de suas atividades preferidas com suas amigas é se reunir na casa de uma delas para ver séries de televisão e conversar sobre estas e os livros que elas estão lendo. Por sua vez Judite afirmou que “eu sou assim caseira, eu não gosto de sair. Prefiro ficar no meu canto, quieta. Mas quando tenho que sair, eu saio, vou na casa das minhas amigas. Vou sair com meu namorado. Não faço muita coisa”.

Já a opção “ir à igreja” não estava nas respostas esperadas na pergunta, e mesmo assim foi respondida por 10% dos jovens assembleianos, uma vez assinalada na categoria “outro” (a questão era semiaberta). Provavelmente seria mais lembrada se fosse uma opção estimulada. Por sua vez a opções ir à locais públicos e praticar esportes, embora estejam presentes no cotidiano das atividades entre amigos dos jovens assembleianos, como verificado em atividades de observação participante, não foram lembradas de forma significativa, possivelmente por não ter grande relevância na memória das amizades dos respondentes do questionário. Paulo e Kelly, por exemplo, mencionaram que gostam de ir à praia com seus amigos, embora tal prática não fosse uma atividade cotidiana. Cristino e Walter tem o costume de jogar futebol com seus amigos, de forma real e virtual, através do *videogame*.

Desta forma, acabou-se descobrindo novas e relevantes faces nas relações de amizade, tais como a importância do momento do lanche após o culto e igreja como espaço da amizade, a partir da observação de seus programas e formas de lazer compartilhadas. Muitas das histórias e acontecimentos relevantes da trajetória destas relações acontecem nestes momentos, que inicialmente, podem ser considerados menos importantes na vida dos jovens. Como visto, tais programas também revelam um pouco de como o jovem assembleiano lida com a cidade e suas opções de lazer, cultura e entretenimento, revelando aspectos que são relevantes da própria forma de inserção destas moças e rapazes em um contexto social mais amplo daquele constituído pelo eixo família, escola e igreja.

5.5 A noção de ‘pedaço’ e a igreja como espaço de sociabilidade básica juvenil

Como foi demonstrado neste capítulo, a igreja tem um papel central na vida dos jovens assembleianos, principalmente a partir do momento que eles passam

a ter um maior contato com outras formas de sociabilidade exterior a família. Como também já foi demonstrado, a escola também ocupa um papel relevante nesta sociabilidade pós-familiar, conforme já era plenamente esperado e documentado na literatura (BOURDIEU; PASSERON, 1975; COLLS; PALÁCIOS; MARCHESI, 2004). Também como visto no capítulo anterior, a igreja é um local que é exitosamente utilizado no sentido religioso da congregação com os irmãos em fé. Desta forma, visando avançar na compreensão das relações de amizade, nos propomos a pensar a igreja como um espaço no qual os jovens realizam parte significativa de sua sociabilidade básica, configurando-se como um espaço de grande relevância para a construção das amizades, fato que é realçado no contexto socioespacial da Baixada Fluminense, como também já foi salientado. Caso semelhante já foi reportado na literatura. Segundo Mesquita e Bertoli (2014), em pesquisa com jovens evangélicos moradores de favelas na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ – um contexto semelhante ao do abordado pela presente tese, de juventude evangélica de classes populares moradoras de regiões com poucas opções de lazer e atividades recreativas – os jovens evangélicos “preferem estar na igreja por uma escolha e desta forma as práticas religiosas passam a ser vistas como formas de lazer e entretenimento (MESQUITA; BERTOLI, 2014) ”.

Para tal intento, é muito útil pensar a igreja como parte relevante, no universo das moças e rapazes assembleianos pesquisados, daquilo que o Magnani (2005, 2014) descreve como os circuitos dos jovens urbanos. Para o autor, o circuito é “a configuração espacial, não contígua, produzida pelos trajetos de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado período de tempo” (MAGNANI, 2014). Tal conceito representa um avanço conceitual no campo da Antropologia urbana, pois possibilita a ligação de pontos descontínuos e distantes no tecido urbano, sem perder, contudo, a perspectiva de totalidades dotadas de coerência, e desta forma construir unidades analíticas mais consistentes (Ibidem). No interior da noção de circuito, a partir dos dados colhidos, o conceito que acreditamos ser mais adequando ao papel que a igreja cumpre na socialização dos jovens assembleianos e, por consequência, nas suas escolhas e práticas de amizade é o de pedaço, que é definido por Magnani como

Pedaço designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável do

que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2005).

O autor salienta que é no âmbito do “pedaço” que se vive e compartilha toda sorte de vicissitudes que constituem cotidiano, assim como nos momentos de lazer, devoção, participação em atividades comunitárias e associativas, troca de favores e pequenos serviços; e também dos inevitáveis conflitos e disputas (Ibidem). Primeiramente, é importante salientar, que no caso estudado por este trabalho, a igreja não é o único espaço de sociabilidade e construção de amizades frequentado pelos jovens, como foi visto, mas funciona como um dos mais relevantes pontos de partida destas relações sociais. Ela pode ser entendida como um “pedaço” na medida em que é um local que consegue ser atrativo para os jovens, e ao mesmo tempo não perde o seu caráter de lugar do sagrado, conforme já visto em casos semelhantes, mantendo uma relação com fugaz e informal com a territorialidade local (MACHADO, 1992; ROSENDAHL, 1996). Desta forma, no espaço físico e simbólico da igreja, os jovens têm a possibilidade de encontrarem-se, conversar, conhecer outras pessoas fora da formalidade do ambiente de trabalho e da vida escolar, com o diferencial de que lá é um local cuja frequência é uma escolha deliberada, sem que exista uma obrigação da presença, mesmo considerando-se a questão da tradição e possível pressão familiar.

Deste modo, segundo a jovem Viviane, a igreja “ é um “point de amizade”, um lugar onde conhecemos e fazemos amigos e vamos convivendo. ” Ela também relatou que os jovens de sua congregação costumam organizar festas, algumas em suas casas e outras em salões locais. Costumam também organizar churrascos e reuniões em piscinas, assim como festas temáticas como festa do milho (similar as tradicionais festas juninas, mas sem a simbologia dos santos católicos) ou festa do avesso (onde os participantes têm que ir com uma roupa inusitada, que não é usada no dia a dia). Viviane ressaltou que em nenhuma destas reuniões dos jovens da igreja há a presença de bebidas alcoólicas ou outras substâncias consideradas nocivas, como cigarro e evidentemente, drogas ilícitas. Fábio, que estuda à noite e durante o dia trabalha como autônomo, salientou que “nos dias de hoje é na igreja” que ele consegue ter mais um contato pessoal com seus amigos, que ele valoriza bastante. Por sua vez, Vera, que trabalha exaustivamente durante a semana em uma grande loja varejista no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, e durante o fim de semana, relatou:

Eu costumo mais ir para igreja, que é o primordial, que eu tenho que ir. Se eu faltar me sinto muito mal. É o dia em que estou voltada para os meus amigos, é lá que eu estou mais próxima deles para conversar, trocar ideia. Porque segunda-feira eu trabalho, todo mundo trabalha. (Mas) porque fim semana é mais (com os) amigos mesmo (VERA).

Nota-se que Vera argumenta que se sente mal se não for a sua igreja e praticar sua fé, mas que também destaca que é na igreja o local em que encontra e pode estar voltada para os amigos, em um ambiente que lhe é agradável e receptivo. Fábio gostaria de ter mais tempo de estar com seus amigos, e na igreja é um dos poucos locais que rotineiramente ele consegue fazer-lo. É importante notar que não necessariamente eles fazem suas atividades com seus amigos na igreja. Como foi visto, um dos programas mais comuns dos jovens assembleianos pesquisados entre amigos é sair para lanche depois de atividades na igreja, especialmente os cultos. É importante lembrar que a igreja é o ponto de encontro preferencial com seus amigos, conforme visto na tabela 12.

Assim, podemos dizer que há uma apropriação involuntária do espaço da igreja por parte da mocidade assembleiana, demarcando este local como o *seu pedaço*, onde as pessoas e as normas sociais vigentes lhe são familiares e, em alguma medida, eles têm sua voz ouvida. Tal apropriação é comparável, guardadas as respectivas especificidades, com outros casos nos quais jovens unidos por uma marca identitária estabelecem um determinado lugar da cidade como seu “pedaço”.

Podemos comparar, por exemplo, com o caso dos jovens *emos*⁴⁶ na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro (Bispo, 2010) ou com os *manos* na estação Conceição do metrô de São Paulo (NORONHA; PIRES; TOLEDO, 2007). Evidentemente, há uma distinção fundamental destes casos com o que é examinado no presente trabalho, que é a singularidade da igreja como instituição social. Mas, o que une estes casos e outros vários presentes na literatura, é a existência de estratégias particulares e distintas de apropriação, utilização e identificação dos diferentes locais existentes na paisagem urbana, que tornam possível o reconhecimento da igreja, seja ele consciente ou não, como um “pedaço”. Mesmo que inicialmente os jovens assembleianos não se conheçam, eles se distinguem de outros, a partir de marcas

⁴⁶ Segundo Bispo (2010), emo é uma abreviação do termo “*emotional hardcore*”, segmento do rock surgido nos anos de 1980, que se caracterizavam por compor músicas de temas românticos conjugados a acordes “pesados” e graves.

identitárias típicas dos assembleianismos, como o vestuário, as saudações, os interesses culturais, e, evidentemente, a crença religiosa, e desta forma, acabam por transformar o lugar do sagrada em um lugar familiar: o seu pedaço.

5.6 Suporte emocional e pequenos desentendimentos: revisitando alguns sentimentos na amizade dos jovens assembleianos

Uma vez apresentadas algumas das principais formas de interação dos jovens assembleianos com seus amigos e a função da igreja como espaço social impulsionador desta dinâmica, ainda resta analisar como alguns sentimentos se manifestam no âmbito das amizades dos jovens assembleianos, dando atenção às esferas pessoal e profissional, mas, sobretudo pensando como estes sentimentos aparecem em suas trajetórias e percursos religiosos.

Nos últimos anos, têm-se desenvolvido no interior da Ciências Sociais o campo da Antropologia das emoções, que, a grosso modo, tem procurando compreender as emoções, suas manifestações e expressões a partir de sua circunscrição no contexto sociocultural mais amplo, apoiada na crítica de uma visão etnocêntrica das emoções, demonstrando que suas formulações e manifestações estão conectadas com as distintas noções de indivíduo e pessoa construídas pelas diversas sociedades (REZENDE, 2002b; REZENDE; COELHO, 2010). Este trabalho, contudo, não pretende realizar uma observação mais sistemática apoiada nas contribuições deste campo de estudos, pois tal empreendimento exigiria uma análise discursiva de fôlego, além de uma atenção maior à discussão das amizades em relação as elaborações culturais mais amplas, o que poderia levantar questões muito ricas e interessantes. Entretanto, isto poderia nos levar a correr o risco de nos afastar de nosso objetivo principal de pensar como a religião afeta a amizade dos jovens. Todavia, a análise de algumas das manifestações dos conflitos e suportes entre amigos é indispensável, pois como vimos nos discursos dos jovens assembleianos, uma das principais coisas que se espera de um amigo é oferecer suporte e estar presente sempre que necessário.

De uma forma geral, os problemas narrados pelos jovens pesquisados se relacionavam à esfera pessoal e eram oriundos de pequenos desentendimentos do

cotidiano, e segundo esses jovens, esses problemas não deixaram grandes marcas negativas ou ressentimentos. Já em relação aos relatos de suportes dos amigos na esfera da vida pessoal, segundo as narrativas, as amizades têm-se mostrado como uma grande fonte de apoio frente aos problemas que surgem na vida dos jovens. Para uma melhor compreensão da questão, dividimos os relatos entre “conflitos” (surgidos nas amizades) e suportes. Como está questão mostrou-se relevante para a compreensão das relações de amizades na literatura (REZENDE, 2002a, 2002b), procuramos investiga-las nas narrativas. Vejamos alguns casos:

Conflitos:

Houve uma vez (um problema) mas não diretamente entre mim e ele, foi uma briga entre meu irmão e o irmão dele. Aí acabou que, por causa de família, a gente ficou sem se falar um pouco, mas depois voltou tudo normal. (JORGE)

Com a questão (do desentendimento) foi sem intenção. Um problema de comunicação, aí quiseram passar uma coisa, mas não era isso. Era uma questão de mal-entendido, mas logo depois a gente conversou e a gente se entendeu mesmo. Foi o famoso telefone sem fio. (FÁBIO)

(Minha amiga e eu) deixamos de nos falarmos (durante) meses, por besteira até, mas é um gênio muito, muito forte, que a gente tem que saber lidar. Muitas das vezes a gente têm uma amizade, no dia que a gente não tá bem de jeito nenhum, essa pessoa pode te falar uma coisa que vai te ferir, mas a gente tem que ter a sensibilidade de falar uma coisa que vai magoar ou saber que ou agir de um jeito que vai magoar, assim, não podemos nos deixar levar num dia que esteja ruim. Mais ou menos (é) isso eu acho (VIVIANE).

Nos meus 15 anos (na festa) gerou meio que um conflito na família. Todo aquele preparativo, uma amiga estava me ajudando muito em relação a minha festa, e de repente ela deixou de me ajudar. Até falei: “eu pensei que você estaria aqui comigo na minha festa de 15 anos”. (Isso) que foi gerando esse conflito e também por relacionamentos. Ela falou: não namora não, viu essa pessoa não, mas (eu) já estava conhecendo. (Aí) ela parou de falar comigo por conta disso. Mas ela tem uma visão mais plena, ali na frente. Ela fala “não vai por ali vai por aqui. . .”. Mas ela (estava) certa (em relação ao desentendimento). Ela é como se fosse uma irmã mesmo (VERA).

Teve um desentendimento que durou meses. Tipo... eu namorava com uma menina, aí ele (meu amigo) gostava dela, (mas) a gente (eu) conversava com ela. Ele já tinha conversado comigo sobre ela, aí a gente começou a namorar, só que ela já tinha falado que não tinha mais nada. Ele chegou a namorar com ela também (antes de mim). Aí a gente parou de se falar um pouco. Durante (a situação) ficou aquela coisa..., mas depois que terminou (o meu namoro com ela) é que voltou ao normal quando. Mas hoje a gente se fala todo dia (PAULO).

Suportes:

Foi quando a gente teve uma disciplina (no curso que fazíamos juntas). Aí nós sentamos em um círculo e cada um foi falando da característica que pensava no outro. Aí falaram uma coisa de mim que a gente não concordou,

nem eu nem ela. Tipo, ela pegou e foi lá e pegou aquela situação para ela e foi lá e foi falando e foi me defendendo e aquilo tá fazendo com que eu me sentisse melhor, não que eu me sentisse bem e que realmente eu não era aquilo, mas que tinha pegado uma característica minha precipitada porque não tinha tanta intimidade comigo. Como ela teve então eu não era aquilo e se não fosse por ela eu poderia ter pelo aquilo *pra* mim e ele ficar triste ou magoada então foi por isso (DINORÁ)

Eu morava com meu padrasto e ele (meu amigo) morava com a madrasta dele também e, ao contrário do bom relacionamento que eu tinha com meu padrasto, ele não tinha como a mãe. Nós e a madrasta dele sempre conversávamos sobre isso. Ele tentava culpar ela porque ele não ter um bom relacionamento com a mãe dele, porque ele dizia que ela tentava ocupar o lugar da mãe. Isso porque dizia que ela queria mandar nele. Ele não aceitava muito isso, mas eu conversava muito com ele as vezes quando eu estava chateado lá em casa. Por mais que eu tivesse um bom relacionamento com meu padrasto, às vezes eu tenho a impressão de que ele privilegiava os outros filhos dele, até mesmo os meus irmãos de sangue, eu achava que ele sempre cobrou mais de mim, não importava as coisas que estava acontecendo eu achava que ele cobrava mais de mim vírgula eu me sentir mais cobrado, eu tinha essa impressão, então eu conversava com ele. A gente dividia nossos problemas (JORGE).

Teve uma vez que eu fiquei muito chateada. Eu gostava de um garoto e ele ficou noivo, só que eu já estava esquecendo ele. Eu ia desistir dele, mas aí ele chegou *pra* mim do nada e me mostrou anel de noivado eu fiquei “tipo tá e daí? ” Mas fiquei arrasada por dentro. Aí ela pegou e falou com ele: “ninguém quer saber disso. Eu não sei porque você está falando isso ninguém te chamou aqui”. Aí ela começou a falar com ele e ele foi embora e eu vi que ele ficou muito irado, que ela ficou com muita raiva dele. Aí eu (pensei) nossa ela é minha amiga mesmo (MARIA).

Para mim (um dos suportes foi ajudar a) superar a decepção de uma outra amizade. Ela (minha amiga) fez eu superar a outra amizade. Foi uma das primeiras amizades que eu tive eu, coloquei tudo nela e ela me decepcionou completamente. Então eu acho que foi a minha primeira decepção. Que amizade é essa? A pessoa hoje que é minha melhor amiga, (ela) fez eu superar isso. Foi daí que a gente começou a ter um relacionamento mais na amizade (INÊS).

Os relatos demonstram que muitas das questões que motivam os desentendimentos entre os amigos no universo dos jovens assembleianos reproduzem questões presentes no universo juvenil mais amplo, como conflitos na esfera amorosa e familiar, falhas e contratempos na comunicação e dúvidas sobre lealdade. Tais dados mostram que, mesmo desejando ser “separados”, muitas das questões pessoais que atingem as relações de amizade são similares àquelas apresentadas pelos jovens “do mundo”. Como veremos no próximo capítulo, existe no universo pesquisado um ideal de amizade “santa”, afastada das questões do mundo, que na prática parece não se confirmar, face a algumas questões presentes nas narrativas. Os relatos de suporte apontam para a mesma direção, na medida em que os amigos, “da igreja” ou “do mundo”, são capazes de trazer uma palavra que conforte

em uma situação de dificuldade ou tomar uma atitude que os ajude a superar uma situação ruim nas diferentes esferas de suas vidas.

Já nas manifestações de conflitos e suportes no âmbito das amizades específicas na esfera religiosa, os problemas e suportes, em geral, se relacionam tanto no dia a dia da vivência dos jovens na igreja quanto a questões de natureza espiritual. Alguns dos problemas aparecem por causa de diferenças religiosas e consequentes disputas e diversidade de visões de mundo, outros devido a posturas que surgem mediante mudanças de atitudes dos amigos na igreja. E muitos suportes relacionam-se com conselhos sobre como usar a fé para superar problemas e dificuldades cotidianas, assim como o de ser um exemplo de virtude cristã.

Problemas:

Não vou falar que a nossa amizade é perfeita, porque a gente sempre tem um desentendimento e a gente já teve várias coisas assim, mas por bobeira também, mas nunca ficamos sem se falar. Mas já discutimos sim (...) foi assim coisas bobas né.... Antigamente quando a gente era do grupo infantil, a gente adorava cantar e sempre queria pegar o microfone. Aí teve uma vez que me dando um microfone e ela ficou chateada porque me deram microfone porque criança é assim né quer o microfone, para ficar cantando e aí a gente adora cantar. Aí foi por isso são coisas bobas mesmo. Que a gente discutia (JUDITE).

É porque sempre foram mal-entendidos, o desentendimento nosso sempre foram mal-entendidos por conta de outras pessoas da igreja. A gente sempre esclareceu, quando acontece essas coisas assim a gente sempre procura esclarecer e aí fica tudo bem (KELLY).

As pessoas mudam por várias coisas. Por vários motivos, e essa pessoa já mudou (...) mudou por pegar cargos na igreja, pessoa muda então. (...) isso mudou nossa relação, porque a pessoa começa a agir de outra forma. Aí complica um pouco. Mas a gente já superou isso. Não porque ela saiu do cargo, ela continua lá. Mas eu aprendi a como lidar com isso. (INÊS)

Minha amiga é atea. Aí ele fica tentando me “desconverter” (me convencendo a) “viver pela ciência” (tom de ironia). E você (eu) fica tentando mostrar o lado da fé, da palavra de Deus. A gente briga, de desentende, mas não fica sem se falar, depois a gente se entende (PAULO).

Eu trabalhava em uma loja varejista e era complicado porque eu ouvia muitas coisas relacionadas sobre mim por conta de ser religiosa, cristão, e era complicado porque as pessoas falavam muitas gracinhas né cantavam com respeito falavam e moralidades e isso foi me afastando com tempo. Mas o pessoal era bem complicado de lidar mesmo, era bem complicado. Surgiu um fato uma vez, um rapaz lá ele era gay e ele faltou com respeito. A supervisora, que na época ela estava caminhando pro meio evangélico, ela estava saindo do meio espírita, e ela começou a andar um pouco mais comigo, entendeu? E isso foi gerando conflitos entre a equipe que trabalhava comigo e esse rapaz chegou até “sair do ar” um tempo, ele falava muitas coisas ruins sobre a religião mesmo. E por aí foi. . . ela (minha amiga) também se converteu eu não fiquei lá não, depois eu saí (VERA).

Suportes:

Eu trabalho no grupo das crianças, aí a gente começou a trabalhar com as crianças da igreja e nos aproximamos bastante. Ela conversava sobre os problemas dela... jovem é cheio de problemas. E ela é muito sensível, assim... eu vejo que ela é uma pessoa que fica triste com muita coisa, fácil, com muita facilidade, né? Tem gente que guarda muito, não demonstra, mas eu vejo isso nítido, nela. Aí quando ela tem problemas, eu vou perguntar *pra* ela. Eu acho que nem todo mundo tem essa facilidade. Quando vejo que ela está assim (com problemas) eu vou e falo. Quando ela não vai *pra* igreja, já vou lá no portão dela, perguntando, o que aconteceu... (KELLY).

Ele me ajudou tanto na questão de exemplo, quando a gente olha pra uma pessoa e pensa: nossa é um exemplo a ser seguido e também na questão de motivação. A gente além do olhar para pessoa e ver que nela um espelho, assim como também, Cristo, Jesus Cristo mostra que é um dos nossos maiores exemplos. Ele é nosso maior exemplo assim como também nós estamos próximos eu vi que ele era um exemplo pra mim e era algo que ele estava fazendo algo e eu achei muito bonito de ver. (Em outro caso também foi) através do crescimento espiritual, assim, eu sempre quero aprender cada vez mais tanto na minha vida profissional, mas também eu vejo eu vejo na espiritual, ou seja, na igreja. Aprender cada vez mais da Bíblia, eu vi isso nele. (Neste último caso) Ele é mais velho, mas é de outra de outra denominação (FÁBIO)

(O meu melhor amigo tem) a sabedoria... a sabedoria de falar com as pessoas, mesmo não conhecendo ele vê a pessoa caída lá, ele tem uma sabedoria de ter a palavra, não só pra cantar, mas pra conversar e pregar. Ele já me ajudou muito assim... (MARA)

Uma vez aconteceu de eu ajudar uma amiga minha recém-casada. Ela estava tendo um problema no relacionamento, aí eu disse: continua, vai orar, ora de madrugada. Assim uma auxiliando a outra né? Porque o casamento a gente sabe é para vida toda e a gente só casa uma vez a gente que escolhe. Então tem que fazer dá certo não tem como dá errado se ela optou em casar, né? Ela tem que estar ali ao lado dele apoiando sendo ele quem for. Então eu tenho que ajudar ela, auxiliar, para ela, fazer como algumas pessoas falam, não deixar a peteca cair. (VERA)

Desta forma, podemos primeiramente reafirmar a centralidade que a vivência na igreja tem nas trajetórias e percursos das amizades dos jovens pesquisados. Muitos dos momentos considerados por eles relevantes nestas histórias aconteceram no âmbito da igreja ou sem relaciona com questões a ela ligada. Mesmo fora dela, ocorrem suportes e ajudas que estão inseridas no fato de ser evangélico e desta forma, carregar consigo responsabilidades conexas a esta condição para com o outro. Os jovens tomam como um compromisso incentivar seus amigos a permanecerem frequentando regularmente a igreja, de tal forma que interpretam um período maior de ausência nos cultos, ou em outras atividades da igreja, como um sintoma de problemas pessoais. Neste sentido, segundo os relatos e demais observações no campo, um dos suportes mais valorizados entre os amigos assembleianos é o de ser

capaz de dar ânimo e fornecer “uma palavra amiga” àqueles que, por motivos diversos, podem vir a estar se afastando “dos caminhos de Deus”. Até porque, segundo a narrativa êmica, este fato pode vir a desencadear uma série de outros problemas nas vidas dos assembleianos.

Isto posto, concluímos que os jovens assembleianos parecem obter satisfação e o suporte requerido de seus amigos, tanto na esfera pessoal como na religiosa. Mesmo que tais amizades enfrentem certos problemas e obstáculos, o que é de certa forma esperado no campo das relações que envolvam sentimentos, pode-se dizer que há um “saldo positivo” nesta relação problemas x suportes. As questões levantadas como “estar sempre presente” ou “ter confiança”, que se mostraram relevantes no que diz respeito ao que se espera de um amigo, parecem ter sido preenchidas, tal como é esperado dos amigos em outros contextos (Rezende, 2002a). Também encontramos outras questões relevantes surgidas no contexto específico dos jovens assembleianos, como o suporte para a prática religiosa e a perseverança nos caminhos “do senhor” – um reforça a fé do outro, ou deveria fazer isso.

6 OS AMIGOS E A IDENTIDADE ASSEMBLEIANA: COMO A RELIGIÃO INFLUENCIA AS RELAÇÕES DE AMIZADE

Adúlteros, vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimidade com Deus? Quem quer ser amigo do mundo faz-se inimigo de Deus.

Tiago 4:4

Como foi visto no capítulo anterior, a igreja AD oferece condições de ordem prática e não espiritual que são utilizadas pelos jovens para construir e consolidar suas redes de amizades. Mas este fato, por si só, não dá conta de explicar por completo como a religião influencia na amizade dos jovens. Por isso, neste capítulo veremos como a identidade religiosa assembleiana atua como uma das principais forças sociais que agem na formação e prática de amizades dos jovens que aderiram a esta igreja. Assim, este capítulo tem como objetivo apresentar como dá-se este fenômeno. Inicialmente, será vista a filiação religiosa dos amigos dos jovens pesquisados, que por sua vez também será analisada a partir de algumas variáveis, como idade, origem do pertencimento e onde se conheceu os amigos. Após esse passo a amostra de base qualitativa também será analisada, visando aprofundar tal reflexão. Em seguida, veremos como as ADs constroem um discurso acerca do fenômeno da amizade entre os jovens, inicialmente apresentando alguns casos na literatura, que é restrita. Posteriormente serão usados como fonte materiais encontrados na internet em sites voltados especificamente para o público jovem pentecostal, tais como páginas na rede social Facebook voltadas tal segmento, bem como material produzido pela revista Geração JC, da editora CPAD.

Também será apresentado como a igreja ADM constrói esse discurso, através das falas de líderes e dados colhidos em pregações ocorridas no âmbito da igreja em cultos cujo público-alvo eram os jovens. A partir destas informações apresentaremos uma formulação que elaboramos a partir da noção de ideal de amizade específico encontrado no contexto da identidade juvenil assembleiana: o ideal de “amizade santa”. No tópico subsequente veremos como os jovens assembleianos pensam a importância da religião de seus amigos para suas próprias relações de amizade. Além da observância do critério de afinidade religiosa para a escolha dos amigos, vamos

analisar como as amizades dos pesquisados influenciam suas práticas religiosas, a partir da questão de como os amigos poderiam aproximar ou afastá-los da igreja. Finalmente veremos se o conceito de “jugo desigual”, que diz respeito à diferença de fé entre casais pode ser aplicado à questão da amizade, a partir dos relatos colhidos entre os jovens da amostra de base qualitativa.

6.1 A filiação religiosa dos amigos dos jovens assembleianos

Quando buscamos analisar como a identidade assembleiana influenciava a amizade dos jovens pesquisados, a primeira questão a ser problematizada foi a opção religiosa dos amigos. Ao questionar sobre a religião dos amigos, a resposta inicial, em geral, sugeria a existência de muitos amigos, e cada um tendo a sua religião. Entretanto, com o avanço das conversas informais e no desenrolar das entrevistas, fomos aos poucos verificando a tendência (já esperada) de que a maioria dos amigos, especialmente os mais próximos e os “melhores amigos”, que, como vimos, são aqueles com os quais os jovens têm mais contato e intimidade, tinham sua religiosidade semelhante, ou ao menos próxima (como membros de outra igreja evangélica).

Desta forma, para os jovens da amostra de base quantitativa, elaboramos uma pergunta fechada inquerindo a religião dos seus melhores amigos. O foco nos “melhores amigos” deve-se tanto ao objetivo de facilitar o entendimento da questão pelo jovem como ao foco no “melhor amigo” utilizado neste trabalho, pelos motivos já explicitados anteriormente no capítulo 5. Os resultados inferidos foram:

Tabela 13- Religião dos melhores amigos

Respostas	Porcentagem
Assembleiano	56%
Outra igreja evangélica	29%
Não são evangélicos	13%
Não respondeu	2%
Total	100%

Inicialmente, o fato mais notório é que a grande maioria dos jovens tem como seus melhores amigos evangélicos, sendo a maioria de assembleianos, mas também uma parte considerável de filiados à outras denominações evangélicas. Observando a questão tomando como varável o recorte de gênero⁴⁷, observamos que os rapazes tendem a ter suas amizades mais concentradas entre membros da AD assim como outras igrejas evangélicas em comparação com as moças. Uma hipótese possível para explicar essa diferença de gênero pode ser fato do estilo de vida assembleiano representar uma maior ruptura em relação à sociedade mais ampla em termos de papel masculino do que o feminino, como têm mostrado a literatura (MACHADO, 1996; MACHADO; MARIZ, 1997, entre outros).

Analisando a questão pela variável da faixa etária, verificou-se que a idade é um fator relevante neste aspecto⁴⁸: daqueles que responderam que os melhores amigos “não são evangélicos”, 84,6 são de idade entre 14 e 17 anos, sendo que 23,4% dos melhores amigos destes jovens não são evangélicos. Sobre estes dados especificamente temos algumas considerações a serem feitas. Em primeiro lugar, como visto na tabela 8 no capítulo 5, os jovens mais novos tendem a ter amizades mais recentes, se comparadas com as demais faixas etárias. Este fato é relevante pois sugere que tais relações estão menos consolidadas, até porque terem menos tempo de vida, e atributos como confiança e proximidade podem também estar menos conformadas nas amizades. Em segundo lugar, há a inequívoca influência da escola, que como vimos no capítulo 5, é o segundo espaço onde mais os jovens assembleianos conhecem seus amigos, assim como é onde passam grande parte de seu tempo fora de casa, aumentando as probabilidades de conhecer pessoas que possam a vir ser um(a) amigo(a). E em terceiro lugar, possivelmente, o fato de estarem com a identidade assembleiana menos consolidada no seu *habitus*. Segundo relatos dos líderes, as moças e rapazes mais jovens da “mocidade” são os que mais oferecem preocupação quanto ao cumprimento das doutrinas típicas da igreja e na observação dos “usos e costumes”. Também são os que mais “se distraem” na hora do culto e nos ensaios das atividades da mocidade.

⁴⁷ A tabela com os dados de filiação religiosa em tabulação cruzada com sexo está no anexo 3.

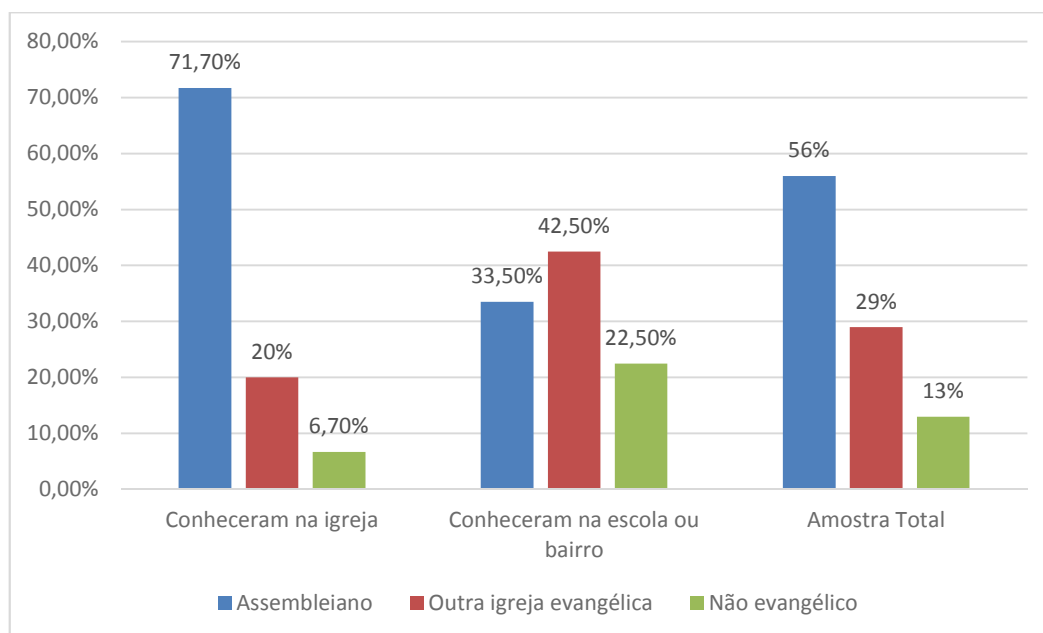
⁴⁸ A tabela com os dados de filiação religiosa em tabulação cruzada com idade e as distintas faixas etárias está no anexo 3.

Ainda observando a religião dos amigos dos jovens sobre a ótica da idade, temos uma tendência de quanto mais idade tiver o jovem, mais “assembleiana” é a sua amizade, uma vez que 66,7% dos jovens entre 22 e 24 anos têm como melhores amigos membros da AD. Já o maior percentual de melhores amigos de outra igreja evangélica (37,5%) encontra-se na faixa etária entre 18 e 21 anos, (incluindo moças e rapazes), mas essa faixa apresenta ainda altos índices de melhores amigos assembleianos, com 59,4% (vide tabela 8). Tais dados também vem a corroborar nossa hipótese que quanto mais idade o jovem possui, mais sua identidade está assentada em seu *habitus*, no que diz respeito a escolha de seus amigos.

Da mesma forma, ao analisarmos ainda a religião dos melhores amigos em relação à origem do pertencimento religioso (nascidos em família evangélica e convertidos depois de criança) percebemos que os “evangélicos de berço”, reproduzem o quadro geral com irrelevantes diferenças percentuais, até porque tal grupo representa 84% da amostra. Já os convertidos apresentam uma tendência um pouco maior a ter melhores amigos não evangélicos (23,1%), e um pouco acima da média no quesito melhores amigos “assembleianos”, com 61,5%. Entretanto, é importante ressaltar que de toda a amostra, apenas 8 jovens responderam ter sido convertidos depois de criança, o que limita nossas possibilidades de análises mais profundas sobre este grupo específico. Desta forma, embora exista uma tendência de que os jovens não nascidos em lar evangélicos tenham mais “melhores amigos” fora do meio protestante, ela deve ser relativizada devido ao problema amostral supracitado.

Uma outra questão relevante é saber se, entre aqueles jovens que afirmaram ter conhecido seus melhores amigos fora da igreja, ou seja, na escola ou no seu bairro (que formam 40% da amostra), existe diferença significativa em relação à religião de seus amigos. Vejamos os dados:

Gráfico 7- Religião atual dos amigos. Comparativo entre os que conheceram na igreja, os que conheceram fora da igreja (escola e bairro) e a amostra geral ⁴⁹



Desta forma, percebemos que o local onde se conhecem os melhores amigos é um fator de grande relevância no que diz respeito a sua religião. Entre os que conheceram os melhores amigos na igreja, a grande maioria é assembleiana, fato que permanece com menor intensidade na amostra geral, mas que se modica quando o local declarado de conhecimento dos seus melhores amigos foi “fora da igreja”. Especificamente nessa variável temos uma tendência um pouco maior à dispersão, como pode ser observado no gráfico 7 permanecendo a maioria de evangélicos entre os melhores amigos dos jovens da amostra (76,5%), mas com um maior percentual para os de “outras igrejas evangélicas”. Assim, podemos inferir que a identidade juvenil assembleiana é determinante para a religião (no caso evangélica) dos amigos, mas não é tão relevante para definir a denominação na qual os amigos pertencem. Tal tendência parece reforçar o argumento visto no capítulo anterior de a igreja enquanto espaço de sociabilidade tem papel central nas práticas da amizade entre os jovens assembleianos da ADM.

Algumas considerações complementares: o que explicaria o índice relevante de mais de 25% dos jovens assembleianos que conheceram seus melhores amigos na igreja não serem assembleianos? Descontando-se possíveis erros de natureza

⁴⁹ Foram desconsiderados os 2% que não responderam a religião dos melhores amigos.

amostral⁵⁰, a explicação mais plausível é a ocorrência do fenômeno do trânsito religioso entre estes jovens, seguindo a tendência observada por Almeida e Barbosa (2013), quem salientam o caráter fortemente dinâmico do segmento pentecostal no Brasil neste quesito. Sobre a questão da mobilidade religiosa especificamente entre os jovens, temos alguns exemplos na literatura, como Fernandes (2010) e Mariz e Medeiros (2013), entre outros. Vejamos agora alguns detalhamentos, observando a questão da filiação religiosa dos melhores amigos de nossos em nossa base qualitativa, tomando como base os relatos dos jovens entrevistados:

Tabela 14- Religião dos melhores amigos dos jovens entrevistados

Nome (fictício)	Religião dos melhores amigos ⁵¹
Cristiano (17 anos)	1-AD; 2-AD
Dinorá (17 anos)	1- AD; 2- NE; 3- NE
Inês (17 anos)	1- AD; 2- AD
Kelly (20 anos)	1- OIE; 2- AD
Jorge (24 anos)	1- NE; 2- NE; 3- AD
Mara (19 anos)	1- AD
Maria (15 anos)	1- AD; 2- OIE
Paulo (21 anos)	1- OIE; 2- OIE; 3-NE
Viviane (18 anos)	1- AD; 2- AD; 3- AD;
Judite (14 anos)	1- AD; 2- AD; 3- NE
Fábio (20 anos)	1- AD; 2- OIE
Vera (22 anos)	1-AD; 2- AD; 3-AD; 4- OIE; 5- OIE
Walter (19 anos)	1- AD; 2- AD

Desta forma, os 13 jovens entrevistados citaram 30 “melhores amigos” em suas narrativas, sendo que destes, 63,3% são assembleianos; 23,3% de outras igrejas evangélicas e 13,3% não evangélicos, apresentando números não muito distintos da amostra de base quantitativa – apenas uma tendência levemente maior para a “AD” e

⁵⁰ Tais como interpretação equivocada das perguntas, informações falsas, etc.

⁵¹ AD= Membro da AD; OIE= Outra Igreja Evangélica; NE= não é evangélico. O número designa cada amigo, uma vez que eles não foram identificados nas entrevistas (foram chamados de amigo1, amigo 2, etc.). Os entrevistados apontaram números diferentes de melhores amigos, por isso, por exemplo, alguns poderão ter dois amigos citados, outros cinco.

um pouco menor para “OIE”. Todos os 13 jovens tinham pelo menos um de seus melhores amigos como sendo “assembleiano”. Dos jovens citados, apenas Jorge não nasceu em lar evangélico, convertendo-se apenas aos 17 anos de idade. Ele foi o único que declarou que não tem a maioria de seus “melhores amigos” classificados como evangélicos. Jorge citou três “melhores amigos”, mas depois, como será detalhado mais à frente neste capítulo, um de seus antigos melhores amigos virou um “conhecido” durante a trajetória de tal amizade.

Este dado poderia vir a reforçar a ideia de que ter nascido em família evangélica aumenta as probabilidades de ter suas amizades prioritariamente entre membros da mesma fé, na medida em que o habitus da identidade assembleiana não estaria tão consolidado, mas como veremos no caso específico de Jorge, por um dos melhores amigos contabilizados virou um “conhecido”, a correlação entre o jovem ser convertido depois de criança e tender a ter amigos não evangélicos fica em suspenso. Mais uma vez, deve-se salientar que a pouca quantidade de casos não nos permite ter um alto grau de certeza em tal tendência, mas ao menos temos alguns indícios de duas fontes distintas (as bases quantitativa e qualitativa) que apontam nesta direção. Outrossim, podemos perceber na amostra qualitativa a mesma tendência observada na de base quantitativa: uma maior concentração das amizades com pessoas do meio evangélico. Nas entrevistas, todas as vezes que foi referida “outra igreja evangélica” como pertencimento religioso dos amigos de nossos interlocutores, tais igrejas eram do campo pentecostal. Foram citadas a IURD, Ministério Terra Profética, Maranata e Batista Renovada.

Desta forma, observando as duas bases de amostra, percebemos que existe uma forte tendência dos jovens assembleianos da ADM em construir suas amizades com outras pessoas que compartilham de sua fé, seja no âmbito da própria AD ou de outras igrejas pentecostais que estão presentes na região e que têm como público-alvo indivíduos com as mesmas características gerais das ADs. Adiante veremos os mecanismos que auxiliam o estabelecimento de tal concentração das amizades entre os de mesma fé.

6.2 O discurso das ADs sobre o papel da amizade entre os jovens e o ideal de “amizade santa”

Observando e participando de cultos, conversando com lideranças da igreja e dialogando informalmente ou através das entrevistas com os jovens assembleianos, ou ainda analisando dados e publicações em revistas e páginas na internet voltadas para o segmento juvenil pentecostal, pode-se afirmar que existe um discurso coerente e razoavelmente homogêneo acerca da questão das amizades, bem como “seu papel” entre os jovens. Este discurso aponta no sentido de que as amizades são uma relação importante para a vida do jovem, mas que devem ser cercadas de precauções, pois podem influenciá-los de forma negativa, levando-os a ter comportamentos e atitudes que vão de encontro com os padrões éticos da igreja.

Na literatura há registros de problemas e virtudes que as “amizades”, inseridas em um contexto de ética pentecostal, podem vir a trazer para os evangélicos. Por exemplo, Mariz (1994b), em pesquisa onde analisa o papel do pentecostalismo na superação do alcoolismo, salienta que, seus entrevistados afirmam que o convívio com amigos e colegas de trabalho foi um dos principais meios pelos quais eles adquiriram o vício do álcool. “Para os pentecostais, bebe-se nessa sociedade, porque o álcool é um meio de lazer e convivência entre colegas de trabalho e amigos, é um dos instrumentos, ou o único instrumento, oferecido pelo ‘mundo’ para enfrentar os conflitos, frustrações e dificuldades da vida (MARIZ, 1994b: 216)”. Entretanto, mesmo observando que as fontes citadas no trabalho de Mariz eram homens adultos, podemos verificar que tal caso ilustra bem como a noção de amizade “separada do mundo” está presente em vários contextos do pentecostalismo. Mesquita e Bertoli (2014), em trabalho com jovens evangélicos moradores de favelas na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ, afirmam que à medida em que eles se convertem, os laços de amizade vão se transformando, acompanhando as mudanças em suas preocupações, que se voltam para questões como o compromisso com a instrução, na preocupação com o amigo que está se desviando da igreja, com o envolvimento de seus amigos com os perigos do “mundo”, como o tráfico de drogas, etc. Neste sentido, as virtudes do convertido passariam a ser vistas como um exemplo de nova vida a ser seguido (MESQUITA; BERTOLI, 2014).

Já na esfera dos materiais produzidos pelas ADs voltada para o segmento evangélico juvenil, também é possível encontrar escritos que analisam a importância da amizade para os jovens evangélicos. A seguir temos dois trechos de artigos que caracterizam de forma representativa tal discurso. Ambos podem ser encontrados no site da revista *Geração JC*, uma publicação da CPAD, editora oficial da CGADB. Vejamos trechos pertinentes dos escritos:

É preciso selecionar as amizades, o que requer de todos os jovens discernimento espiritual, pois sua seleção pode influenciar sua vida espiritual para melhor ou para pior. Somos hoje o resultado de nossas decisões ontem. A palavra “amizade” está sendo banalizada em nossos dias. Selecionar um amigo na essência da palavra está muito difícil. Estamos vivendo em um mundo de muitos interesses pessoais. Somente um jovem maduro é capaz de saber selecionar uma amizade sábia e duradoura. Jesus chamou doze, mas selecionou três de seus discípulos para vivenciarem maiores experiências (Mt 17). Precisamos conhecer a fundo nossas amizades. Pedro, Tiago e João eram discípulos que foram selecionados dentro os doze para conhecer algo mais profundo. Assim são as amizades que selecionamos: elas passam a conhecer nossas intimidades.⁵²

Querido(a) leitor(a), fica a dica: escolha bem seus amigos, aqueles que servem e creem no mesmo Deus que você, que vão te dar bons conselhos, que vão orar contigo na hora do aperto, que vão abrir seus olhos quando estiver tomando decisões erradas, etc. E, claro, invista na mais importante de todas as amizades: seu relacionamento com Jesus. Posso te garantir que Ele nunca falha, nunca vai te deixar na mão, e sempre vai querer o seu bem. Ah, e, diferente das pessoas do mundo, que podem rejeitar sua amizade (do tipo: “nosso clube já está completo”), Ele sempre está de braços abertos para novas amizades. E te pergunta, hoje: “E aí? Me aceita como amigo? ”.⁵³

Ainda no campo da internet, encontramos no âmbito das páginas em redes sociais, especialmente no Facebook – a mais usada pelos brasileiros – mensagens e figuras que enfatizam a questão da importância de “boas amizades” para o jovem evangélico. Adiante temos uma figura que enfatiza tal questão, utilizando-se de forma muito eficiente a linguagem própria da internet, que de forma geral é bem assimilada pelos jovens, inclusive os assembleianos.

⁵² Publicado na revista *Geração JC* por Dario Felipe, pastor e líder da União de Mocidade da Assembleia de Deus em Rio Branco (AC). Disponível em: <http://www.geracaojc.com.br/home/index.php/explore/item/100-selecionando-as-amizades>. Acesso em 21 set. 2016.

⁵³ Publicado na revista *Geração JC* por Eveline Ventura, jornalista e escritora. Disponível em <http://www.geracaojc.com.br/home/index.php/k2/item/114-me-aceita-como-amigo>. Acesso em 21.set.2016.

Figura 5- A amizade e a proximidade com Deus no contexto das redes sociais



Fonte: <https://www.facebook.com/crenteamsembleiano>. Acesso em 30.out.2012.

Os artigos e a figura demonstram, de um modo geral, que é de vital importância para o jovem evangélico/assembleiano “escolher bem os amigos”, uma vez que eles teriam a capacidade de influenciar a mocidade, seja com atitudes positivas na vida cotidiana, suportes e incentivos na vida espiritual, seja com exemplos e influências tidas como “negativas”, levando os jovens a ceder aos “perigos do mundo” com atitudes consideradas impróprias ou mesmo podendo se desviar da igreja. Ganham destaque nas narrativas a importância da noção de “seleção”, dialogando diretamente com outra noção cara a identidade juvenil assembleiana, como visto: a de o “crente de verdade” é “separado do mundo”. Assim, nada mais coerente que ter amigos “separados”. Entretanto, como veremos, tais mecanismos de construção das amizades em relação a religião são tão simples assim.

Outra forma de analisar como é formado o discurso das ADs, em especial o caso estudado da ADM, sobre o papel da amizade entre os jovens que foi a ida e análise dos cultos públicos da igreja, assim como conversar informais com seus líderes. Em nossas interlocuções com pastores e líderes de mocidade, ao abordar o tema da amizade e sua importância na vida espiritual dos jovens, as respostas obtidas foram basicamente as mesmas: é importante que os jovens tenham cuidado com suas amizades, uma vez que “alguns amigos” podem representar perigos “a boa conduta da mocidade”. Todos afirmaram que os amigos podem tanto aproximar quanto afastar o jovem da igreja. Entretanto, nenhum pastor ou liderança nos afirmou explicitamente que, na sua opinião, o jovem assembleiano deve abster-se de ter amizades com pessoas do “mundo”, enfatizando o “livre arbítrio” dos mesmos. Alguns também

observaram a importância de os jovens tentarem converter seus amigos do “mundo”, trazendo-os “para Jesus”. Por sua vez, nos cultos que acompanhamos no âmbito da ADM, embora o tema das amizades não fosse um dos mais recorrentes, eventualmente ele aparecia nas narrativas dos pastores e líderes da igreja.

Como foi dito, em geral, o tema da amizade aparecia pouco e de forma ocasional, tangenciado outro assunto, especialmente a já citada importância de se escolher bem os amigos para que se tenha “boas influências”. Uma das poucas narrativas mais densas presenciadas e registradas foi uma pregação de um preletor convidado (de outra AD), relato que foi colhido em culto matutino voltado para os jovens ocorrido em 2012. O pregador relatou que conhecera uma pessoa que era um cantor *gospel* de carreira promissora, de família criada na igreja (AD). O cantor, ainda jovem, começa a fazer sucesso entoando louvores e hinos na sua congregação e depois em outras igrejas, e sua popularidade vai pouco a pouco crescendo. Contudo, o outrora “crente” fiel e dedicado começou a ver seu incipiente sucesso “subir à cabeça”, tendo como resultado escolhas de amizades “equivocadas”, que passaram a incentivar “coisas erradas”, ao cabo que por contas destes amigos, o jovem e promissor cantor se desviou “dos caminhos do senhor” e caiu no “mundo”. Assim, o personagem da pregação acaba, por fraqueza espiritual e pela ação das “más companhias”, caindo nos ‘vícios’, se afastando dos “amigos certos”. Seu fim é trágico: ele acaba por morrer em um acidente de carro, pois estava dirigindo embriagado. O pregador salienta que neste momento “Satanás obteve uma vitória” e finaliza sua fala conclamando aos jovens da igreja a “escolher bem suas amizades” e serem “persistentes em sua fé”. De certa forma, a dramática narrativa citada evoca aos termos centrais do discurso da AD sobre amizade os jovens: na relevância das escolhas dos amigos, os perigos do mundo e a importância na persistência de sua fé, mesmo que em ambientes “mundanos”.

Frente a esses dados, podemos pensar sobre a existência de um “ideal de amizade juvenil assembleiano”. Segundo Silver (1989), especialmente nos setores mais educados das grandes cidades ocidentais existe um “ideal de amizade”, onde ela teria como principais características serem voluntárias, informais e privadas, tendo a particularidade de serem compromissos abertos, sem traços de relações do tipo contratuais (SILVER, 1989). No estudo de caso apresentado por Rezende (2002a), no contexto inglês das camadas médias urbanas, por sua vez, tal ideal está associado à questão do poder “ser eu mesmo” com o amigo, a partir da liberdade e da

honestidade que somente uma amizade verdadeira poderia propiciar (REZENDE, 2002^a). À vista disto, podemos destacar algumas particularidades presentes no contexto do ideal de amizade presente entre os jovens assembleianos. Na falta de uma nomenclatura melhor, nomearemos tal ideal como “amizade santa”, em referência à expressão “namoro santo”⁵⁴, tipo de relacionamento encontrado nos círculos de jovens católicos da RCC – Renovação Carismática Católica (SOFIATI, 2011), mas também presente em narrativas evangélicas, com o nome de “namoro cristão” (SANTOS, 2008; MACHADO, 2016). Desta forma, o ideal de “amizade santa”, além de evocar as características já citadas de “confiança”, “sinceridade” e “estar presente”, ela teria também que ser capaz de guiar o amigo para um caminho “correto”, baseado na “palavra” e na observância correta das “doutrinas”, tal como incentiva o amigo a perseverar na igreja. Vejamos alguns relatos que apontam nesta direção:

Deus explica: bem-aventurado o homem que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos. (Por que estou) recitando o Salmo 128, já que ele não está falando de amizade? Mas eu quero ver o bem dos meus amigos então bem-aventurada palavras de um homem, (...). Eles tão bem-aventurados, o homem que tem os seus caminhos. Então se eu quero ver o bem dos meus amigos eu quero ver ele ali dentro da igreja buscando e compartilhando comigo e tudo aquilo que há de bom dentro do Evangelho, no meio cristão a fé e a palavra de Deus. (CRISTIANO)

Amizade não é tudo, porque tudo é Deus, mas (amigo) é aquele que você pode confiar, contar tudo, se acontecer alguma coisa você pode contar pro seu amigo, você que ir na igreja ele vai junto, vai te acompanhar. (Para mim) melhor amigo é aquele que te leva para o bom caminho, não é somente a igreja, mas de sair das coisas que a gente pode evitar, coisas do mundo. Melhores amigos são esses (MARA).

Bom, acho que meus amigos verdadeiros também se preocupam com o nosso bem-estar espiritual. Sempre que vemos um mais fraquinho a gente tenta ajudar... (pergunta para ele) ah por que você está desanimada... Você não consegue estar naquela atmosfera do culto, então, às vezes, você não consegue estar naquele clima do culto, da adoração, e os amigos percebem isso aí perguntam, te incentivam, perguntam: você tá desanimado? Tá mais tristonho hoje? (KELLY).

(Tenho uma amiga) ela também é da igreja. Quando a gente tá conversando, a gente fala sobre assuntos da igreja. (Mas) também a gente fala de namoro, essas coisas assim, que a gente não pode ter certos tipos de atos com namorado, que são práticas mundanas e a gente vai conversando por que ela entende também, porque mais ela tem mesma religião que eu e me incentiva a estar no caminho certo, no caminho de Deus. (DINORÁ)

⁵⁴ Segundo Sofiati (2011), o “namoro santo” caracteriza-se principalmente por ser casto e ter como finalidade a formação de uma família.

Desta forma, podemos caracterizar o ideal da *amizade santa* como sendo aquela relação na qual os amigos constroem estratégias de lealdade, companheirismo, e sinceridade reelaborando e combinando tais princípios com as características centrais da identidade juvenil assembleiana, como a separação do “mundo” e a persistência na fé mesmo diante das dificuldades que surgem, sendo estas superadas pelo suporte dos amigos, também vide exemplos demonstrados no capítulo 5. Podemos dizer que a consolidação de tal ideal tem boas probabilidades de ser fruto da conformação do *habitus* da identidade supracitada, na medida em que ele invoca todo um conjunto de simbolismos típicos de tal contexto. Entretanto, é importante ponderar que enquanto ideal, a amizade santa é algo mais almejado do que vivido na realidade cotidiana das moças e rapazes assembleianas, tal como qualquer formulação idealizada.

Por conseguinte, uma vez visto que os jovens tendem a ter entre seus amigos mais próximos pessoas de mesma fé e também tendo identificado as principais características do discurso acerca das amizades elaborado no âmbito do pentecostalismo e em particular da ADM, que nos permitiram pensar num tipo ideal de amizade que denominamos como “amizade santa”, passaremos no próximo a examinar como estas informações são assimiladas e reapropriadas pelos jovens pesquisados, observando qual é a relevância da religião dos amigos para suas amizades.

6.3 A importância da religião do amigo para o jovem assembleiano

Apresentado como as ADs elaboram um discurso em torno da questão da amizade, será visto neste tópico como os jovens assembleianos da ADM pensam a relação entre a religião e amizade. Partiremos de duas questões centrais: primeiramente, será discutida a questão de se ter uma identidade juvenil assembleiana (ou ao menos afinidades eletivas com ela) é um critério para a escolha das amizades. Posteriormente, analisaremos como a amizade influencia a prática religiosa do jovem assembleiano, pensado na questão de como os amigos aproximam ou afastam este jovem da igreja.

De uma forma geral, quando nas entrevistas perguntamos aos jovens se eles achavam que era importante seus amigos compartilharem de sua fé, alguns iniciaram sua resposta afirmando que isso não tinha grande relevância. Entretanto, com o desenvolver dos relatos, alguns desses argumentos foram gradativamente se modificando, caminhando na direção de uma relativização da negação da correlação entre os amigos e a sua fé. Outros, por sua vez, foram mais diretos e afirmaram que de fato a religião era um elemento importante na amizade. Vejamos alguns relatos:

(Eu acho importante meus amigos terem a mesma fé que eu) porque um apoia o outro, um ajuda o outro, né? Quando o outro está fraco o outro levanta, um anima o outro. Então. . . (isso também) em relação à vida geral porque quando um tá fraco, um anima o outro e o outro fica forte, um apoiando o outro, levantando. (...) A gente (costuma conversar com os amigos) a respeito da religião, se bem que é complicado porque muitos têm outras denominações. É claro que (cada um) quer é defender a sua própria religião. Eu tenho a maior parte (de amigos) evangélica, sendo que eu tenho também outras (amizades) que é espírita né, do Candomblé. Então já fica mais complicado de se lidar. (VERA)

Se é importante (a religião dos amigos)? Não, porque tipo assim... a igreja foi o que eu escolhi, entendeu? Eu escolhi servir à Deus por isso eu estou na igreja. O fato das minhas amigas serem da igreja também, porque eu conheço elas desde que me entendo por gente, conheço elas, sempre estou contando com elas. Agora não é importante o fato delas serem da igreja, assim... eu tenho amigos que não são da igreja, não são meus melhores amigos, mas tipo assim, em algum momento já contei com um, com outro, mas sendo fiel a mim, tendo confiança é meu amigo. (VIVIANE)

Alguns de meus amigos mais próximos não são de minha igreja. Bom, tem parte que sim (atrapalha em alguma medida a amizade). Tem outros que sim e tem uns que não respeitam, mesmo sabendo que você é cristão, que você tem um ponto de vista. Faz até mesmo para poder ver como você vai reagir a certas coisas. Não respeitam sua decisão, sua opinião, então fica meio que nesse conflito onde um respeita o outro. Aí você tem que saber lidar com cada um com forma deles. (JORGE)

Eu tenho uma amiga que a minha mãe não gosta muito dela, acha que não é uma boa companhia. Eu até me afastei (dela) porque ao longo do tempo, eu fui vendo que ela não é uma boa companhia pra mim pelo fato dela não me influenciar em boas coisas. (Minha mãe acha que ela não era uma boa companhia) porque além dela não ser cristã, ela é muito cabeça "voada". Eu comecei a perceber isso nela eu me afastei, continuei a falar, continuei gostando muito dela, porém me afastei para não ser influenciada. Eu acho que o (amigo influencia) sim (...). Se a pessoa faz alguma coisa, você vai fazer as mesmas coisas que a pessoa faz, então se a pessoa faz coisas ruins você vai passar fazer coisas ruins com ela, por ver ela fazendo. Pelo ato dela fazer. Mas se as pessoas fazem coisas boas você vai fazer as mesmas coisas que elas fazem. (MARIA)

Não, pra mim não é importante (meu amigo ser da minha igreja) não. Se ele fosse de outra igreja eu também estaria lá junto com ele, ele aqui comigo visitando. (Mas se ele fosse de outra religião) sim, mudaria, pelos nossos papos, assim, por nossa convivência ia mudar um pouco sim, um pouco não, na verdade ia mudar muito, porque o que une mesmo a gente é a palavra, a

gente sempre debate as palavras da Bíblia e tal. Ia mudar um pouco sim. (MARA)

Pode até influenciar um pouco (ser da mesma religião), por exemplo, tenho um amigo que a gente gosta muito de conversar sobre a bíblia, aí tudo bem, até influencia um pouco... independente disso (ele ser de outra denominação) a gente conversa. Eu também tive muitos amigos que tiveram outras religiões, que eu também nem sei a religião porque a gente não conversou sobre isso. Na minha opinião sempre tive um relacionamento bom com todo mundo. (FÁBIO)

Eu acho importante (ser da mesma igreja) porque é da mesma fé. (Ela) entende o que você passa, sabe dar conselho certo. Se fosse de outras, como eu tenho outros amigos, não dão o mesmo conselho. Porque eles já sabem (ironizando), acham que sabem demais... “Ah eu já sei não precisa falar isso comigo”. (Os que são da igreja) começam a te dar atenção, uma atenção maior e melhor e eu vejo sim essa diferença. (INÊS)

Eu acho (importante ser da mesma igreja) porque (risos), como eu posso explicar... tem mais assunto, eles entendem as coisas, porque na verdade se a gente for pegar, conversar com uma pessoa do mundo, eles não vão entender muitas coisas que eu estou falando, de Deus. Já se eu for conversar com uma pessoa da igreja eles vão entender aonde eu quero chegar, facilita as coisas (JUDITE)

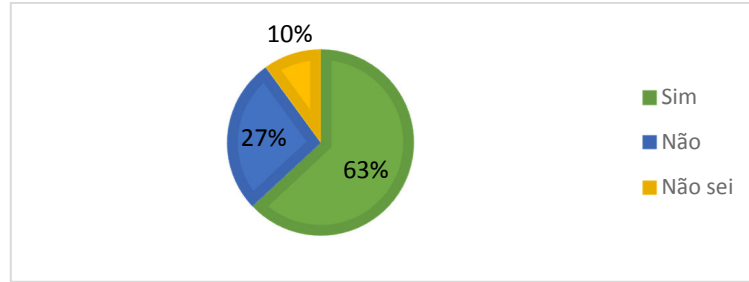
Evidentemente, as narrativas guardam diferenças entre si, mas demonstram uma linha comum de raciocínio, apontando inicialmente como aquilo que denominamos de identidade juvenil assembleiana cria afinidades que fazem com que as moças e os rapazes compartilhem das mesmas preocupações, anseios e valores, facilitando e viabilizando uma aproximação e o posterior estabelecimento da amizade. Isso não quer dizer que ele é dado de forma automática. Individualmente, cada jovem tem, obviamente, suas próprias personalidades, gostos pessoais, etc., que também serão características que se mostram relevantes para que crie a afinidade necessária para o estabelecimento de uma amizade. Desta forma, como apontam alguns dos relatos, o pertencimento à igreja e o compartilhamento de seus valores facilitam a compatibilidade entre os jovens, “por ter mais assunto”, “ser mais fácil de entender certas coisas” ou “gostar dos mesmos programas de *crente*”. Por outro lado, embora os jovens relatem ter amizades com pessoas de outra religião, esta diferença frequentemente é citada como fonte de atrito, que pode se dar na forma de brincadeiras e piadinhas, ou mesmo em alguns desentendimentos.

Um caso exemplar de como a identidade assembleiana atua diretamente na conformação das redes de amizade é representado pela fala de Maria, que relatou ter uma amiga que não era evangélica e que sua mãe não a considerava uma “boa companhia”, sendo que depois da interferência materna em forma de alerta, a própria

jovem posteriormente vai descrevendo como as diferenças passaram a ser mais relevantes, a ponto de a amizade não ser mais a mesma de antes, por medo ser levada a fazer “coisas que não são certas”, simbolizando mais claramente como o discurso da amizade das ADs aparece em caso concreto e observável. Outras narrativas são mais sutis, mas também acabam por apontar para esse “temor” com as “más influencias dos amigos”.

De forma complementar às restrições com as amigades do “mundo” percebemos a presença de alguns elementos “positivos”, estes evocados a partir das características supracitadas daquilo que denominamos amizade santa, pois neste ideal de amizade, os amigos incentivam o jovem a “lutar” contra as dificuldades e desânimos que podem vir a surgir ao longo da vida religiosa, através de seu suporte. Como vimos anteriormente, foi relatado pelos nossos interlocutores que é particularmente “difícil” ser um jovem assembleiano, pois o “mundo” oferece muitos “pratos” que parecem ser “deliciosos”, mas na “verdade são tentações” a serem evitadas. Neste caso, o papel do “amigo de verdade” é justamente dar o suporte necessário para que tais “deslizes” não aconteçam. E somente aquele amigo que compartilha destes valores vai ser capaz de exercer tal papel. Da mesma forma, somente os amigos que compartilham dos valores da identidade assembleiana teriam a “sensibilidade” de perceber as dificuldades enfrentadas na esfera espiritual, assim como a exclusividade de saber “dar aquela palavra especial” ou “aquele conselho amigo”, na medida em que essas formas de suporte são construídas discursivamente a partir das particularidades e simbolismos específicos da identidade assembleiana, que, por sua vez, só o “amigo de fé” poderia fazê-lo. Ainda no intento de examinar a questão do suporte dos amigos no que diz respeito à esfera religiosa da vida dos jovens assembleianos, tentamos também investigar como as relações de amizade podem vir a aproximar ou afastar os jovens de sua fé. Vejamos alguns dados:

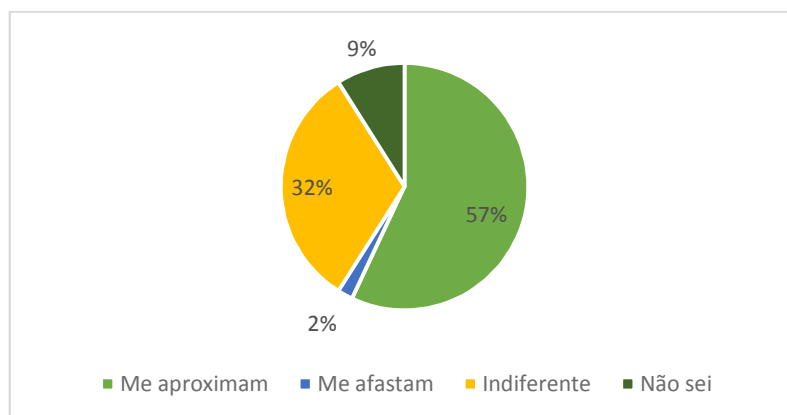
Gráfico 8- Amigades em geral podem afastar o jovem da igreja



A partir dos resultados apresentados no gráfico acima, podemos observar que a maioria dos respondentes acredita que as amizades, vistas no âmbito geral, têm o poder de afastar os jovens da igreja, o que parece confirmar o discurso sobre a amizade elaborado pelas ADs, que tem tido considerável recepção, uma vez que tal tipo de relação pode ser considerada “perigosa” no que diz respeito ao “boa” prática de sua fé e vida espiritual. Nos relatos colhidos nas entrevistas, Kelly afirmou que acredita que um dos principais motivos que afastam o jovem da igreja é a influência das amizades. Desta forma, visto de forma geral, ao mesmo tempo que existem um ideal de amizade santa, também há um receio sobre a “má influência espiritual” da mesma.

Entretanto, se os jovens acreditam que, em geral, a amizade pode vir a ser um fator importante no afastamento da igreja, em contrapartida eles se mostram confiantes em suas escolhas e na boa relação entre os seus amigos e a sua fé, conforme podemos verificar no gráfico a seguir:

Gráfico 9- Meus amigos aproximam ou afastam da minha fé?



O primeiro dado a ser salientado é que os únicos dois jovens que responderam que os seus amigos o afastam de sua fé têm como melhores amigos “não

evangélicos”⁵⁵. Já entre aqueles que relataram ter como melhores amigos “assembleianos”, 68,4% acreditam que eles o aproximam da fé, enquanto afirmaram que era indiferente. Entre aqueles que declararam ter os melhores amigos de “outra igreja evangélica”, 26,3% acham que eles o tornam mais próximos da fé, na medida em que 37,5% dizem que este fator é indiferente. Entre os que têm os melhores amigos não evangélicos, a maioria considerou que isso era indiferente em relação a aproximá-los ou não da igreja. Se analisarmos a questão da influência do amigo na aproximação de sua fé, observamos a existência da tendência de que os mais jovens são mais propensos a pensar que seus amigos podem afastá-los de sua fé, visto que a maioria dos que declararam que isso era indiferente (53,1%) e todos os que disseram que afastam estão na faixa etária dos 14 a 17 anos. Em contrapartida, os jovens entre 18 e 24 anos apresentaram números que nos permite visualizar uma tendência maior a acreditar que os seus amigos o aproximariam de sua fé.

Esses dados nos permitem pensar que os jovens com mais idade da amostra parecem demonstrar mais segurança com sua fé, pois eles dão uma importância menor aos “perigos” das amizades do mundo e, ao mesmo tempo, parecem estar mais preocupados, no que diz respeito às suas amizades, no que elas podem trazer de positivo para sua fé, quando alguns deles relatam que uma das melhores qualidades de seus amigos é serem “um bom espelho de cristão”. Ainda observando estes dados, podemos afirmar que “ser assembleiano” é um fator de grande relevância para que os jovens acreditem que seus amigos o aproximam de sua fé. Vejamos a seguir alguns relatos de nossos entrevistados sobre a questão.

Me aproximam (de minha fé) sim, porque às vezes quando passamos por problemas, porque não é só um adulto que passa por problemas, nós jovens também temos situações nas quais nos entristecemos. Dentro de casa, na rua, na escola, até com os próprios amigos. Mas eles, a maioria das vezes, vão chegar até mim e dizer “por que você tá assim? Vamos na igreja.” (...). Esses dias uma tristeza entrou dentro do meu coração. E não é bom deixar que isso aconteça. Se eu não estiver afim de ir na igreja numa sexta-feira, por exemplo, ligo pra um amigo vir bater aqui na minha casa pra eu poder me arrumar e ir pra igreja. (CRISTIANO)

Alguns (amigos) me aproximam, outros nem me afastam, nem me aproximam. Por exemplo, tem uma amiga minha da escola (de outra igreja evangélica), ela toda vez que eu preciso conversar com ela pedir algum conselho eu sei que ela vai me dar um conselho certo. Porque às vezes você vai pedir conselho pra alguém mas na verdade ela... Vamos dizer, se tiver

⁵⁵ Os dados completos da correlação entre a religião dos amigos, idade e o fato deles o aproximarem ou não de sua fé podem ser conferidos no Anexo C.

algum problema com a minha mãe com certeza ela vai me dar um conselho bom, de Deus, então eu acho que ela me aproxima de Deus sim. (MARIA)

Os meus amigos sim me aproximam da minha fé. Com palavras motivadoras, sempre são voltadas para Cristo e no que ele tem para mim. (WALTER).

Eu acho que eu tenho amigos que me aproximam da minha fé, mas eu acredito que nem tanto me aproximam assim. Acho que são coisas separadas mesmo. (VERA)

Nós já não somos tão amigos quanto antes, os pais dele foram morar lá perto de casa e nós éramos muito amigos mesmo. Ele ficava na minha casa frequentemente eu na dele, planejávamos sobre o futuro. Só que aí eu entrei na igreja, ele também já frequentou, mas hoje não (mais). E eu mudei minha forma de vida e ele continuou a viver daquele mesmo jeito. A gente se distanciou. Tipo “aquele” melhores amigos que nós éramos acabou. Nós nos tornamos apenas conhecidos. Hoje quando nós nos encontrarmos na rua aperta a mão diz “Qual é?” Mas é só isso, a gente não conversa nada mais além disso, nada mais a fundo (...). Eu acredito que sim (o motivo da ruptura foi a minha conversão) porque eu passei a ficar mais tempo na igreja, então eu perdi bastante contato com ele até mesmo por causa das amizades dele. Ele ficava só em bar, vivia em festa. Esse é um ambiente que eu não frequentava. Às vezes eu convidava pra ele ir à igreja, mas ele não ia, então é bem mais fácil convidar ele pra ir no ambiente que eu estou do que eu ir ao dele. (JORGE)

(Até) os meus amigos de fora (da igreja) dizem pra eu não me contaminar como eles se contaminaram, porque é horrível estar lá fora. (...) meus amigos que não são crentes. Eles já foram, não são mais e eles sempre se falou: “não sai da igreja não, é a pior coisa que eu já fiz eu não consigo voltar, eu já fiquei dependente de bebidas do vício” e eles me apoiam pra eu estar aqui dentro. (...) um dia eu estava na escola e fiz uma coisa errada, aí a minha amiga (que não é evangélica) me chamou e falou: “Vem cá, você fez isso e sabe que está errado. Cristão não faz assim. Vai lá e pede desculpa”. Aí eu falei: “ué gente, você nem é da igreja”. Aí ela falou: “eu já fui, você tem que fazer desse jeito aí”. Ela puxou a minha orelha e eu pensei “nem fora eu posso fazer (nada) errado porque tem gente me vigiando”. (INÊS)

Embora com algumas exceções, as falas acima descrevem como em diferentes situações os amigos de nossos interlocutores acabam por aproximar e auxiliar a reafirmação dos valores éticos típicos de sua denominação, tanto no espaço da igreja como no “mundo”. Isso é muito relevante se pensarmos no quesito “utilidade das amizades” para a prática da fé dos jovens, pois como vimos, eles são exortados a reafirmar sua identidade religiosa nos espaços considerados “mundanos”, e uma amizade do tipo ideal “santa” teria como uma de suas características justamente o suporte no sentido de reafirmação da fé, em todos os espaços pelos quais estes jovens circulam. Cristiano, por exemplo, descreve como seus amigos o ajudam em momentos de dificuldade o encorajando a ir à igreja e persistir nas suas práticas de fé. Para ele, o “bom amigo” como vimos, é aquele que está engajado dentro daquilo que denominamos “amizade santa”, dando suporte aos seus problemas e afastar “as

tristezas” que venham a surgir “em seu coração”, o que no caso deste jovem, segundo seu relato, passa por “estar na igreja”.

Por sua vez, a fala de Jorge é exemplar pois simboliza o momento em que a conversão atua como “solvente”, lembrando a expressão de Pierucci (2006), na esfera das amizades. Nos demais casos, como os jovens foram criados no evangelho, como visto, a principal preocupação é da “não contaminação” pelos valores do mundo através das possíveis “más influências” dos amigos que não compartilham da mesma fé. No caso específico de Jorge, a mudança de atitude partiu dele, pois é ele que não se identifica mais com o seu antigo amigo que ficou “no mundo”. Assim, o “melhor amigo” virou, nas palavras de Jorge, apenas um “conhecido”. Observando a um pouco de sua história de vida, vimos que Jorge fez novos amigos depois que entrou para a igreja e ingressou na universidade, sendo que alguns destes amigos se mostraram mais próximos do ideal ético que ele passou a ter consigo, uma vez incorporando o *habitus* da identidade juvenil assembleiana a partir do momento de sua conversão. Embora ele tenha citado na sua entrevista que dois de três de seus melhores amigos não eram evangélicos, sua “contabilidade” fica comprometida, pois um dos “melhores amigos” virou “conhecido”, pelos motivos já vistos. Jorge relatou ainda, que no seu pouco tempo livre, o dedica em parte com programas com seus amigos da igreja e sua namorada, que também é da ADM, embora congreguem em igrejas diferentes do campo, sendo que ela lhe foi apresentada por meio de amigos comuns da igreja.

Outro caso bom para pensar é o de Inês, pois segundo seu relato, mesmo seus amigos “desviados”⁵⁶ acabam por reforçar valores que podemos associar à identidade juvenil assembleiana, aproximando-a de sua fé, reforçando deste modo o caráter “utilitário” do ideal das amizades santas. A fala de Inês reforça as demais, no sentido de ver os espaços “mundanos” como “perigosos”. Entretanto, seu amigo, como “bom amigo”, a “protege”, encaminha e a encoraja a seguir nos caminhos considerados “corretos”, em oposição às “ameaças” que o “mundo” traz consigo.

Assim, como visto, ser evangélico é um fator, por si só, relevante para o estabelecimento das amizades pois aproxima os jovens assembleianos de sua fé. Tal constatação é refletida tanto em ambas as amostras (qualitativa e quantitativa). A questão de ser assembleiana ou de outra denominação parece não ter grande relevância para tal, uma vez que, de um modo geral, nas narrativas analisadas em

⁵⁶ Seguindo o discurso e as representações êmicas, consideramos para os fins deste trabalho os chamados “desviados” como “não evangélicos”.

alguns casos nossos interlocutores afirmam que seus amigos de outras denominações o aproximam, através de palavras de conforto e incentivo. Entretanto, também foi registrado caso de divergência por questões de diferenças entre denominações, mas parecem ser questões pontuais, que provavelmente não tão significativas quando observadas face ao conjunto de dados colhidos.

6.4 Pensando o caso do “jugo desigual” aplicado às amizades

Para finalizar a questão da análise da relação entre a identidade juvenil assembleiana e amizade, nos propomos a investigar como a noção de “jugo desigual” pode ser aplicada a este tipo de relação. Tal proposta de análise foi elaborada de modo a permitir uma leitura mais aprofundada da compreensão de como os jovens lidam com as amizades com pessoas de outras religiões, tomando como exemplo a questão da diferenciação existe e já consagrada em outra forma de relacionamento: o namoro. Tal problematização foi desenhada de forma simples: perguntamos aos nossos jovens interlocutores se eles sabiam o que era o “jugo desigual” e se, na opinião deles, ele poderia ser aplicado ao campo das amizades.

Primeiramente, cabe uma explicação rápida do significado da expressão “jugo desigual”. Ela expressa uma espécie de interdição a namorar e, conseqüentemente casar, com pessoas de fé distinta – o que na prática significa uma recomendação, principalmente às moças, a não estabelecer relações amorosas com homens que não sejam evangélicos. Ela é baseada em 2 Cor. 6:14: "Não vos coloquei em jugo desigual com descrentes, pois que parte tem em comum a justiça e a maldade? Ou que comunhão tem a luz com as trevas? ". Para compreender melhor o sentido das palavras do apóstolo Paulo, a quem se atribui a autoria das 2 Cartas aos Coríntios, é útil um pouco de contexto. Segundo explicação dada por um pastor assembleiano por nós ouvido,

Jugo é uma peça de madeira que costumada ser colocada sobre dois animais, geralmente bois que, unidos pelo jugo, puxam veículo como uma carroça ou um arado. Imagine-se que, em vez de dois bois, se colocasse um par de animais de espécies e tamanhos distintos, como um boi e um bode presos sob este jugo. Ele seria desigual porque cada animal, mesmo sob esforço não conseguiriam um resultado eficiente, além de impor sofrimento aos animais. Esta metáfora então é adaptada ao relacionamento afetivo:

casais com metas e objetivos espirituais diferentes teriam maiores dificuldades de caminhar juntos.

Esta narrativa é muito comum e a reproduzimos no presente trabalho com base nas informações colhidas com pastores, líderes e jovens da ADM, sendo encontrada em entrevistas, cultos e conversas informais. Fajardo (2015) salienta que, “um dos preceitos assembleianos bastante valorizados na Era Canuto/Macalão⁵⁷ era de que os jovens se casassem apenas com membros da própria igreja (evitando assim o que era chamado de ‘jugo desigual’)”. Tal prática por parte de pentecostais em período mais recente também foi identificada por Machado (1996), em estudo sobre adesão religiosa na esfera familiar. Santos (2008), em estudo sobre representações da sexualidade entre jovens solteiros evangélicos relata que tal prática, embora pareça “um problema menor do permanecer virgem até o casamento, não passa despercebido, principalmente para as moças, pois segundo elas pode significar um casamento sem o consentimento com Deus e predestinado ao fracasso” (SANTOS, 2008:116). Da mesma maneira, o jovem Cristiano resume bem como os jovens assembleianos da ADM interpretam a questão do “jugo desigual”:

Se eu namoro com uma menina que não é da igreja e vice-versa, uma menina da igreja namorar com um rapaz que não é da igreja, a pessoa que não é da igreja, pelo fato de estar ligada aos seus próprios prazeres, a sensação do que é *pra nós* é errado. Uma menina que não é da igreja, uma menina que não é mais virgem está incentivando o rapaz a cometer o ato da fornicação. Isso é ruim porque está afastando ele do caminho que ele aprendeu. Ele aprendeu que é errado exercer o jugo desigual, namorar com uma pessoa que não é da igreja, se relacionar com uma pessoa que não é da igreja casar com uma pessoa que não é da igreja. (CRISTIANO)

Desta forma, perguntamos aos jovens se eles achavam que o princípio do “jugo desigual” poderia ser aplicado às amizades, de um modo geral. Dos 13 entrevistados, 2 não souberam nos explicar o que significava a expressão. Vejamos como alguns de nossos interlocutores desenvolveram a questão:

Se aplica (o jugo desigual se aplica também no campo das amizades) porque, que “diga-me com quem andas que te direi quem és”, então é meio complicado isso, porque se você está na “roda de escarnecedores” você vai você vai ser levada se você não tiver uma mente madura espiritual, voltada pro meio evangélico, mais rígido você vai ser levado. (VERA)

⁵⁷ Segundo a periodização proposta pelo autor, a era “Canuto/Macalão” compreende o período entre 1946 e 1980.

Assim, muita gente me convida para praia, festas assim sociais que tem muito hoje em dia, e eu falo que não posso não posso ir. Aí eles falam: “Poxa queria tanto que você fosse” aí eu falo que não posso ir, “ Você sabe que eu sou da igreja e eu não posso estar em qualquer em todos os lugares”. Aí fica aquela coisa meio chata. Então eu acho que sim, se aplica (o jugo desigual no campo das amizades). (DINORÁ)

Eu acho que não (se aplica o jugo desigual para as amizades), desde que a pessoa tem a consciência de que você é da igreja, esse respeito, mas na questão de namoro é mais complicado viver isso porque você pode respeitar, mas sim. Muita coisa pode acontecer por causa de um beijo mais intenso mais quente a pessoa acaba incentivando que a outro cometa mesmo erro que ela cometeu. (CRISTIANO)

Na minha opinião eu acho que apenas na questão casamento mesmo (o jugo desigual se aplica), na amizade eu acredito que não infere em nada. Ainda mais ele incentiva, o apóstolo Paulo diz que, seguindo os exemplos de Jesus de Cristo devemos amar o nosso próximo, independente de ser de outra religião, estamos nesse mundo para vivermos em sociedade. Eu acredito que seja em relação só ao casamento mesmo. (FÁBIO)

O que é assim, com relação com relação amizade é quando eu sou amiga de uma pessoa que não é que não são evangélicas, e a gente vai marcar de sair juntas, aí ela quer ir pro baile funk ou pra uma balada e eu quero sair com ela pra tomar um sorvete ou uma coisa assim e não bate não se encaixa porque eu tenho pensamento ela tem outro então acho que é assim. (MARIA)

Não vejo jugo desigual em questão de amizade não, tudo porque tem um limite, na empresa eu trabalhei tinha amigos e colegas (WALTER).

Vou botar como amizade (a questão do jugo desigual) é quando eu sou cristão e a minha amiga não é então ficou jogo meio desigual pra onde ela vai eu não vou, as conversas são diferentes. (...). Eu acho que influencia porque tem gente que não é tão alicerçada na sua fé e é levado por aquele que está no mundo né? Então eu acho que influencia muito. (INÊS)

Acho que na amizade também (o jugo desigual se aplica). Eu já senti alguma dificuldade (em relação a isso). Não entre meus melhores amigos, mas com outros amigos tem certos assuntos que a gente não quer ouvir e eles também não querem e fica difícil de conversar. (PAULO)

(Eu acho que o jugo desigual se aplica) também nas amizades. Não me considero uma pessoa de mente fraca, vamos dizer assim, mas eu conheço pessoas que são desse jeito, que se deixam influenciar muito pelas amizades, eu já vi muita gente se afastar da igreja, de Deus por causa de amizade. Sair da igreja, frequentar lugares que não frequentava, beber, fazer tudo o que não fazia por causa da amizade. (KELLY)

O primeiro dado a ser destacado é a diferença entre as visões das moças e dos rapazes. Todas as moças ouvidas afirmaram que o jugo desigual era aplicável às amizades, enquanto que os rapazes tenderam a não fazer tal correlação, com a exceção de Paulo. Uma das explicações possíveis para tal fato é a forma como a questão do relacionamento é discutida no âmbito da AD e de outras denominações pentecostais. Como relata a literatura (MACHADO; MARIZ, 1997), embora os rapazes

também encontrem ressalvas e reservas, as moças são mais cobradas pela congregação e família no que diz respeito aos cuidados e restrições com o namoro e os preparativos para o casamento. Em geral, também existe maior número de moças nas igrejas (no caso da ADM a proporção encontrada foi de aproximadamente 2 moças para cada rapaz, como visto anteriormente), o que desequilibra esta busca pelo namorado da mesma fé. Desta forma, por estes motivos, nos parece que a questão do “jugo desigual” está mais consolidada no *habitus* da identidade juvenil assembleiana entre as moças, possibilitando assim uma maior consonância entre a diferenciação da fé entre namorados e amigos.

Entretanto, feita esta ressalva da diferenciação encontrada no âmbito do gênero, visto de uma forma mais geral, foi observado que a maioria dos jovens pensa que a relação de amizade pode ser prejudicada ou dificultada pela diferenciação da fé. A maioria dos argumentos usados, como visto, foi a questão da “má influência”, da “contaminação” e ou mesmo do “se deixar influenciar”, o que configura, de certo modo, uma repetição dos discursos vistos sobre a importância da religião dos amigos entre os jovens assembleianos, mas que trazem alguns novos elementos que podem vir a enriquecer um pouco mais nossa análise. Kelly, por exemplo, salienta a questão da “mente fraca” de alguns jovens assembleianos, que pode ser interpretada como uma espécie de não maturidade espiritual, na medida em que a pessoa portadora desta característica, mesmo sabendo das “proibições” que marcam a própria identidade juvenil assembleiana, “se deixa levar” pelas amizades e passa a ter atitudes tidas como reprováveis, como ingerir bebidas alcoólicas e frequentar locais “não recomendados”. Segundo a entrevistada, esse fato poderia agravar-se ainda mais dependendo do tipo de amizade, pois a amizade “infiel” poderia levar o jovem a sair da igreja, sendo este passo considerado como uma das piores coisas que poderia acontecer aos jovens. Assim as “amizades erradas” seriam corresponsáveis por tal evento, ainda que a noção de “mente fraca” guarde também um componente relevante de escolha individual, sendo esta representada pela “má escolha” dos amigos. Caminhando em sentido semelhante, a fala de Inês cita a questão do “jovem que não é tão alicerçado em sua fé”, que também poderia ser vista como uma fonte de perigo à crença promovida pelas “amizades infiéis”, levando os jovens ao “mundo”.

Por sua vez, as falas de Dinorá e Maria enfatizam a incompatibilidade que a diferença entre a religião dos amigos pode vir a trazer no quesito lazer e circuitos nos quais os jovens transitam. Essas entrevistadas sublinharam o conflito e tensões que

a frequência a alguns desses locais podem representar para um jovem assembleiano, especialmente em relação ao comportamento que dele(a), se espera, na medida em que tais locais seriam próprios do “mundo”. Um dos espaços “mundanos” que parece ser um símbolo desta condição é o “baile funk”, que aparece em várias narrativas ouvidas, em distintos contextos, simbolizando-o como o local oposto da igreja e, por conseguinte, “do mundo” por excelência. Aparentemente, o problema maior não parece ser o estilo musical em si, visto que presenciamos em alguns espaços de sociabilidade e festas a presença de músicas do estilo “funk gospel”, inclusive algumas canções com expressões típicas assembleianas, mas o baile em si, visto como representante do local onde todos os comportamentos tidos como reprováveis à moral pentecostal podem vir a acontecer: sexo fora do casamento, consumo de álcool e drogas, etc. Tal idealização do “baile funk” como o espaço simbolicamente mundano também foi verificado inúmeras vezes nas pregações voltadas para os jovens.

Contudo, Fábio nos mostra uma visão distinta da relação entre “jugo desigual” e amizade, ao citar também o apóstolo Paulo, como visto o autor da passagem bíblica que fundamenta o conceito de supracitado, mas no sentido da obrigação de “amar o próximo, independente da religião” aplicada no campo das amizades. Neste sentido, Fábio parece ir na direção contrária do discurso sobre amizade produzido pelas ADs, ao enfatizar a amizade enquanto um sentimento de empatia para com o próximo, bem como o não pré-julgamento dos amigos por serem de outras religiões. Sem dúvida esta parece ser uma visão muito interessante e rica sobre a amizade no meio juvenil assembleiano, mas configura-se mais como uma exceção face a soma das demais informações colhidas durante a presente pesquisa.

Por conseguinte, vistos em conjunto, nossos dados mais uma vez acabam por demonstrar a força do discurso sobre as amizades desenvolvido no âmbito das ADs, de forma que ele parece ser bem assimilado pelos jovens ouvidos, mesmo que alguns não façam a associação do “jugo desigual” com as amizades. Assim, podemos observar que ao aplicar o tal conceito na esfera do relacionamento com os amigos, percebeu-se do mesmo modo as impressões acerca das qualidades e perigos que, no contexto específico observado, seriam inerentes às amizades. À vista destas ponderações, passemos então às considerações finais do presente trabalho.

CONCLUSÃO

Para iniciar nossas palavras finais, é preciso inicialmente explicitar o quão desafiante é a experiência de realizar uma tese de doutorado, que tem início quando se constrói um pré-projeto para concorrer ao processo de seleção ao curso de doutoramento, e passa por inúmeras etapas e transformações até que se chega no momento de tecer as considerações finais. O percurso da pesquisa quase sempre é surpreendente e acaba por nos levar a trilhar caminhos muito distantes do que aquele primeiro passo do processo. Creio que com a maior parte dos pesquisadores isto ocorre, e no nosso caso não foi diferente. Essa dinâmica é umas das causas que tornam o ofício de fazer ciência algo fascinante, apesar dos percalços de várias ordens que surgem pelo caminho.

No presente trabalho buscamos analisar como as relações de amizade dos jovens assembleianos, membros da Assembleia de Deus Meritiense, eram construídas e qual era o impacto do pertencimento a tal igreja poderia vir a ter nestas relações. Para tal mergulhamos no universo assembleiano, até então desconhecido para nós, buscando um olhar mais adequado sobre o fenômeno de pentecostalismo assembleiano. Aos poucos, seja participando do cotidiano da igreja (no início do trabalho de campo fomos às várias ADs na Baixada Fluminense), seja aprendendo mais com a literatura especializada, começamos a perceber que tal denominação tinha características sem igual no campo religioso brasileiro, como sua enorme capilaridade nacional, bem como sua fragmentação interna, marcada pela disputa por vezes nada cordial, de suas inúmeras lideranças. Depois, começamos a conviver com os membros da igreja por nós estudada, aos poucos transformando o que era exótico no começo a ser familiar, bem como se tornando familiar às pessoas da igreja. Ainda assim, a aproximação com os jovens da igreja foi lenta e difícil, sendo que no começo o contato com eles visando conhecer um pouco mais de suas vidas e amizades mostrou-se bem árduo, como foi descrito. Nossa ideia inicial de que estudar os jovens da igreja seria mais fácil, por pressupor que seriam menos reservados e terem mais tempo disponível, foi se mostrando equivocada. Entretanto, persistimos e conseguimos, depois de inúmeras tentativas, estabelecer contatos mais frutíferos e produtivos no plano dos objetivos do trabalho. Gradualmente, fomos conhecendo um pouco de suas histórias de vida e de amizade, com a ajuda imprescindível de algumas

lideranças e de um informante em especial. Seu dia a dia na igreja, os ensaios para os eventos e congressos, os cantos de louvores e testemunhos. Nossa mútua reserva, que penso nunca ter se dissipado completamente, foi sendo paulatinamente ultrapassada. Acredito que, por fim, nossa interlocução foi rica e proveitosa para todos. Um pouco de minha curiosidade acerca do mundo deles foi satisfeito, bem como também as deles quanto ao muitas vezes distante mundo acadêmico. No fim fiquei achando que todos nos salvamos, de nossos próprios jeitos.

Feita estas considerações finais de ordem, digamos, mais sentimental, passemos às conclusões no âmbito da pesquisa propriamente dita, retomando as questões apresentadas na introdução do presente trabalho. Deste modo, a nossa questão central era pensar como o tipo de religiosidade específica produzida pela AD influenciaria nas relações de amizade de sua juventude. Uma “resposta” inicial que podemos indicar é que, como esperado, a igreja enquanto uma instituição produtora de bens simbólicos e como instituição corresponsável pela manutenção da estrutura de plausibilidade no âmbito da vida dos jovens tem grande relevância no modo como as amizades são estabelecidas e vivenciadas. Mas tal “resolução” do problema mostrou-se incompleta, se considerarmos apenas estas “funções” da igreja na vida dos jovens e de suas amizades. Retomaremos esta questão geral adiante.

Continuando a caminhar na resolução dos problemas inicialmente propostos, nos indagamos em que medida as relações de amizade construídas pelos jovens assembleianos se diferenciam dos padrões de amizade em geral, apresentados pela literatura? Se pensarmos primeiro no que significa a amizade, diríamos que foi verificada pouca ou nenhuma distinção. Tal como no âmbito geral reportado pela literatura, os jovens assembleianos pensam a amizade como uma relação de troca, onde é esperado companheirismo, compreensão, presença sempre que possível, nas “horas boas e ruins”. Neste sentido, seus anseios, alegrias, problemas, dúvidas e questionamentos, que são sentimentos compartilhados com os amigos, mostraram-se bem semelhantes aos dos demais jovens brasileiros. A igreja, neste sentido, não foi uma “bolha” protetora ou um agente transformador, mas ao menos mostrou-se um ambiente acolhedor das amizades de seus jovens. Se pensarmos ainda na questão do ideal de amizade, que como mostra a literatura (Rezende, 2002a, Silver, 1989), é um fator presente nas relações entre amigos, ao menos no âmbito das sociedades urbanas contemporâneas, veremos que ele também existe entre a juventude da ADM, mas aqui aparece a primeira distinção clara: aquilo que denominamos no corpo do

trabalho de ideal da “amizade santa”, onde o “bom amigo”, o “melhor amigo”, o “amigo de verdade” do jovem assembleiano é aquele que caminha junto na igreja, dando o conselho certo, de preferência referenciado na Bíblia, e principalmente, o afastando dos perigos do mundo. Se o “namoro santo” é aquele que é casto e visa a construção da futura família, a “amizade santa” é aquela que auxilia o jovem a fazer “as escolhas certas”, mediante aos “muitos pratos oferecidos pelo mundo”, visando fazer o jovem permanecer nos caminhos de sua fé e da sua salvação. Ressalta-se que tal ideal de amizade é fruto de um consistente discurso produzido no âmbito da igreja, seja através das palavras marcantes nas pregações, ou através de outros mecanismos, tal como vimos no capítulo 6.

Passando para a segunda questão colocada, sobre a persistência de uma forma específica de uma identidade capaz de se fazer presente e significativa para as relações de amizades dos jovens assembleianos, nossos dados e argumentos apontam para uma resposta positiva. Foi verificado a existência de um tipo particular de identidade, que no corpo do trabalho denominamos como “identidade juvenil assembleiana”. Como toda identidade socialmente construída, ela é elaborada na interação e a partir da diferenciação com outras formas de identidades e representações. A partir dos dados colhidos, verificamos dois elementos chaves para tal distinção identitária: a manutenção dos usos e costumes e a noção de “separação do mundo”. Os usos e costumes, que segundo a literatura é importante marca identitária das ADs no Brasil (SILVA, 2003; DELGADO 2008) são, para a maioria dos jovens pesquisados, a principal característica assembleiana frente às outras denominações evangélicas. Embora sejam observados, eles não aceitos de forma integral, sendo reelaborados a partir de uma “resistência silenciosa”, onde nem sempre se “obedece ao pastor”, mas se faz de forma a não produzir conflitos. Entretanto, mesmo que fruto de reapropriações, eles se fazem presente, pois permitem, em meio a diversidade do campo religioso, que se diga que “assembleiano tem cara de assembleiano”. A outra característica que nos parece central na conformação da identidade juvenil do grupo estudado é a “separação do mundo”, de longe a ideia mais citada nos sermões e demais discursos da ADM visando seu público jovem. Neste contexto, de uma forma geral, o “mundo” é visto como uma dimensão negadora da santidade buscada face o objetivo de salvação. É tido pelos jovens como algo que os “suja”, mesmo oferecendo coisas “aparentemente” boas, deve ser rejeitado. Ele também é retratado como um local onde há corrupção, não há

nele a presença de comportamentos que se baseiam nos ‘padrões bíblicos’. Como já foi salientado, a renúncia aos prazeres que ‘mundo oferece’ aos jovens, é uma das condições para a salvação. E por isso, indispensável para aqueles que criam laços de pertencimento e reconhecimento deste grupo identitário, uma vez que cria, juntamente como os usos e costumes, uma visível distinção, que por sua vez, como visto no capítulo 4, conformaria um *habitus* que vai se manifestando nos diferentes espaços sociais que os jovens assembleianos circulam.

Dando prosseguimento a problematização de nossas questões, pensaremos em medida a identidade juvenil assembleiana se diferencia de outros padrões de identidades relatados pela literatura. Para tal, nossa chave explicativa reside na ideia que tal identidade se configura como um tipo de resistência, ainda que sujeita a transformações, às novas formas de identificações não-estáveis, que são marcantes na contemporaneidade. Buscando entender ao que essa identidade estaria resistindo ou reagindo vamos aqui rever brevemente de forma comparativa duas destas formulações de identificação já mencionadas no capítulo 4: as formuladas por Hall e Hervieu-Léger.

Para Hall, a identidade na contemporaneidade “torna-se em uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2011, p.13). Neste sentido, Hall enfatiza que na pós-modernidade as identidades são múltiplas e temporárias, e ao mesmo tempo politizadas. Os mesmos sujeitos poderiam evocar diferentes identificações mediante seu contexto. Isto posto, em que medida esta formulação se ajusta com que vimos na identidade juvenil assembleiana? Frente aos dados colhidos, nos parece que muito pouco. Em situações muito específicas, segundo relatos, o jovem pode vir a, por exemplo, utilizar da estratégia de negar ou, ao menos, atenuar sua identificação com a igreja, visando uma nova interação momentânea ou escapar de uma situação de preconceito. Mas não vimos casos em que existisse uma outra identificação pudesse ver evocada em outro momento (como por exemplo ser assembleiano na igreja e reivindicar a identidade negra em outros espaços) ou conjugada (tal como o exemplo de “católicas feministas”). Em suma, os jovens assembleianos pesquisados não são “pós-modernos”. Ao contrário, se afirmam enquanto tal negando a duplicidade de identificação, e em geral, a exteriorizando em todos os espaços sociais onde eles circulam, na medida do possível.

Ainda no intuito de comparação acima proposta, é útil resgatar por um momento a contribuição de Hervieu-Léger acerca das identidades religiosas. Tal reflexão é desenvolvida a partir de uma das principais preocupações de sua obra, que é o papel da religião na modernidade, em meio às transformações que vem ocorrendo nas formas de se vivenciar e praticar a religiosidade, através de um processo de movimento e dispersão das crenças. Para a autora, a religião é “um princípio de identificação social: interna, porque incorpora os que creem em uma determinada comunidade; externa, porque ela os separa daqueles que não pertencem a ela (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.27)”. Contudo, no quadro atual de erosão da transmissão religiosa, a identidade religiosa não é uma identidade herdada, mas uma construção individual “a partir dos diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição (Ibidem, p. 64)”. Desta forma, para a autora, não se perde a relação da identidade com a religião, mas ela é ressignificada a partir das elaborações e estratégias individuais de crença e pertencimento. Assim, no contexto estudado por Hervieu-Léger, a identidade religiosa se individualiza e é recriada a partir da bricolagem de crenças, reconfigurando as formas de pertencimentos religioso. Isto posto, nos perguntamos: em que medida tal quadro se relaciona com a identidade juvenil assembleiana? Mais uma vez nos parece que muito pouco. Face aos dados colhidos, não temos elementos que permitam inferir alguma similaridade relevante. Em primeiro lugar, no contexto dos jovens da ADM, a maioria das identidades religiosas são herdadas, na medida em que nada menos que 84% dos jovens da base da amostra quantitativa afirmaram nascer em lar evangélico. Assim, ao menos no âmbito da ADM, não há sinais de crise na transmissão religiosa familiar. Tampouco foi verificada alguma característica de bricolagem nas práticas de fé no plano dos jovens assembleianos. Como vimos no capítulo 4, uma das principais marcas distintivas das ADs, ADM incluída, é a afirmação da tradição e da manutenção das doutrinas consagradas por décadas na igreja, face a concorrência das outras denominações. Eventualmente, alguma forma de bricolagem pode vir a ocorrer em um tipo de assembleianismo autônomo, mas seria uma exceção frente à regra do padrão doutrinário conservador assembleiano.

Outra questão que nos propusemos a tentar responder foi, a partir de seu campo de possibilidades, quais são as estratégias tomadas pelos jovens para estabelecer e praticar suas amizades, bem como pensar como o pertencimento à AD interfere nas mesmas. Para responder este questionamento, vamos retomar a noção

de campo de possibilidades elaborada por Gilberto Velho a partir da contribuição de Alfred Schutz. Tal noção “trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sociohistórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura” (VELHO, 2003, p.28). Desta forma, como visto no corpo do presente trabalho, as estratégias dos jovens para estabelecer seus amigos passam prioritariamente pelos locais e circuitos que os mesmos frequentam, notadamente a igreja, e a escola, onde a maioria conheceu seus amigos. Face ao que se mostrou restrito campo de possibilidades de interação juvenil, a igreja acaba por ter um papel central nas relações de amizade, pois ela se torna um centro de sociabilidade primordial, aproximando-se daquilo que Magnani (2005) denomina “pedaço”. Nesse sentido, a igreja torna-se o espaço no qual seus jovens desenvolvem atividades e interações mais amplas e cotidianas com outras pessoas de perfil semelhante, o que aumenta as chances de estabelecer contato com portadores de afinidades próximas, daí aumentando as chances de constituir uma amizade. Assim, as estratégias são delimitadas pelas condições materiais e subjetivas, pois se os jovens têm, por um lado, poucas opções de lazer e também poucos circuitos sociais, por outro os vários princípios reguladores morais impostos pela igreja, que são interiorizados por eles, reduzem ainda mais o seu campo de possibilidades no que diz respeito às relações de amizade. Isto posto, quais seriam então as estratégias para usufruir de suas amizades? Ou seja, quais as oportunidades de sociabilidade juvenil e lazer? Dadas às limitações apontadas, as possibilidades, são bem simples: sair para lanche depois do culto, combinar passeios para locais próximos e acessíveis, como *shopping centers* locais e ir à casa dos amigos, além de usufruir dos espaços da própria igreja.

Entretanto, não se pode ignorar que há influência da condição socioeconômica dos jovens assembleianos, que limita suas opções de lazer e divertimento. Alguns jovens relataram que outros companheiros de mocidade na igreja a procuram por questões de ordem prática, como por exemplo, aprender a tocar instrumentos musicais. Isso poderia conferir a eles alguma vantagem comparativa em relação a jovens de condição similar. Mas este dado foi mencionado apenas de forma ocasional por um de nossos interlocutores, não configurando, portanto, uma tendência relevante no contexto pesquisado.

Ainda outra questão que ficou para ser pensada foi a forma específica de religiosidade soteriológica assembleiana atuaria como dispositivo de dissolução das relações sociais, como a amizade. Tal questão não pode ser completamente

respondida devido a uma particularidade dos jovens da AD: a maioria esmagadora nasceu em família evangélica, tendo sua sociabilidade básica construída já em meio aos valores típicos do pentecostalismo. Assim, tivemos poucas oportunidades de presenciar tal dissolução. Em nossa amostra de base qualitativa observamos um caso exemplar, de Jorge, que se converte aos 17 anos e partir deste evento vê sua rede de amigos ser transformada, onde antigos amigos se distanciam por divergências de valores, bem como novos amigos são feitos com base nas afinidades instituídas a partir do processo de identificação com a igreja ADM. Mas é apenas um caso, fato que restringe maiores conclusões a este respeito. Entretanto, podemos observar uma grande tendência à concentração das amizades entre jovens de mesma fé, onde os valores religiosos são um dos principais fatores de proximidade e afinidade dos amigos, o que vai ao encontro com o sentido de congregação encontrado em algumas das religiosidades soteriológicas, pensando-as a partir destes tipos ideias weberianos. Assim, o mecanismo de “solvente”, para lembrar a expressão de Pierucci (2006), atuaria, no contexto estudado, a partir do momento em que as amizades “do mundo” são evitadas e até condenadas. Contudo, esta questão não parece inteiramente resolvida, sendo necessário um aprofundamento a partir de novos dados e mais reflexões.

Bem, e finalmente, retomamos a questão original do presente trabalho: como o tipo de religiosidade específica produzida pela AD influenciaria nas relações de amizades de sua juventude. Assim, como esperado, os jovens assembleianos tendem a construir suas relações de amizade com pessoas que possuem afinidades eletivas, o que no caso significa mesmo tipo de fé. Também podemos concluir que a identidade juvenil assembleiana é um fator importante para determinar a religião (no caso evangélica) dos amigos, mas não é tão relevante para definir a denominação na qual os amigos pertencem. Tal identidade não se mostrou sectária ao ponto de ser capaz de criar uma forte tendência para que os jovens tenham amigos quase que somente de sua própria igreja, uma vez que pouco menos da metade (42%) dos amigos dos jovens da base quantitativa de nossa amostra não eram assembleianos.

No âmbito do presente trabalho, a dinâmica entre religião e amizade é explicada prioritariamente a partir de um duplo movimento: a identidade assembleiana incentiva o jovem a estabelecer suas diversas formas de sociabilidade entre aqueles que são separados do “mundo”, mas juntos no “corpo de cristo”. De forma conjunta, a igreja oferece um espaço social sem igual, que acaba por se configurar como um local

central da sociabilidade jovem, onde os boa parte dos jovens assembleianos tomam a igreja como um “pedaço” seu, frente a restritas opções de locais de sociabilidades jovens na Baixada Fluminense. À vista disso, articuladamente, estes dois fatores tendem a ser centrais no que diz respeito ao papel da igreja nas relações de amizades de sua mocidade. Possivelmente existam outros fatores que podem se mostrar relevantes, mas que não se destacaram sob nossos olhos. Ainda devemos fazer uma última ressalva: face as características das ADs de serem grandemente diversificadas, estabelecidas em quase que incontáveis assembleianismos, as possibilidades de extrapolação das conclusões deste trabalho tende a ser restritas ao caso estudado.

Como vimos na introdução desta tese, Bauman (2009) salienta que a amizade pode ser um “porto seguro” no contexto da sociedade “líquida” contemporânea. Podemos observar que, no contexto que pesquisamos, as amizades e a religião atuam muitas vezes como uma “proteção” das incertezas típicas do mundo em que vivemos, que se torna ainda mais importante para os jovens pesquisados, inseridos em uma região de periferia onde as inseguranças de várias ordens são mais latentes. Talvez isso também ajude um pouco a explicar a busca pela amizade entre iguais. Entretanto ainda há muito o que se caminhar e pesquisar neste campo fértil e desafiador. Desta forma, concluímos o presente trabalho almejando tê-lo feito da forma mais coesa, objetiva e clara possível, assim como ter oferecido uma relevante contribuição no âmbito das Ciências Sociais, particularmente nos campos de pentecostalismo e juventude, bem como nos estudos sobre amizade.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. *Condição juvenil no Brasil contemporâneo*. In ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

ABRAMOVAY, Mirian et al. *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte editorial, 2005.

_____. *Frida Vingren (1891-1940): quando uma missão vale mais que a via*. In: OROZCO, Yuri Puello (Org.) *Religiões em diálogo: violência contra as mulheres*. São Paulo: Católicas pelo direito de decidir, 2009.

_____. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

_____. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

ALLAN, Graham. *Friendship: developing a sociological perspective*. Boulder/San Francisco: Westview Press. 1989.

ALMEIDA, Ronaldo; BARBOSA, Rogério. Transmissão religiosa nos domicílios brasileiros. In TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

ALVES, José Cláudio. *Os barões do extermínio: uma história da violência na baixada fluminense*. Duque de Caxias: APPH, CLIO, 2003.

ALVES, Maria de Fátima. *Um/uma jovem separado/a do mundo: igreja, juventude e sexualidade na perspectiva de jovens da Assembleia de Deus em Recife – PE*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

ARAÚJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

_____. *Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. São Paulo: LTC, 1981.

ASAD, Talal. *Formations of the Secular. Christianity, Islam, Modernity*. Palo Alto: Stanford University Press, 2003.

ASSIS, João. *Negociações para o convívio do Catolicismo na diocese de Nova Iguaçu- RJ*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BARBOSA, Alexandre (Coord.). *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

BARRETO, Alessandra. *Cartografia Política: as faces e fases da política na Baixada Fluminense*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BARRETO, Maria Cristina. *Juventude em rede: a questão da amizade na geração Y*. In Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal: agosto de 2014.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.

BELL, Sandra & COLEMAN, Simon (orgs.). *The Anthropology of Friendship*. Oxford: Berg, 1999.

BÉRAUD, Céline; WILLAIME, Jean-Paul. *Young people and religion in France*. In GIORDAN, Giuseppe (edit.) *Annual Review of the Sociology of Religion Volume 1: Youth and Religion*. Leiden & Boston: Brill, 2010.

BERG, Ivar. *Daniel Berg: enviado por Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

BÍBLIA. *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BIRMAN, Patrícia. *Memória, política e gestão religiosa do espaço: evangélicos em comunidade*, In MAFRA, Clara & ALMEIDA, Ronaldo (orgs.). *Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Terceiro nome, 2009.

BISPO, Raphael. *Heterotopias emo: notas etnográficas sobre desvios e inversões da juventude em core no Rio de Janeiro*. In VELHO, Gilberto; DUARTE Luiz Fernando (Orgs). *Juventude contemporânea: culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

BITTENCOURT FILHO, José. *Remédio amargo*. In ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A juventude é apenas uma palavra*. In *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.

_____. *Sociologia*. (org. por Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983b.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004

_____. *Gênese e estrutura do campo religioso*. In *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. *Cultura do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*. In ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

CALLIGARIS, Contato. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARREIRO, Gamaliel. *Análise Socio-desenvolvimental do crescimento evangélico no Brasil*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 2007.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATANI, Afrânio. *As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro através de periódicos da área*. Revista Brasileira de Educação, mai-ago, n.º 17, pp. 63-85. São Paulo, 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

COLLS, César; PALÁCIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva (v. 1)*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COLLINS-MAYO, Sylvia. *Youth and religion: an international perspective*. Theo-Web. Zeitschrift für Religionspädagogik 11 H.1, 80-94, 2012.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

CORREA, Marina. *Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

CUNHA, Magali. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANIEL, Silas (org.). *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DELGADO, Jaime. *Nem Terno Nem Gravata: As mudanças na identidade pentecostal assembleiana*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (eds). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

DUARTE, Luiz Fernando et. al. *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria, 2006.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ENNE, Ana Lúcia. *Lugar, meu amigo, é minha Baixada: Memória, Representações Sociais e Identidades*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

ERIKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FAJARDO, Maxwell. *“Onde a luta se travar”: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

FERGUSON, Sinclair; WRIGHT, David. *Novo dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

FERNANDES, Rubem César et al. *Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FERNANDES, Sílvia. *Jovens religiosos e o catolicismo: escolhas, desafios e subjetividades*. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

_____. *Juventude nas Igrejas e fora delas: crenças, percepções da política e (des) vinculações*. Tomo (UFS), v. 14, p. 99-126, 2009.

_____. *Marcos definidores da condição juvenil para católicos e pentecostais na Baixada Fluminense - algumas proposições a partir de um survey*. *Religião & Sociedade* v. 31, p. 96-125, 2011.

FONSECA, André. *Os impressos institucionais como fonte de estudo do pentecostalismo: uma análise a partir do livro História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. *Revista História em Reflexão*: Vol. 3 n. 5, 2009.

FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*, in ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Perfil da juventude brasileira*. São Paulo, 2003. [Recurso eletrônico]. Disponível em: http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/perfil_juventude_brasileira%282%29.pdf. Acesso em 02 de junho de 2016.

GALLAND, Olivier. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Collin, 1997.

GANDRA, Valdinei. *Patrimônio cultural da Assembleia de Deus: memória e identidade na criação do centro de estudos do movimento pentecostal – CEMP*. Dissertação (Mestrado Patrimônio Cultural e Sociedade). Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2013.

_____. *A 'instrumentalização' política de Frida Strandberg Vingren: de silenciada à mito assembleiano*. In: Anais do V Congresso ANPTECRE (2015). Curitiba: PUC/PR, v. 5. 2015.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GLASER, Barney; STRAUSS Anselm. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter, 2006.

GIDDENS, Anthony. *Política, Sociologia e teoria social: encontros do pensamento social clássico e contemporâneo*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GUIMARÃES, Nadya. *Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil?* In ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

JACOB, César et. al. *Religião e sociedade em capitais brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-RJ; São Paulo: Loyola; Brasília, CNBB, 2006.

JACOB, Cesar et. al. *Religião e território no Brasil: 1991/2010*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013. [Recurso eletrônico]

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: uma guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

LAMBERT, Yves; MICHELAT, Guy. (eds.). *Crépuscule des religions chez les jeunes? Jeunes et religions en France*. Paris, L'Harmattan, 1992.

LECCARDI, Carmen. *Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo*. Tempo social, São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean Claude. *Histórias dos jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIRA, Ronald. *O espírito sopra onde quer: carisma versus hierarquia em uma 'Assembleia de Deus renovada'*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MACHADO, Maria das Dores. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: autores associados; São Paulo: ANPOCS, 1996.

MACHADO, Maria das Dores; MARIZ, Cecília. *Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos*. Revista brasileira de Ciências Sociais, Vol. 12, nº 34, Jun. 1997.

MACHADO, Mônica. *Territorialidade pentecostal: um estudo de caso em Niterói*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

MACHADO, Jéssica. *Amor e sexo: Um estudo sobre o movimento Eu Escolhi Esperar*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAGALHÃES, Alexander. *O 'mundo' na concepção de pentecostais: um esboço de interpretação*. In Acta Científica de XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Santiago, Chile, 2013.

MAGNANI, Jose Guilherme. *Os circuitos dos jovens urbanos*. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n.2, p. 173-205, 2005.

_____. *O circuito: proposta de delimitação da categoria*. Ponto Urbe (USP), v. 15, p. 7-14, 2014.

MAGNANI, José Guilherme; SOUZA, Bruna (Orgs.). *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MANNHEIM, Karl. *O problema sociológico das gerações*. In FORACCHI Marialice (org), *Karl Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982. pp. 67-95.

_____. *Diagnóstico do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

MARIANO, André. *Pentecostalismo clássico: pouco pesquisado, pouco conhecido*. Curitiba: Prismas, 2015.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARIZ, Cecília. *Coping with poverty: Pentecostals and Christians base communities in Brazil*. Philadelphia: Temple University, 1994a.

_____. *Libertação e ética. Uma análise do discurso de pentecostais que se recuperam do alcoolismo*, in ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994b.

_____. *Alcoolismo, Gênero e Pentecostalismo*. *Religião e Sociedade*. ISER, nº 16, pp. 80-92, 1994c.

_____. *O Demônio e os pentecostais no Brasil*. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira. (Org.). *O Mal à Brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.

_____. *Comunidade de vida no Espírito: juventude e religião*. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 253-274. 2005.

MARIZ, Cecília; GRACINO JR, Paulo. *As Igrejas pentecostais no censo de 2010*. In TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARIZ, Cecília; MEDEIROS, Katia. *Toca de Assis em crise: uma análise dos discursos dos que permaneceram na comunidade*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 33(2): 141-173, 2013.

MARTIN, David. *Tongues of Fire: The Explosion of Protestantism in Latin America*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

MARTINS, Carlos. *Memória de jovens: diálogos intergeracionais na cultura do Charme*. Rio de Janeiro: Ar Editora, 2015.

McKENNA, Katelyn et. al. *Relationship formation on the internet: what's the big attraction?* *Journal of Social Issues*, Vol. 58, nº 1, 2002, p.9-31.

MENDONÇA, Antônio. *Sindicato de mágicos (desafio histórico para as igrejas cristãs)*. *Estudo da Religião*, Nº 8. São Bernardo do Campo: IMS, 1992.

_____. *Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos: o campo religioso e seus Personagens*. São Bernardo do Campo: Editora UMESP, 1997.

_____. *O Protestantismo no Brasil e Suas Encruzilhadas*. Revista USP, São Paulo, v. 67, n.1, p. 48-67, 2005.

MENDONÇA, Antônio; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Editora Loyola, 1990.

MESQUITA, Wânia; BERTOLI, Naiana. *Jovens evangélicos moradores de favelas: algumas expressões de sua sociabilidade na cidade de Campos dos Goytacazes RJ*. (Syn)Thesis (Rio de Janeiro), v. 7, p. 63-74, 2014.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.) *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

MONTERO, Paula. *Talal Asad: para uma crítica da teoria do símbolo na antropologia religiosa de Clifford Geertz*. Cadernos de Campo (USP. 1991), v. 19, p. 259-261, 2010.

MÜLLER, Fernando. *Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças*. Educar, Curitiba, n. 32, p. 123-141. Editora UFPR: 2008.

NORONHA, Fernanda; PIRES, Paula; TOLEDO, Renata. *Japas e manos (ou streeteiros e b.boys) na estação conceição do metrô*. In: MAGNANI, José Guilherme; SOUZA, Bruna (Orgs.). *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

NOVAES, Regina. *Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais*. Comunicações do ISER. N. 45, 1994.

_____. *Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas*. In: SANCHIS, Pierre (org.) *Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____. *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?* In ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

_____. *Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo*. In: TEIXEIRA Faustino; MENEZES, Renata. (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

OLIVEIRA, Pedro. *A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu*. In TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2011.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Religião como solvente: uma aula*. Novos estudos – CEBRAP [online]. 2006, n.75, pp. 111-127.

_____. *Sociologia da religião: área academicamente impura*. In: MICELI, Sérgio. (org.). *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)*. V. II – Sociologia. São Paulo: Sumaré/Anpocs; Brasília: Capes, 1999, p. 237-286.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PRATES, Daniela. *A marca da promessa: culturas juvenis assembleianas*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

RAITZ, Tânia; PETTERS, Luciane. *Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família*. *Psicol. Soc. Florianópolis*, v. 20, n. 3, p. 408-416, Dec. 2008.

REZENDE, Cláudia. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002a.

_____. *Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções*. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, out. 2002b.

REZENDE, Cláudia; COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RODRIGUES, Denise. *Os “sem religião” e a crise de pertencimento institucional no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ROLIM, Francisco C. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

SAVAGE, Jon. *A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SANCHIS, Pierre. *O repto pentecostal a cultura católico-brasileira*, in ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SANTOS, Maria Goreth. *“Todas as coisas me são lícitas, mas nem toas me convêm”:* *Representações sobre sexualidade entre solteiros evangélicos*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SCHUTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SETTON, Maria da Graça. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. *Revista Brasileira de Educação (Impresso)*, São Paulo, n. maio/ago, p. 60-70, 2002.

SILVA, Cláudio José. *A Doutrina dos Usos e Costumes da Assembleia de Deus*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.

SILVER, Allan. *Friendship and trust as moral ideals: an historical approach*. Archives Européennes de Sociologie, 30(2):274-97, 1989.

SMITH, Christian. *On 'moralistic therapeutic deism' as us teenagers: actual, tacit de facto religious Faith*. In: COLLINS-MAYO, Sylvia; DANDELION, Pink (eds). *Religion and Youth*. Asgate: Farnham, UK, 2010.

SMITH, Christian et al. *Lost in Transition: the dark side of emerging adulthood*. Oxford University Press, 2011.

SOFIATI, Flávio. *Religião e juventude: os novos carismáticos*. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

SOUSA, Bertone. *O Pentecostalismo na história brasileira: problemas de periodização e enfoques teórico-metodológicos*. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 8, p. 25-38, 2015.

SPOSITO, Marília. *Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil*. In ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

TAVARES, Fátima; CAMURÇA, Marcelo. *Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica*. Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião. V. 7, n. 1 2004.

_____. *Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais*. In Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 99-119, 2006.

UVINHA, Ricardo. *Juventude e adolescência na sua relação com o campo do lazer*. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, v. VII, p. 75, 2007.

VALLE, Rogério; SARTI, Ingrid. *O risco das comparações apressadas*, In ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

VELHO, Gilberto. *Observando o familiar*. In *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. *Trajétoria individual e campo de possibilidades*. In *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto; DUARTE Luiz Fernando (Orgs). *Juventude contemporânea: culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

VERONA, Ana Paula; REGNERUS, Mark. *Pentecostalism and premarital sexual initiation in Brazil*. In Revista brasileira de estudos da população, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-115, jun. 2014 .

VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: o diário de um pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.

WEBER, Max. *Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas)*. In: *Economia e Sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva*. Volume 1. Brasília: Editora UNB, 2000.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In SILVA, Tomaz (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

WULFHORST, Ingo. *O Pentecostalismo no Brasil*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 1, p. 7-20, 1995.

YANG, Fenggang. *Youth and religion in modern China: a sketch of social and political developments*. In GIORDAN, Giuseppe (edit.) *Annual Review of the Sociology of Religion* Volume 1: *Youth and Religion*. Leiden & Boston: Brill, 2010.

Anexo A - Roteiro da entrevista em profundidade

1- Um pouco da história da pessoa

Falar um pouco sobre você. Idade. Falar da família. É grande? Irmãos? De migrantes? Os pais trabalham? Onde estudou o que gosta de fazer. Onde mora, quanto tempo você mora lá. Quantas escolas você frequentou. Estuda ou trabalha. Porque trabalha?

2- Escola e trabalho

Gosta de ler. Acha importante ler? Gosta de estudar? Você gosta da escola, tem amigos lá? Tem afinidades com quais matérias. Pensa em seguir qual profissão? Por quê?

3- Amizade

Pode me definir amizade? Tem muitos amigos? E melhores amigos? Explica a diferença entre colega, amigo e melhor amigo. Seus pais, como lidam com seus amigos? Eles se dão bem? Como você se comunica com seus amigos? E as redes sociais e Whatsapp, você usa muito para se comunicar com seus amigos? Pode me dar exemplos? Os seus amigos têm mais mesma fé que você? Mesma igreja? Acha isso importante? Você costuma discutir religião com seus amigos? E temas como escola, comportamento, namoro, política? Você costuma discutir? Você acha que seus amigos te aproximam de sua fé? Ou são coisas separadas? Pode dar-me exemplos? Já ouviu falar em julgo desigual? O que pensa a respeito? Aplica-se no campo das amizades?

4- História da amizade

Fale um pouco da história das amizades com seus melhores amigos.

Falar da história do Amigo 1, amigo 2 etc.

Quem são? Quantos são?_Onde se conheceram? Sobre o que vocês gostam de conversar? Quais os problemas que aparecem nas suas amizades? Que qualidade um amigo deve ter? Em que local você costuma encontrar seus amigos? Como você costuma conversar com eles? Pessoalmente? Telefone, internet? Quais são os

programas que você costuma fazer junto com seu amigo? Quais são suas maiores afinidades?

5- Lazer

O que você costuma fazer nos fins de semana? Que lugares da cidade você costuma frequentar? Quando vai, vai com seus amigos? Gosta de espaços abertos, como praça, ou prefere fechados, como shopping?

6- Relacionamentos amorosos

Namora? Quanto tempo? Já pensa em casar? Com que idade imagina casar? E os amigos? Namoram? Alguém já está noivo ou pensa em casar? Seus amigos te ajudaram a conhecer seu namorado (a)? Vocês saem juntos? O que costumam fazer?

7- Percursos religiosos

O que ser evangélico para você? E ser assembleiano? Qual é a diferença entre ser da AD e ser de outra igreja? É criado em lar evangélico? Frequentou outra igreja ou seita antes de ser membro da AD? Qual sua AD e onde ela e onde ela se localiza? Com que frequência vai à igreja? Costuma ir a outras igrejas? Caso afirmativo, com quem costuma ir? E na sua Igreja, costuma ir com a família? Com os amigos? Você faz que tipos de atividades na igreja? Já fez amigos na Igreja? Fale um pouco sobre seus amigos na igreja.

8- Mundo

O que é ser jovem para você? Quais os desafios de ser jovem nos dias de hoje? E ser um jovem Como você imagina o seu futuro? E o que é ser um jovem cristão? Na igreja se fala muito em mundo como um espaço diferenciado? Como algo negativo? Poderia explicar como você vê essa questão?

9- Encerramento

Para finalizar, há alguma passagem da Bíblia que te faça lembrar seus amigos? Há outra questão que você ache importante dentro do assunto que conversamos que você não mencionou?

Obrigado pela sua disponibilidade e ajuda, ele foi muito importante!

Anexo B- Questionário aplicado com a mocidade da Assembleia de Deus Meritiense

Instruções: Não se identifique, o questionário é anônimo. Responda de forma mais sincera e objetiva possível. Marque apenas uma alternativa, a não ser que a pergunta indique que se possa marcar até duas opções.

1- Idade: _____ anos

2- Sexo: () Masculino () Feminino

3- Você foi:

() Criado em lar evangélico () Convertido depois de criança

4- Na sua opinião, qual é a maior diferença da Assembleia de Deus em relação a outras igrejas evangélicas?

() Usos e costumes () A tradição centenária da Igreja

() Fervor Religioso () Outro. Qual? _____

5- Onde você conheceu seus melhores amigos?

() Na escola () Na igreja () No meu bairro

() Outro lugar. Qual? _____

6- Onde você costuma encontrar seus amigos?

() Na escola () Na igreja () Na minha casa () Outro lugar.

Qual? _____

7- Quais os programas que você mais gosta de fazer com seus amigos? (Marque até duas opções)

() Ir ao shopping/Cinema () Sair para lanche

() Encontrar-se na casa de alguém

() Outro. Qual? _____

8- Há quanto tempo você conhece seus melhores amigos?

() Menos de 1 ano () Entre 1 e 3 anos () Mais de 4 anos () Não me lembro

9- Dos seguintes assuntos, quais você mais gosta de discutir com seus amigos?

(Marque até duas opções)

() Namoro () Violência () Futuro Profissional

() Igreja () Música/Livros () Esportes

() Outro. Qual? _____

10- Você costuma falar mais com seus melhores amigos

() Pessoalmente () Por meio de facebook, Whatsapp

Ambos

11- Os meus melhores amigos

São assembleianos como eu São de outra igreja evangélica Não são evangélicos

12- Os meus amigos, em geral

Me aproximam da igreja Me afastam da Igreja Nem aproximam nem afastam

Não sei responder

13- Você acha que as amizades, em geral, podem afastar o jovem da Igreja?

Sim Não Não sei responder

14- Você acha que há mais coisas boas ou ruins em ser jovem?

Boas Ruins Ambas Não sei

Obrigado pela sua participação! Ela é muito importante!

Anexo C – Tabelas complementares

Tabela 15- Gênero e religião dos melhores amigos. Tabulação cruzada

Gênero		Religião dos melhores amigos				Total
		Assembleiano	Outra Igreja Evangélica	Não são evangélicos	Não respondeu	
Masculino	Contagem	22	9	3	1	35
	% em Gênero	62,9%	25,7%	8,6%	2,9%	100,0%
Feminino	Contagem	34	20	10	1	65
	% em Gênero	52,3%	30,8%	15,4%	1,5%	100,0%
Total	Contagem	56	29	13	2	100
	% em Gênero	56,0%	29,0%	13,0%	2,0%	100,0%

Tabela 16- Idade e religião dos melhores amigos. Tabulação cruzada

Idade		Religião dos melhores amigos				Total
		Assembleiano	Outra Igreja Evangélica	Não são evangélicos	Não respondeu	
14-17 anos	Contagem	23	11	11	2	47
	% em Idade	48,9%	23,4%	23,4%	4,3%	100,0%
	% em Religião dos melhores amigos	41,1%	37,9%	84,6%	100,0%	47,0%
18-21 anos	Contagem	19	12	1	0	32
	% em Idade	59,4%	37,5%	3,1%	0,0%	100,0%
	% em Religião dos melhores amigos	33,9%	41,4%	7,7%	0,0%	32,0%
22-24 anos	Contagem	14	6	1	0	21
	% em Idade	66,7%	28,6%	4,8%	0,0%	100,0%
	% em Religião dos melhores amigos	25,0%	20,7%	7,7%	0,0%	21,0%
Total	Contagem	56	29	13	2	100
	% em Idade	56,0%	29,0%	13,0%	2,0%	100,0%
	% em Religião dos melhores amigos	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 17- Religião dos melhores amigos X Amigos aproximam ou afastam da Igreja.
 Tabulação cruzada

Amigos aproximam ou afastam da Igreja?		Religião dos melhores amigos				Total
		Assembleiano	Outra Igreja Evangélica	Não são evangélicos	Não respondeu	
Me aproximam	Contagem	39	15	2	1	57
	% em Os seus amigos aproximam ou afastam da Igreja?	68,4%	26,3%	3,5%	1,8%	100,0%
Me afastam	Contagem	0	0	2	0	2
	% em Os seus amigos aproximam ou afastam da Igreja?	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	100,0%
Nem aproximam nem afastam	Contagem	12	12	7	1	32
	% em Os seus amigos aproximam ou afastam da Igreja?	37,5%	37,5%	21,9%	3,1%	100,0%
Não sei	Contagem	5	2	2	0	9
	% em Os seus amigos aproximam ou afastam da Igreja?	55,6%	22,2%	22,2%	0,0%	100,0%
Total	Contagem	56	29	13	2	100
	% em Os seus amigos aproximam ou afastam da Igreja?	56,0%	29,0%	13,0%	2,0%	100,0%

Tabela 18- Amigos aproximam ou afastam da Igreja X Idade Tabulação cruzada

Os seus amigos aproximam ou afastam da Igreja?		Idade			Total
		14-17 anos	18-21 anos	22-24 anos	
Me aproximam	Contagem	24	20	13	7
	% em Os seus amigos aproximam ou afastam da Igreja?	42,1%	35,1%	22,8%	00,0%
	% em Idade	51,1%	62,5%	61,9%	7,0%
Me afastam	Contagem	2	0	0	2
	% em Os seus amigos aproximam ou afastam da Igreja?	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% em Idade	4,3%	0,0%	0,0%	2,0%
Nem aproximam nem afastam	Contagem	17	10	5	32
	% em Os seus amigos aproximam ou afastam da Igreja?	53,1%	31,3%	15,6%	100,0 %

	% em Idade	36,2%	31,3%	23,8%	32,0%
Não sei	Contagem	4	2	3	9
	% em Os seus amigos aproximam ou afastam da Igreja?	44,4%	22,2%	33,3%	100,0%
	% em Idade	8,5%	6,3%	14,3%	9,0%
Total	Contagem	47	32	21	100
	% em Os seus amigos aproximam ou afastam da Igreja?	47,0%	32,0%	21,0%	100,0%
	% em Idade	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo D – Fotografias



Culto de consagração em uma Congregação do campo da ADM. Arquivo do autor. Maio de 2015.



Ensaio do grupo de mocidade na igreja matriz da ADM. Arquivo do autor. Julho de 2016.



Culto jovem em uma congregação da ADM. Arquivo do autor. 2014.



Culto da União das mocidades do campo da ADM. Arquivo do autor. Outubro de 2014.



Jovem pregando em culto das missões⁵⁸. Arquivo do autor. Agosto de 2016

⁵⁸ O jovem autorizou o autor a usar sua imagem neste trabalho.

Anexo E – Termos de autorização

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**CARTA DE AUTORIZAÇÃO
(Menor de idade)**

Eu, _____, responsável pelo menor _____, autorizo o mesmo a conceder entrevista para o pesquisador Alexander Soares Magalhães, que desenvolve pesquisa de doutorado no PPCIS/UERJ, cujo título é “Amigo de fé: estudo sobre religião e amizade entre jovens assembleianos na Baixada Fluminense”, sob a orientação da Profa. Dra. Cecília Mariz, bem como utilizar as informações obtidas em sua pesquisa. Estou ciente que as informações contidas na entrevista são sigilosas e serão utilizadas unicamente para fins de acadêmicos.

Data:

Nome e RG



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,

concedo entrevista para o pesquisador Alexander Soares Magalhães, que desenvolve pesquisa de doutorado no PPCIS/UERJ, cujo título é “Amigo de fé: estudo sobre religião e amizade entre jovens assembleianos na Baixada Fluminense”, sob a orientação da Profa. Dra. Cecília Mariz, bem permito o pesquisador a utilizar as informações obtidas em sua pesquisa. Estou ciente que as informações contidas na entrevista são sigilosas e serão utilizadas unicamente para fins de acadêmicos.

Data:

Nome e RG